

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Bruna Martins Bulegon

**PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS
COMO ESPAÇOS DE AÇÃO EM REDE:
RECONHECIMENTO E CIDADANIA NO
GRUPO MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO**

Santa Maria, RS 2023

Bruna Martins Bulegon

**PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE AÇÃO EM REDE:
RECONHECIMENTO E CIDADANIA NO GRUPO MULHERES UNIDAS CONTRA
BOLSONARO**

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Comunicação**.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Liliane Dutra Brignol

Santa Maria, RS 2023

Bulegon, Bruna Martins

PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE AÇÃO
EM REDE: RECONHECIMENTO E CIDADANIA NO GRUPO MULHERES
UNIDAS CONTRA BOLSONAR / Bruna Martins Bulegon.- 2023.
208 p.; 30 cm

Orientadora: Liliane Dutra Brignol
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2023

1. Ação em rede política. 2. Plataformas de Mídias
Sociais 3. Mulheres Unidas Contra Bolsonaro 4.
Movimentos Sociais 5. #elenão I. Brignol, Liliane Dutra
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, BRUNA MARTINS BULEGON, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Bruna Martins Bulegon

**PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE AÇÃO EM REDE:
RECONHECIMENTO E CIDADANIA NO GRUPO MULHERES UNIDAS CONTRA
BOLSONARO**

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Comunicação**.

Aprovada em 25 de setembro de 2023

Liliane Dutra Brignol, Doutora (UFSM) (Presidente/Orientadora)

Carolina Dantas de Figueiredo, Doutora (UFPE)

Gabriela da Silva Zago, Doutora (UFRGS)

Laura Strelow Storch, Doutora (UFSM)

Luciana Menezes de Carvalho, Doutora (UFSM)

Santa Maria, RS 2023

Para minha filha, luz da vida.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão à minha orientadora, professora Liliane Dutra Brignol, que com grande sensibilidade, atenção, cuidado, vasto conhecimento e sabedoria me acolheu no doutorado e me orientou ao longo desses anos de pesquisa. Agradeço a compreensão e parceria.

Quero agradecer à minha filha, Sofia, a luz da minha vida. Sua chegada transformou tudo à minha volta, sempre para melhor. Minha vida ganhou uma alegria incomparável, um novo rumo e se tornou muito mais divertida com a sua presença. Sem dúvida, eu não estaria escrevendo esses agradecimentos nesta tese se não tivesse como incentivo te fazer sentir orgulho, meu amor.

Agradeço ao meu companheiro, Lucas, que enfrentou todas as turbulências ao meu lado! Ele tem sido meu apoio desde o mestrado, sempre me encorajando durante todo o processo de ingresso e conclusão do doutorado. Agradeço por ter abdicado de seus projetos pessoais para que eu pudesse terminar a redação desta tese. Ele é um pai exemplar, compartilhando responsabilidades e cuidados. Além de dividir, especialmente no final, ele precisou segurar a carga por nós. Obrigada, pois também não teria conseguido sem você.

Expresso minha gratidão à minha família amorosa - mãe e pai, obrigada por lutarem tanto para que nós pudéssemos estudar e prosperar na vida. Agradeço por todos os valores, ensinamentos e dedicação que me foram transmitidos, assim como à minha irmã pelo seu constante apoio e incentivo. Um agradecimento especial ao meu lindo afilhado Matheus e à Laurinha, que está chegando.

Obrigada à minha grande amiga Aline, que demonstra que a amizade transcende o tempo, a situação e a distância. Obrigada por sempre estar disponível para minhas queixas e por ser meu porto seguro. Sua presença é fundamental nessa jornada. Manter uma amizade desde os 8 anos e ser tão companheira ao longo desse tempo não é tarefa fácil.

Agradeço à Educação Pública e Gratuita de qualidade! À Universidade Federal de Santa Maria, encerro aqui minha trajetória como estudante, mas minha admiração por ela permanece inabalável. Somente a educação tem o poder de transformar vidas e direcionar destinos. Através da educação, podemos transformar, evoluir, aprender e crescer. Que esse espaço de acesso gratuito não se encerre e que, finalmente, volte a receber o incentivo e reconhecimento que merece.

Aos meus colegas da SECOM do IFFar, quero expressar meu sincero agradecimento! Vocês são excelentes colegas de trabalho e amigos para a vida. Em particular, para as gurias, o apoio de vocês foi fundamental para que eu ganhasse coragem e concluísse essa jornada. Cadi-ani, Carol e Giovana, vocês foram fontes inspiradoras no mundo acadêmico e exemplos de

como lutar pelo que acreditamos.

Agradeço a todas as mulheres que viveram suas lutas, que persistiram, que buscaram espaços e abriram caminhos, que criaram pessoas incríveis, que conduzem pesquisas, que crescem e personificam em cada uma delas a força da mulher. E, expresso minha gratidão às mulheres incríveis que já não estão mais aqui, como minha colega Rose, que infelizmente não teve a oportunidade de ver o presidente Lula eleito. Obrigada por ter sido a pessoa que me acolheu de braços abertos no IFFar, que me levou às primeiras reuniões sindicais. Você foi uma mulher de brilho imenso e uma lutadora incansável.

RESUMO

PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE AÇÃO EM REDE: RECONHECIMENTO E CIDADANIA NO GRUPO MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO

AUTORA: Bruna Martins Bulegon
ORIENTADORA: Dra. Liliane Dutra Brignol

Este estudo se propõe a investigar as plataformas de mídias sociais como espaços de práticas sociais na ação em rede *#elenão*, tomando como caso de estudo o grupo Mulheres Unidas Con-tra Bolsonaro (MUCB) na plataforma *Facebook*. Utilizando os rastros deixados pelas dinâmicas interacionais, buscamos analisar como essas interações contribuem para a formação de uma mobilização de mulheres no Brasil em 2018. Além disso, examinamos como a plataforma é apro-priada para esse propósito e como ela modula essas apropriações. O entendimento da ação em rede é fundamentado na compreensão do tipo de laço social construído por meio das interações. Nossa análise se baseia na percepção de como as práticas sociais e os padrões de aliança desen-volvem um espaço de cidadania para as mulheres dentro dessa plataforma. Os objetivos deste estudo incluem mapear as formas como o movimento *#elenão* se manifestou no grupo MUCB do *Facebook*, identificar o contexto da ação na rede, traçar o cenário histórico, social e político do *#elenão*, mapear as dinâmicas interacionais no grupo MUCB e identificar as práticas sociais e padrões de aliança que contribuíram tanto para a construção de laços sociais quanto para a formação da densidade da rede. Também analisamos como a ação em rede política pode gerar uma comunidade entre as participantes, por meio dos grafos construídos, e estabelecemos rela-ções entre as práticas sociais do grupo para compreender o sentimento de comunidade e identi-ficação entre as participantes. Para atingir esses objetivos, empregamos a abordagem de méto-dos digitais que inclui a análise textual por intermédio do Iramuteq e a criação de grafos para representar a infraestrutura dessas relações. Para embasar nossa pesquisa, exploramos teorias relacionadas a plataformas de mídias sociais, ação em rede digital, formação de laços sociais, plataformização da *#elenão*, movimentos sociais. *Palavras-chave:* *#elenão*, ação em rede política, plataformas de mídias sociais, Mulheres Unidas Contra Bolsonaro.

Palavras-chave: *#elenão*. Ação em rede política. Plataformas de mídias sociais. Mulheres Unidas Contra Bolsonaro

ABSTRACT

SOCIAL MEDIA PLATFORMS AS NETWORKED ACTION SPACES: RECOGNITION AND CITIZENSHIP IN THE GROUP WOMEN UNITED AGAINST BOLSONARO

AUTHOR: Bruna Martins Bulegon
ADVISOR: Dra. Liliane Dutra Brignol

This study proposes to investigate social media platforms as spaces for social practices in the #elenão digital networked action (DNA), taking as a case study the group Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) on the Facebook platform. Using the traces left by interactional dynamics, we seek to analyze how these interactions contributed for the formation of a women's mobilization in Brazil in 2018. In addition, we examine how the platform is suitable for this purpose and how it modulates these appropriations. The understanding of network action is based on the type of social bond built through interactions. Our analysis is based on the perception of how social practices and alliance patterns develop a space of citizenship for women within this platform. The objectives of this study include mapping the ways in which the #elenão movement manifests itself in the MUCB group on Facebook, identifying the context of the digital network action, tracing the historical, social and political scenario of #elenão, mapping the interactional dynamics in the MUCB group and identifying the social practices and alliance patterns developed both for building social ties and for forming network density. We also analyzed how the political network action can generate a community among the participants, through the constructed graphs, and we established relationships between the social practices of the group to understand the feeling of community and the identification among the participants. To achieve these goals, we employ a digital methods approach that includes textual analysis through Iramuteq and the creation of graphs to represent the infrastructure of these relationships. To support our research, we explore theories related to social media platforms, digital network action, social bonding, web platformization, and social movements. We thus realize that we can consider #elenão, specifically the Grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, as an action in a political digital network mobilized within the modulations of social media platforms.

Keywords: #elenão. Political network action. Social media platforms. Women United Against Bolsonaro

FIGURAS

Figura 1 - Quadro sobre as três categorias de uma ação em rede digital baseado em Bennet e Sergerbeg.	28
Figura 2- Quadro resumo sobre a ação política na mobilização pelas plataformas de mídias sociais	40
Figura 3- Reações do Facebook no decorrer dos anos	70
Figura 4- Modos de privacidade de grupos no Facebook.....	82
Figura 5- Níveis de privacidade de grupos no Facebook	82
Figura 6- Captura de tela do grupo MUCB em 2018	86
Figura 7- Captura de tela com as regras do grupo em 2018.....	87
Figura 8- Captura de tela regras do Grupo em 2022	88
Figura 9- Captura de tela organização do grupo em 2018.....	90
Figura 10- Captura de tela organização do grupo em 2022.....	91
Figura 11- Captura de tela com os nomes do grupo	92
Figura 12- Captura de tela do grupo local	95
Figura 13- Alterações no nome do Grupo local	95
Figura 14- A lógica dos métodos digitais, segundo Omena.....	100
Figura 15- Recortes de tempos propostos.....	103
Figura 16- Metodologia Combinada Em Pesquisa De Plataforma De Mídias Sociais	107
Figura 17- Eixos propostos para análise dos dados.....	110
Figura 18 - Gráfico comparativo entre 2019 e 2023 de usuários nas plataformas de mídias sociais	118
Figura 19- Gráfico com engajamento por dia.....	119
Figura 20 - Publicação da fundadora do grupo no Facebook.....	120
Figura 21- Dendrograma gerado a partir dos comentários nas postagens entre os dias 30 de agosto de 2018 e 03 de setembro de 2018	123
Figura 22- Grafo gerado no Gephi a partir de dados do Iramuteq	125
Figura 23- Publicação em MUCB em agosto de 2018	126
Figura 24- Publicação em MUCB em agosto de 2018	129
Figura 25- Publicação em MUCB em agosto de 2018	130
Figura 26-Gráfico com engajamento por dia.....	135
Figura 27- Dendrograma gerado a partir dos comentários nas postagens entre os dias 14,15,16 e 17 de setembro de 2018	137
Figura 28- Grafo gerado a partir dos comentários coletados no recorte de tempo 2.....	139

Figura 29 - Publicação em MUCB em setembro de 2018.....	142
Figura 30 - Captura de telas comentários	143
Figura 31- Publicação em MUCB em setembro de 2018.....	144
Figura 32- Publicação em MUCB em setembro de 2018.....	147
Figura 33- Capturas de tela de imagens em publicações.....	150
Figura 34- Publicação em MUCB em setembro de 2018.....	151
Figura 35- - Imagem parte da publicação no grupo MUCB.....	153
Figura 36- Captura de tela adedação no MUCB em setembro de 2018.....	156
Figura 37 - Publicação em MUCB em setembro de 2018.....	159
Figura 38- Gráfico gerado com os dados coletados	160
Figura 39 - Dendrograma gerado no Iramuteq com os dados coletados nas publicações.....	162
Figura 40- Grafo no Gephi a partir de dados gerados pelo Iramuteq referente aos dias da mobilização.....	165
Figura 41- Publicação em MUCB em setembro de 2018.....	166
Figura 42 - Gráfico gerado a partir dos dados coletados em outubro de 2018.....	172
Figura 43 - Dendrograma gerado no software Iramuteq a partir dos comentários do recorte 04	173
Figura 44 - Publicação em MUCB em outubro de 2018	174
Figura 45 - Grafo dos comentários do recorte de tempo 4, a partir dos dados do Iramuteq no Gephi	176
Figura 46 - Publicação em MUCB em outubro de 2018	179
Figura 47 - Publicação em MUCB em outubro de 2018	180
Figura 48 - Publicação em MUCB em outubro de 2018	185
Figura 49 - Gráfico construído a partir das publicações coletadas no grupo e classificadas nos eixos de análise por recorte de tempo.....	186
Figura 50 - Gráfico construído a partir das publicações coletadas no grupo e classificadas nos eixos de análise por dia.....	188
Figura 51 - Soma das publicações com o eixo de ação política	190

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	MOVIMENTOS SOCIAIS	24
2.1	Redes e laços sociais	24
2.2	Ação em rede digital.....	27
2.1	Movimento de Mulheres no Brasil.....	32
2.1.1	Feminismo brasileiro.....	32
2.1.2	Feminismo e internet.....	36
2.2	Movimentos como ação política.....	39
3	A IDENTIFICAÇÃO CONSTRUÍDA E A CIDADANIA NAS PLATAFORMAS	41
3.1	Identificação pela diferença.....	41
3.2	Construção de espaços de cidadania.....	45
4	PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS.....	51
4.1	Plataformas.....	51
4.2	Sociedade de plataforma	55
4.3	A plataformização da web – modelo de negócios e <i>affordances</i>	58
4.4	Modulação nas plataformas de mídias sociais.....	65
4.5	A plataforma <i>Facebook</i>	68
5	COMO CHEGAMOS AO #ELENÃO	72
5.1	Onda conservadora no Brasil e o bolsonarismo	77
5.2	Grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro	81
5.3	Quem é a fundadora do grupo	83
5.3.1	Dinâmicas do Grupo Mulheres Unidas contra Bolsonaro.....	84
5.3.2	Dinâmicas de grupos e eventos locais	94
6	PERCURSO METODOLÓGICO E DINÂMICAS INTERACIONAIS NO MUCB.....	99
6.1	Metodologia	99
6.2	Categorias para análise de dados.....	109
7	IDENTIFICAÇÃO, EXTRAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS DADOS.....	112
7.1	Modelagem e visualização dos dados.....	113
7.1.1	Como foi feito o tratamento dos dados.....	113
7.1.1.1	Tratamento dos Dados no Iramuteq	115
7.2	Como foi o início do grupo	117
7.2.1	Participação das membras por dia nos primeiros dias de grupo.....	119

7.2.2	Dendrograma dos comentários relativos ao início do grupo.....	122
7.2.3	Grafo gerado no Gephi com os comentários relativos ao início do grupo.....	124
7.3	As invasões no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro.....	133
7.3.1	Participação das membras por dia durante a invasão do grupo	135
7.3.2	Dendrograma dos comentários durante a invasão do grupo	136
7.3.3	Grafo gerado no Gephi com os comentários realizados durante o período de invasão no grupo	139
7.4	Mobilização nas ruas	157
7.4.1	Participação das membras no grupo MUCB no período da manifestação.....	160
7.4.2	Dendrograma dos comentários sobre a mobilização na rua.....	161
7.4.3	Grafo gerado no Gephi com os comentários realizados durante o período da mobilização nas ruas	164
7.5	Eleições Presidenciais 2018	171
7.5.1	Gráfico gerado a partir de dados coletas no recorte de tempo relativo ao segundo turno de 2018	172
7.5.2	Dendrograma dos comentários relativos ao resultado do segundo turno das eleições presidenciais em 2018.....	173
7.5.3	Grafo gerado no Gephi com os comentários relativos ao segundo turno de 2018.....	176
7.6	Mais sobre o grupo	182
7.7	Legitimação e cidadania na ação em rede POLÍTICA NO grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro	185
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	195
	REFERÊNCIAS	202
	APÊNDICE A – LISTA DE PALAVRAS-CHAVE	208

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata sobre a ação em rede digital por meio de plataformas de mídia social, utilizando a comunidade para desenvolver um ambiente de cidadania por meio do ativismo das mulheres no Brasil. O presente estudo investiga as plataformas de mídia social como espaços de práticas sociais, examinando as dinâmicas presentes na ação em rede *#elenão*, que ganhou destaque durante a campanha eleitoral de 2018 no Brasil. Ao observar as interações nesse contexto, buscou-se compreender a formação e a maneira pela qual as plataformas são utilizadas e influenciam esse tipo de ação. A pesquisa tem como propósito gerar reflexões sobre os laços sociais estabelecidos nas interações dentro da plataforma *Facebook*, por meio do mapeamento das interações e suas ramificações no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro

Reconhecemos as plataformas utilizadas para coordenar essa ação como elementos fundamentais para a sua constituição. Neste estudo, destacamos que, no contexto de 2018, focamos nossa análise na plataforma Facebook. Essa escolha se deve ao fato de o Facebook ter sido uma das principais redes sociais no Brasil no ano do surgimento do *#elenão*. Atualmente, observa-se uma mudança no cenário da popularidade das plataformas, com o surgimento de novas opções e usos diversificados. É nesse espaço que encontramos o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, que emerge como um dos principais propulsores da ação em rede *#elenão*. Ao analisarmos os padrões de interação, englobando publicações, comentários e reações registradas nessa plataforma, foi mapeado parcialmente as conexões e práticas relacionais que se desenvolveram. As dinâmicas que moldam a ação em rede digital são fortemente influenciadas pelas modulações presentes tanto nas práticas sociais quanto na estrutura da rede.

Assim, a **problemática** da pesquisa envolve as seguintes questões: como se dá a emergência do *#elenão* enquanto forma de ação em rede, pelo ativismo de mulheres em plataformas de redes sociais digitais? Como os laços sociais, fortes e fracos, construíram a ação em rede digital *#elenão*? De que forma o grupo MUCB contribui para construir sentidos de identificação e comunidade para a mobilização? Como e em que medida essa mobilização em rede se constitui em um possível espaço de cidadania?

Se faz necessário perceber a complexidade das forças em ação para entender como as ações em rede têm ganhado espaço tanto no Brasil quanto globalmente, por meio das apropriações e usos das redes e tecnologias. Como exemplo temos as manifestações de junho de 2013 (Mendonça, 2017; Gohn, 2016) e o movimento *#15M* (Castells, 2013) são ilustrações de como o compartilhamento, curtida e comentários foram fundamentais para fortalecer o engajamento e ampliar a visibilidade das causas, com as plataformas de mídias sociais desempenhando um

papel essencial na manutenção de suas dinâmicas.

Esta pesquisa tem como **objetivo geral** investigar como se deu o ativismo de mulheres no Brasil na comunidade Mulheres Unidas Contra Bolsonaro e apropriação das plataformas mídias sociais na construção de espaços de cidadania. Além disso, estruturam-se com **objetivos específicos** de: mapear como o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro mobilizou o *#elenão* e identificar o cenário da ação nas redes, assim como mapear o contexto histórico social e político do *#elenão*; mapear as dinâmicas interacionais no grupo MUCB, na plataforma *Facebook* e identificar as práticas sociais na construção de laços sociais e; analisar como as práticas e usos das plataformas de mídias sociais podem constituir identificação pela diferença e comunidade entre as integrantes a partir dos grafos e dendrogramas gerados; perceber como a arquitetura e os algoritmos modulam as plataformas, estruturam na rede os processos relacionais na formação do ativismo e estabelecer relações entre as práticas sociais no grupo para compreender o sentimento de pertencimento de comunidade das integrantes

Para compreender o início do movimento *#elenão*, é necessário contextualizar o cenário político e social brasileiro. No país, em 2018, temos um acumulado de acontecimentos durante os anos anteriores que nos levam a observação sobre uma crise política e econômica. Conforme destacado por Almeida (2017), novas forças têm surgido com uma tendência conservadora, resultando em restrições e retrocessos em termos de garantias fundamentais, ampliando a polarização política.

O contexto político brasileiro começou a demonstrar um aumento da polarização com as jornadas de junho de 2013, com mobilizações nas ruas em diversas cidades, ligadas a crises envolvendo insatisfação com o sistema político. Em 2014, foi reeleita presidenta Dilma Rousseff (PT) no qual obteve 51,6% dos votos, enquanto o outro candidato Aécio Neves (PSDB) teve 48,3% dos votos, pontuando o início do seu governo com um desgaste gerado pela contestação do candidato que perdeu e fortalecendo uma oposição. Em dezembro de 2015, Eduardo Cunha (PMDB) então presidente da Câmara aceitou o pedido que havia sido entregue em outubro que apresentava crime de responsabilidade da presidenta, em abril do ano seguinte o processo foi autorizado por decisão de votos dos deputados (367 a favor e 137 contra) e seguiu para o senado onde uma comissão aprova o processo e, em maio de 2016, Dilma Rousseff foi afastada do cargo por 180 dias, assumindo como interino Michel Temer (PMDB). Em agosto de 2016, o processo foi finalizado após passar por uma comissão especial e vai ao julgamento no senado no qual é resolvido pelo afastamento definitivo e Michel Temer assume a presidência. A polarização entre partidos que se apresentavam como direita ou esquerda aumenta, assim como o descrédito geral da população com os partidos. Em meio a esse cenário, tivemos a greve dos

caminhoneiros em 2018, também relacionada à insatisfação de preço dos combustíveis e com demonstrações contra o governo. O cenário eleitoral, em 2018, após a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e impedindo sua candidatura, fica dividido em dois polos principais Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL).

Em julho de 2018, foi oficialmente lançada a candidatura de Jair Bolsonaro pelo PSL (Partido Social Liberal), a qual recebeu um grande apoio nas redes sociais. Isso provocou uma reação por parte das mulheres no Brasil, que se uniram no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB), criado por Ludimilla Teixeira em 30 de agosto de 2018, na plataforma *Facebook*. Nesse grupo, as interações giraram em torno do engajamento e de publicações contrárias ao então candidato Jair Bolsonaro. Apesar das diferenças entre as participantes, havia um objetivo comum: o *#elenão*.

A manifestação das ruas resultou das interações do grupo MUCB e do surgimento de outros grupos com o mesmo propósito, assim como na criação de páginas de eventos para ações nas ruas. Em 29 de setembro de 2018, ocorreram manifestações em mais de 100 cidades, inclusive em outros países.

Deve-se ressaltar que o crescimento do *#elenão* está ligado ao grupo *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro* na plataforma *Facebook*, o alcance se deu em conjunto de acesso e número de usuárias no grupo. Para compreender como se deu o ativismo de mulheres neste estudo, percebemos os laços sociais presentes no grupo e como estes se mantêm, influenciam na visibilidade e alcance das publicações no *Facebook*. As manifestações que foram para as ruas em setembro de 2018 se deram por meio de organizações de eventos pelas plataformas e o diálogo entre mulheres que iniciou em páginas criadas especialmente para organizar e discutir a manifestação como um todo. As experiências presentes na mobilização estão relacionadas aos processos de apropriação das plataformas para divulgação, informação e compartilhamentos, como processos de comunicação que se dão nas interações dos atores (tanto coletivos quanto individuais) enquanto sujeitos políticos.

Nesta pesquisa, buscamos compreender como a ação em rede em torno do hashtag *#elenão*, que teve início em agosto, conduziu à mobilização nas ruas. Para alcançar esse objetivo, concentramo-nos em identificar momentos marcantes para o grupo durante o período da campanha eleitoral de 2018. Esses períodos abrangeram o início do grupo, que ocorreu de 30 de agosto de 2018 a 03 de setembro. Durante esse tempo, o grupo sofreu ataques, incluindo invasões, modificações em seu nome e *hacking* dos perfis das administradoras, ocorridos entre 14 e 17 de setembro de 2018. Nosso terceiro ponto de análise focou na organização da manifestação de rua e nos sentimentos posteriores ao evento, abrangendo as datas de 26 a 30 de setembro de

2018. Por fim, realizamos um último recorte de tempo referente ao segundo turno das eleições, entre os dias 28 e 31 de outubro do mesmo ano.

Com o processo o estado da arte foi possível perceber que as pesquisas que abordam *Facebook* tem foco sobre os usos da plataforma por páginas, publicações ou acompanhar grupos, no entanto, sem interrelacionar questões como a não-neutralidade algorítmica, como as ações em redes digitais mobilizam as subjetividades para a mobilização em relação aos laços sociais presentes nas interações. A pesquisa foi realizada em 2020 e buscou realizar uma revisão do estado da arte das pesquisas relacionadas ao uso do Facebook, especialmente focando em questões de ativismo e ação coletiva. Foi observado que grande parte das pesquisas se concentra nos usos da plataforma por páginas, publicações e grupos, mas muitas delas não consideram questões como a não-neutralidade algorítmica, o impacto das interações nas redes sociais nas mobilizações sociais. Portanto, o texto propõe uma pesquisa que busque interconectar essas questões, analisando as modulações das ações nas redes sociais ao longo do tempo e sua relação com eventos sociais importantes. Para realizar essa revisão, foram utilizadas ferramentas de busca, incluindo bancos de teses e dissertações, Google Acadêmico e outros recursos. Os resultados destacam um número significativo de pesquisas relacionadas ao uso das redes sociais no ativismo, mas também identificam uma necessidade de estudos mais aprofundados sobre como as mobilizações online se traduzem em ações nas ruas, bem como a falta de consideração das regras das comunidades online e a integração do mundo online com o offline. As pesquisas encontradas utilizam abordagens variadas como análise de discurso, análise linguística, análise semiótica, gênero e políticas públicas, jornalismo, e o papel das hashtags nas mobilizações. Além disso, há um enfoque na análise de redes sociais para compreender as interconexões e o alcance das mobilizações.

Nessa concepção, **justificamos** que a pesquisa aqui proposta tem como intuito abordar essas questões que consigam entrecruzar as modulações presentes nas ações em redes e incluir uma temporalidade sobre fazer acompanhar o uso da mídia social ao longo do tempo em conjunto com fatos importantes ocorridos nas práticas sociais dentro do MUCB.

O estudo, neste caso, se concentra em compreender o movimento #elenão, em que o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro desempenha um papel significativo na construção dessa ação em rede. À medida que analisamos o funcionamento deste estudo, podemos explorar uma abordagem que nos permita compreender como ocorrem os usos e o funcionamento das ações em rede, que são construídas, ampliadas e percebidas dentro da estrutura da plataforma de mídia social. Dessa forma, poderemos investigar como esse tipo de ação se desenrola e identificar as características desta fase de compreensão desse novo tipo de mobilização social.

Elencamos que outra motivação para esta pesquisa parte do trabalho de dissertação de mestrado apresentado no POSCOM/UFSM em 2019, *Estratégias discursivas na construção do ativismo digital: redes de mobilização feminista*, desta autora, na busca por aprofundar tanto teoricamente como epistemologicamente os funcionamentos nas ações em rede digital. Tem-se a proposição ao campo de estudos de perceber como as interações pelo uso e apropriação das ferramentas das plataformas que constroem as redes sociais também transformam, por meio da construção dos laços sociais, identidades que se dão entre individualização, grupo e coletivo. E, ainda, devemos continuar abordando sobre os possíveis espaços de democracia, apesar da arquitetura da informação ser regrada por algoritmos, ainda temos um ambiente de cidadania e todo caminho que auxilie nas relações de dialogar, compartilhar e agregar conhecimento sobre o nosso cenário. O que tem se tornado cada vez mais necessário e urgente. Pesquisar é o caminho para desmitificar falsos posicionamentos.

Pesquisar comunicação inclui posicionar-se em relação à complexidade e diversidade de nosso contexto, assim, este projeto faz parte de um campo que reflete, questiona, analisa as possibilidades das tecnologias digitais na conformação dos espaços de cidadania e como as práticas sociais constituem as mídias sociais digitais. Isto sem suprimir conflitos, resistências, relações sociais e a compreensão do contexto do estudo. De acordo com Santos (2017), pesquisar os meios, modos, modelos e fins de transformação perpassam pensar de forma local dentro do processo global. Devemos reconhecer, na academia e nas pesquisas, a relevância para compreender a sociedade em que vivemos. Temos na constante evolução desse espaço nas redes digitais um campo para possibilidades de representação democrática que possam subverter discursos, imposições ideológicas e, também, constituir locais de debates e aprendizagem.

Nesse sentido, pesquisa aqui proposta se alinha com o programa de **Comunicação Midiática**, visto que seus objetivos buscam o aprofundamento da investigação na área da mídia, e se coloca na perspectiva da linha de **Mídia e Identidades Contemporânea**, uma vez que pretende investigar como se dão as articulações nas redes sociais por meio da interação dos indivíduos na ambiência digital e suas representações de identidades geradas pelos laços sociais. Além disso, perpassa como objeto as dinâmicas sociais envolvidas pela apropriação dos sites de redes sociais para mediar processos de mobilização social.

Ainda, como autora deste texto, é relevante destacar minha participação ativa no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro. Além disso, é importante ressaltar que não foi minha primeira incursão em ações políticas. Antes de me tornar pesquisadora, estive envolvida em diversas mobilizações, incluindo protestos contra o governo de Michel Temer, greves organizadas por sindicatos e ações de rua com propósitos semelhantes. No entanto, a participação em uma

ação política feminista marcou minha primeira experiência nesse contexto. No ano seguinte, contribuí para a organização do evento local do #8M, o que representou uma maneira de dar continuidade à minha atuação prática e política. Essas experiências pessoais desempenharam um papel fundamental em minha trajetória como pesquisadora e na formação da minha perspectiva acadêmica.

Assim, a elaboração desta tese busca abordar os movimentos sociais, incluindo a compreensão da ação em rede digital. Dessa forma, buscamos identificar as características compreender o significado do grupo MUCB e o #elenão associados a essa ação. Além disso, exploramos como os movimentos se manifestam como ações políticas, construídas dentro das práticas sociais nas plataformas de mídia digital e seguindo padrões de aliança específicos para esse meio.

No capítulo subsequente, exploramos a construção de identidades por meio das diferenças e seu papel impulsionador em ações de cidadania dentro da plataforma. Isso ocorre mesmo quando as questões abordadas estão associadas à moldagem dessa cidadania pela plataforma. Além disso, enfatizamos que as identidades formadas não se vinculam necessariamente a características coletivas ou exclusivas. Em vez disso, elas surgem como meios de reconhecimento entre as participantes do grupo.

Adicionalmente, ao rastreamos vestígios e dados na rede, era essencial mantermos a consciência de que nosso acesso não abrangia a totalidade das informações nem a transparência das mesmas. Ainda que os algoritmos tivessem uma natureza normativa, na medida em que analisavam e organizavam dados em suas funcionalidades, não podíamos negligenciar as diretrizes que orientavam suas ações, diretrizes essas que eram geradas por seres humanos. Isso nos levava a reconhecer que, ao investigarmos as formas de ativismo e sua manifestação nas redes digitais, era crucial compreender que tais ações faziam parte de uma engrenagem impulsionada pelo capital. Portanto, tornava-se imperativo desenvolver uma perspectiva crítica acerca dos limites, implicações e das possíveis vias de controle presentes nos dados, os quais constituíam o cerne da estrutura das plataformas em rede. Para abordar essa questão, dedicamos um capítulo à percepção dos laços sociais e à plataformização das redes sociais digitais.

A metodologia deste trabalho seguiu a abordagem de métodos digitais para a internet, na qual combinamos o uso de análise de dados quantitativos utilizando softwares, incluindo Iramuteq e Gephi, para a análise dos comentários das publicações realizadas no grupo dentro do recorte de tempo proposto. Também conduzimos uma entrevista com a fundadora do grupo, Ludimilla Teixeira, o que possibilitou uma compreensão mais aprofundada do funcionamento do grupo MUCB. Essas abordagens foram escolhidas com o objetivo de entender a estrutura

dos laços por meio das interações nos comentários, analisar como as publicações geraram engajamento e aprofundar nossa compreensão sobre o funcionamento do grupo por meio da entrevista.

Encerramos a nossa pesquisa com os capítulos sexto e sétimo, onde conduzimos a mineração e análise dos dados coletados. Além disso, apresentamos as “Considerações Finais”, apresentamos um panorama do conteúdo abordado nos capítulos anteriores, além de oferecer algumas conclusões. Assim, o núcleo desta pesquisa reside na análise e contextualização de uma parcela significativa da história do movimento das mulheres no Brasil. Especificamente, concentramo-nos na compreensão da ação em rede *#elenão*, que foi mobilizada por meio do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro na plataforma de mídia social *Facebook*. Nosso enfoque recai sobre a identificação e análise dos laços sociais com práticas sociais distintas e os padrões de aliança que emergem dessa forma de mobilização. Nesse sentido, buscamos contribuir para um entendimento mais abrangente das dinâmicas sociais e políticas que se desdobram em espaços digitais.

2 MOVIMENTOS SOCIAIS

Neste capítulo, exploramos abordagens teóricas com o intuito de caracterizar e compreender os movimentos sociais, as mobilizações e ações em rede digital. Tais perspectivas são essenciais para identificarmos o fenômeno *#elenão*. Com o propósito de analisar as práticas sociais associadas a essa ação na plataforma de mídia social e a formação do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro na plataforma *Facebook* em 2018, bem como a mobilização de protestos e sua continuidade ao longo do tempo.

2.1 REDES E LAÇOS SOCIAIS

A Teoria dos Processos Políticos constitui a abordagem adotada por Tilly (1995, 2008, 2009, 2010) para analisar e conceituar os movimentos sociais. O autor destaca como traços distintivos desses movimentos as campanhas de pressão, a presença de repertórios de confronto (ou seja, escolhas entre estratégias diversas) e a participação de um considerável contingente de indivíduos, que eventualmente podem ser submetidos ao teste da repressão nas ruas. O confronto político não se fundamenta nas pautas, mas sim em uma modalidade de ação, a qual não determina o tipo de ator envolvido.

A ocorrência de movimentos requer a existência de dois posicionamentos distintos sobre um tema específico, dependendo de duas partes: uma composta pelos detentores do poder e outra pelos desafiantes. Emergem padrões de ação que são mobilizados e interpretados de maneira contextual ao longo do tempo, tais como assembleias, ocupações de espaços, marchas e distribuição de panfletos. São modelos modulares de ação em manifestações que podem envolver diversos atores, contextos, espaços e temas, mas que, mesmo assim, utilizam-se das mesmas estratégias.

O conceito de repertório de confronto, desenvolvido por Tilly (1995 e 2010), tem como objetivo explicar o funcionamento dos processos sociais no âmbito dos movimentos.

É útil, julgo eu, organizar e analisar essa grande transformação em torno de um conceito desconhecido: repertórios de disputa. A palavra repertório identifica um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e encenadas por meio de um processo relativamente deliberado de escolha. Os repertórios são criações culturais aprendidas, mas não descendem da filosofia abstrata ou tomam forma como resultado da propaganda política, eles emergem da luta. As pessoas aprenderam a quebrar janelas em protesto, atacar prisioneiros pilhados, derrubar asas, organizar marchas públicas, peticionar, realizar reuniões formais, organizar associações de interesse especial. Em qualquer ponto específico da história, no entanto, eles aprenderam apenas um número bastante pequeno de maneiras alternativas de agir coletivamente (TILLY, 1995,

p.26)¹

O autor ressalta que as escolhas de repertórios de ação pelos movimentos em manifestações estão voltadas para aumentar a visibilidade, serem eficazes e empregar formas de pressão mais sutis. A eficácia, nesse sentido, está intrinsecamente relacionada a crises políticas e sociais no contexto das organizações dos movimentos.

Sob essa ótica, a compreensão do valor e da dignidade, da unidade, dos números e do comprometimento (conhecido como WUNC) das participantes no contexto do uso de grupos, conforme delineado por Tilly, ganha relevância na plataforma de mídia social e na forma como esses elementos contribuem para a percepção do *#elenão*. Nesse sentido, a avaliação se baseia na coesão evidenciada pela escolha unânime da hashtag, nos indicadores quantitativos associados às participantes e à intensidade das interações, além do engajamento que se reflete na análise dos laços sociais e das negociações estabelecidas dentro da estrutura oferecida pela plataforma. Movimentos contemporâneos, como o *#15M*, *#yosoy132* e *#meuamigosecreto*, incorporaram em seus repertórios o uso de hashtags para construção, fomento e disseminação de mobilizações nas redes sociais, permitindo, assim, que uma adaptação criteriosa desses repertórios resulte em um aumento significativo da relevância na proposição do confronto político.

Para Tilly (2005), que aborda os usos de repertórios em mobilizações, há um processo de negociação e adaptação nas escolhas das estratégias, condicionado ao contexto em que ocorrerem. Percebemos que, ao estudar as ações, é essencial incluir como estas podem ser moduladas e determinadas pela incorporação específica de usos e símbolos que funcionem no seu espaço de atuação. Assim, temos a inovação tática surge da inclusão do uso de slogans ou da forma como os movimentos são nomeados; a barganha envolve como a performance se adapta ao seu ambiente; a mediação diz respeito aos atores que atuam como pontes de ligação entre diferentes grupos ou indivíduos; a difusão negociada; a certificação aborda a presença de figuras que apoiam ou se posicionam a favor das bandeiras; e a adaptação local (Tilly, 2005, p. 223-224).

Em seu livro com McAdam e Tarrow (2001), Tilly propõe um sentido de política como luta, no qual os atores possuem interesses e não são motivados apenas pelos valores. Precisa de uma conjuntura que os leva a escolher por formas de participações políticas que são base dos movimentos. Para isso há um cenário que passa a ser construído, por exemplo, como quando o

¹ It is useful, I thin, to organize and analysis of that great transformation around an unfamiliar concept: repertoires of contention. The word repertoire identifies a limited set of routines that are learned, share, and acted out through a relatively deliberate process of choice. Repertoires are learned cultural creations, but they do not descend from abstract philosophy or take shape as result of political propaganda, they emerge from struggle. People learned to break Windows in protest, attack pilloried prisoners, tear down dishonored houses, stage public marches, petition, hold formal meetings, organize special interest associations. At any particular point in history, however, they learned only a rather small number of alternative ways do act collectively

Estado não permanece de forma sólida, criando brechas e pontos de crise. Para os autores Tilly e Tarrow (2007), ao abordar sobre a política contenciosa e os processos sociais, os autores destacam que mesmo com diferentes tipos de contenção há uma forma de compreender esse processo social em três etapas que incluem (1) a descrição do processo, (2) a decomposição do processo em suas causas básicas e (3) remontagem dessas causas em uma descrição mais geral de como o processo ocorre.

Conforme Diani e Bison (2010), os movimentos sociais englobam características e possíveis classificações que permitem a categorização diferenciada de ações em rede e manifestações, dependendo da natureza das conexões na rede, dos laços entre os indivíduos e da finalidade que integra o coletivo em prol da ação. Os autores se dedicam a apresentar as diversas dinâmicas que emergem nas redes que orquestram essas manifestações, delineadas a partir da

[...] identificação dos padrões de aliança, isto é, da estrutura de colaborações entre organizações em um dado momento; busca de indicadores de identidade coletiva, explorando a continuidade da colaboração ao longo do tempo e a extensão do reconhecimento mútuo, refletidas na participação simultânea em múltiplas organizações; avaliação da natureza conflituosa das interações que ocorrem na rede.” (DIANI E BISON, 2010, p. 220 e 221)

É possível identificar diversas configurações de redes de organizações mobilizadoras, segundo Diani e Bison (2010), sendo elas: organizações de consenso, organizações de conflito, coalizões de consenso, movimentos de consenso e, por último, os movimentos sociais. Essas distinções são fundamentadas na presença ou ausência de orientação para o conflito, na identificabilidade dos adversários, na densidade das relações na rede e na força da identidade coletiva. Paralelamente a Tilly, os autores também enfatizam o conflito social como o fio condutor dos processos que conduzem aos movimentos sociais de expressão pública.

As perspectivas apresentadas por Tilly (2005) e Diani e Bison (2010) fornecem abordagens valiosas para analisar as interações no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB), impulsionador do movimento *#elenão*. Tilly destaca a negociação e adaptação das estratégias mostrando como as escolhas táticas podem ser moldadas pela incorporação de símbolos e usos específicos. Diani e Bison, por sua vez, categorizam os movimentos sociais com base em dinâmicas de aliança e identidade coletiva, proporcionando uma estrutura para entender as diferentes conexões e finalidades que unem um coletivo em ação. Ao aplicar esses conceitos à análise das interações no MUCB, podemos explorar como os padrões de aliança, a natureza das conexões e os conflitos emergentes podem ter influenciado a mobilização e o impacto da ação em rede *#elenão*.

2.2 AÇÃO EM REDE DIGITAL

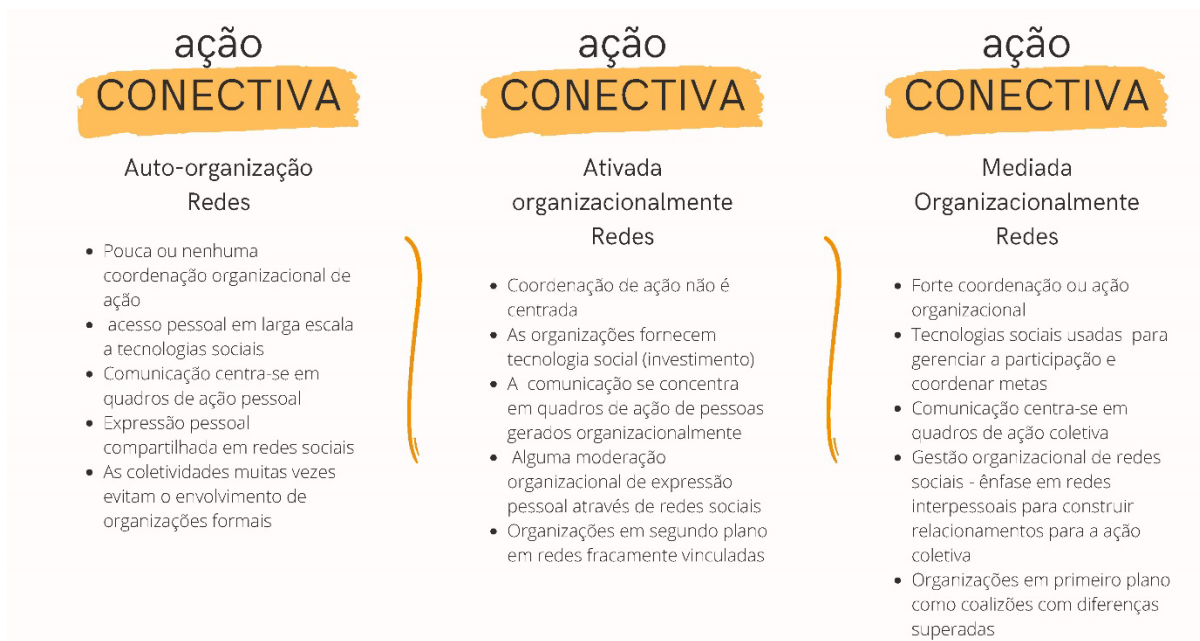
Antoun e Malini (2010), ao discutirem o desenvolvimento da internet, argumentam que ocorreu uma transformação de um discurso otimista de natureza comercial (que emergiu com o advento da internet comercial) para um discurso que enfatiza o papel social, o engajamento e a mobilização como valores centrais da rede - sendo os ativistas amplamente responsáveis por essa mudança. Nessa linha, os autores Bennet e Segerberg (2012) apresentam uma abordagem para examinar as iniciativas de mobilização em rede, que agregam valor ao uso da rede e, em certa medida, alteram o funcionamento dessas ações. Introduzem, desse modo, o conceito de “ação em rede digital” (*DNA - digital network action*), que engloba várias categorias desse tipo de ação, fundamentadas na utilização de plataformas de mídias sociais e na comunicação personalizada.

Exploramos o leque de formas de contestação organizadas de forma diferente usando comunicação personalizada até o ponto em que eles entram na parte do alcance convencionalmente entendido como movimentos sociais. Esta é a zona limítrofe na qual o que chamamos de ação conectiva dá lugar à ação coletiva (BENNET E SEGERBERG, 2012, p. 735)²

E essa lógica de ação proposta pelos autores é classificada (Figura 1) de acordo com algumas condições sobre a forma organizacional e pode ser dividida entre ação conectiva auto-organizada, ação conectiva ativada organizacionalmente pelas redes e ação coletiva mediada organizacionalmente pelas redes.

² We explore the range of differently organized forms of contention using personalized communication up to the point at which they enter the part of the range conventionally understood as social movements. This is the boundary zone in which what we refer to as connective action gives way to collective action.

Figura 1 - Quadro sobre as três categorias de uma ação em rede digital baseado em Bennet e Sergerbeg.



Fonte: baseado em Bennet e Segerberg (2012)

Essas abordagens estão relacionadas à maneira como os grupos se organizam e comunicam para realizar ações conjuntas, frequentemente com o auxílio de plataformas e mídias sociais. Na perspectiva da ação coletiva, enfatiza-se a organização e identidade coletiva do grupo. A ação coletiva envolve alto grau de coordenação e organização entre os membros, com mobilizações planejadas de forma centralizada. A comunicação e compartilhamento de informações ocorrem principalmente por métodos tradicionais, sendo as plataformas digitais auxiliares, não o foco central. Enquanto a segunda abordagem, chamada de ação conectiva, destaca a importância da comunicação personalizada e do uso das mídias sociais como elementos cruciais para a organização e execução de ações conjuntas. A ação conectiva é subdividida em duas categorias: a) Ação Auto-organizada em Redes: Nesse caso, não há coordenação central forte. Ações ocorrem em grande escala e frequentemente são impulsionadas pela interação e comunicação entre os membros mediante plataformas digitais. A organização se desenvolve de forma descentralizada. b) Ação Conectiva com Presença Organizacional nas Redes: Aqui, organizações assumem papel ativo na comunicação e interação com os membros. Por intermédio de interações personalizadas, buscam estimular o engajamento de atores sociais específicos. Pode haver líderes ou figuras-chave dentro do grupo desempenhando papel importante na direção das ações. Ambas as abordagens refletem diferentes maneiras pelas quais grupos e comunidades podem se mobilizar e agir coletivamente. A primeira valoriza a organização coletiva tradicional, enquanto a segunda concentra-se em interações online e uso estratégico de mídias sociais para

atingir objetivos comuns.

A lógica da ação conectiva se manifesta por meio das redes sociais e do uso das plataformas de mídia social, cada uma com sua própria dinâmica direcionada a diferentes grupos ou sujeitos que compõem essa rede. As mobilizações acontecem em um contexto que engloba desde a mobilização de recursos até a criação e estruturação de laços sociais, identidades e até mesmo espaços de oportunidade. Isso resulta em uma variedade possível na estabilidade, coerência e tamanho das redes de ações conectivas, embora seus princípios permaneçam

As redes de ação conectiva são tipicamente conjuntos de processos muito mais individualizados e tecnologicamente organizados que resultam em ação sem a exigência de enquadramento de identidade coletiva ou os níveis de recursos organizacionais necessários para responder efetivamente às oportunidades³ (BENNET E SEGERBERG, 2012, p. 750)

A apropriação das lógicas de personalização para a ação coletiva repercute na construção de mobilização, onde o engajamento dos participantes pode ampliar-se rapidamente. Isso resulta em um espalhamento e divulgação de maior alcance e menor tempo, uma vez que demanda visibilidade por meio da combinação de estrutura e ações pessoais nas interações construídas nas práticas sociais. Além disso, a ação digital em rede torna o processo de comunicação recombinante e flexível, ao utilizar a estrutura da rede para traçar caminhos dentro dos sistemas informacionais. Esse tipo de comunicação possibilita ajustes, ações rápidas e respostas simultâneas que transcendem as fronteiras geográficas e temporais durante sua utilização.

Segundo Bennet e Segerberg (2012), a característica central dessa lógica é o compartilhamento por meio da personalização dos conteúdos distribuídos na rede. Há uma participação em que o ator social se automotiva mediante interações, visto que estas geram conteúdo personalizado que é compartilhado, criando uma cadeia de compartilhamento, ponto a ponto, na disseminação de conteúdos e reconhecimento.

Destaca-se, portanto, a importância da comunicação personalizada para a ação em rede digital ao utilizar as plataformas de mídias sociais para organizar as ações conectivas. Aqui se evidenciam processos sociais mais individualizados, orientados pela organização digital, sem a necessidade de uma identidade coletiva obrigatória ou o uso exclusivo de recursos para a participação nesse tipo de ação. Os tipos de ação não são fixos, e a mobilização pode evoluir ao longo do tempo, adaptando-se às mudanças estruturais e de contexto. Dessa forma, as classificações propostas pelos autores podem ser modificadas ou até mesmo sobrepostas, indicando

³Connective action networks are typically far more individualized and technologically organized sets of processes that result in action without the requirement of collective identity framing or the levels of organizational resources required to respond effectively to opportunities.

que as fronteiras para categorização não estão estáticas e têm potenciais tanto para sobreposições quanto para alterações.

Na abordagem de Bennet e Segerberg, as ações podem ser compreendidas pela mensuração das formas de engajamento. As medidas incluem a análise da participação na mobilização direta, que é demonstrada quando o movimento das ações ganha as ruas, a medida das diversidades existentes nessa participação, inclusão de diferentes identidades e representatividades e o outro indicador dessa força de engajamento está na permanência do movimento mesmo após a marcha dos protestos na rua, nos quais os laços são construídos além da organização dos eventos.

Neste estudo que aborda a ação do movimento *#elenão*, explora-se a maneira como essa ferramenta é apropriada para organizar o ativismo por meio de meios digitais. O funcionamento da *hashtag* baseia-se em etiquetas que já eram utilizadas em outras plataformas de redes sociais, como as *tags* que demarcavam tópicos em blogs ou aquelas encontradas em portais de notícias para categorizar os temas dos textos. Sua função é simplificar e aumentar a visibilidade nos motores de busca, além de criar uma forma de registro de acontecimentos marcantes. A etiqueta se transforma em uma maneira de identificar textos, fotos e posições apresentadas. Uma *hashtag* consiste em uma palavra precedida pelo símbolo cerquilha (#), tornando-a acessível para buscas e classificações, convertendo palavras em uma simbologia que reflete posicionamento e busca por visibilidade na rede. Isso proporciona uma maneira de agrupar instantaneamente postagens, comentários, fotos e links relacionados a um tópico específico, funcionando como um metadado de agrupamentos facilmente acessíveis por um clique, e abrindo oportunidades para gerar novas interações entre os participantes nas plataformas. Ao considerar a ação em rede digital como um meio de mobilização que aproveita as plataformas de mídia social, torna-se necessário abordar a importância de suas capacidades específicas (*affordances*).

Para Alzamora e Bichalo (2016), o uso das *hashtags* funcionam como “mediadora de continuidade, generalidade e crescimento em dois níveis” (p.105). Significa falar que operam os usos das palavras como mediadoras e com isso trazem um efeito de vinculação, assim como tem a função de gerar um encadeamento de outras postagens em torno da marcação proposta, conectando os nós, sendo um processo social que busca na sociabilidade e interação gerando um espaço coletivo de interações. Portanto, a *hashtag* traz visibilidade, busca de relevância e posicionamento quando utilizada, revelando o quanto está interligada tanto ao contexto como as possibilidades nas plataformas de mídias sociais passíveis de apropriação pelos atores sociais em busca de engajamento, interação e gerar uma forma de divulgação dos debates.

Malini e Autoun (2013) pesquisam sobre o uso da *hashtag* *#vemPraRua*, como um

exemplo de sua utilização para convocar de ocupação nas ruas e apontam como essa apropriação depende de cada tipo de perfil de ator social. Destacam, ainda, sobre a participação com o uso das plataformas de mídias sociais passa a ser uma experiência compartilhada, intensa, em que tempo e espaço se encontram em complexa construção e que há uma potencialização por tais fatores entre as redes e as ruas na mobilização.

As redes sociais deixam de ser regidas pelas relações entre sujeitos emissores e objetos receptores, para tornarem-se redes de agenciamento coletivo e maquínico de subjetivação. A timeline torna-se uma linha do tempo celerada, turbilhonando a subjetivação em rede, ao mesmo tempo em que a hashtag faz da ação coletiva dos movimentos sociais uma viva perspectiva da constituição do mundo. (Malini e Autoun, 2013, p.215)

A aplicação de *hashtags*, aumenta o alcance e a visibilidade sobre o tema demarcado, ao utilizar a possibilidade de gramática disponibilizada da plataforma de mídia social, conquista espaço e destaque, ao passo que até as ações passam a apropriar-se desse uso para nomear as ações como o #15M e o #elenão, os atores sociais conseguem reunir relatos e informações sob essa etiqueta. E, assim, ganham espaço nas publicações, postagens, tweets trazendo o acontecimento para a atenção midiática devido aos fluxos de interações, trazem a força de engajamento. De acordo com Jana Joceli Omena (2017), a interligação entre movimentos sociais e plataformas de redes sociais destaca uma abordagem inovadora na mobilização social, caracterizada por maior agilidade e eficácia na capacidade de reunir, disseminar e denunciar. A manifestação abrangente (ou focalizada) dos valores coletivos em prol de interesses compartilhados converte essas redes em não apenas instrumentos de agregação e organização, mas sim em novos dispositivos para a participação cívica e política. Ao analisarmos as mobilizações no *Facebook* ou *Twitter*, deparamo-nos com a identificação de narrativas coletivas (seus principais agentes e temas de discussão), possibilitando a compreensão e análise da perspectiva e das ações políticas sobre um assunto específico.

As considerações de Antoun e Malini (2010) e a abordagem proposta por Bennet e Segerberg (2012) ao introduzirem o conceito de “ação em rede digital” (DNA) fornecem uma lente analítica para examinar como as dinâmicas da ação nas redes, especialmente dentro do grupo MUCB, refletem essas mudanças do ativismo. A incorporação das lógicas de personalização para a ação coletiva, como discutido, oferece uma percepção sobre como as estratégias do MUCB foram adaptadas para o ambiente das plataformas de mídias sociais, alinhando-se com a agilidade e flexibilidade inerentes à ação digital em rede.

A intersecção entre movimentos sociais e plataformas de redes sociais, conforme explorada por Jana Joceli Omena (2017), ganha relevância quando aplicada à análise da ação em rede digital #elenão. Por intermédio da identificação de narrativas coletivas, agentes-chave e temas

de discussão nas mobilizações online do MUCB, é possível traçar as perspectivas políticas e ações específicas relacionadas a esse tema. Portanto, a interconexão das ideias discutidas por Antoun e Malini, Bennet e Segerberg, e Jana Joceli Omena oferece um arcabouço teórico valioso para compreender as nuances da ação em rede digital *#elenão* e como as dinâmicas do grupo MUCB refletem esses conceitos no contexto da mobilização online.

2.1 MOVIMENTO DE MULHERES NO BRASIL

Destacamos que conhecer o grupo Mulheres Unidas contra Bolsonaro percebendo as questões ligadas ao movimento feminista, e para isso, apresentar um pequeno histórico do movimento no Brasil das ruas e nas redes. Também tratamos como se dão as abordagens sobre os usos das plataformas de mídias sociais e como as mulheres e o feminismo percebem demarcações que modulam o espaço de uso e apropriações.

É importante perceber como o gênero se coloca enquanto uma forma necessária de entender o ativismo de mulheres na rede, visto que para Gayatri Spivak (2014), a questão de gênero está em uma dupla subalternidade e traz o silenciamento ou não espaço de escuta, gera dificuldade na visibilidade das mulheres. As mulheres são oprimidas duplamente por uma violência epistêmica colonialista e pela dominação masculina (SPIVAK, 2014). Soma-se a essa percepção o que apresenta Margareth Rago (2019), ao delinear o feminismo enquanto um novo agente epistêmico que não se isolado do mundo, não se apresenta como isento e imparcial sem deixar de ser subjetivo e demarcado suas particularidades, posiciona uma teoria inerente à compreensão da prática, da pesquisadora com seu objeto.

Ainda que se tenha um processo de planejamento e design de tecnologias que é decisivo, há consequência e apropriações não planejadas. Uma mesma plataforma pode ter diferentes apropriações por diferentes grupos de mulheres. Assim, abordar feminismo e tecnologia apresenta posições diferentes e contraditórias sobre como estas impactam sobre as mulheres. Temos, em comum, o destaque de pensar o processo das mudanças tecnológicas como um caminho fundamental para ressignificar as relações de poder em termos de gênero.

2.1.1 Feminismo brasileiro

Para compreender o percurso do movimento feminista no Brasil, é fundamental examinar sua evolução histórica. Segundo Pinto (2003), traçamos sua trajetória ao longo das décadas inserida no contexto nacional. A autora destaca sua natureza fragmentada, caracterizada por

uma variedade de manifestações, objetivos diversos e múltiplas ideologias. Nos primórdios, desde o final do século XIX até 1932, o movimento alcança um marco significativo com a conquista do direito de voto para as mulheres. Essa fase é marcada por uma divisão entre um feminismo bem-organizado, composto por mulheres de famílias influentes, e uma corrente mais heterogênea e radical que se posiciona contra a dominação masculina.

Nesse estágio inicial, o feminismo estava estreitamente vinculado a figuras proeminentes, sendo que frequentemente os esforços partiam de uma única pessoa. Por exemplo, Bertha Lutz é lembrada por sua defesa da inclusão política das mulheres, embora essa abordagem tivesse limitações, uma vez que não questionava profundamente a posição da mulher na sociedade. Em 1910, um grupo de mulheres insatisfeitas com a não aprovação do voto feminino estabeleceu o Partido Republicano Feminino, o que representou uma ruptura significativa (PINTO, 2003, p.18).

Concomitantemente, outra corrente do movimento feminista se expressava por meio de diversas publicações alternativas de cunho feminista, frequentemente elaboradas por mulheres com formação educacional, como professoras e jornalistas. Essa abordagem ampliava as discussões abordando temas como a educação das mulheres e questionando a dominação masculina. Além disso, uma vertente anarquista também emergiu, posteriormente unindo-se ao Partido Comunista. Essa faceta era composta por mulheres intelectuais, trabalhadoras e militantes de movimentos de esquerda, que concentravam seus esforços principalmente na luta contra a exploração no ambiente de trabalho.

O subsequente estágio do feminismo no Brasil surge durante o período de Regime Militar, focalizando-se na contestação dos valores conservadores da sociedade e nas dinâmicas de poder, bem como na exploração do equilíbrio entre as esferas pública e privada. Durante essa década marcada por intensas atividades políticas, duas correntes ideológicas se destacam no movimento feminista: os conservadores (UDN), compreendendo empresários, proprietários de terras e parte da classe média; e a esquerda (PTB e PCB), que inclui partidos, trabalhadores urbanos, intelectuais, estudantes e membros da Igreja Católica.

O movimento enfrenta um paradoxo, lutando tanto pela igualdade de gênero e pelo reconhecimento da identidade feminina quanto contra a desigualdade social e os regimes de governo. O ponto de partida das manifestações públicas ocorre em 1975, oficialmente reconhecido pela ONU como o Ano Internacional da Mulher. O marco inicial se deu no Rio de Janeiro, resultando na criação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira (PINTO, 2003). Isso representa uma resistência à ditadura militar e uma luta contra a hegemonia patriarcal.

Na fase subsequente, nos anos 1980, à medida que o país passava por um processo de

redemocratização, novas direções começaram a se delinear no movimento feminista. Duas correntes distintas emergiram: uma que buscava a institucionalização e outra que expressava apreensão em relação a essa integração ao Estado, temendo a submissão às agendas e decisões governamentais. Durante esse período, ocorreu a conquista de espaços institucionais pelas mulheres, como os Conselhos de Condição da Mulher e as Delegacias da Mulher. Ao mesmo tempo, houve a entrada de mulheres como candidatas políticas e, simultaneamente, uma abordagem alternativa que questionava essa forma de participação política. Essa postura evasiva em relação à institucionalização surgiu devido ao receio de comprometer a autonomia do movimento.

Para Sueli Carneiro (2019), o movimento feminista brasileiro, durante o processo de democratização, refletiu na criação de conselhos voltados para as políticas públicas que incluíam o combate à discriminação contra as mulheres. E que esse processo de institucionalização de conquistas faz parte de uma luta que busca romper com paradigmas entre o público e o privado, somando ainda tratar sobre questões como o direito ao corpo e suas escolhas, as desigualdades salariais no mercado de trabalho. Destaca-se que, para a autora, havia uma conformidade desse feminismo por um olhar de visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, que trouxe como consequência negar as diferenças e desigualdades que constituem o universo da mulher no Brasil. Assim, havendo um espaço de invisibilidade que precisa ser realocado e ter voz sobre outras formas de opressão que ultrapassam o sexismo e é o “emergente movimento de mulheres negras sobre o ideário e a prática política feminista no Brasil”.

Simultaneamente à desmobilização de grupos independentes e ativistas no país, as mulheres passaram a adentrar a esfera estatal. Nesse contexto, o Conselho Nacional de Desenvolvimento da Mulher (CNDM) surgiu como um componente desse processo, embora vinculado ao Ministério da Justiça. Composto por ex-militantes feministas e conselheiras técnicas nomeadas pelo governo, o CNDM desempenhou um papel de relevância.

O movimento se destacou por exercer uma pressão organizada e propositiva, notavelmente contribuindo para a formulação da Constituição de 1988. O Conselho Nacional de Desenvolvimento da Mulher promoveu uma carta, produzida em colaboração com outras mulheres, que apresentou uma agenda mais abrangente do que meros interesses femininos específicos.

No entanto, uma crise política no ano seguinte resultou na diminuição do orçamento e das atividades do CNDM. Membros renunciaram devido às circunstâncias e as novas nomeadas não mantinham ligações com o movimento feminista. A reestruturação do conselho teve início durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

Na década de 1990, observou-se um impulso significativo na produção editorial femi-

nista, abrangendo cadernos, revistas, jornais e publicações eletrônicas. Embora essas publicações fossem oriundas de organizações feministas, o foco principal não era em ações políticas, conforme indicado por Melo (2003). Durante o mesmo período, foram aprovadas leis que instituíram cotas eleitorais para mulheres, contudo, essas cotas se aplicavam às candidaturas e não aos assentos.

É relevante também destacar a década de 2000, marcada pelo estabelecimento da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, em 2003, durante o governo de Lula. A função dessa secretaria era reduzir as disparidades de gênero, combater a violência e promover ações de saúde, estabelecendo uma ligação com o movimento das mulheres. Em 2004, Dilma Rousseff assumiu a presidência, tornando-se a primeira mulher a ocupar esse cargo no país e iniciando seu segundo mandato em 2014.

Após o processo de impeachment, com Michel Temer assumindo a presidência, a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher foram transferidos para o Ministério da Justiça e, posteriormente, para o Ministério dos Direitos Humanos no ano seguinte. Essa reorganização resultou na perda de autonomia orçamentária e poder de decisão sobre políticas públicas. Em 2018, Jair Bolsonaro foi eleito presidente e realizou uma reestruturação ministerial, resultando na criação do Ministério das Mulheres, Família e Direitos Humanos, liderado por Damare Alves. As declarações de Alves refletem uma perspectiva contrária ao feminismo e ressaltam visões conservadoras sobre questões de gênero.

Para uma compreensão abrangente do movimento feminista no Brasil, é imperativo considerar as mudanças institucionais, econômicas e culturais que têm ocorrido em toda a América Latina. Estas transformações são reflexos da crescente participação feminina e feminista, manifestada por meio de engajamento em movimentos sociais e políticos.

É possível identificar um processo de maior inclusão de gênero nas instituições, acompanhado pelo desenvolvimento e pela formulação renovada de políticas públicas voltadas para essa temática. A abordagem clássica do feminismo, centrada na construção de direitos, está sendo revigorada, tanto no contexto da globalização quanto nas agendas locais de gênero. Esse movimento se manifesta mediante estratégias feministas horizontais, como resultado da proliferação de diversas modalidades de organizações que abraçam identidades feministas. Essa diversidade engloba desde iniciativas em comunidades locais até movimentos de alcance nacional ou transnacional.

Conforme destacado por Matos (2010), essa abordagem engloba uma ampla gama de classes e movimentos sociais unidos em prol da livre expressão das experiências sexuais diver-

sificadas. Essa dinâmica estende-se também a comunidades étnico-raciais e rurais, transcendendo expectativas e ocupando diversos espaços. Isso engloba não somente os movimentos sociais convencionais, mas também aqueles que se desenvolvem de maneira paralela.

2.1.2 Feminismo e internet

Segundo Ferreira (2015), há uma relação entre feminismo, tecnologia e internet, a qual engloba discursos políticos originados por meio de interações simbólicas. Isso resulta em novas interpretações dos códigos normativos associados aos papéis de gênero e às mulheres. E na história dos usos da internet e o feminismo, temos que os *blogs* desempenharam um papel crucial nesse contexto, sendo pioneiros na ocupação dessa esfera, como apontado por Ferreira (2015) em suas "teias político-comunicacionais", especialmente por intermédio das blogagens coletivas. E devemos compreender como as apropriações das plataformas de mídias sociais por diferentes formas de ativismo de mulheres como uma continuação desses usos, as páginas no *Facebook* e, mais recentemente, os perfis no *Instagram* também desempenham essa função. Essa dinâmica é compartilhada por plataformas feministas digitais.

E, para Sarmiento (2021):

As novas narrativas em rede, além das vertentes, também estão relacionadas a demandas de maior visibilidade de temáticas específicas (maternidade, aborto, saúde da mulher lésbica etc.), bem como a grupos (mulheres negras, indígenas, trabalhadoras) e regiões do país, para além de uma narrativa "sudeste centrada" que acompanha os estudos de gênero e a própria academia feminista brasileira (SARMENTO, 2021, p.27)

As formas de narrativas que fazem uso das mídias sociais, em conjunto com suas diversas direções ideológicas, estão intrinsecamente ligadas a várias demandas por maior visibilidade de assuntos específicos. Além disso, também se destacam conexões com grupos sub-representados, como mulheres negras, indígenas e trabalhadoras, bem como com diferentes regiões do país, além das que já se dão centradas como principais mobilizadores e com maior visibilidade nas mídias tradicionais. Temos a capacidade das plataformas de mídias sociais uma forma de desafiar estruturas de poder tradicionais e centralizadas, permitir a expressão de experiências e discursos diversos.

Em 2015, no Brasil, tivemos a primavera feminista e refere-se a um período de intensificação e visibilidade das lutas e manifestações feministas no país. O termo é uma referência à ideia de "primavera árabe", que foi utilizada para descrever uma série de movimentos de protesto e mudança política no Oriente Médio e no Norte da África a partir de 2010 (Castells, 2013). Esse período foi caracterizado por um aumento da conscientização e do ativismo em

torno de questões de gênero, incluindo a luta contra a violência de gênero, a busca por igualdade salarial, a defesa dos direitos reprodutivos e a ampliação da representação das mulheres em cargos de poder e decisão. Movimentos e coletivos feministas se organizaram de maneira mais visível, utilizando plataformas online e as redes sociais para divulgar suas mensagens, mobilizar seguidores e organizar protestos e eventos. A "Primavera Feminista", no Brasil, representa um movimento amplo e diversificado, com diferentes abordagens e demandas, abrangendo desde questões estruturais até pautas mais específicas e locais.

Temos uma tabela com uma lista das *hashtags* de 2015 e 2016, por Josemira Silva Reis e Graciela Nathanson (2017):

Tabela 1: *hashtags*feministas, produzidas entre 2015 e primeiro semestre de 2016, mais reportadas pelo universo midiático investigado.

	<i>Hashtag</i>	Pleito da campanha
1	#AgoraÉQueSãoElas	Campanha em que jornalistas homens cederam espaço de suas colunas para que mulheres pudessem publicar textos feministas.
2	#NãoTiraoBatomVermelho	Contra relacionamentos abusivos
3	#Feminicídio	Campanha em prol da aprovação da lei que inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos.
4	#ElesporElas (#HeforShe)	Convocação dos homens à luta contra o machismo.
5	#VamosJuntas?	Formação de redes solidárias para prevenção à violência contra mulheres em espaços públicos.
6	#MexecomUmaMexecomTodas ¹⁵	Contra a violência sexual no transporte público.
7	#MeuAmigoSecreto	Denúncia dos comportamentos machistas cotidianos
8	#MamiloLivre (#FreeNipple)	Contra a censura indiscriminada feita pelo Facebook à publicação de imagens com mamilos.
9	#MulheresContraCunha	Contra o projeto de lei que endurece a penalidade para a prática do aborto, mesmo em caso de estupro.
10	#VaiTerShortinhoSim	Contra o <i>slut-shaming</i> ¹⁶ , a proibição do uso de roupas curtas em escola de Porto Alegre (RS)
11	#CarnavalSemAssedio	Contra assédio sexual no carnaval
12	#SomostodosMaju	Contra os ataques racistas à jornalista da TV Globo.
13	#SomostodosTaisAraujo	Contra os ataques racistas à atriz Taís Araujo, da Globo.
14	#SomostodosCrisViana	Contra os ataques racistas a Cris Viana, atriz da Globo.
15	#SomostodosSheronMenezes	Contra os ataques racistas a Sheron Menezes, da Globo.

16	#Enem2015 #EnemFeminista	Em apoio ou discordância ao tema da prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que versava sobre violência contra as mulheres.
17	#PrimeiroAssedio	Em denúncia à naturalização do assédio sexual sofrido por mulheres desde a infância.
18	#EstuproNaoÉculpaDaVítima #QueroUmDiaSemEstupro #ContraaCulturadoEstupro	Em protesto ao estupro coletivo sofrido por uma adolescente de 17 anos, no Rio de Janeiro / Contra a cultura do estupro e da culpabilização de suas vítimas.
19	#Belarecatadaedolar	Contra a exaltação dos estereótipos que norteiam o modelo ideal de mulher na mídia.
20	#MarchadasMargaridas	Manifestação de trabalhadoras rurais por desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade.
21	#MarchadasMulheresNegras	Contra o racismo e opressões sofridas pelas mulheres negras
22	#Survivor	Em favor do resgate da autoestima feminina
23	#CarnavalSemAssedio	Contra a naturalização do assédio no carnaval

Fonte: Reis e Nathanson (2017)

E, ainda, acrescentam que os dados trazidos pela pesquisa apontam para uma preocupação com a violência sexual, que podemos perceber por campanhas como #VamosJuntas?, #MexeuComUmaMexeuComTodas, #PrimeiroAssedio, #ContraaCulturadoEstupro, #EstuproNaoEculpaDaVítima, #QueroUmDiaSemEstupro e #MulheresContraCunha, emerge como um tópico de significativo interesse das mulheres. Por mais que não possam ser considerados conclusivos, é possível inferir que uma parte considerável da mobilização em torno da temática da violência sexual durante o período investigado advém da série de incidentes que adquiriram destaque nas redes sociais e na mídia. Além disso, no que diz respeito ao protagonismo, é pertinente observar que diversas das iniciativas mencionadas na compilação tiveram origem em ativistas sem vínculos prévios com instituições políticas ou reconhecimento dentro dos movimentos mais consolidados

Em uma sociedade conectada, conforme proposto por Judy Wajcman (2012), a informação desempenha um papel fundamental na estruturação social. Nesse contexto, as trocas de mensagens entre diferentes redes estabelecem uma **entrelaçada** teia social. As tecnologias digitais, por sua vez, oferecem um campo de possibilidades flexíveis, porém não estão isentas de contradições que perpetuam estruturas de poder, mesmo quando se apresentam como potenciais meios de ruptura.

Conforme apontado pela autora, certas imposições tecnológicas tendem a refletir desigualdades e dinâmicas de poder entre os gêneros. No contexto deste estudo, examinamos como as integrantes do grupo "Mulheres Unidas Contra Bolsonaro", dentro de uma plataforma de mídia social, constroem vínculos a fim de mobilizar discussões sobre as disparidades em termos de visibilidade, utilização do espaço, investimento de tempo e o modo como os algoritmos influenciam esses padrões de uso.

2.2 MOVIMENTOS COMO AÇÃO POLÍTICA

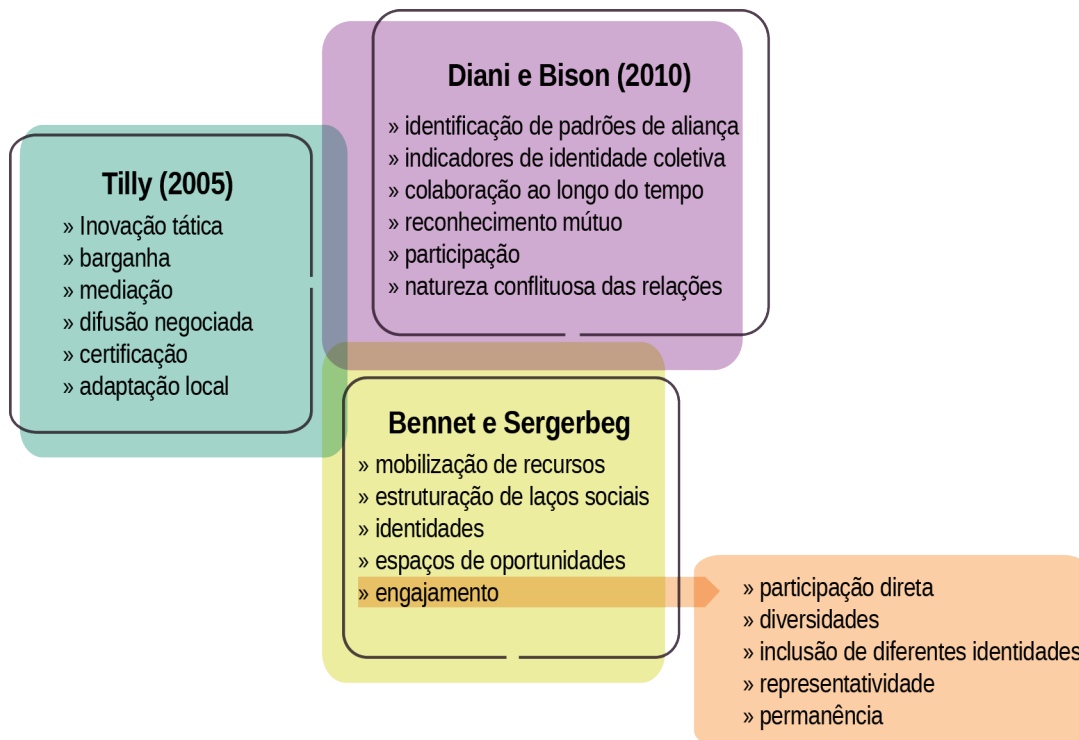
O movimento social é constituído pelas ações daqueles que apresentam demandas, pelos objetos pelos quais as demandas são direcionadas e pelo público envolvido, havendo uma interação entre esses três elementos. As ações dos movimentos nas plataformas de mídias sociais devem também ser contextualizadas, o que definirá a personalização de seu funcionamento.

Nesse sentido, a partir das perspectivas dos autores, a apropriação de conhecimentos e experiências por parte dos participantes constitui a base da prática política que explicará a elaboração dos projetos de comunidade na mobilização. Essas construções são interdependentes, embora estruturas mais amplas já existam antes das ações. Entretanto, elas se transformam ao longo das ações. O reconhecimento da identidade política emerge no processo de luta. Salientamos que quando falamos em movimentos sociais, tratamos com um tipo ideal e devemos agregar a isto e levar em conta o contexto social político e econômico, assim como a potência dos meios, em nosso caso as plataformas de mídias sociais, têm também um papel importante nessa constituição.

A essência de um movimento social está intrinsecamente ligada às ações de seus participantes, às demandas que almejam atender e ao engajamento do público, criando uma dinâmica interativa. As atividades desses movimentos nas plataformas de mídias sociais requerem uma análise contextual, pois é esse contexto que molda a personalização de suas operações. Os conhecimentos e experiências dos envolvidos desempenham um papel fundamental na prática política, contribuindo para a sua fundação e evolução.

Com isso, construímos o seguinte quadro para a pesquisa das ações de mobilização nas plataformas de mídias sociais:

Figura 2- Quadro resumo sobre a ação política na mobilização pelas plataformas de mídias sociais



Fonte: elaborado a partir dos autores

Portanto, compreender a ação política na plataforma de mídia social *Facebook* implica em direcionar a pesquisa para a percepção dos tópicos mencionados anteriormente. Isso requer uma consideração tanto do contexto modular da plataforma quanto das práticas sociais das integrantes do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro.

3 A IDENTIFICAÇÃO CONSTRUÍDA E A CIDADANIA NAS PLATAFORMAS

Quando abordamos o uso das plataformas de mídias sociais para a construção de ações em rede, como o ativismo digital e o engajamento dos movimentos sociais, é essencial considerar como essa apropriação da rede está interligada à construção de elementos que envolvem a identificação entre os atores coletivos. Neste estudo, nosso objetivo é compreender como a subjetividade das participantes consegue deslocar-se em direção a um sentido de reconhecimento, por meio da identificação de um objetivo em comum, e refletir sobre como podemos abordar a cidadania dentro da infraestrutura da rede.

3.1 IDENTIFICAÇÃO PELA DIFERENÇA

Nessa perspectiva, a compreensão da identidade como um processo social torna-se fundamental. Segundo Lawler (2014), a própria identidade é um processo social e coletivo, não se tratando de uma posse única e individual. Dessa forma, os atores sociais, por meio de suas interações nas plataformas de mídias sociais, constroem e são construídos por identificações que também podem influenciar a forma como se percebem como cidadãos nesse ambiente de fluxos. Segundo Lawler

Ou seja, considero como, por meio de quais mecanismos e de que maneiras, podemos dizer que alcançamos a identidade. Em vez de ver a identidade como algo localizado ‘dentro’ da pessoa - uma propriedade da pessoa, poderíamos dizer - eu a considero como algo produzido por meio das relações sociais.⁴ (LAWLER, 2014, p. 2)

É imperativo estabelecer que a pesquisa sobre ações em rede e sobre como os atores sociais podem interagir para gerar coletividade e mobilizações requer uma compreensão da política de identidade, conforme descrita por Lawler (2014). Essa **política de identidade** se baseia em uma combinação paradoxal de semelhança e diferença, fundamentada em:

Baseia-se na premissa de que reivindicações de ‘diferença’ podem e devem ser afirmadas dentro da política liberal (a afirmação de que não somos todos iguais e, de fato, que essa mesmice reprime facetas importantes da vida das pessoas), mas também na premissa que a ‘diferença’ em questão não é uma identidade única e individual, mas algo compartilhado por um grupo de pessoas. Crucialmente, aquelas diferenças que são invocadas dentro da política de identidade não existem em um relativismo benigno, mas são consideradas relações de desigualdade. Enquanto situados no tempo

⁴ That is, I consider how, through what mechanisms and in what ways, we can be said to achieve identity. Instead of seeing identity as something located ‘within’ the person - a property of the person, we might say - I consider it as something produced through social relations

presente, sua orientação é para um futuro em que tal desigualdade deve ser eliminada (Taylor, 1997; Prager, 2009).⁵ (LAWLER, 2014, p. 163)

No entanto, a exploração da diferença não se limita a meramente afirmá-la. A argumentação avança ao destacar que essa noção de diferença não se limita a uma identidade individual isolada. O aspecto fundamental aqui é que as diferenças enfatizadas no âmbito desta *política de identidade* não são apresentadas como uma forma benigna de relativismo, em que todas as variações são igualmente válidas ou simplesmente interessantes. Em contraste, sustenta-se que essas diferenças têm implicações mais profundas, frequentemente envolvendo relações de desigualdade.

Para isso, devemos levar em conta que identidades podem ser colocadas em categorias, de acordo com Lawler (2014) o que auxiliaria na proposição do estudo dos sujeitos nas interações nas plataformas, mas que essas categorias devem funcionar como contextos e restrições sobre os tipos de identidades e identificações que fazemos. É que, assim como as plataformas, as próprias categorias não existem como entidades neutras das quais fluem várias formas de desigualdade.

É nas interações que as relações delineiam as diferenças entre “nós” e “eles”, gerando identificações mesmo por meio do reconhecimento de fronteiras e distanciamentos. Isso alimenta o ativismo, ainda que esse ativismo, ao se posicionar contra eixos conservadores ou excludentes, também contribua para a criação de diferenças nas relações sociais. Como por exemplo, temos na onda conservadora de ultradireita. Como argumentado por Castells (2018) ao discutir a crise contemporânea e suas raízes de raiva e medo, há uma crise na representação de interesses em conjunto com uma crise identitária. Isso resulta em uma fratura social que engloba processos de exclusão por parte dos governos e instituições.

As conexões inerentes a todas as práticas sociais conduzem a um processo de individualização dos atores sociais na sociedade. Esse processo se inicia com a personalização das interações e mídias sociais e se estende até as várias maneiras de vivenciar a cidadania e participar em mobilizações.

Determinados sentidos são negociados. Conforme aborda Silva de que:

⁵*It rests on the premise that claims of ‘difference’ can and must be asserted within the liberal polity (the claim that we are not all the same and, indeed, that this sameness represses important facets of people’s lives), but also on the premise that the ‘difference’ in question is not a unique, individual identity, but something shared by a group of people. Crucially, those differences that are invoked within identity politics do not exist in a benign relativism but are claimed to be relations of inequality. While situated in the present time, their orientation is towards a future in which such inequality is to be done away with*

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2014, p.96-97)

A conformação da identidade emerge da alteridade. Sob essa perspectiva, a construção identitária se revela um processo imbuído tanto de conotações simbólicas quanto de imbricações sociais. O esforço por fundamentar distintas identidades acarreta causas e implicações concretas. A identidade, enquanto fenômeno relacional, perpassa por delineações simbólicas que se estabelecem em relação a outras identidades. Os âmbitos social e simbólico, embora delineadores de processos distintos, entrelaçam-se em uma relação de complementaridade vital para a edificação e preservação das identidades. A marcação simbólica, enquanto veículo pelo qual conferimos significância a práticas e interações sociais, demarca, por exemplo, os incluídos e excluídos. Mediante a segmentação social, tais categorizações de diferença se manifestam nas dinâmicas sociais.

Jesús Martín-Barbero destaca no contexto da globalização que o sujeito não se configura apenas como um destinatário passivo do conteúdo dos meios, a fim de não negligenciar o fato de que ele também expressa suas aspirações por meio das instituições que o representam na sociedade civil, bem como via novas formas de participação proporcionadas pelas redes sociais. Nesse movimento, surgem lacunas e possibilidades de resistência. É nesse momento que as identidades e a busca pelo seu reconhecimento emergem em meio à disputa pelo significado, fomentada pelos movimentos de regulação simbólica dos espaços sociais, especialmente no contexto político e nas esferas comunicativas.

Mas o que galvaniza hoje as identidades como motor de luta é inseparável da demanda de reconhecimento e de sentido. Nem um, nem outro são formuláveis em termos meramente econômicos ou políticos, pois ambos se acham referidos ao núcleo próprio da cultura, enquanto mundo do pertencer a, e do compartilhar com. Razão pela qual a identidade se constitui, hoje, na negação mais destrutiva, mas também mais ativa e capaz de introduzir contradições na hegemonia da razão instrumental. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.63)

Dessa forma, a visão do autor sobre a globalização também gera oportunidades para mudanças que ampliam os limites da cidadania, associadas a dois elementos fundamentais: a interação entre diferentes povos, culturas, etnias e preferências num cenário no qual emergem novas perspectivas sociais desafiadoras à supremacia do racionalismo ocidental; e a disseminação das mais recentes tecnologias de comunicação, que estão sendo cada vez mais adotadas por

segmentos sociais historicamente marginalizados, abrindo, assim, novas possibilidades para a construção de uma contra hegemonia global. Também, é necessário compreender e analisar aspectos que incluem como as plataformas de mídias sociais podem influenciar no delineamento das comunidades de controle e pertencimento por meio do funcionamento dos algoritmos

Nessa configuração, a representação assume um destaque, incorporando práticas de significação e sistemas simbólicos que dão origem aos significados, projetando-nos como agentes ativos. Por meio dos significados transmitidos por essas representações, conferimos sentido à nossa vivência e identidade. A representação abrange as práticas de significação e os sistemas pelos quais os significados são concretizados, concedendo-nos uma posição de destaque. Por meio dos significados evocados por tais representações, atribuímos sentido à nossa experiência e nossa condição. A representação, vista como um processo cultural, constrói identidades tanto individuais quanto coletivas, e os sistemas simbólicos subjacentes proporcionam possíveis respostas às indagações fundamentais: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2014, p. 18).

As considerações apresentadas pelos autores Lawler, Martín-Barbero e Silva oferecem compreensão para essas interações e laços sociais construídos no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) e como isso se reflete na formação de uma comunidade. A visão de Lawler sobre a identidade como um processo social sugere que as interações nas plataformas de mídias sociais levam à construção mútua de identificações, influenciando a maneira como as participantes se veem como cidadãs nesse contexto. Isso sugere que o MUCB é um espaço em que as mulheres não apenas expressam suas identidades, mas também são moldadas por elas, contribuindo para a diversidade de perspectivas. As reflexões de Martín-Barbero sobre a busca por reconhecimento e sentido nas redes sociais se alinham à atuação do MUCB, nas quais as mulheres buscam expressar suas aspirações e valores, encontrando um espaço para participação. Isso pode levar à formação de alianças entre as participantes, unificadas por objetivos compartilhados e resistência. Silva amplia a compreensão da identidade, enfatizando sua natureza instável e contraditória. Isso sugere que no MUCB, as identidades são diversas e em constante evolução, refletindo-se nas discussões e interações online. Essa diversidade provavelmente contribui para um sentimento de comunidade rico em perspectivas. As ideias desses autores proporcionam uma estrutura para analisar as dinâmicas do grupo MUCB. A construção coletiva de identidades, a busca por reconhecimento, a formação de alianças e a diversidade de vozes podem ser percebidas como pilares que contribuem para o engajamento e a coesão do grupo em torno da ação em rede *#elenão*

Dentro do âmbito da nossa pesquisa, ao considerar a abordagem do autor Lawler sobre

a formação da identidade por meio da diferenciação, e ao percebermos que a política de identidade está intrinsecamente ligada aos sentidos que emergem das práticas sociais, a representação assume uma nova configuração nas plataformas de mídias sociais, transformando-se em um campo no qual a visibilidade e a legitimação são estabelecidas. No contexto específico do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, examinado em nossa pesquisa, confirma-se a ideia de que os laços sociais estabelecidos se manifestam por intermédio de padrões de aliança e práticas sociais que envolvem essa identificação construída. Essa dinâmica encontra justificação e fortalecimento por meio da visibilidade, comprometimento e legitimação, são uma forma de validação perante os membros do grupo na plataforma *Facebook*, representando, desse modo, um processo de reconhecimento e identificação.

3.2 CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE CIDADANIA

Nesse contexto, considerar as mobilizações e coletividades implica em contemplar o uso da arquitetura da informação em um espaço concedido aos cidadãos, em que os algoritmos monitoram, coletam e regulam a participação dos usuários, delimitando-a a conexões pré-estabelecidas. Somos convidadas a repensar a ação em rede mediante a compreensão de que atores individuais ou coletivos conectados estão (re)criando experiências em novas relações e práticas sociais, enquanto a infraestrutura das redes se apresenta como o canal acessível para buscar visibilidade em ações coletivas.

Dado que as mobilizações encontram base em diferentes graus de engajamento e planejamento comunicacional em mídias sociais, conforme Canclini (2019), os algoritmos e as potenciais formas de cidadania se entrelaçam em diversos pontos, evidenciando a necessidade de questionar o uso das plataformas. Entretanto, ingressar em certas comunidades por meio dessas plataformas não deixa de implicar sujeição ao controle de dados, uma vez que as maneiras de pensar, produzir, sentir e, especialmente, consumir são capturadas por decisões algorítmicas gerenciadas pelas próprias plataformas.

A reestruturação da sociedade, conforme abordado por Canclini (2010), manifesta-se por meio da formação de **comunidades de pertencimento e controle**. Nesse sentido, as fragmentações ocorrem como reflexo desse processo de reestruturação, provocando alterações não somente na esfera econômica e social, mas também incitando rupturas e mudanças no processo de individualização. Paralelamente, observa-se um processo de polarização política, refletido em várias modalidades de ativismo no cenário brasileiro. No contexto específico do movimento *#elenão*, que busca estabelecer espaço para a participação cidadã, inserimo-nos em um panorama

caracterizado pelas disputas diante da ascensão de uma nova onda conservadora. Essa onda conservadora traz consigo um processo de desdemocratização, uma vez que suscita questionamentos sobre a representatividade da democracia, contribuindo para o enfraquecimento desse princípio.

Assim como para Castells (2018), a fragmentação da comunicação e das emoções se desenha por meio da influência das plataformas, que operam como redes capazes de modular, criar e romper vínculos. Nesse contexto, as interações realizadas nessas plataformas têm o poder de moldar não apenas as dinâmicas de comunicação, mas também o panorama emocional compartilhado. Essa dinâmica tem por um lado, as interações nas plataformas que podem servir como um terreno fértil para a construção de um espaço mais amplo de cidadania. Elas proporcionam uma arena em que as vozes individuais podem convergir e se amplificar, permitindo a expressão de opiniões e preocupações que podem ser marginalizadas em outros espaços de comunicação. Por outro lado, essa mesma rede de interações também apresenta a possibilidade de desencadear uma crise na democracia representativa. A amplificação de polarizações extremas, o enclausuramento em bolhas de informação e a disseminação de discursos de ódio que podem minar a compreensão mútua e a capacidade de diálogo entre diferentes grupos sociais.

Dessa forma, o papel das plataformas de mídias sociais na esfera da cidadania é de extrema relevância e merece um exame cuidadoso. Enquanto oferecem oportunidades para a participação cidadã e a expressão individual, elas também podem representar um terreno fértil para a fragmentação e a polarização, levantando questões fundamentais sobre o funcionamento e a sustentabilidade da democracia representativa em um contexto digital cada vez mais complexo.

O processo de resistência e busca por ressignificação mantém sua continuidade ao abrir a possibilidade de reivindicação e apropriação de espaços para cidadania. Nesse sentido, Canclini (2010), ao abordar a cidadania como uma noção que engloba diversos aspectos da vida em sociedade, nos quais há a possibilidade de colaboração direta ou indireta, afirma que “é indispensável admitir que o mercado de opiniões cidadãs inclui tanta variedade e dissonância quanto o mercado da moda e o do entretenimento. Lembrar que nós, cidadãos, também somos consumidores nos leva a descobrir na diversificação dos gostos uma das bases estéticas que fundamentam a concepção democrática da cidadania” (p. 174).

Na concepção de Canclini (2010), o desenvolvimento cultural entre sistemas locais e globais e as relações de continuidade, ruptura e hibridização constituem o caminho para repensar a identidade e a cidadania. As identidades são entendidas como “processos de negociação, na medida em que são híbridas, flexíveis e multiculturais” (CANCLINI, 2010, p. 138). Portanto, isso demonstra que, em conjunto com os conflitos estruturantes, a abordagem das negociações atua

como engrenagem das relações sociais. A pesquisa envolve a compreensão das identidades e identificações no contexto das interações sociais e da sociedade como um todo, utilizando as plataformas de interação como ferramentas fundamentais.

Também, no que se refere à cidadania nas plataformas, a perspectiva de Bennet e Segerberg (2012) apresenta uma abordagem que contextualiza e compreende os processos interacionais na formação de ações em redes digitais. A compreensão das interações entre a estrutura social e os processos de comunicação oferece uma base para a análise e a comparação de diversos tipos de mobilizações. Nesse contexto, dois elementos emergem como preponderantes na construção dessa comunicação personalizada: o conteúdo político moldado sob a forma de ideias passíveis de personalização, direcionadas a minimizar as disparidades na percepção coletiva de um problema comum, e a utilização das mídias sociais como veículos comunicativos que facilitam o compartilhamento de temas. Essa dinâmica comunicativa evidencia a natureza fluida e interativa das plataformas de mídias sociais no contexto da cidadania. Ao propor a personalização das mensagens políticas, essas plataformas possibilitam a conexão entre as questões globais e as experiências individuais, criando uma ponte que pode estimular o engajamento.

No entanto, enquanto oferece oportunidades ~~promissoras~~ para o envolvimento dos cidadãos, ela também requer uma abordagem que reflita sobre uma personalização que não resulte em fragmentação e que o compartilhamento de temas não se traduza em uma simplificação superficial dos debates públicos. Compreendemos que, ao invés de aderir a abordagens dicotômicas em relação às oportunidades e modulações que emergem com as plataformas de mídias sociais, devemos considerar o âmbito da comunicação como um espaço permeado por contradições, conflitos, disputas resistências em que temos as relações sociais de poder como pano de fundo, no qual os limites e as possibilidades no que se refere às formas de apropriação e uso das plataformas para a cidadania.

Vista a partir da abordagem liberal moderna, a cidadania de hoje é uma condição quebrada. Nós o exercemos defendendo nossos direitos como indígenas, mulheres, jovens, vizinhos, pouco conectados, com pouca capacidade de se aliar. Enquanto isso, os Estados foram desviando poderes, e o voto – o último ato que nos une e pretende nos igualar como cidadãos – é uma identidade quase esvaziada. As redes sociodigitais que nos ligam são virtuais, no duplo sentido de duplicar a materialidade do “real” em cenas vaporosas e permanecer em ações potenciais. Converter movimentos em partidos ou integrá-los em frentes populares pode ajudar, mas não resolve bem essa equação entre concentração e dispersão. (CANCLINI, 2019, p. 119)

E a concepção de cidadania passa por um processo de reconfiguração de seu significado, conforme apontado por Evelina Dagnino (2004). A emergência da nova cidadania no contexto dos movimentos sociais brasileiros das décadas de setenta e oitenta revela um engajamento voltado para a abordagem de questões urbanas, de gênero, raça e etnia. Essa nova perspectiva

de cidadania é impulsionada por um movimento em prol dos direitos humanos e se consolida como parte essencial da resistência à ditadura.

Incorporando características de sociedades contemporâneas, tais como o papel das subjetividades, o surgimento de sujeitos sociais de um novo tipo e de direitos também de novo tipo, bem como a ampliação do espaço da política, esse projeto reconhece e enfatiza o caráter intrínseco da transformação cultural com respeito à construção da democracia. Nesse sentido, a nova cidadania inclui construções culturais, como as subjacentes ao autoritarismo social como alvos políticos fundamentais da democratização. Assim, a redefinição da noção de cidadania, formulada pelos movimentos sociais, expressa não somente uma estratégia política, mas também uma política cultural. (DAGNINO, 2004, p.103)

Para a autora, o processo de construção de cidadania, na qual os direitos são afirmados e reconhecidos, é uma transformação significativa de práticas profundamente enraizadas na sociedade, especialmente na sociedade brasileira. Esse processo vai além da mera obtenção formal e legal de um conjunto de direitos, estendendo-se para além do sistema político e judiciário. A “nova cidadania” é apresentada como um projeto que visa a uma nova forma de convivência social: não se trata apenas de se integrar ao sistema político convencional, mas sim de estabelecer relações sociais mais igualitárias em todos os aspectos da vida. Isso envolve a redefinição de normas e padrões para interações sociais, incluindo a negociação de conflitos, uma nova concepção de ordem pública e responsabilidade pública, e até mesmo uma revisão do contrato social existente. Em suma, a ideia é que a construção da cidadania transcende a esfera legal, buscando uma reorganização mais profunda das relações sociais e uma abordagem mais justa e equitativa para viver em sociedade.

Para Dagnino (2004), a construção de relações sociais mais igualitárias requer o reconhecimento mútuo de cada indivíduo como detentor de interesses e direitos válidos. Isso implica não apenas respeitar os direitos individuais, mas também estabelecer uma dimensão pública na sociedade na qual esses direitos possam servir como padrões aceitos para a troca de ideias, discussões e resolução de conflitos. Ao fazer isso, é possível redefinir a dimensão ética da vida social.

No contexto brasileiro, temos um processo que promove transformações nas práticas sociais, as quais vão além das relações de direito com o Estado e seu sistema político. Dessa forma, desenvolve-se uma concepção neoliberal de cidadania que lida com novas configurações sociais e políticas. Como afirmado por Dagnino (2004, p. 106),

Em primeiro lugar, há uma redução do significado coletivo da redefinição da cidadania anteriormente empreendida pelos movimentos sociais, transformando-a em uma noção estritamente individualista. Em segundo lugar, estabelece-se uma conexão sedutora entre cidadania e mercado.” (DAGNINO, 2004, p. 106).

Nesse sentido, Maria da Glória Gohn (2014) observa que a cidadania não pode ser passiva e tem que se dar em um processo ativo que não limita ao voto, sendo esta apenas a dimensão civil. A cidadania vai se relacionar com a participação da pessoa na esfera pública e como o exercício dos direitos. Em nossa pesquisa, a esfera pública engloba também como um grupo de *Facebook* pode ser um campo social para impulsionar esse tipo de participação, dentro de suas limitações e controle.

A cidadania ativa requer a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, protagonistas da história de seu tempo. A educação entra neste **processo de formação como um direito humano**, para o desenvolvimento do ser humano. A educação contribui para a criação de uma cultura universal dos direitos humanos, para o fortalecimento dos direitos e liberdades fundamentais do ser humano, para o desenvolvimento de sua personalidade, respeito às diferenças, atitudes de tolerância, amizade, solidariedade e fraternidade com o semelhante. (GOHN, 2014, p. 302)

Com o propósito de reflexão, Canclini (2019) levanta indagações acerca da viabilidade de estabelecer uma cidadania alternativa ou mesmo de escapar daquela proporcionada por modelos de negócios. Ele explora a possibilidade de, por meio de novas interações e da influência do imaginário e do simbólico, reconfigurar a participação social. Reconhece que compreender o espaço de cidadania *disponível e acessível* é decisivo para entender como os atores sociais contribuem para a construção do ativismo nas plataformas digitais, moldando formas de identificação que, por sua vez, constroem vínculos sociais refletidos no compartilhamento e na mobilização.

No contexto da análise do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, emerge uma correlação pertinente com as reflexões de Biroli (2013), sobre mulheres na política, as quais indicam uma persistente sub-representação das mulheres nas esferas políticas. Essa realidade instaura uma série de implicações substanciais, expondo, por exemplo, uma lacuna notável na representatividade feminina. Nesse sentido, é inegável que a participação política das mulheres ainda é marcada por desequilíbrios alarmantes. Dentre os desdobramentos decorrentes dessa sub-representação, destaca-se a dinâmica de influência e tomada de decisões em relação a questões fundamentais que tangenciam diretamente as vivências femininas. A legislação abrangente que abarca áreas cruciais, tais como direitos reprodutivos, maternidade, casamento e violência contra as mulheres, historicamente, tem sido configurada por um viés, predominantemente, masculino. A discussão, portanto, não se delimita à estatística da sub-representação, mas para uma análise mais ampla dos mecanismos de poder que delineiam a construção das políticas públicas.

O grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, ao canalizar seus esforços conectivos para enfrentar as disparidades, posiciona-se como um espaço de diálogo e troca. Nesse âmbito, a

cidadania encontra uma oportunidade de se concretizar por meio do engajamento em ações políticas relacionadas ao voto e à conscientização, bem como na organização de manifestações nas ruas e o incentivo a participação em ações políticas como as consultas públicas, por exemplo.

O grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) emerge como um espaço em que os conceitos abordados podem ser observados e analisados para aprofundarmos a compreensão desse tipo de ação em rede. No contexto das transformações sociais e políticas discutidas por Canclini (2010), o MUCB se configura como uma comunidade de pertencimento e controle que se contrapõe à onda conservadora e à democratização no cenário político brasileiro. A fragmentação das interações e das emoções, influenciada pelas plataformas, desdobra-se no grupo, moldando as dinâmicas comunicativas e emocionais compartilhadas. No que concerne à cidadania, o MUCB se posiciona como um espaço de empoderamento e participação, incorporando os elementos delineados por Bennet e Segerberg (2012) e Evelina Dagnino (2004). As interações e a comunicação personalizada possibilitam a conexão de questões globais com experiências individuais, facilitando o compartilhamento de temas relevantes. O grupo MUCB, nesse sentido, oferece um ambiente onde há cidadania, focada em direitos humanos, igualdade de gênero e engajamento político. Os laços sociais, tanto fortes quanto fracos, presentes nas interações do grupo, desempenham papéis essenciais na construção dessa cidadania ativa. Laços fortes podem gerar maior coesão e mobilização em torno das causas, enquanto laços fracos podem ampliar a disseminação de informações e perspectivas diversas.

Ainda, as interações ocorrem sob a influência das plataformas, refletindo a fragmentação das emoções e comunicações discutidas por Castells (2018). O grupo se destaca como uma resposta à polarização política e à reconfiguração da cidadania discutida por Dagnino (2004), proporcionando um ambiente para a construção de uma cultura de direitos humanos, igualdade e participação com ações políticas.

4 PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS

Neste capítulo, exploramos a partir das perspectivas de autores como Fragoso, Recuero e Amaral, bem como Castells e Boy e Elisson, o cenário das redes sociais. Caracterizamos o que são essas redes, sua infraestrutura e o funcionamento intrínseco dessa complexa teia relacional. Além disso, buscamos compreender, com base em Granovetter, a relevância dos laços sociais, sejam eles fracos ou fortes, e destacamos a importância dos laços fracos na construção das relações que formam uma comunidade. Esses laços estabelecem padrões de aliança, incluindo a identificação por meio da diferença.

Também abordamos aspectos relacionados ao funcionamento da Sociedade de Plataformas, explorando as contribuições de Van Dijck, Poell e Wall. Investigamos como essa sociedade emergiu das transformações ocorridas nos sites de redes sociais, evoluindo para as plataformas, e como suas gramatizações, *affordances* e modelos de negócios influenciam os usos desses espaços. Ao adotar uma perspectiva fornecida por autores como Anne Helmond, D'Andrea e Silveira, reconhecemos a não neutralidade da rede, que molda as práticas sociais dentro do contexto do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro

4.1 PLATAFORMAS

Para entender as mobilizações geradas nas redes pelo *#elenão* e como se deu a mobilização a partir do grupo Mulheres Unidas contra Bolsonaro no *Facebook*, precisamos abordar sobre como a plataforma *Facebook* é aqui pesquisada. Nos estudos de plataformas de mídias sociais, vamos perceber as mudanças que ocorreram no decorrer dos anos que demarcam a diferença do que antes era chamado como site de rede social e passe a ser uma plataforma, como no caso do *Facebook*, hoje parte do grupo Meta. A rede social é uma metáfora estrutural e site de rede social é o local das redes informacionais que proporcionam relações de interação entre sujeitos. Na rede, percebemos os nós posicionados na teia relacional e interligada como os atores sociais e as conexões como as interações construídas entre os atores, mantidas por um sistema estrutural com formalidade e opções de programação.

Quando focamos um determinado grupo como uma “rede” estamos analisando sua estrutura. De um lado, estão os nós (ou nodos). De outro, as arestas ou conexões. Enquanto os nós são geralmente representados pelos atores envolvidos e suas representações na internet (por exemplo, um blog pode representar um ator), as conexões são mais plurais em seu entendimento. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 155)

A rede é compreendida como a inserção do indivíduo em um grupo social, ou parte deste, em uma relação complexa fundamentada entre normas e oportunidades. Assim como a rede estrutura a sociabilidade dos indivíduos, o processo oposto também ocorre, devido a rede se moldar e adaptar na perspectiva de novas conexões para laços sociais.

Na vida social, as redes são estruturas comunicativas. Os fluxos são correntes de informação entre nós, que circulam por meio dos canais de conexão entre os nós. Uma rede é definida pelo programa que atribuiu a ela suas metas e os regulamentos de seu desempenho. (...) Nas redes sociais e organizacionais, atores sociais, que promovem seus valores e interesses e interagem com outros atores sociais, estão na origem da criação e da programação das redes. (CASTELLS, 2018, p. 66)

Nessa direção, Castells (2017, p. 66) conceitua rede como “um conjunto de nós interconectados.” Os nós constroem sua relevância a partir das suas conexões e pela possibilidade de criar significados em dependência ou não com os programas da rede e na sua interação com outros nós. É na rede que se processam os fluxos de correntes de informação entre os nós e é definida pelo programa que atribui a ela suas regulamentações de desempenho e apropriação simbólicas.

Assim como diz Castells (2017, p. 41),

Os SRS são espaços de convivência que conectam todas as dimensões das experiências das pessoas. Eles transformam a cultura por que as pessoas compartilham tendo um custo emocional baixo e, portanto, economizam energia e esforços. Elas transcendem o tempo e o espaço, porém produzem conteúdos, estabelecem vínculos, conectam práticas.

As redes sociais na internet são construídas pela mediação dos fluxos informacionais que se dão pelas representações dos atores sociais e caracterizam as relações de sociabilidade. Os sites de redes sociais (SRS) são ferramentas de suporte da rede social, com a possibilidade de aumentar a capacidade dos nós (atores sociais) no processo de agregar e produzir espaços de comunicação. As mobilizações podem fazer uso desta ferramenta na busca por visibilidade e na construção de laços sociais que possam fortalecer ações em rede.

Boyd e Ellison (2007) caracterizam as redes sociais online como um espaço no qual há a construção de um perfil público (ou semi), um uso que ocorre dentro da delimitação do sistema. Para os autores, as redes são assim chamadas quando têm a articulação de listas de usuários com a possibilidade criar conexões, assim como a opção de visualização e de percorrer listas de interações feitas por outras pessoas dentro das plataformas.

Para compreendermos as redes sociais e o seu funcionamento, é necessário apontar para a importância dos laços sociais como base das interações. As conexões ou arcos, segundo Raquel Recuero (2017), vão indicar a relação social que pode ser uma interação, uma conversa,

relações de amizade ou apenas curtidas, compartilhamentos. Nessa concepção e seguindo o que nos apresenta a autora, temos na abordagem de Mark Granovetter (1973 e 1983) sobre a força dos laços fracos compreender o papel deles e sua importância na dinâmica construída na ação em rede. Os laços podem ser classificados como fortes, fracos ou ausentes. Sendo que nos laços fortes a conexão se dá por uma relação baseada em práticas sociais que indicam mais proximidade e intimidade entre os nós e os laços fracos são associações mais fluidas entre os atores. E os laços ausentes são aqueles que não tem importância na construção de uma rede social. A força dos laços sociais envolve uma disposição entre a quantidade de tempo, a intensidade emocional, a confiança mútua e a capacidade de representação dessas relações sociais entre os nós. A conexão é medida pelo esforço aplicado investido destinado por cada ator para a manutenção de cada tipo de laço e como este reverbera em sua identificação e práticas, conexões de laços fortes requerem maior emprego de dedicação, com mais tempo e maior número de interações e reciprocidade.

Dessa maneira, tratarmos sobre os laços sociais no contexto das plataformas de mídias sociais auxilia para classificar as diferentes interações nas redes, o que auxilia na compreensão da estruturação das redes sociais. No caso desta pesquisa, estudar como os laços sociais constituem a mobilização e quais tipos são estruturantes e sua importância na construção de uma ação em rede digital. Com isso, esta pesquisa envolve a [metodologia de pesquisa para internet](#), na qual as conexões são representadas por valores numéricos e direcionais o que vai indicar determinado peso da conexão e por consequência auxiliar no processo de entender o tipo de laço que está sendo formado nela. Os laços mais fortes baseiam-se em maior reciprocidade e a estrutura da rede vai apresentar os agrupamentos (*clusters*) pela densidade de sua conexão, enquanto os laços considerados fracos auxiliam na expansão da rede, funcionam como pontes entre grupos e subgrupos.

Granovetter (1973), ao escrever seu primeiro artigo sobre a força dos laços fracos propõe uma análise do tipo de conexão existente entre os sujeitos em determinado grupo da sociedade. Isso inclui perceber desde o grau de coesão dessas redes sociais, os fluxos de tipo de recursos entre as pessoas que envolviam desde dinheiro, informação ao afeto, destacando-se que os laços sociais vão influenciar na tomada de decisão nas práticas sociais. O autor revisitou seu conceito em outro artigo escrito em 1983, no qual revê alguns conceitos e reforça outras afirmações e expõe o valor dos laços fracos como fundamentais para se alcançar a inovação, enquanto ter uma identidade comum é reflexo dos laços fortes construídos nas interações de agrupamentos. Os tipos de interações e a força dos laços são necessários para a estrutura da rede, sendo que o forte vai refletir a resistência de um espaço social enquanto o fraco serve como ponte entre

diferentes grupos, rompendo isolamentos entre eles.

Para Granovetter (1983), os laços fracos ocorrem entre atores que se reconhecem sem intimidade ou interações contínuas e tem menor probabilidade de se envolverem uns com os outros do que as amizades íntimas (laços fortes) e o conjunto composto entre o nó e seus laços fracos têm uma rede de baixa densidade (até com linhas relacionais ausentes) e que o conjunto dos nós entre atores de laços fortes possuem muitas conexões transformando a rede em densa, com muitas linhas entre os nós. “Laços fracos fornecem às pessoas acesso a informações e recursos além daqueles disponíveis em seu próprio círculo social; mas laços fortes têm maior motivação para ajudar e geralmente estão disponíveis com mais facilidade. Acredito que esses dois fatos explicam muito quando laços fortes desempenham seu papel único.” *“The weak tie between Ego and his acquaintance, therefore, becomes not merely a trivial acquaintance tie but rather a crucial bridge between the two densely knit clumps of close friends”* (GRANOVETTER, 1983, p. 202). Pois para as redes se formarem ou expandirem é preciso a existência de laços fracos. Como na construção de uma ação em rede, para que seja possível uma organização e integrar mais nós (atores sociais) nas mobilizações, a participação perpassa por um tipo de recrutamento entre conhecidos (laços fracos) e confiança entre amigos (laços fortes). Sem os laços fracos não se teria impulso e visibilidade para compartilhar além de seu grupo, a rede não seria ampliada e nem alcançaria mais eficiência. Significa dizer que as práticas sociais sem a interação entre laços fracos se tornariam fragmentada e sem coerência.

Laços fracos fornecem às pessoas acesso a informações e recursos além daqueles disponíveis em seu próprio círculo social; mas laços fortes têm maior motivação para ajudar e geralmente estão disponíveis com mais facilidade. Acredito que esses dois fatos explicam muito quando laços fortes desempenham seu papel único. ⁶(GRANOVETTER, 1983, p.209)

Os laços fracos funcionam como pontes, sobre as quais as interações (enquanto novidades) conseguem cruzar as fronteiras de grupos sociais, mas que a tomada de decisão é influenciada, principalmente no grupo de redes densas, entre os atores que possuem os laços fortes. Para o autor para a interação motivar inovações, deve haver sentimentos de identificação e confiança entre os atores pertencentes ao grupo e esse tipo de interação se dá pelos laços fortes. Assim, para promover uma mobilização organizada em rede, a relevância da existência dos dois tipos de laços são a base para seu funcionamento, visto que os laços fracos expandem para inovação e novas pontes, ampliando a rede e os laços fortes auxiliam no processo de acolhimento

⁶ *Weak ties provide people with access to information and resources beyond those available in their own social circle; but strong ties have greater motivation to be of assistance and are typically more easily available. I believe that these two facts do much to explain when strong ties play their unique role.*

e escolhas para tomadas de decisões.

Nessa perspectiva, para compreendermos sobre a construção e a manutenção de uma rede social, devemos compreender o valor dos laços fracos e fortes, pois cada determinado tipo de laço influencia a forma das práticas sociais. Eles são as ligações internas ou externas como em pontes que constroem a participação das pessoas em suas relações. Nesta pesquisa, vamos buscar entender como esses laços sociais, ao construir redes sociais nas plataformas, têm um papel fundamental na constituição da mobilização que foi para as ruas em 29 de setembro de 2018, a partir do fortalecimento e crescimento do grupo MUCB, perceber, assim, qual a função de cada tipo de laço na ação em rede digital.

4.2 SOCIEDADE DE PLATAFORMA

Os autores Van Dijck, Poell e Wall (2018) refletem sobre uma sociedade de plataforma, que traz um ecossistema mantido por um monopólio das infraestruturas das redes digitais que, principalmente, são os *Big Five* (*Google, Amazon, Facebook*, agora chamado como grupo *Meta, Apple e Microsoft*). Estas incluem desde mecanismos de buscas, servidores de interações, compras, redes sociais, notícias, entre outros. Outros aplicativos ou plataformas se colocam como subjugados a esses citados, visto que para conseguir alcance e visibilidade na rede tornou-se obrigatório fazer parte da engrenagem do ecossistema criado por estas empresas. Elencam a datificação, comodificação e a capacidade de seleção como aspectos centrais para pesquisar essa sociedade de plataformas.

As plataformas, a nosso ver, não provocam uma revolução; em vez disso, estão gradualmente se infiltrando e convergindo com as instituições e práticas (offline, herdadas) por meio das quais as sociedades democráticas são organizadas. É por isso que preferimos o termo “sociedade de plataforma” – um termo que enfatiza a relação inextricável entre plataformas online e estruturas sociais. ⁷ (DIJCK, POELL, WALL, 2018, p.2)

Dessa forma, não podemos reduzir estudar a comunicação enquanto a troca de informações em uma conexão e seus vestígios, não podemos abstrair as práticas, as relações e como o contexto está na relação entre os nós da constituição do processo comunicacional. De acordo com o que diz Gillespie (2018) de que: “Uma análise sociológica não deve conceber os algoritmos como realizações técnicas abstratas, mas desvendar as escolhas humanas e institucionais

⁷ *Platforms, in our view, do not cause a revolution; instead, they are gradually infiltrating in, and converging with, the (offline, legacy) institutions and practices through which democratic societies are organized. That is why we prefer the term “platform society”— a term that emphasizes the inextricable relation between online platforms and societal structures.*

que estão por trás desses mecanismos frios” (p.98)

Os limites entre espaço público e privado se tornam mais nebulosos. Os valores públicos parecem não encontrar a devida representação nas mídias conectivas. Perceber como as plataformas se tornaram forças fundamentais da sociedade e como os atores sociais também moldaram as plataformas, traz uma compreensão histórica do impacto que as mídias digitais têm no cotidiano. Assim, de acordo com Silveira (2019), deve-se apontar que abordar *big data* e as tecnologias implica perceber os limites e as modulações pelos usos dos dados. Com uma visão crítica sobre os usos da internet e os algoritmos, Silveira (2018 e 2019) apresenta o conceito de modulação como essencial para entender a comunicação e a conformação da sociedade pelas redes digitais. Para ele, a modulação vai se organizar com a oferta de opções de conteúdo e diferentes alcances, são as orientações dentro das possibilidades de ação dos usuários com um controle de escolhas e por onde e como interagir, é a forma como as plataformas organizam e controlam o ambiente da interação social pela sua arquitetura informacional com o objetivo de alcançar mais consumo e permanência dos sujeitos em suas capturas de dados. Ainda, a modulação vai refletir na forma em que os conteúdos chegam aos usuários e como estes tem o espaço de compartilhamento, interação e mesmo compreensão das informações que a eles são permitidas chegar, o que vai refletir também como a crise da democracia tem sido alimentada pelas infraestruturas disponíveis de rede.

As plataformas de mídias sociais e a lógica algorítmica trazem enquadramentos e modulações das práticas sociais nela possíveis. Assim, de acordo com Silveira (2019), deve-se apontar que:

Algoritmos nunca estão sós. Fazem parte de uma rede de actantes. Para compreendê-los precisamos buscar suas conexões com as estruturas de dados que os alimentam e os sistemas que os implementam. Algoritmos são rotinas finitas e logicamente encadeadas que realizam tarefas a partir de informações que recebem. Atualmente, quando falamos de *big data* estamos tratando de tecnologias que utilizam algoritmos para manipular grande quantidade de dados. (p. 11)

A crescente interconexão de processos comunicativos, mediados por algoritmos que transformam esses processos em dados passíveis de comercialização e utilização pela datificação, estabelece a base para o surgimento do controle e modulação das plataformas. Os algoritmos desempenham um papel crucial na gestão das interações nas redes sociais, exercendo a capacidade de destacar ou ocultar publicações e hashtags específicas, apoiados por bancos de dados, informações coletadas e, primordialmente, por programações e ações predefinidas por agentes humanos.

A transição da sociedade em rede para uma sociedade de plataforma reconfigura o papel

das redes sociais digitais no tecido cotidiano da sociedade. Anteriormente percebidas como meios de estabelecer ou reforçar laços sociais, essas redes agora parecem funcionar como veículos para legitimar interações e para a participação em grupos coletivos. A reflexão sobre mobilizações coletivas deve considerar o uso da arquitetura da informação e reconhecer que o espaço proporcionado aos cidadãos é moldado por algoritmos capazes de monitorar, coletar e direcionar a participação dos usuários dentro de conexões predefinidas.

As lógicas operadas pelos algoritmos são orientadas para manter os usuários engajados e ativos nas plataformas, levando a uma reconfiguração das opções e caminhos disponíveis. Isso resulta em uma modelagem da lógica das redes sob a forma de um modelo de negócios, no qual o valor é derivado do fluxo de dados. Sob essa perspectiva, publicações, páginas e perfis que geram maior interação, mesmo que negativa ou polarizada, ganham visibilidade e importância, assumindo um papel central e essencial. As conexões nas interações precisam se inserir na dinâmica das plataformas, buscando aumentar sua importância, ou seja, visibilidade e interação, como evidenciado pelo caso deste estudo em que um grupo no *Facebook* se apropriou da plataforma para promover uma mobilização contra um candidato presidencial.

Dessa maneira, uma abordagem contextual torna-se essencial, considerando as dimensões sociais, técnicas e históricas. É necessário discutir como o *big data*, a comunicação e os algoritmos constroem relações em um ambiente não neutro. Os dados e rastros dos participantes na rede não são simples dados brutos, dos quais deduções objetivas seriam possíveis sem explorar os complexos envolvidos em cada processo de comunicação. Essa relação mediada e instrumentalizada é, acima de tudo, moldada por atores humanos. Segundo Canclini (2019), os algoritmos submetem gostos e pensamentos íntimos, além de rastrear e utilizar nossos dados de maneira que escapa ao nosso controle. Isso resulta em uma economia de trabalho marcada pela opacidade dos algoritmos e pela falta de transparência no uso de nossos dados, gerando uma relação de trabalho assimétrica e desigual que lança questionamentos sobre nossa capacidade de atuar como cidadãos.

A plataforma da web, de acordo com Anne Helmond (2019) e José Van Dijck (2016, 2018), contextualiza o motivo de que os estudos críticos em internet devem perceber as mudanças ocorridas no decorrer do tempo pelos usos, apropriações e estruturas de rede, aborda como a modificação e adequação pela interação em busca de lucro de uso de dados, há um capitalismo de dados e a presença dos usuários em permanente conexão com grandes empresas dominantes das mídias, nas quais ocorrem as práticas sociais na internet é essencial para a manutenção das plataformas. Para isso, a construção algorítmica modula e conduz pela sua gramati-

zação caminhos possíveis em busca da permanência e acesso de maior número possível de usuários.

4.3 A PLATAFORMIZAÇÃO DA WEB – MODELO DE NEGÓCIOS E *AFFORDANCES*

As práticas sociais que acontecem nas plataformas precisam fazer uso da infraestrutura disponibilizada pela rede, as relações de interação acontecem entre atores sociais, como os nós, nessa teia estrutural, elaborada e desenvolvida por uma empresa. Para compreender este cenário. Anne Helmond (2019), explica como os sites de redes sociais passam tornam-se plataformas em benefício de um modelo de negócios. A plataforma da web é sobre como essa diferente infraestrutura passa a integrar outros sites e aplicativos, com a motivação desses novos usos ampliarem a capacidade e base de banco de dados por parte das mídias sociais. Podemos, a partir da autora, de D’Andrea (2020) e de Van Dijck, Poell e Wall (2018) compreender que mudança dos usos dos sites para a plataforma estão fundamentadas na programação de infraestrutura que reflete um modelo de negócios dessas mídias, com as APIs, e o fluxo de dados (com isso os grandes bancos de dados) e na sua modularização.

Para Van Dijck, Poell e Wall (2018) a plataforma é uma arquitetura programável e projetada para organizar as interações entre usuários.

É voltado para a coleta sistemática, processamento algorítmico, circulação e monetização de dados do usuário. As plataformas únicas não podem ser vistas separadas umas das outras, mas evoluem no contexto de um ambiente online que é estruturado por sua própria lógica. Um “ecossistema de plataforma” é um conjunto de plataformas em rede, governadas por um conjunto particular de mecanismos que moldam as práticas cotidianas. ⁸(p.4)

Em seu artigo sobre a política das plataformas, Gillespie (2010) desenvolve sobre o termo plataforma a partir de conotações do termo e trata sobre como o uso desse termo se apoia e tematiza sobre como chegar a um modelo de negócio. Para o autor, plataformas podem ser assim chamadas pois permitem e oferecem uma oportunidade de comunicar, interagir e vender.

Esse posicionamento discursivo depende de termos e ideias que são específicos o suficiente para significar algo e vagos o suficiente para funcionar em vários locais para vários públicos. Chamar o serviço online de uma plataforma não é uma afirmação sem sentido, nem é simples. Como outras metáforas estruturais (pense em “rede”, “transmissão” ou “canal”), o termo depende de uma riqueza semântica que, embora

⁸ *It is geared toward the systematic collection, algorithmic processing, circulation, and monetization of user data. Single platforms cannot be seen apart from each other but evolve in the context of an online setting that is structured by its own logic. A “platform ecosystem” is an assemblage of networked platforms, governed by a particular set of mechanisms that shapes everyday practices*

*possa passar despercebida pelo ouvinte casual ou mesmo pelo falante, dá ao termo ressonância discursiva*⁹. (GILLESPIE, 2010, p. 349)

Assim, a primeira forma apresentada é sobre o sentido computacional no qual o autor explica a plataforma enquanto uma infraestrutura que tem o design e o uso de certos aplicativos que podem ser desde sistemas operacionais até jogos, como também o termo funciona para descrever ambientes que permitem aos seus usuários projetos e implantar aplicativos, como no caso das APIs¹⁰. No sentido arquitetônico, a plataforma é usada para falar de estruturas físicas ou construídas que são dedicadas a um uso específico. No uso figurativo da palavra como um fundamento base para uma ação, como uma posição e condição para alcançar algo, para uma oportunidade ou ação. No seu uso político, plataforma que começaram a ser usadas como estrutura material passam a significar um tipo de neutralidade, mas como uma posição a ser tomada. E é nessa correlação na forma de entender o termo que como um uso de tecnologia ligado ao modelo de negócio das empresas, que modulam pela técnica, pelo uso e oportunidades oferecidas.

Não se trata de atribuir aos artefatos tecnológicos o poder de controlar as práticas contemporâneas, mas sim de reconhecer que, em suas lógicas materiais e econômicas, uma plataforma como o *Facebook* influi decisivamente no modo como compreendemos e gerimos nossas relações interpessoais, profissionais, com a vizinhança etc. (D'ANDREA, 2020, p.17)

Para o autor, as lógicas de interação e conexão potencializam uma estratégia para que usuários e desenvolvedores terceiros deixem seus rastros, os dados que ficam e são utilizados sobretudo de maneira comercial. E, por isso, ao utilizar o termo rede social acaba-se excluindo a dimensão que envolvem os aspectos materiais, econômicos e políticos presentes nas relações das plataformas.

Assim, ao falarmos sobre as plataformas de mídias sociais, estamos situando sobre uma nova fase da web de plataformização que muda o modelo de infraestrutura e econômico e como isso tem consequências nos seus modos de usos e interações possíveis. De acordo com Helmond (2019), trata-se de um esforço das plataformas de tornar os dados da web prontos para serem

⁹ *This discursive positioning depends on terms and ideas that are specific enough to mean something, and vague enough to work across multiple venues for multiple audiences. To call one's online service a platform is not a meaningless claim, nor is it a simple one. Like other structural metaphors (think 'network', 'broadcast' or 'channel') the term depends on a semantic richness that, though it may go unnoticed by the casual listener or even the speaker, gives the term discursive resonance E.*

¹⁰ Application Programming Interface. As APIs funcionam como uma programação de ligação e formato aberto para conectar diferentes aplicações, softwares e plataformas, são capazes de proporcionar a integração entre sistemas.

programáveis dentro delas, na qual há uma mudança na arquitetura da tecnologia e dos algoritmos para que considere suas especificações. Este modelo arquitetônico, baseia-se em uma abertura em sua interface de software pela Programação de aplicações (*API*¹⁰) para que outras e maior volume de empresas disponibilizem serviços e opções de usos e os dados passam a configurar canais de fluxos entre as plataformas e terceiros softwares ou aplicativos que se agreguem ao sistema, amplifica a coleta de dados.

Nesta perspectiva, Helmond (2019) salienta que a plataformização é um duplo processo pela expansão das mídias sociais na web “descentralização de recursos de plataforma e recentralização de dados prontos para plataforma” (p.88), e que ao mesmo tempo que os dados da *web* são preparados para serem usados pelas plataformas, essas também se preparam para usá-los em aplicativos da plataforma. Não são mais as redes sociais em si que estamos falando e sim de uma complexidade maior, que envolve de acordo com Gillespie (2010), Helmond (2019) e D’Andrea (2018), as plataformas por meio de suas APIs e novas aberturas para trazer para seu sistema outras aplicações e dado que, modificam as dimensões tanto estrutural, econômica quanto política de seu funcionamento que refletem na sociabilidade.

Ainda, devemos destacar a não transparência dos usos dos dados, como aborda Pasquale (2015) sobre a caixa preta dos algoritmos, na qual não temos acesso ao que está coletado dos nossos dados e em como estes passam a ser um capital com valor, os limites entre domínio do que é privado ou público é borrado, confundem-se as apropriações sobre os usos e vestígios dos indivíduos nas redes que geram lucro e modulam as relações. A não neutralidade impacta na maneira que os usuários podem controlar e influenciar na datificação e comoditização desses vestígios. As plataformas modificam os usos da web e tornam os sites de redes sociais como mídias de interação entre usuários, vendas e com a valoração de sua *big data*, como uma lógica movida pelo modelo de negócio. Para isso fazem uso das APIs, do fluxo de dados e modularização, incluindo as *affordances*.

A aplicabilidade das *affordances* nas plataformas se dá sobre a maneira que os participantes fazem uso das possibilidades de caminhos disponíveis dentro da programação nos seus usos da plataforma de mídia social, portanto, as *affordances* são as possibilidades de ação dentro da infraestrutura disponibilizada na plataforma, de acordo com D’Andrea (2020b). Elas vão ser construídas na interface, nas relações entre o uso e a efetividade das gramáticas do meio. Relacionam-se com as formas em que as sujeitas tomam suas ações no *Facebook* e como estas podem ser modularizadas pelos recursos que são padronizados dentro dos usos do grupo, como por exemplo, a forma em que os comentários são exibidos e colocados em níveis de importância numa publicação ou as maneiras disponíveis de reagir a ela. O que podemos ver também em

práticas de resistência durante o ataque ao grupo, mesmo com as limitações dos usos, as participantes do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) buscaram formas de ocupar os espaços com o uso de “copia e cola de #elenão” nas publicações e comentários.

A primeira característica que envolve a plataformação que são as *APIs* (*Application Programming Interface*) que são as interfaces de programação de aplicação. Significa que com esta proposta de modelo de infraestrutura há a possibilidade de programabilidade de interfaces técnicas que podem colocar em interação diferentes aplicativos como, por exemplo, um plugin social que é quando se usa um aplicativo de corridas e faz uma publicação dos seus resultados no *Facebook* ou *Instagram* demonstrando sua atividade. Nessa participação, os dois programas possuem troca e coleta de dados em espaços de interação. D’Andrea (2020b), explica que a *API* é quem dá a permissão de componentes de um software em interação com outro possa fazer uso de dados a um servidor, há uma padronização de procedimentos da forma como essas trocas de informações devem ser feitas, o que por sua vez vai oferecer aos desenvolvedores e usuários externos possam ter acesso a uma parte específica de dados presentes nas plataformas. E, acrescenta-se que “a integração via plugins sociais pontual possibilita um intenso fluxo de troca de dados moldado pela arquitetura – e pelos interesses comerciais – das plataformas” (D’ANDREA, 2020b, p. 30). Na web como plataforma, são oferecidas interfaces diferentes uma que é voltada para o consumo da pessoa (o que vemos quando acessamos *Facebook.com*) e outro para o consumo das máquinas (como os códigos disponíveis em <https://developers.facebook.com/docs/>).

O que nos leva a registrar que os sites de redes sociais como antes eram chamados por Boyd e Elisson, Recuero e Castells devem ser vistos enquanto plataformas a partir do momento em que disponibilizam espaço de programação e troca de fluxo de dados. Seguindo o artigo de Anne Helmond (2019) temos diferentes níveis de apresentação das *APIs*. No nível 1 (*API* de acesso) os desenvolvedores que são externos têm espaço apenas para acessar parte de dados a partir de solicitações que são operações específicas para uma determinada tarefa como ler e escrever dados, é um tipo de acesso que fica apenas nas bordas do que há dentro do sistema principal e o código desses aplicativos terceiros continua sem fazer parte principal da plataforma, não podem reprogramar a plataforma. É uma forma de expandir as plataformas além de seus limites. De nível 2 temos a *API Plugin*, que abrem mais possibilidades pois por meio desta os desenvolvedores conseguem trazer novas funções (plugins) ao sistema maior e carregar e usar seus aplicativos no ambiente da plataforma. A *API* de nível 3 é a chamada de ambiente de execução (*Runtime Environment*), seu funcionamento se aproxima se dá como um sistema ope-

racional. Para que um determinado aplicativo funcione nesse nível, ele utiliza desse mesmo sistema operacional disponível e tem acesso ao servidor de execução da própria plataforma.

Sobre o *fluxo de dados*, temos a importância das bases de dados geradas e negociadas dentro e por meio dos usos das plataformas, compreendemos que com as mudanças nos tipos de programação até as atuais se chega a uma linguagem que tem como fundamento transmitir, automatizar coletas e aplicar os usos dos dados por meio de XML (de *Extensible Markup Language* – um tipo de linguagem que trabalha com marcação e conjunto de regras para codificar). Os dados então passam a ser base de um sistema de fluxos de informação e codificação que podem hierarquizar, criar e adaptar regras, gerando um conteúdo dinâmico, mas fundamentado em escolhas que podem ser ranqueadoras das alternativas oferecidas. Segundo Liu (2018) *apud* Helmond (2019) “Minhas presentes observações a respeito dos “fluxos de dados” se aplicam, com ainda mais força, à web 2.0, onde conteúdos produzidos por usuários fluem tanto para dentro quanto para fora de bancos de dados (*back-end databases*), por meio de páginas web “modelo” (*template*)” (p.320) e cita o exemplo do *OpenGraph* do *Facebook* que vai estrutura o fluxo de dados e seus aplicativos salientando que não há intermediação neutra pela plataforma, pois estas formatam como as informações utilizam a arquitetura proposta de acordo com determinadas lógicas.

Assim, chegamos a outra característica da plataformização que passa pela *modularização* dos usos dos sistemas disponíveis, que se baseiam em suas *affordances* (caminhos possíveis da plataforma). D’Andrea (2020) apresenta as ações gramatizadas, nas quais as plataformas buscam criar padrões de ações disponíveis para que facilite o processo de armazenar e fazer o fluxo de dados seguir uma lógica de negociação “Uma compreensão mais articulada das *affordances* de uma plataforma permite também que práticas de ativismo político sejam planejadas com base nas limitações e possibilidades percebidas e compartilhadas entre usuários” (p.52). Como até mesmo a escolha de usar uma *hashtag* na busca por conseguir visibilidade e engajamento em torno de alguma ação em rede coletiva, é uma maneira de fazer uso das possibilidades disponibilizadas para interação ou quando tivemos as reações em publicações entre as possibilidades para marcar concordância ou insatisfação com posicionamento. São as funcionalidades que as plataformas colocam à disposição de seus usuários e desenvolvedores que foram construídas pensando além do engajamento como as possibilidades de usos das bases de dados.

A plataformização da *web*, faz das mídias sociais um espaço de relacionamento dentro de uma infraestrutura que com seu tem próprio conjunto de regras de atividade, a técnica que envolve desde a construção dos algoritmos, ao fluxo e captação de dados, faz parte do cenário constituinte e que, inclusive, modula as interações em seu uso. Como no caso desta pesquisa,

na qual, a mobilização do *#elenão* inicia e ganha força dentro do uso da plataforma *Facebook*, em seu espaço disponibilizado como grupo, no qual temos as sujeitas que buscam visibilidade e engajamento no objetivo de não eleger Jair Bolsonaro em 2018.

No contexto das mídias sociais, a recomendação de conteúdo emerge como a base que sustenta as plataformas. Anualmente, o *Facebook* tem implementado mudanças em seus algoritmos, as quais têm impactado diretamente a visibilidade das publicações dos usuários em suas linhas do tempo, também conhecidas como *feeds*. Com o propósito de construir um método de modulação para os participantes da plataforma, o *Facebook* se valia do *Edgerank*. Por meio do *Edgerank*, a plataforma seleciona quais publicações devem ser priorizadas para cada perfil com base em interações e preferências do usuário.

O *EdgeRank* foi um algoritmo desenvolvido pelo *Facebook* para determinar quais postagens e conteúdo aparecem no *feed* de notícias dos usuários. E não é mais utilizado desde *Facebook* desde 2011, no entanto, desempenhou um papel fundamental na ordenação do conteúdo exibido aos usuários em suas linhas do tempo. O *EdgeRank* levava em consideração três principais fatores para determinar a relevância de uma postagem e, conseqüentemente, se ela seria exibida para um determinado usuário: a Afinidade (*Affinity*), que avaliava a relação e a interação entre o usuário e o criador da postagem. Quanto mais o usuário interagiu com o perfil ou página que fez a postagem, maior era a afinidade entre eles e maior a probabilidade de o conteúdo ser exibido, o Peso da Postagem (*Weight*): Cada tipo de postagem (texto, foto, vídeo, link compartilhado) tinha um peso diferente atribuído a ele e o tempo (*Time Decay*): Quanto mais recente fosse a postagem, maior a probabilidade de ela ser exibida no *feed* de notícias. E assim, era calculada uma pontuação para cada postagem e as postagens com as pontuações mais altas eram entregues no *feed* de usuário. Isso significava que o conteúdo que o algoritmo considerava mais relevante e com maior probabilidade de engajamento tinha uma chance maior de ser visto pelos usuários.

É importante observar que o *EdgeRank* foi substituído por algoritmos mais sofisticados e complexos ao longo dos anos, à medida que o *Facebook* refinava suas técnicas de modulação e personalização de conteúdo. No entanto, a ideia fundamental por trás do *EdgeRank* - ou seja, a avaliação da relevância do conteúdo com base em interações passadas, tipo de conteúdo e tempo - ainda influencia as práticas atuais de classificação de conteúdo nas redes sociais.

O *Facebook* começou a evoluir e aprimorar seus algoritmos de classificação de conteúdo, incorporando diversos fatores para criar uma experiência de *feed* de notícias mais personalizada. Os algoritmos subsequentes que substituíram o *EdgeRank* envolvem algoritmos de: Classificação de *Feed*, o que leva em consideração uma variedade de sinais, como a interação

passada do usuário com determinados tipos de postagens (curtidas, comentários, compartilhamentos), o tipo de conteúdo (texto, vídeo, imagem), a relevância do conteúdo para o usuário, entre outros fatores, de Ranking de Engajamento, prioriza as postagens que geram mais engajamento, como comentários e interações significativas, em vez de apenas curtidas, de priorização de Amigos e Família, em 2018¹¹, o *Facebook* anunciou uma atualização importante em seu algoritmo que priorizava postagens de amigos e familiares em relação ao conteúdo de páginas e marcas. Essa mudança teve como objetivo fortalecer os laços sociais e aumentar a relevância das conexões pessoais no *feed* de notícias, de Descoberta de Conteúdo, em que a plataforma *Facebook* passa a ter algoritmos que visam apresentar aos usuários conteúdo relevante, mesmo que não esteja necessariamente em seu círculo de amigos ou páginas que eles sigam e o uso do Aprendizado de Máquina e Inteligência Artificial, para melhor entender as preferências e comportamentos dos usuários, ajustando o *feed* de notícias de maneira dinâmica e personalizada.

Essa mudança reflete a constante evolução e adaptação dos algoritmos de modulação das plataformas de mídias sociais. O *Facebook*, como muitas outras redes, está em um contínuo processo de ajuste para atender às expectativas e demandas dos usuários. No entanto, isso também nos convida a questionar como tais mudanças afetam o conteúdo que consumimos, a diversidade de perspectivas que encontramos e até mesmo a nossa própria percepção da realidade, que pode ser moldada pelas escolhas algorítmicas.

Portanto, ao analisar criticamente a recomendação de conteúdo no *Facebook* e suas implicações, somos instados a examinar não apenas os aspectos técnicos dos algoritmos, mas também os efeitos mais amplos que essas modulações algorítmicas podem exercer sobre nossa experiência online e, por extensão, em nossa compreensão do mundo ao nosso redor.

Os dados se tornam mensuráveis, são armazenados e vendidos de maneira que as práticas sociais e o uso da programação dessas plataformas faz com que os conteúdos recebidos, com mais visibilidade também podem ser personalizados como para anúncios ou com caminhos de modularizar as reações com o objetivo de que as atividades que resultam dessas práticas sociais continuem alimentando a engrenagem de mais dados, mais tempo dedicado e importância desses sistemas no cotidiano.

Para Helmond (2019) essa compartimentalização faz com que os conteúdos presentes na internet fiquem disponíveis para o consumo de máquina e permite que as interações (e seus

¹¹ “Nossa próxima atualização sobre nosso foco de 2018 é garantir que o Facebook não seja apenas divertido, mas também bom para o seu bem-estar e para a sociedade...Estamos fazendo uma série de atualizações para mostrar notícias confiáveis e de alta qualidade. Na semana passada, fizemos uma atualização para mostrar mais notícias de fontes amplamente confiáveis em nossa comunidade. Hoje nossa próxima atualização é promover notícias de fontes locais.” Disponível em: <https://www.facebook.com/zuck/posts/10104493997365051?pnref=story>

dados gerados) circulem pelos elementos pré-estruturados. Essa complexificação no uso e compreensão da capacidade das plataformas que passam a ter como norte um *modelo de negócios*, concorda com Van Dijck e a percepção sobre a sociedade de plataformas, nas quais as conectividades são fundamentais para as práticas sociais e influenciam todo o funcionamento em sociedade.

4.4 MODULAÇÃO NAS PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS

Pensar na modulação das plataformas de mídias sociais envolve, conforme apontado por Silveira (2018), a captação e o armazenamento de dados destinados ao processamento e à mineração. Nesse processo, as empresas constroem conjuntos de perfis semelhantes, os quais servem de base para os mecanismos de modulação. Após a etapa de coleta e armazenamento dos dados, as empresas constituem amostras de perfis afins que alimentam os dispositivos de modulação.

O que eles fazem? A partir dos gostos, do temperamento, das necessidades, das possibilidades financeiras, do nível educacional, entre outras sínteses, as empresas oferecem caminhos, soluções, definições, produtos e serviços para suas amostras, ou seja, para um conjunto potencial de consumidores que tiveram seus dados tratados e analisados. O sucesso da modulação depende da análise precisa das pessoas que serão moduladas. (SILVEIRA, 2018, p. 59)

São desenvolvidas propostas direcionadas a um conjunto potencial de consumidores, cujas informações foram submetidas a tratamento e análise. E a busca contínua por aprimoramento e aprofundamento na análise das nuances comportamentais e psicológicas dos indivíduos torna-se um diferencial competitivo para as plataformas de mídias sociais em seus modelos de negócios. Assim, quando abordamos o estudo das plataformas e sistemas algorítmicos, deparamo-nos com uma teia de decisões humanas e ações maquinais que se entrelaçam em busca de ampliar o tempo e geração de dados para as mídias sociais. Esse cenário, complexo devido aos modelos de negócio não-neutros e nem transparentes, amplia a dificuldade dessa análise. Portanto, contribuir efetivamente requer uma abordagem capaz perceber a rede de atores envolvidos na gestão desses sistemas, compreendendo seus objetivos, as dinâmicas subjacentes e as consequências resultantes das escolhas feitas, bem como a lógica subjacente que impulsiona essas inovações tecnológicas.

Para Gillespie (2018a, 2018b), a moderação de conteúdo é o essencial do serviço prestado pelas plataformas de mídias sociais, pois a moderação não constitui um aspecto complementar as atividades das plataformas, ela é essencial, constitucional e definidora. As plataformas não apenas são incapazes de sobreviver sem a moderação, mas também não podem ser consideradas ver-

dadeiras plataformas sem ela. As plataformas se apresentam como condutores de conteúdo fornecido pelos usuários, mas, de modo implícito, tomam decisões acerca do que os usuários irão ver e discutir em seus domínios. Isso se deve ao fato de que são máquinas complexas de visibilidade gerenciadas por algoritmos, na qual outorgam e organizam a visibilidade não apenas por meio de políticas, mas também por meio do design. O autor sugere que a retórica em torno da objetividade algorítmica como entidades imparciais é cuidadosamente planejada por seus executivos. A concepção de imparcialidade e objetividade atribuído ao algoritmo o status de um ator sociotécnico confiável. Essa certificação confere relevância e credibilidade aos resultados gerados pelo algoritmo, ao mesmo tempo que preserva a aparência de neutralidade do provedor diante das múltiplas avaliações conduzidas. Ao mesmo tempo em que os algoritmos operam em segundo plano, essa aparente imparcialidade alimenta a percepção de que as plataformas se mantêm neutras e isentas de qualquer viés em suas atividades.

Gillespie destaca como é tênue o equilíbrio calculado entre a moderação, os algoritmos e a apresentação de uma objetividade algorítmica. Tal combinação estratégica desempenha um papel crucial na construção da confiança dos usuários e na reputação das plataformas como facilitadoras imparciais e confiáveis da interação online. A compreensão dessas dinâmicas subjacentes é essencial para decifrar a complexa interconexão entre tecnologia, controle editorial e as expectativas dos usuários nas plataformas de mídias sociais.

Assim, as *APIs* (Interfaces de Programação de Aplicativos) desempenham um papel fundamental no funcionamento dos algoritmos de modulação em plataformas de mídias sociais. Embora as *APIs* não sejam diretamente os algoritmos em si, são elas que fornecem o meio pelo qual esses algoritmos podem acessar, processar e manipular dados para alcançar os objetivos de modulação. Elas permitem que aplicativos ou serviços externos se integrem às funcionalidades de uma plataforma maior de maneira padronizada e controlada. No contexto das plataformas de mídia social, as *APIs* são utilizadas para permitir que desenvolvedores externos criem aplicativos, ferramentas e serviços que interajam com a plataforma de forma segura e estruturada. E os algoritmos de modulação, por sua vez, dependem dos dados e informações disponibilizados pelas *APIs* para tomar decisões sobre quais conteúdos exibir, em que ordem e para quais usuários. Os dados provenientes das *APIs* ajudam os algoritmos a entender os interesses, preferências e interações dos usuários, o que possibilita a personalização e otimização das recomendações de conteúdo. Portanto, enquanto as *APIs* não são os algoritmos de modulação em si, elas fornecem a infraestrutura que permite aos algoritmos operarem de maneira eficaz. Elas são a ponte que conecta os dados e informações disponíveis nas plataformas com os processos de decisão dos algoritmos de modulação, desempenhando um papel fundamental na operação e na

influência desses algoritmos no ecossistema digital.

No portal *Facebook for Developers* abarca a documentação de referência abrangente para a plataforma do *Facebook*. Esse repositório engloba informações técnicas detalhadas sobre cada uma de suas APIs públicas e orientações sobre sua utilização e informações suplementares acerca de controle de versão, níveis de acesso e limitações. Aqui, a governança se manifesta por intermédio de uma estratégia de diversificação criteriosa e da contínua integração das diversas APIs do *Facebook*. Essa manifestação também é evidente no processo contínuo de (re)design e (re)estruturação dos componentes da API. A governança se revela igualmente nos diferentes níveis de acesso à API, segmentados em camadas, bem como nos limites de taxa, os quais regulam o acesso à API conforme diferentes perfis de usuários e estipulam a quantidade de requisições de API (dados) que podem ser efetuadas dentro de um intervalo de tempo específico.

Quando consideramos o impacto que plataformas como o *Facebook* exercem sobre seus ecossistemas, torna-se imperativo analisar as implicações para todas as partes envolvidas. Notamos que o *Facebook*, não somente molda sua própria trajetória de desenvolvimento (conforme exemplificado por Helmond), mas também influencia e orquestra a evolução de seu ecossistema por meio de escolhas de design, governança e estratégia de API. Esse nível de influência é possível devido ao fato de que as APIs representam arranjos complexos de governança. É justamente por meio desses arranjos que as plataformas conseguem delinear, modelar e ajustar as condições materiais para o desenvolvimento de seu ecossistema, tais como o desenvolvimento de aplicativos por indivíduos, profissionais de marketing e anunciantes. Essas condições, têm um impacto direto naquilo que é possível construir, manter ou fomentar dentro do ecossistema. Os recursos de fronteira das plataformas desempenham um papel central nesse processo, uma vez que eles estabelecem as bases materiais para a participação e o controle no ambiente da plataforma.

A plataforma se torna um ator relevante nesse contexto, exercendo um papel de modulação ao influenciar e moldar a mobilização como o *#elenão*, principalmente no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, dentro de sua plataforma. De acordo com a Teoria Ator-Rede, proposta por Bruno Latour, os atores não são apenas seres humanos, mas também incluem objetos, instituições e tecnologias, todos interagindo em uma rede de relações complexas. Nesse contexto, o *Facebook* não é apenas uma plataforma neutra que hospeda interações humanas, mas ele mesmo se torna um ator ativo na rede, exercendo influência na forma como a mobilização se desenvolve. Assim, em uma mobilização gerada no *Facebook* temos a influência por meio de suas estruturas algorítmicas, design de interface e políticas de visibilidade. Ela se torna uma actante que contribui em que a ação se desenrola.

4.5 A PLATAFORMA *FACEBOOK*

A história da plataforma inicia em 2003, com o nome de *Facemash* e foi criada pelos estudantes: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin. Era um site voltado para mostrar imagem de estudantes e fazer avaliações, promovia enquetes sobre as fotos e após denúncias a página foi fechada pela universidade. O projeto foi remodelado e com um novo nome *Thefacebook* que já permitia uma interação entre estudantes de diferentes universidades. Em 2005, passa a usar o nome *Facebook* e foi, em 2006, que como empresa, lançou-se enquanto uma plataforma expandida no mundo corporativo, qualquer usuário maior de 13 anos poderia se inscrever e fazer uso dela.

Em 2006, o *Facebook* começa a mudança de um site de rede social para plataforma, segundo Helmond (2019), quando há a abertura para desenvolvedores. O *Facebook* concede acesso a uma parte de perfis e redes de amigos para aplicativos externos e coleta de dados. E em 2007, lança oficialmente o grafo social do *Facebook*¹², que possibilita o mapeamento dos dados para acesso de apenas alguns terceiros e com autorização para isso. Um exemplo dessa platformização. Começa a ser marcado um novo modelo que domina as redes sociais digitais, que passam a gerenciar a infraestrutura e os ganhos econômicos da internet, o que vai refletir em mudanças no nosso contexto histórico. Pois estamos falando de um tipo de espalhamento das plataformas para mídias sociais, as quais ganham e buscam agregar a maior parte de espaços onde há interação e fluxo de dados e informação dos indivíduos. Por meio de usos de aplicativos e plugins que conseguem abarcar grande parte do dia a dia das pessoas, modificando e reconfiguram o que é o uso da internet e a sociedade.

A dinâmica proposta pela plataforma desde o seu princípio é próxima ao que antes acompanhávamos em outros sites de redes sociais como o *Orkut* e as experiências de blogs, no seu início do funcionamento do *Facebook* a página inicial era alimentada como *feed* no qual publicações apareciam em ordem cronológica (mais recentes primeiros), após modificações e adaptações, essa página inicial foi adaptada aos usuários para assuntos relevantes, segundo a sua programação para cada usuário, baseada em *machine learning*. Fotos, postagens, vídeos, notícias e propagandas passam a ser mais direcionadas com base nas interações e comportamento de cada participante na plataforma. Este *feed* é alimentado continuamente, a experiência

¹² “A Graph API é a principal forma de inserir e retirar dados da plataforma do *Facebook*. Trata-se de uma API baseada em HTTP que os aplicativos podem usar para consultar dados programaticamente, publicar novas histórias, gerenciar anúncios, carregar fotos e realizar uma ampla variedade de tarefas.” Disponível em: [https:// developers.facebook.com/docs/graph-api/](https://developers.facebook.com/docs/graph-api/)

de navegação é sempre positiva e existem as opções de interação com os conteúdos desde as reações, comentários e compartilhamentos, na busca por manter o usuário conectado em sua plataforma o máximo de tempo possível.

A plataforma Facebook é apresentada pelo grupo Meta, em seu site oficial e na página inicial como:

Vamos encontrar mais coisas que nos unam.

O *Facebook* ajuda você a se conectar com amigos, familiares e comunidades de pessoas que compartilham seus interesses. Conectar-se com seus amigos e familiares e descobrir novos é fácil com recursos como Grupos, Assistir e Marketplace. (META, 2023)

Dessa maneira, apresenta-se como uma plataforma na qual os usuários podem estar fisicamente em um seu espaço local, mas pelas interações em um espaço que é global, com a possibilidade encontrar e conhecer pessoas, acompanhar perfis e páginas de atores sociais públicos, de marcas, jornais e outras empresas, instituições e até governamentais, onde há compartilhamento de conteúdo para ser consumido, compartilhado e criado. O que move o funcionamento e manutenção desta plataforma são as postagens e suas interações entre os participantes em uma rede produzida por algoritmos enquanto uma ferramenta de negócio pelo fluxo de dados. As integrações proporcionadas pelo *Facebook* incluem aplicativos desde atividades sociais como *check-ins* em locais, criação de eventos, jogos e testes que são sincronizados com empresas e até a venda com catálogos disponibilizados online.

A plataforma apresenta ferramentas e recursos disponíveis para os usuários que envolvem: as reações, que são botões localizados abaixo de cada publicação para interagir com os conteúdos postados, as reações foram modificadas e acrescentadas no decorrer dos anos. (Figura 3)

Figura 3- Reações do Facebook no decorrer dos anos



Outra ferramenta é a rede de amigos, na qual há opção construir sua rede social pelas solicitações e aprovações de amizades. Para isso, você pode encontrar e adicionar amigos, assim como aceitar solicitações de amizade, também há a opção de compartilhar conteúdos, na qual o usuário pode criar o conteúdo ou compartilhar o conteúdo de alguma publicação. Temos conjuntamente o espaço de bate-papo, o *Messenger*, que é uma ferramenta de conversação, era integrado na plataforma e desde 2014 passou a ser uma aplicação a parte. E, em 2020, passou a integrar o *Instagram* e *Facebook* no mesmo espaço de conversação. Há, também, um espaço para aplicativos de jogos dentro da própria plataforma

Os usuários podem criar eventos, que são como grupos, mas com o objetivo de divulgar e organizar um evento que pode ser público ou privado os usuários podem ser convidados, marcar sua presença e convidar outros participantes, esta foi uma ferramenta muito utilizada na construção da mobilização do dia 29 de setembro do *#elenão*, funcionava como uma central de divulgação e informações locais para a ação nas ruas.

Também existe uma forma de publicação chamada *Stories*, adiciona ao *Facebook* em 2017, que são postagens com fotos ou vídeos que ficam disponíveis por 24 horas para seus seguidores e amigos, não aparecem no *feed* de notícias e tem um campo especial na plataforma que fica no topo da página para acessar. O usuário ainda tem a opção de fazer *Check-in*: uma função que funcionava de forma mais relevante nos anos iniciais da plataforma, permite marcar o local em que o usuário está e é compartilhado em seu perfil como uma postagem. O *Facebook* criou um espaço específico para compra e venda que se chama *Marketplace*, onde se tem a descrição dos produtos e o espaço de interação para vender. Também é incluída como opção de

uso o *Facebook Watch*, um espaço que organiza uma seleção de vídeos baseados em suas preferências e de sua rede de amigos. E, destacamos, a opção de criar páginas e grupos. Os grupos funcionam como um espaço determinado para *feed* de publicações com o seu objetivo em comum.

Para fazer parte do *Facebook* é preciso criar um perfil que consiste em preencher informações que incluem: Nome e sobrenome; E-mail ou celular; Data de nascimento; Gênero; Senha de acesso e se cadastrar. Após criar um perfil pessoal no *Facebook*, é possível sua personalização preenchendo informações e preferências.

Em 2022, o *Facebook*, tem acesso mundial de 2.94 bilhões de usuários¹³, sendo que 116 milhões de usuários são brasileiros, o quarto lugar de usuários por país. E como a coleta de dados desta pesquisa ocorre em 2018, os números¹⁴ relativos a estes dados são que, no Brasil, 66% da população tinha acesso à internet e destes 62% faziam uso de mídias sociais como as plataformas. E o número de atividades de usuários se dá em 130 milhões e era o segundo aplicativo mais utilizado pelos usuários.

¹³ Dados disponíveis em <https://datareportal.com/reports/digital-2018-brazil>

¹⁴ De acordo com pesquisa em <https://datareportal.com/reports/digital-2022-july-global-statshot>

5 COMO CHEGAMOS AO #ELENÃO

Para abordarmos o tema do movimento #elenão, buscamos contextualizar os eventos que levaram a movimentos sociais e mobilizações no Brasil nos últimos anos. Desde o governo de Lula, que teve início em 2003 e se estendeu até sua reeleição em 2011, houve a inclusão de representantes de diversos movimentos em reuniões, discussões de pautas e participação em secretarias e ministérios do governo. Com a eleição da presidenta Dilma em 2011, essa abordagem de diálogo com os movimentos e sindicatos brasileiros foi mantida. Os primeiros anos do governo do Partido dos Trabalhadores foram marcados pelo crescimento do bem-estar social, incluindo o aumento real do salário-mínimo, programas de assistência e a promulgação de leis como a PEC das domésticas.

No entanto, a crise econômica mundial, que teve início em 2008, começou a manifestar seus efeitos no país, resultando em aumento da insatisfação popular e queda na popularidade da presidenta Dilma. Ocorreu em 12 capitais brasileiras, e em várias outras cidades de médio porte, uma onda de manifestações populares nas ruas, praças e avenidas. Na história do país registramos o mesmo feito apenas em três momentos: em 1992, no impeachment do ex-Presidente Collor de Melo; em 1984, no Movimento Diretas Já, no período do regime militar, em luta pelo retorno à democracia; e nos anos de 1960, nas greves e paralisações pré-Golpe Militar de 1964, e em 1968, com o movimento dos estudantes, a Passeata dos Cem Mil etc. Estima-se que cerca de dois milhões de pessoas saíram às ruas do país entre junho e agosto de 2013, em 483 municípios, para protestar na condição de cidadão indignado contra tarifa de ônibus e a qualidade de vida urbana. Os protestos rapidamente se espalharam e se transformaram em revolta popular de massa. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte e Brasília foram as cidades onde as manifestações foram mais intensas. No mês de junho, auge dos protestos, 353 cidades se envolveram, chegando a mobilizar um milhão de pessoas em um só dia (20 de junho). (GOHN, 2014, p. 09)

Para a autora, essas manifestações representam uma abordagem distinta dos movimentos sociais, caracterizada principalmente por um público jovem e escolarizado, pertencente em sua maioria às camadas médias da sociedade. Vale destacar que esses manifestantes estão interligados por meio das mídias sociais. Suas motivações são enraizadas no descontentamento e na indignação em relação à classe política e aos representantes eleitos, juntamente com os impactos das políticas econômicas vigentes.

Esse perfil e motivação das manifestações apresentam conexões com movimentos internacionais que compartilham objetivos semelhantes, como a Primavera Árabe que teve início em 2010, o movimento Praça dos Indignados (15M) ocorrido na Espanha em 2011 e o *Occupy Wall Street* em Nova York. Conforme apontado por Castells (2018), essa tendência evidencia uma ruptura no reconhecimento dos representantes e sinaliza uma crise na democracia representativa. por um turbulento processo de impeachment, denúncias de corrupção, a operação lava-jato e o impedimento da candidatura do ex-presidente Lula em 2018, devido a decisões judiciais.

A perspectiva da crise democrática, segundo Runciman (2018), torna-se evidente pelas transformações que vêm ocorrendo nos cenários eleitorais, como ilustrado pelo exemplo da presidência dos Estados Unidos mencionado pelo autor. A eleição desse líder político é interpretada como sintoma de um ambiente político mais volátil, fortemente influenciado pela desconfiança e pela intolerância, alimentado por um ciclo de “diálogos surdos que se afogam mutuamente na balbúrdia”.

A ruptura é percebida pelo esvaziamento das instituições governamentais, como uma fratura que se dá gradualmente de um modelo político de representação, a crise econômica, política e social é o ponto de desencadeamento para os sujeitos sentirem-se parte ou protegidos pelas instituições públicas. A deliberação das eleições deixa de ser sinônima de uma participação. Temos uma rejeição às lideranças políticas, cria-se um abismo entre a classe política e os cidadãos em sua coletividade.

A vinculação subjetiva entre os eleitores e os eleitos se rompe e produz uma crise política de legitimidade, visto que a ascensão da sociedade conectada em redes e o seu potencial estruturador das relações de poder pela identidade tornam os processos sociais de uma globalização em crise econômica, sociais e política, parte do aumento dos movimentos interligados à religião, a o conservadorismo e, ao mesmo tempo, à constituição de identidades que buscam afirmar ou renovar a imposição de valores específicos. Frente às crises da globalização temos uma quebra do discurso de um capitalismo neoliberal totalizante e pelo consumo. Essa crise faz ganhar forma uma nova mobilização em torno de nacionalismos como fonte de defesa e proteção de sujeitos que passam a sentirem-se não pertencentes ou devidamente representados.

Essa desilusão com os representantes, para Alonso (2019), leva para as jornadas de junho três tipos de movimentos dentro dessas manifestações. Há um campo socialista com os desiludidos com o Partido dos Trabalhadores que vai incluir os sindicatos, a CUT e o PCdoB, um outro campo autonomista, que se dá contra uma hierarquia que já fazem parte da Marcha da Maconha, Marcha das Vadias, com objetivos voltados para questões de moralidade e também os mobilizados pelas questões de renda e o terceiro, que foi ganhando mais força, foi o campo patriota que vai incluir os movimentos contrários à redistribuição, pediam por segurança e menos presença do Estado nas questões econômicas. Mas como ressalta Gohn (2014), não eram manifestações nacionalistas, havia diferentes coletivos nas ruas, era um agir coletivo e construído principalmente nas plataformas de mídias sociais.

Para Alonso e Mische (2017), o campo patriota se desenvolveu a partir das jornadas de junho, utilizando repertórios patrióticos de conflito, os quais, de acordo com as autoras, evocam sentimentos nacionalistas enraizados em significados históricos e contextuais, manifestando-se

por meio de ações preferenciais, como marchas, adoção de símbolos nacionais (hino, bandeira, cores) e a implementação de estruturas organizacionais hierárquicas.

O campo patriótico era composto majoritariamente por manifestantes sem ativismo prévio que aderiram aos protestos individualmente, convocados às ruas pelo que viam na imprensa e na internet. Suas ações eram expressivas e lúdicas, sem coordenação. Seu propósito era imediato e expressivo. Eles eram movidos por um nacionalismo vago e por um forte sentimento anti-PT, e posicionavam-se principalmente à direita do governo. Cartazes, roupas, bandeiras e pinturas faciais reviveram símbolos patrióticos dos ciclos Diretas Já e Fora Collor, ecoando os slogans deste último de oposição à corrupção e à “ética na política”. O repertório patriótico era visível no uso das cores nacionais (verde e amarelo); símbolos convencionais (bandeira e hino nacional); slogans (“o gigante despertou”, “você verá que seu filho não foge da briga”); e espaços canônicos (como a Avenida Paulista, utilizada nos antigos ciclos).¹⁵ (ALONSO; MIS-CHE, 2017, p.10)

O crescimento das manifestações de 2013 ocorreu, após uma mobilização de rua marcada pelo Movimento Passe Livre (MPL), em São Paulo, contra o aumento da tarifa de ônibus, que teve uma forte repressão policial. E, devido a essa violência desproporcional pela polícia, gerou uma massificação dos protestos. Essa adesão das multidões às manifestações, trouxe uma mudança nas demandas e objetivos de irem para as ruas, o objetivo dos protestos passou a ser difusão e entra contra tudo que representava desde a corrupção, a luta pela educação, o aumento de direitos, entre outros.

Em 21 de junho o MPL retira-se das convocações das manifestações, grupos alheios às causas iniciais do movimento promovem atos de depredações e o governo federal assume a frente de elaborar, diariamente, um rol de propostas, promessas e tentativas de acalmar os ânimos, e além disso buscar recuperar o prestígio da Presidente Dilma. (GOHN, 2014, p.20)

Em 2013, depois de junho, aconteceram mais manifestações. Mas estas tinham diferentes características, em julho teve o dia Nacional da Mobilização que foi chamado pelas centrais sindicais e no decorrer do segundo semestre do ano, elas foram perdendo força nas ruas. Os protestos foram retomados em janeiro de 2014, tendo como alvo ser contra os gastos públicos para a Copa do Mundo, “Não vai ter copa”, também foi uma ação conectiva ativado organizacionalmente pelas redes, mobilizou mais de 30 cidades no país. E, “Diferentemente de junho de 2013, elas foram convocadas por vários movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos. Em 15 de maio de 2014 houve o “Dia Internacional de Lutas Contra a Copa” (15M) que reuniu 17,5 mil

¹⁵ *The patriotic field consisted mostly of protesters without previous activism who joined the protests individually, summoned to the streets by what they saw in the press and on the internet. Their actions were expressive and playful, without coordination. Their purpose was immediate and expressive. They were moved by vague nationalism and a strong anti-PT sentiment, and stood mostly to the right of the government. Posters, clothing, flags and face painting revived patriotic symbols from the Diretas Já and Fora Collor cycles, echoing the latter's slogans of opposition to corruption and 'ethics in politics'. The patriotic repertoire was visible in its use of national colours (green and yellow); conventional symbols (the flag and national anthem); slogans ('the giant has awakened', 'you will see that your child does not run from a fight'); and canonical spaces (such as the Avenida Paulista, used in the former cycles*

manifestantes em 14 capitais do país.” (GOHN, 2014)

O ano de 2014 ficou marcado por estas mobilizações, pelo aprofundamento e divulgação sobre investigações contra corrupção nomeada como lava-jato, em um ano de eleições para presidente. Dilma Rousseff (PT) foi eleita presidenta do Brasil com 51,64% dos votos e pouca diferença de votos estavam o segundo lugar com Aécio Neves (PSDB) (48,36%), que não aceitou os resultados das eleições e com o seu partido pediram auditoria das eleições. É a primeira vez desde as eleições diretas que o candidato derrotado não aceitava o resultado.

No final de 2015, iniciou o processo de impeachment de Dilma como presidente, pelo presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, responsável por aceita e dar continuidade pelo pedido feito por juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Foram 273 dias de processo, que encerrou em 31 de agosto de 2016, quando a presidenta teve seu mandato cassado e perdeu os direitos políticos.

Em 2016, tivemos protestos¹⁶, a condução coercitiva de Lula¹⁷, junto com a decisão de Dilma na tentativa de torná-lo ministro da Casa Civil¹⁸ e a aprovação pela Câmara de Deputados pela abertura do processo de impeachment da Presidenta. E durante o processo de aprovação que foi transmitido por muitos canais, tivemos um desfile de diferentes discursos, mas que ganhou destaque o Deputado Federal Jair Bolsonaro, por trazer o nome de um torturador da ditadura. Dilma foi afastada temporariamente em maio desse ano, assumindo Michel Temer

Em agosto Michel Temer passa oficialmente para a presidência da república e com ele todas as mudanças nos aspectos sociais, políticos e econômicos. O lema do governo que antes era Pátria Educadora passa a ser Ordem e Progresso e Michel Temer passa a anunciar medidas que marcam seu posicionamento, como um grupo de ministros apenas de homens brancos, a aprovação do *teto de gastos* (corte de recursos na saúde, educação e infraestrutura) e as reformas da previdência e trabalhista, que trazem precarização para setores envolvidos na construção do bem-estar social e dos direitos dos trabalhadores.

Em 2018, foi feita a prisão¹⁹ de Lula que era primeiro colocado nas pesquisas, que se manteve candidato até que Fernando Haddad registrasse sua candidatura com o processo eleitoral já andamento. A prisão do ex-presidente Lula, determinado pelo então juiz Sérgio Moro, aconteceu ainda em abril, quando ele se entregou à Polícia Federal em São Paulo e depois foi levado para

¹⁶ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contr-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>

¹⁷ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/03/conducao-coercitiva-de-lula-provoca-polemica-nos-meios-juridicos.html>

¹⁸ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/planalto-anuncia-lula-como-novo-ministro-da-casa-civil.html>

¹⁹ <https://www.dw.com/pt-br/ap%C3%B3s-5-anos-pris%C3%A3o-de-lula-segue-como-marco-pol%C3%ADtico-e-jur%C3%ADdico/a-65253021>

Curitiba, onde ficou preso por um ano e sete meses. E a campanha eleitoral de 2018 teve alguns fatores relevantes que também influenciaram no resultado. Em 06 de setembro, o candidato Jair Bolsonaro foi atingido por uma facada no abdômen durante um comício em Minas Gerais, o agressor era Adélio Bispo, que foi preso e teve diagnóstico de transtorno delirante permanente e passou a ficar em custódio em um hospital psiquiátrico. O que refletiu no formato da campanha e na reação dos eleitores, já que o então candidato ficou internado por muitos dias e ainda demorou em poder ir às ruas, o que fortaleceu sua presença e campanha nas plataformas de mídias sociais. Outro fato relevante foi que em 11 de setembro o Partido dos Trabalhadores, oficializou a candidatura de Fernando Haddad e tendo como vice Manuela D'Ávila, antes disso o PT defendia que o ex-presidente Lula pudesse participar do pleito. Fato que foi rejeitado pelos ministros do TSE com base na Lei da Ficha Limpa. O resultado do primeiro turno das eleições levou Jair Bolsonaro que recebeu 46,03% dos votos e Fernando Haddad com 29,28% dos votos para o segundo turno. O segundo turno foi marcado pela não presença do candidato Jair Bolsonaro aos debates, fato que aconteceu pela primeira vez desde a redemocratização no país. No segundo turno das eleições, Jair Bolsonaro é eleito como presidente com 55,13% dos votos (Haddad ficou com 44,87% dos votos). Essas eleições também foram marcadas pela maior renovação no congresso e no senado, com uma mudança de 47% dos eleitos.

O presidente eleito em 2018, Jair Bolsonaro, declarou-se como representante de uma direita conservadora. Bolsonaro em sua candidatura se anunciava sempre contra o sistema político nacional, mesmo sendo deputado federal há 28 anos. Sua carreira militar inclui um curso de Academia Militar dos Agulhas Negras e de militar paraquedista, mas foi marcada por episódios conturbados, em 1986 ele envia um artigo para revista *Veja* reclamando sobre o baixo salário, em 1987 foi descoberto um plano seu para explodir bombas em protesto ao salário e em 1988 foi para a reserva como capitão. Envolto com essa polêmica, ganhou visibilidade e candidatou-se e foi eleito como vereador nesse mesmo ano. Já em 1990, foi eleito deputado federal pela primeira vez, e permaneceu (sete reeleições) até sua eleição para presidente. Jair Bolsonaro passou a ganhar visibilidade, assim como apoio, com notáveis declarações ofensivas que foram divulgadas em programas e entrevistas como o programa CQC (que era da *Band*). Exemplos de suas declarações que ganham muita repercussão incluem uma entrevista, ainda em 1999, quando questionado se fecharia o congresso caso fosse presidente, responde que

Não há menor dúvida, daria golpe no mesmo dia! Não funciona! E tenho certeza de que pelo menos 90% da população ia fazer festa, ia bater palma, porque não funciona. O Congresso, hoje em dia, não serve para nada, só vota o que o presidente quer. Se ele é a pessoa que decide, que manda, que tripudia em cima do Congresso, dê logo o golpe, parte logo para a ditadura (BOLSONARO, Jair, 1999)

Após essa fala chegou a ser ameaçado por processo de cassação, mas que não foi adiante. Também teve outras falas como “gostar de homossexual? Ninguém gosta. A gente suporta” ou ao falar em discurso que ter uma filha mulher foi uma fraquejada, em um programa de TV chamado Superpop, continua a trazer falas que envolvem o ataque a mulheres, como dizer que mulheres deveriam ganhar menor salário por engravidar, reafirmando essa posição em entrevista ao jornal Zero Hora. Bolsonaro, marca seu posicionamento e consegue ganhar mais visibilidade e alcance por meio das suas polêmicas e ofensivas falas.

5.1 ONDA CONSERVADORA NO BRASIL E O BOLSONARISMO

Para Keane (2013), a abundância comunicativa vai desencadear as disputas entre o que seria uma comunicação com liberdade e o que funciona como ataques pessoais, temos disputas que se dão pelas ferramentas de comunicação digitais, assim como estimula abordar concepções políticas. “Com mais de um milhão de novos dispositivos - computadores desktop, telefones celulares, televisores e outros gadgets - conectados todos os dias à Internet, diz-se que a revolução atual não apenas perturbou os modelos de negócios padrão, mas também gerou riqueza inesperada e mudou a vida de milhões de pessoas”²⁰ (KEANE, 2013, p.16 e 17). A mudança do paradigma comunicacional de muitos para muitos refletida pela estrutura multimodal da rede cria apropriações entre a teia informacional e a democracia, há um determinado modo de vida, uma vigilância mútua e controle. A mudança do paradigma comunicacional de muitos para muitos, refletida pela estrutura multimodal da rede, cria interações entre a teia informacional e a democracia, resultando em um modo de vida específico, vigilância mútua e controle. Devido ao que Runciman (2018) chama de revolução da informática, os termos nos quais a democracia precisa operar são alterados, e isso coincide com o esvaziamento da democracia. O crescimento e fortalecimento de conservadorismo, nacionalismos e o aumento dos movimentos sociais são beneficiados pelos efeitos dessa rede.

Mais pessoas aderem porque outras pessoas aderem: querem estar na cena da ação. Os movimentos políticos usam as redes sociais e a comunicação digital para atrair eleitores. Crescem depressa, e proporcionam um envolvimento político mais imediato e direto que o disponível nos partidos políticos convencionais. Por enquanto, parecem ser a única forma de democracia representativa capaz de dar conta das exigências da era digital (RUNCIMAN, 2018)

De acordo com Dardo e Laval (2016), ao compreendermos o neoliberalismo como uma

²⁰ *With more than a million new devices - desktop computers, mobile phones, televisions and other gadgets - hooked up each day to the Internet, the current revolution is said not only to have upset standard business models, but also to have generated unexpected wealth and changed the lives of millions of people.*

racionalidade que produz determinadas relações sociais e constrói subjetividades, percebe-se “o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos” (p.16). Parte das normativas impostas em contínuo constructo de cristalizações, assim como sujeitar os indivíduos pela competição como forma de reconhecimento, instigando uma luta econômica entre as pessoas. Por sua vez, vai ordenar o funcionamento do mercado e colocando o Estado sob este julgo. Esse remodelar é extensivo ao funcionamento do capitalismo, para que este permaneça e é estruturante da ação dos governantes e governados.

A nova onda conservadora surge em um posicionamento de defesa da liberdade. A governança baseada na liberdade caracteriza um Estado que opera dentro das regras de competição, simulando empresas para se adequar aos princípios do capitalismo. Nesse contexto, a liberdade é concedida principalmente para que as empresas não fiquem sujeitas a regulamentações que possam prejudicar seu potencial de lucro. No entanto, isso também acarreta um processo de desdemocratização mais amplo, uma vez que questiona a representatividade da democracia, esvaziando seu significado.

A liberdade circunscrita ao conservadorismo patriarcal traz consigo uma mudança na economia, reduzindo as intervenções do governo e promovendo uma concorrência neoliberal própria. “Nesse sentido, os planos de austeridade que reduzem a renda da maioria da população estão intrinsecamente ligados ao desejo de administrar as economias e as sociedades como empresas em competição global” (Dardo e Laval, 2016, p.29). No Brasil, a direita conservadora se beneficia de uma onda de antipetismo.

Dessa forma, como argumentam Borges e Vidigal (2018), o antipetismo constitui a base contextual dessa ala intolerante da direita. Sua origem, em parte, pode ser compreendida a partir de um sentimento de ressentimento com raízes sociais e de classe: a percepção de terem perdido as distinções sociais que eram promovidas pelas políticas de nivelamento social e econômico implementadas durante os governos do PT. Além disso, parte do antipetismo decorre da insatisfação de setores das camadas médias com a corrupção e o desempenho econômico abaixo das expectativas nos últimos anos.

A partir dessa onda de antipetismo, emerge uma recessão democrática, com a internet desempenhando um papel crucial na engrenagem ao atacar o Estado, que anteriormente garantia direitos humanos, além de atacar questões culturais, de gênero e religiosas que divergem do viés evangélico neopentecostal. Esse discurso é revitalizado pela ideia de meritocracia (Almeida, 2017).

Neste sentido, o bolsonarismo é aqui entendido como um fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o retorno aos “valores tradicionais” e assume uma retórica nacionalista e “patriótica”, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo. Tal visão ganhou bastante força nesta última década em várias partes do mundo, se alimentando da crise da representação e da descrença generalizada na política e nos partidos tradicionais (PINHEIRO MACHADO; FREIXO, 2019, p.11)

Podemos perceber a reflexão de Canclini de que as pessoas não frequentam as igrejas evangélicas apenas por sua fé, mas também procuram os templos evangélicos para cantar, fazer amizades e cuidar de seus filhos; em resumo, encontram um local de apoio. Contudo, os movimentos progressistas e os partidos de esquerda abandonaram essas pessoas, demonstrando preconceito. Esses movimentos de submissão consensual sustentam o crescente apoio a políticas econômicas de direita, bem como à xenofobia, ao racismo interno e a um consenso em favor da militarização da vida, resultante da ingovernabilidade social devido ao colapso econômico. Além disso, é importante perceber que o perfil de outsider e o personagem desenvolvido por Jair Bolsonaro abrangem:

Neste jogo de simulacros, a vontade de não querer se parecer com um político é uma característica comum a muitos líderes que concorreram à presidência de seus países nas últimas eleições latino-americanas. Fujimori, que não sabe caratê, se fazia fotografar durante a campanha com um quimono branco e no momento exato em que partia ao meio um tijolo com a mão direita; parecia um anjo irado, observou Beatriz Sado, um profeta, um mestre do caratê, que explorava sua fisionomia japonesa- qualquer coisa, menos um político. Carlos Menem e Fernando Collor foram filmados praticando esportes, dançando ou dialogando sobre temas frívolos com gente comum.” (CANCLINI, 2010, p.209)

Sem discursos intelectuais ou confrontos diretos e imprevisíveis com as tensões sociais. Nesta fase pós-política, em que se atua como se não houvesse conflito, surge a impressão de que a negociação não é essencial; apenas se tiram fotos, gravam-se vídeos, são transmitidos pela televisão e essas imagens são consumidas. Além disso, é perceptível que o personagem se distancia intencionalmente do estereótipo político para se apresentar como uma pessoa comum, apesar de já fazer parte do baixo clero político há muitos anos.

Conforme apontado por Nancy Fraser, o alinhamento com seus argumentos revela que a nova sociedade institucionaliza uma crescente insegurança nas condições de vida da maioria das pessoas. Nesse contexto, ocorre o enfraquecimento das proteções da seguridade social, por meio da institucionalização de formas mais precárias de trabalho assalariado, tais como terceirização, trabalho temporário e trabalho não sindicalizado, os quais são mal remunerados e desprovidos de benefícios. Como consequência, emerge uma profunda sensação de insegurança, a qual o cristianismo evangélico procura responder.

Interessantemente, o evangelicalismo não dá segurança de forma real. Na verdade, dá às pessoas um discurso e um conjunto de práticas através das quais elas podem gerir a insegurança. O evangelicalismo lhes diz: “Você é um pecador, você vai fracassar, você pode perder seu emprego, você pode beber demais, você pode ter um caso extra-conjugal, seu marido pode te abandonar, seus filhos podem usar drogas. Mas está tudo bem. Deus ainda te ama e a tua igreja te aceita”. O efeito é, em parte, transmitir aceitação, mas também preparar as pessoas para os problemas de tempos difíceis. (FRASER, 2007, p.sp)

A autora ressalta que as mudanças em andamento nos últimos anos têm levado a uma constante preocupação com a possibilidade de surgirem problemas. Nesse contexto, o evangelicalismo gera um sentimento de insegurança entre seus seguidores, mesmo quando aparenta fornecer uma forma de lidar com essa situação. Um exemplo disso pode ser observado no fato de muitas mulheres trabalhadoras nos Estados Unidos encontrarem significado por meio dessa ideologia, conferindo uma dimensão relevante às suas vidas. No entanto, as feministas não conseguiram compreender a natureza dessa dinâmica e seu funcionamento. Também enfrentamos desafios na comunicação com essas mulheres ou na determinação do que o feminismo pode oferecer a elas em troca.

Dessa forma, de acordo com Castells (2018), a crise de representação que alimenta o conservadorismo surge da interligação entre a crise de identidade e a globalização. Isso ocorre devido à menor capacidade dos indivíduos de controlar o mercado e o Estado, resultando em processos de exclusão. Assim, os indivíduos tendem a se refugiar em identidades específicas em busca de reconhecimento e representação, como uma forma de se proteger dos fluxos globais.

E aí se aninham os germes da xenofobia e da intolerância. Com a suspeita crescente de que os políticos se ocupam do mundo, mas não das pessoas. A identidade política dos cidadãos, construída a partir do Estado, vai sendo substituída por identidades culturais diversas, portadoras de sentido para além da política. (CASTELLS, 2018)

No cenário exposto, a análise de Castells (2018) oferece uma compreensão das forças subjacentes ao conservadorismo, na interseção entre a crise de representação, a crise de identidade e a globalização que desencadeia uma transformação profunda na dinâmica política e social. A perda de controle dos indivíduos sobre os âmbitos econômico e estatal os leva a enfrentar processos de exclusão, estimulando um movimento de busca por refúgio em identidades culturais mais específicas e significativas. Nesse processo, a identidade política, historicamente ancorada no Estado, cede espaço para identidades culturais multifacetadas. Esse fenômeno se manifesta como um afastamento da esfera política tradicional e uma emergência de conexões baseadas em afinidades e valores compartilhados.

5.2 GRUPO MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO

A mobilização teve início com a difusão da *hashtag* #elenão e a formação de grupos em plataformas de mídias sociais que compartilhavam um propósito comum: unir pessoas em oposição ao candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL) durante as eleições de 2018. Esse movimento representou uma marcante manifestação na história dos movimentos de mulheres, contrária ao projeto de governo e às declarações reiteradas feitas por Bolsonaro e seu candidato a vice-presidente, Hamilton Mourão. As manifestações resultantes desse movimento surgiram como resposta direta às declarações de cunho machista proferidas pelo candidato do PSL, gerando um amplo debate em torno das questões de gênero

Nesse contexto, destaca-se o papel fundamental desempenhado pelo grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB), que se tornou uma peça central na coordenação e mobilização desses esforços. O MUCB reuniu mulheres de diferentes origens e campos de atuação, proporcionando um espaço para discussões, compartilhamento de informações e articulação de ações presenciais. Com o uso das plataformas de mídias sociais, o grupo teve um impacto significativo na amplificação das vozes femininas e na sensibilização da opinião pública sobre temas críticos relacionados à igualdade de gênero e aos direitos das mulheres.

Na plataforma *Facebook*, a gramatização permite que os grupos ao serem criados devem ter pelo menos um administrador e podem ter moderadores, estas são as formas pelas quais é possível gerenciar o funcionamento do grupo. As administradoras podem: tornar outro membro administrador ou moderador, remover outro participante de administrador ou moderador, alterar foto de capa, nível de privacidade, aprovar ou negar solicitações de entrada, permitir ou negar publicações, remover publicações e comentários em publicações, remover ou bloquear pessoas no grupo. Enquanto os moderadores podem fazer as mesmas atividades de gerenciamento exceto tornar ou remover outros administradores e moderadores e gerenciar as configurações do grupo.

Os grupos podem definir qual seu nível de privacidade: públicos ou privados. Os grupos públicos podem ser encontrados com o uso da ferramenta de pesquisa dentro da plataforma *Facebook* e todo o conteúdo presente nele fica visível para o público, tem a possibilidade de monitorar os pedidos de participação. E os grupos privados que podem ou não ser encontrados na pesquisa (dependendo das opções dos administradores) e qualquer pessoa parte da plataforma pode pedir para participar, mas o conteúdo só é visível para os membros. Ainda, os grupos privados podem ser visíveis ou ocultos de acordo com a classificação, eles alteram as seguintes

características:

Figura 4- Modos de privacidade de grupos no Facebook

	Público	Privado
Quem pode ver o que os membros publicam, comentam e compartilham no grupo?	Qualquer pessoa, dentro ou fora do Facebook	Membros atuais
Quem pode ver a lista de membros do grupo?	Pessoas no Facebook	Membros atuais
Quem pode ver quem são os administradores e moderadores?	Pessoas no Facebook	Pessoas no Facebook

Fonte: Captura de tela <https://www.facebook.com/help/220336891328465>. (2021)

Figura 5- Níveis de privacidade de grupos no Facebook

	Visível	Oculto
Quem pode ver o nome do grupo?	Qualquer pessoa	Membros atuais, convidados e ex-membros
Quem pode ver a descrição do grupo?	Qualquer pessoa	Membros atuais, convidados e ex-membros
Quem pode encontrar o grupo na pesquisa e em outros locais do Facebook?	Pessoas no Facebook	Membros atuais, convidados e ex-membros
Quem pode solicitar participação?	Pessoas no Facebook	Ex-membros

Fonte: captura de tela https://www.facebook.com/help/494687427966946?helpref=faq_content | https://www.facebook.com/help/494687427966946?helpref=faq_content (2021)

Para participar de um grupo, o usuário do *Facebook* pode ser convidado, pode localizar um grupo pela busca na plataforma e pedir para fazer parte, pode ser inserido por outro usuário. Porém, dependendo das configurações deste grupo, pode ser necessário autorização para participar dele. Os membros do grupo podem: escrever uma publicação, compartilhar fotos ou vídeos, publicar um *GIF*, fazer *check-in*, marcar pessoas, criar ou marcar um evento, fazer enquete, adicionar arquivos, fazer uma transmissão ao vivo, criar uma sala, vender, organizar uma sessão de perguntas e respostas ou pedir recomendações, comentar e reagir nas publicações de outros membros do grupo.

O Grupo na plataforma *Facebook* nomeado como Mulheres Unidas Contra Bolsonaro que teve sua criação em 30 de agosto de 2018, por Ludimilla Teixeira. O grupo tem como nível de privacidade: privada e visível. Em dezembro de 2018 tinha 3.640.320 participantes, com 81 mulheres divididas entre administradoras e moderadoras. Em 04 de agosto de 2023, o grupo contava com 2.246.263 membras, com 7 administradoras e 47 moderadoras.

5.3 QUEM É A FUNDADORA DO GRUPO

Para compreender quem é Ludmilla Teixeira, iniciamos com suas próprias palavras:

Meu nome é Ludimilla Teixeira, eu sou uma mulher negra nordestina, periférica, aqui de Salvador, né? Nascida e criada em Salvador, Bahia, uma cidade que é uma das cidades mais negras fora de África, como falam, né? Uma cidade que tem uma cultura africana, de origem africana indígena muito forte. E minha origem é das periferias, daqui de Salvador. Então, eu sou uma mulher que nunca teve, assim, o privilégio de ter uma vida tranquila, acesso à educação, políticas públicas. E infelizmente isso reflete uma grande parte das mulheres no Brasil, principalmente as negras, que são maioria numérica. Mas nos espaços de poder de decisão educacionais, nós somos em minoria, nós temos acesso, pouco acesso, na verdade, à academia, à universidade, a esses espaços. Então, eu sou uma mulher que tenho atravessado em mim essas questões do machismo, do racismo, principalmente do racismo. E aí... Eu venho de uma realidade em que a gente tem que lutar, ralar muito. (TEIXEIRA, 20023)

Ludmilla Teixeira é funcionária pública do INSS, formada em Publicidade e Propaganda, e é reconhecida como propulsora do #Elenão e fundadora do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB). Desde seus anos escolares, ela está engajada na militância pelos direitos humanos e continua lutando contra o racismo, o machismo, o sexismo, a LGBTfobia e a xenofobia.

Ela fundou o MUCB com o propósito de denunciar as mentiras, ideais misóginos, xenofóbicos, que representam uma direita ultraconservadora, de Jair Bolsonaro durante sua candidatura presidencial. Após a eleição de Bolsonaro, Ludmilla passou a se posicionar como oposição, e em 2022, candidatou-se para deputada estadual pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). É importante ressaltar que ela se apresenta não apenas como a fundadora e criadora do grupo, mas também como uma participante ativa do movimento.

Ludmilla enfatiza que sua realidade é marcada por desafios e lutas constantes. Sendo uma mulher negra, ela enfrentou obstáculos como o racismo, o machismo e a falta de acesso à educação e políticas públicas. Infelizmente, essa realidade também reflete a experiência de muitas mulheres negras no Brasil, que, embora numericamente maioria, são sub-representadas nos espaços de poder e têm acesso limitado à academia e outros espaços decisórios.

Desde a infância, Ludmilla esteve envolvida em mobilizações. Sua mãe relata que ela participou de sua primeira mobilização aos nove anos de idade, quando frequentava uma escola pública com falta de cadeiras para os alunos. Essa situação é emblemática da realidade enfrentada por muitas crianças negras no Brasil, especialmente na Bahia, onde a pobreza se concentra devido ao racismo estrutural.

Ludmilla também compartilha sua experiência no ensino médio em uma escola pública, seu engajamento no movimento estudantil e sua conquista de uma bolsa para estudar Comunicação Social em uma universidade particular. Além disso, ingressou no serviço público como

servidora do INSS aos 19 anos de idade, ainda enquanto era uma jovem estudante universitária.

5.3.1 Dinâmicas do Grupo Mulheres Unidas contra Bolsonaro

Conforme Ludimilla Teixeira, em entrevista, o grupo foi criado com este nome para sinalizar um objetivo comum entre as participantes. Pois comenta que o impulsionador para isso envolve o contexto da campanha eleitoral para presidência de 2018, ao se deparar com Jair Bolsonaro candidato e com uma alta intenção de votos nas pesquisas. Sinaliza ainda que

E aí esse desespero todo da esquerda da geral e das mulheres e julho de 2018, conferência lá do PSL, né? Bolsonaro, em 25 de julho confirmado candidato à presidência. o choque. esse homem? Misógino, machista racista LGBT tudo de ruim. Esse homem não pode ser candidato. Como assim pelo amor de Deus, pelo amor de Deus a dos orixás, sei lá o quê? E aí eu comecei a conversar com algumas amigas feministas. E aí meio que a gente, ficava: Ah, como é que a gente faz para alertar a população de quem essa candidatura aí é fascista e assim.

E aí meio que a gente ficava, como é que a gente faz para alertar a população de que essa candidatura aí é fascista? E assim, a gente já falava que era fascista. Desde 2018, as mulheres já se comunicavam falando, é fascista, a gente usava o fascismo. Diziam que a gente era maluca. No Facebook, que era a rede social do momento, hoje é mais Instagram, mas o Facebook era o momento, a rede social mais utilizada no mundo. 2016. (...) Eu comecei a observar, e a Ludimilla, acho que publicitária, não a militante, começou a observar as redes sociais, o Facebook principalmente. como que o meu Facebook estava, a minha página, muitas publicações de pessoas aleatórias alertando sobre Bolsonaro, alertando sobre candidaturas desse tom, que até então no Brasil a gente nunca teve”

E aí, uma noite, eu conversando com essa minha amiga, né, a (*nome suprimido*), e aí ela fez assim... a gente podia fazer uma manifestação, né? Aí eu falei pra ela, olha, podemos usar o Facebook pra criar um evento, uma manifestação, e aí a partir desse evento a gente conversa com as mulheres, ela, beleza, vamos pensar aí durante a semana, amadurecer a ideia. Aí eu... fui dormir, consegui dormir poucas horas nessa noite. E quando eu acordei no dia 30 de agosto, na manhã, às 6h27, eu lá, no momento de reflexão, sei que você me entende, eu peguei o celular e comecei a pesquisar. Na comunicação, a gente tem muito isso. Quando a gente pensa em bolar uma campanha, um produto, um mercado novo, a gente começa a analisar os cenários. E aí eu comecei a pensar, bom, por que não um grupo no Facebook para debater política com mulheres poderia ser uma boa. Eu acho que as mulheres daqui da cidade podem gostar dessa ideia. Você vê, eu estava pensando em Salvador, o pensamento era pequeno. (...) E aí eu... Pensei que ia pesquisar no Facebook, (...) Não tem ninguém fazendo debate sério nos grupos sobre esse homem. Aí eu, por que não criar um grupo de mulheres unidas contra Bolsonaro? Pronto, criei o grupo, foi desse jeito. Criei o grupo, mulheres unidas contra Bolsonaro (TEIXEIRA, 2023)

A fundadora do grupo ainda aponta uma questão importante da escolha do nome ser sobre *Mulheres*, um grupo focado para apenas mulheres significa abrir um espaço de fala e escuta, já que em muitos movimentos, a fundadora sente que muitas vezes a mulher não tem espaço de fala e nem de reconhecimento como ativistas “só para mulheres, para não ser interrompida, para não roubarem nossa ideia, para não sofrer no machismo, pelo menos nesse grupo”. (SPIVAK, 2010)

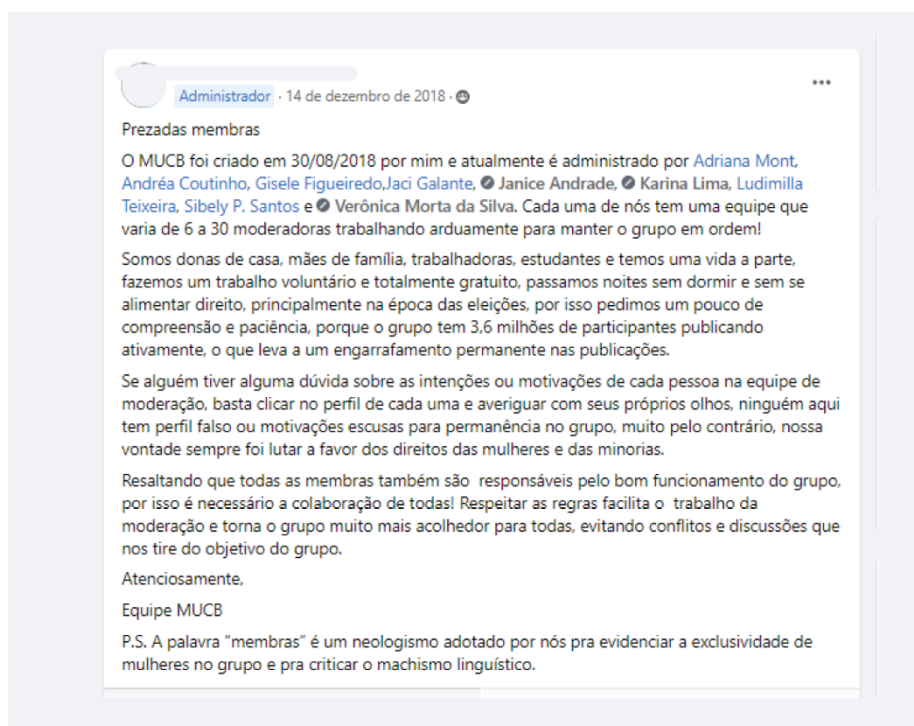
A autora Gayatri Chakravorty Spivak (2010) discute as limitações e desafios enfrentados pelo subalterno em sua busca por representação e voz dentro dos discursos dominantes. Spivak argumenta que, devido às estruturas de poder existentes, o subalterno muitas vezes é silenciado e não tem acesso aos meios de expressão e representação. Ela questiona se é possível verdadeiramente permitir que o subalterno fale dentro dessas estruturas, ou se a própria estrutura de poder os impede de serem ouvidos de maneira autêntica. Também, enfatiza que as vozes do subalterno são frequentemente interpretadas, distorcidas ou cooptadas pelos discursos dominantes, perpetuando assim a subordinação e a opressão. Spivak destaca a necessidade de uma prática crítica que vá além da simples inclusão do subalterno nos discursos dominantes, questionando as estruturas e os pressupostos que perpetuam a opressão

Tais teorias não podem deixar de considerar os dois sentidos da categoria da representação. Devem observar como a encenação do mundo em representação - sua cena de escrita, sua *Darstellung* - dissimula a escolha e a necessidade de “heróis”, procuradores paternos e agentes de poder - *Vertretung*. Na minha opinião a prática radical deve estar atenta a esse duplo sentido do termo representação, em vez de tentar reinserir o sujeito individual por meio de conceitos totalizadores de poder e de desejo. (SPIVAK, 2010 p.43)

Dessa forma, Spivak sugere que as teorias e práticas radicais devem ser sensíveis ao duplo sentido da representação, evitando a reificação de conceitos totalizadores de poder e desejo, e buscando compreender como as estruturas de representação podem reforçar as dinâmicas de poder e marginalização.

Nesse sentido, optamos por neste texto acompanhar como as participantes se nomeiam, enquanto *membras*, a administradora escreveu em uma publicação justificando este uso e chamando como um neologismo para evidenciar a exclusividade de mulheres no grupo. (Figura 6)

Figura 6- Captura de tela do grupo MUCB em 2018



Fonte: captura de tela na plataforma *Facebook*. (2019)

A descrição sobre o grupo não foi modificada desde dezembro de 2018:

Grupo OFICIAL destinado a união das mulheres de todo o Brasil (e as que moram fora do Brasil) contra o avanço e fortalecimento do machismo, misoginia, racismo, homofobia e outros tipos de preconceitos.

Acreditamos que este cenário que em princípio nos atormenta pelas ameaças as nossas conquistas e direitos é uma grande oportunidade para nos reafirmarmos enquanto seres políticos e sujeitos de direito.

Esta é uma grande oportunidade de união! De reconhecimento da nossa força! Nas últimas eleições lutamos sob o lema do #EleNao e agora seguimos unidas na resistência e enfrentamento a esse governo fascista.

O reconhecimento da força da união de nós mulheres pode direcionar o futuro deste país! Bem-vindas aquelas que se identificam com o crescimento deste movimento. (MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO, 2018)

Temos, ainda, as regras estabelecidas pelas usuárias que gerenciam o grupo MUCB. Estas receberam uma pequena modificação entre 2018 e 2022.

Figura 7- Captura de tela com as regras do grupo em 2018

Regras do grupo dos administradores		
1	O grupo é destinado para MULHERES (cis ou trans) "No âmbito dos estudos relacionados ao gênero humano, o cisgênero é a oposição do transgênero, pois este último se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído quando nasceu."	***
2	Seja simpática e gentil Precisamos nos unir para criar um ambiente acolhedor. Vamos tratar todos com respeito. Discussões saudáveis são naturais, mas seja gentil e educado(a).	***
3	Nenhum discurso de ódio ou bullying Todos devem se sentir seguros. Não serão permitidos comentários degradantes sobre raça, religião, cultura, orientação sexual ou partidária, gênero ou identidade.	***
4	Nenhuma promoção ou spam Proporcione às outras pessoas deste grupo mais do que você obtém dele. Autopromoção, post com propaganda de candidatos, spam e links irrelevantes não são permitidos.	***
5	Respeite a privacidade de todas A participação no grupo requer confiança mútua. É ótimo ter discussões autênticas e expressivas no grupo, mas elas podem ser sensíveis e privadas. O que é compartilhado no grupo deve permanecer nele.	***
6	Proibida a publicação imagens de menores de idade.	***
7	Proibida publicações de piadas. Prezamos pelas informações úteis para nossa militância política e empoderamento feminino.	***
8	Proibida a publicação pedido de curtidas pessoais. Entendemos que a união é um fator constitutivo da nossa luta, mas precisamos manter o foco das publicações em torno da formação de uma opinião crítica e combativa.	***
9	Proibido pedido de boicote a qualquer empresa, bem como o apoio. O MUCB entende que a consciência política de cada membra deve ser preservada ao invés de direcionada.	***
10	Publicações Repetidas: Cuidado Para melhor atender a todas, solicitamos que evitem o envio de notícias da imprensa tradicional que circulam rapidamente. Assim, buscamos também temas relevantes para postagens e reduzimos repetições.	***

Fonte: Captura de tela em *Facebook* (2018).

Figura 8- Captura de tela regras do Grupo em 2022



Fonte: captura de tela na plataforma *Facebook*. (2022)

A primeira regra, em 2018, explicava o que era preciso para fazer parte do grupo ser mulher, enquanto neste ano a primeira se dá sobre a privacidade e fala em confiança mútua, a mudança ocorrida na principal regra é inerente ao momento que o grupo passa, já que logo no seu início havia questionados sobre quem poderia participar, refletindo o questionamento de uma publicação sobre se o grupo aceitava mulheres trans.

Além disso, em relação à motivação do grupo ser exclusivo para mulheres, a fundadora

relata que chamaram mulheres de todas as áreas possíveis para compor a gestão do grupo. Formou-se uma equipe de voluntárias dedicadas a atuar nas redes sociais. A inspiração veio de eventos anteriores, como a campanha “Me Too” e o poder que foi observado durante a campanha contra Trump em 2016. Na verdade, o movimento Ele Não ganhou força um pouco depois, pois o grupo já estava envolvido na comunicação e nas redes sociais. Começaram a desenvolver *tuitaços*, pois perceberam que Bolsonaro tinha muita influência no Twitter. Naquela época, eles ainda não sabiam sobre o gabinete do ódio²¹ ou os robôs, essas foram descobertas ao longo dos quatro anos. Elas impulsionavam hashtags e campanhas, passaram a gerar conteúdo, produzir materiais, criar cards, vídeos, e artistas, intelectuais, políticos e pessoas de diferentes áreas começaram a se envolver porque se sentiam parte da causa. O foco era no que unia a todos, em vez de se concentrar em questões partidárias ou pessoais. Durante o primeiro turno, a mensagem era clara: “Somos contra Bolsonaro, vote em quem você quiser, desde que não seja nele. Ele não, por isso eu quero ele não.” Relata Ludimilla.

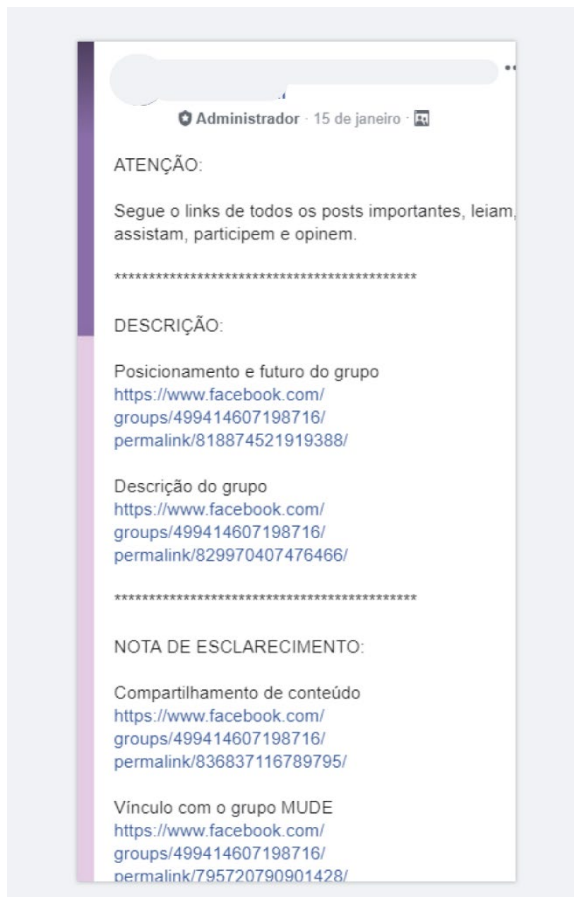
Na primeira fase do grupo, havia uma regra que proibia a publicação de pedidos pessoais de curtidas. Este era um tipo de publicação e comentário comum e frequente no início do grupo. As participantes do grupo solicitavam curtidas e comentários em suas páginas pessoais, buscando apoio em suas redes. Em 2022, uma nova regra foi adicionada que proíbe o uso de vaquinhas ou solicitações de dinheiro. Essas publicações desviavam o foco do grupo e utilizavam a credibilidade do grupo para outros propósitos. Outras regras foram mantidas ou atualizadas, como a orientação do grupo para mulheres, a oposição aos discursos de ódio e preconceitos. As responsáveis pela administração do grupo estabelecem mecanismos de controle das publicações e aplicam as regras quando necessário para remover participantes. Elas deixam claro a posição do grupo e orientam sobre o engajamento e as postagens que devem estar alinhadas com o objetivo comum, evitando o uso do espaço para outros fins.

Em janeiro de 2019, as administradoras, visando organizar o fórum do grupo para publi-

²¹ Sobre o Gabinete de ódio, temos que segundo documento oficial: “Identifica-se a atuação de uma estrutura que opera especialmente por meio de um autodenominado “gabinete do ódio: um grupo que produz conteúdos e/ou promove postagens em redes sociais atacando pessoas (alvos). [...] consistente no amplo emprego de vários canais da rede mundial de computadores, especialmente as redes sociais, com eliminação de intermediários, com as seguintes características: a) em “alto volume” e por multicanais, implicando em variedade e grande quantidade de fontes; b) de maneira rápida, contínua e repetitiva, focada na formação de uma primeira impressão duradoura no receptor, a qual gera familiaridade com a informação e, conseqüentemente, sua aceitação; c) sem compromisso com a verdade; e d) sem compromisso com a consistência do discurso ao longo do tempo (i.e., uma nova difusão pode contrariar absolutamente a anterior sem que isso gere perda de credibilidade do emissor”. Disponível em: <https://cdn.brasildefato.com.br/documents/92bf0173de34cd67df81379626a3c5b8.pdf> e também em pesquisa realizada pelo laboratório MidiaRS, disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformação-covid-midiars-2021-1.pdf>

cações e discussões, fixaram uma publicação importante que organizava os tópicos relacionados ao assunto, a fim de promover a compreensão do funcionamento do grupo e fornecer avisos gerais.

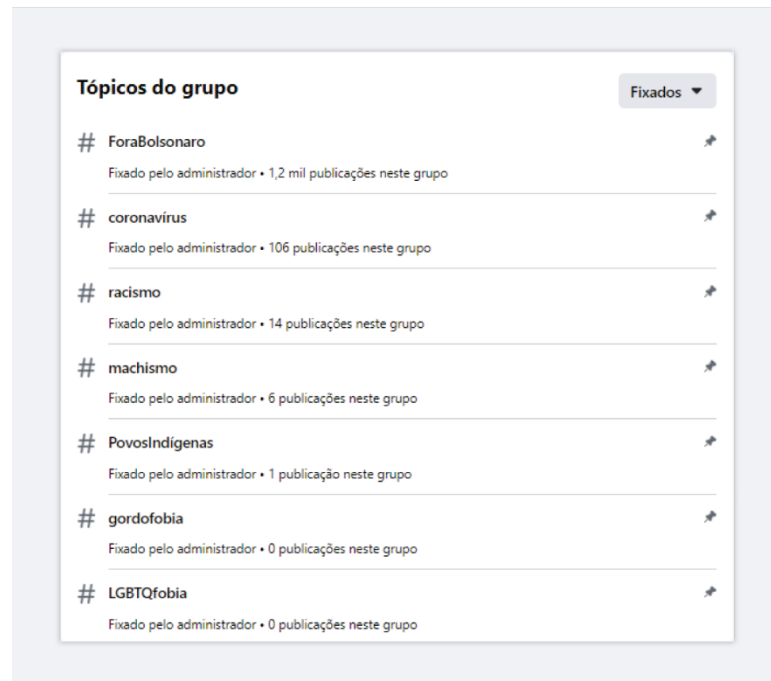
Figura 9- Captura de tela organização do grupo em 2018



Fonte: Captura de tela (2018)

Com as mudanças colocadas pela plataforma, em 2018, passou-se a ter a opção de colocar tópicos separados por temas no grupo, assim este ficou organizado:

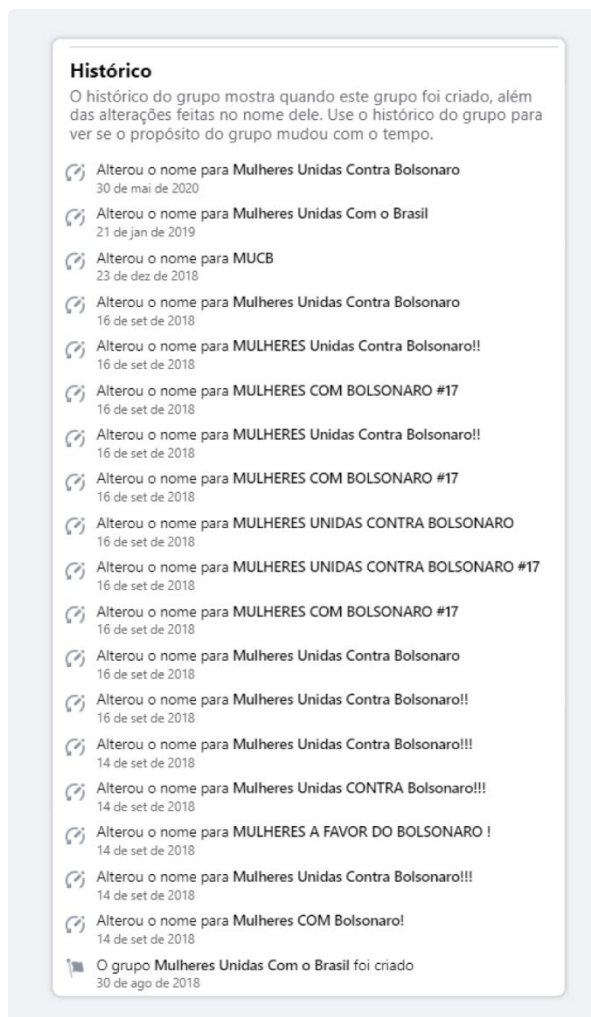
Figura 10- Captura de tela organização do grupo em 2022



Fonte: captura de tela *Facebook* (2022)

Podemos perceber pela captura de tela da Figura 10 que o uso da hashtag #foraBolsonaro é central, que se diferencia da hashtag que impulsionou o movimento #elenão. A escolha pela hashtag #foraBolsonaro está diretamente relacionada ao contexto político, marcado pelo início de um ano eleitoral em 2022. Em comparação com outros tópicos discutidos no grupo, é notório que a hashtag #foraBolsonaro é aquela que recebe maior número de publicações e interações. Isso denota que, mesmo diante da diversidade de assuntos tratados pelas membras, o objetivo comum de manifestar o desejo de afastamento do presidente é o principal fator de união e engajamento na comunidade construída no espaço da plataforma, mesmo após todas as mudanças ocorridas desde o início do grupo em 2018, seu objetivo comum ainda se mantinha.

Figura 11- Captura de tela com os nomes do grupo



Fonte: captura de tela na plataforma *Facebook*. (2021)

Ressalta-se que o grupo passou por algumas transformações e desafios ao longo do tempo. No ano de 2018, por exemplo, ocorreram alterações no nome do grupo devido à invasão de usuários durante ataques sofridos. Essas invasões trouxeram não apenas tentativas de desestabilização do grupo, mas também ataques direcionados às administradoras e moderadoras, os quais se estenderam até seus perfis pessoais. O que resultou nas mudanças de nome do grupo, conforme ilustrado na Figura 11 e foram publicados conteúdos ofensivos, o que levou a uma temporária suspensão do grupo como medida de proteção e segurança para as integrantes. É importante ressaltar que esse ataque ocorreu antes da mobilização que já estava previamente planejada para o dia 29 de setembro.

Esse tipo de ataque é conhecido como *defacement*, um termo que se refere à ação de modificar e comprometer a aparência ou integridade de algo. O ataque que resultou na alteração

do nome do grupo “Mulheres Contra Bolsonaro” para “Mulheres com Bolsonaro” gerou questionamentos e até mesmo a saída de algumas participantes do grupo. Surpreendidas com a mudança no nome e sem terem tido a oportunidade de visualizar as publicações e comentários de resistência contra a invasão, essas participantes buscaram dissociar seu perfil de algo que aparentasse apoio ao candidato. Um exemplo dessa situação é observado no acompanhamento da participação de algumas usuárias, cujas postagens passaram a ser contabilizadas como de um “ex-membro”, e não encontramos mais publicações dessas participantes após o segundo ataque ao grupo.

É importante ressaltar que, no momento da invasão do grupo e da saída de muitas membras, começaram a ser feitas publicações com o intuito de identificar espãs e invasoras dentro do grupo, resultando em um processo de exclusão de usuárias e de suas respectivas publicações.

Após o ataque sofrido pelo grupo, observaram-se mudanças no posicionamento das responsáveis pela sua administração. Regras passaram a ser estabelecidas e enfatizadas em relação às interações e publicações, evidenciando o exercício de um papel de controle e liderança por parte das administradoras e moderadoras do grupo. Além disso, por meio dos seus perfis as administradoras e a fundadora passam a demarcar visivelmente o seu papel na comunidade do MUCB.

Adicionalmente, surgiram outros grupos²², como o “Mulheres Unidas pela Democracia”, que teve início em 15 de setembro de 2018 com o nome “MULHERES CONTRA O BOLSONARO (GRUPO RESERVA PÓS INVASÃO)” e em 2022 contava com 263.161 membros. Esse grupo se posiciona como suprapartidário, destacando o valor do respeito e colocando-se acima de questões partidárias. Afirma possuir membros de diversas vertentes políticas, sendo caracterizado como um espaço democrático e contrário ao fascismo. Em sua descrição, menciona que:

Respeito. O grupo está acima de partidos. Possuímos membras de todas as vertentes políticas, somos DEMOCRÁTICAS e CONTRA o fascismo.” E na sua descrição trata de que foi criado no intuito de apoiar o movimento existente #EleNão #EleNunca de mulheres contra o Bolsonaro. Ele continua em funcionamento e com participação de usuários e publicações, o grupo fechado se coloca como um ponto de luta, debate, mas principalmente de buscar a união das mulheres.

Esses eventos destacam a resistência das membras e como o grupo se dá em forma de uma comunidade. Além disso, eles evidenciam o espaço como uma ferramenta mobilizadora de

²² Como exemplos, temos: https://www.facebook.com/groups/2174094989268264/?ref=br_rs ; <https://www.facebook.com/groups/bolsonaronaio/> ; <https://www.facebook.com/groups/2205327913074430/> ; <https://www.facebook.com/groups/mulheresunidascontraele/>

caráter político e social, capaz de trazer o engajamento e estimular debates sobre questões fundamentais para as participantes. É possível perceber que a formação do grupo se deu por meio de construções simbólicas que demarcam a existência de uma identidade coletiva (o “nós”) em oposição ao que é representado por Jair Bolsonaro e seu posicionamento de extrema-direita conservadora.

5.3.2 Dinâmicas de grupos e eventos locais

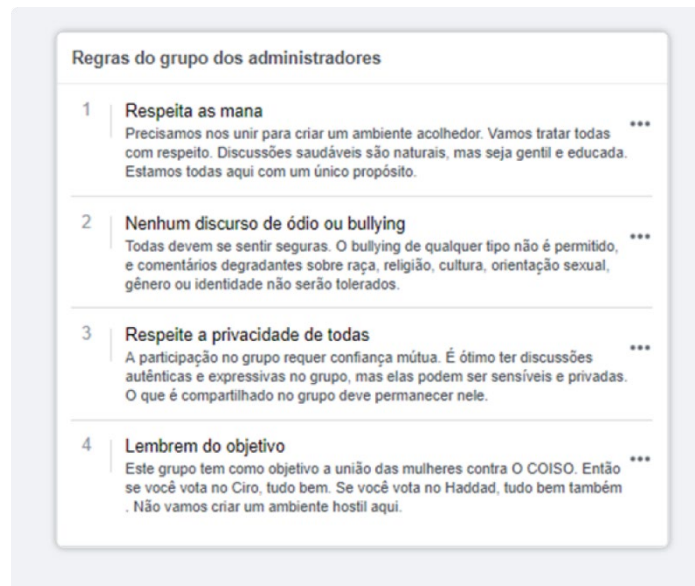
Foram estabelecidos grupos locais e regionais, divididos por estado ou cidade, com o objetivo de organizar a mobilização de forma mais direcionada de acordo com a realidade de cada região. Além disso, foram criadas páginas de eventos para marcar a mobilização que aconteceu em 29 de setembro. Um exemplo desse tipo de página é a proposta em Santa Maria, Rio Grande do Sul.

O grupo local de Santa Maria, denominado Mulheres Unidas pela Democracia Santa Maria - RS, também é um grupo fechado, com acesso restrito. Ao contrário do grupo nacional, este é um grupo oculto, o qual contava com 10.329 membros e 5 administradoras em 2018. No ano de 2022, o grupo local conta com 7.486 membros e 4 administradoras, no entanto, as atividades do grupo estão praticamente inativas. Há apenas uma publicação feita em 2022 e, em 2019, houve poucas publicações, concentradas no primeiro trimestre do ano, com poucas interações. Isso pode ser justificado pelo fato de que o grupo local serve como um suporte para a organização das atividades do grupo nacional a nível local. Essa perspectiva é evidenciada na descrição do grupo, que afirma:

O grupo tem por objetivo a união das mulheres para dizer não a eleição de Bolsonazi e se necessário for, votar em qualquer candidato no 2º turno, menos Bolsonazi. Não devemos perder o foco, independente das preferências partidárias.

O grupo enfatiza a importância de manter o foco nessa mensagem, independentemente das preferências partidárias individuais. Ao analisarmos as regras do grupo, podemos observar a força da agenda que abrange a coalizão do grupo. Há um espaço reservado para o diálogo aberto, que promove a troca de ideias e perspectivas entre as participantes. Esse espaço de abertura de diálogo permite que as mulheres compartilhem experiências, discutam questões relevantes e contribuam para fortalecer a união e a resistência contra Bolsonaro.

Figura 12- Captura de tela do grupo local



Fonte: captura de tela na plataforma *Facebook*. (2019)

O grupo local também teve modificações no seu nome, mas sempre com a marca de seu posicionamento contra o candidato Jair Bolsonaro:

Figura 13- Alterações no nome do Grupo local



Fonte: captura de tela na plataforma *Facebook*. (2019)

Enquanto na descrição do evento de Santa Maria (RS) para a mobilização do dia 29 de setembro, temos a seguinte descrição:

Em Santa Maria, assim como em diversas outras cidades pelo país, as mulheres se uniram para lutar contra o retrocesso que Jair Bolsonaro representa e fazer o dia 29 de setembro entrar para a história.

Já articulamos 2,5 MILHÕES de mulheres pelas redes sociais para dizer #EleNao e agora é o momento de sairmos às ruas e ocuparmos a cidade contra o avanço do fascismo e da intolerância.

Nossa luta é em defesa dos Direitos Humanos para todos os brasileiros. O candidato defende o Direitos apenas dos que se encaixam na sua visão limitada de mundo. Incita a violência contra quilombolas, indígenas e LGBTs.

Nossa luta é em defesa da pluralidade das famílias brasileiras. O candidato só aceita um modelo de família. Quem não encaixa, ele descarta.

Nós somos a primavera que não se detém. SOMOS AS MULHERES QUE IRÃO DEFENDER O PAÍS! Nós somos a mulheres que não nasceram de uma fraquejada, que não aceitam receber salários inferiores, que não merecem ser estupradas por motivo algum, que não aceitam ser discriminadas por GÊNERO, ETNIA, CLASSE, SEXUALIDADE OU CREDO.

Nosso ato inicia às 14 horas, na Praça Saldanha Marinho. Convidamos TODAS E TODOS QUE SE OPÕEM ÀS POLÍTICAS QUE BOLSONARO REPRESENTA A SOMAREM NAS RUAS CONOSCO.

Sobre o grupo local de Santa Maria, destaca-se a pesquisa realizada por Diosana Frigo, intitulada “*#EleNao* e eleições brasileiras de 2018: a circulação de sentidos em grupos de mulheres no *Facebook*”. Essa pesquisa faz parte do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), na linha de pesquisa de mídia e estratégias comunicacionais. O estudo concentra-se no grupo Mulheres Unidas pela Democracia Santa Maria - RS e utiliza uma abordagem centrada na circulação de sentidos, utiliza a análise das publicações e a análise semiológica dos discursos de acordo com os princípios de Verón.

Ao considerar as dinâmicas do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, juntamente com suas adaptações e características, podemos observar como as regras estabelecidas no grupo funcionam como um guia de possibilidades de participação. O papel das administradoras e moderadoras é fortalecido após os ataques sofridos pelo grupo, assumindo uma posição de liderança na sua gestão. Além disso, é importante mencionar como as funcionalidades oferecidas pela plataforma *Facebook* para a criação e manutenção de um grupo influenciam as conformidades e determinam as formas de interação aceitas entre as participantes.

No grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, é relevante mencionar que, a partir de diálogos estabelecidos com Ludimilla Teixeira, foi possível constatar sua configuração enquanto um espaço de acolhimento voltado para mulheres. Nesse contexto, são disponibilizados serviços de apoio psicossocial e suporte multiprofissional. A iniciativa visa proporcionar um ambiente acolhedor, onde as participantes possam receber auxílio em diversas áreas pertinentes aos seus pedidos. Além disso, há o intuito de desenvolver um cadastro de famílias, com o propósito de prover assistência mediante a distribuição de cestas básicas. Embora essa prática já esteja em vigor, vale salientar que sua implementação se dá de forma limitada, dependendo das contribuições pessoais de outras membros do grupo de moderadoras. Os pedidos chegam de

forma variada como em postagens, pois como estas precisam ser aprovadas, implica que o conteúdo é visualizado exclusivamente pelas moderadoras, ou em caso de mensagens pessoais direcionadas às gestoras do grupo. Quando uma mulher manifesta a necessidade de alimentos, as demais participantes contribuem financeiramente por meio de doações variadas, que podem ser de R\$10, R\$20 ou até mesmo R\$200. Os recursos arrecadados são, então, empregados na aquisição de cestas básicas, sendo prestadas contas de maneira adequada sob a supervisão de uma membra que é responsável pelas contas do grupo. Essa abordagem visa garantir que as famílias beneficiadas sejam adequadamente identificadas e atendidas. É importante ressaltar que, embora essas ações sejam valiosas, elas não são suficientes. O grupo busca não apenas promover assistencialismo, mas também buscar a implementação de políticas públicas e o respeito aos Direitos Humanos como meio de enfrentamento das problemáticas abordadas. E acrescenta que:

[...] a gente sabe que isso não é suficiente não é que a gente quer assistencialismo, a gente quer política pública a gente quer Direitos Humanos, mas até lá não pode deixar as pessoas passando fome morrendo na nossa cara, não dá Salvador tá demais Brasil tá demais e eu tô falando um sentimento que é geral e principalmente das mulheres, porque você são as mulheres que carregam o mundo nas costas (TEIXEIRA, 2023)

O funcionamento do grupo foi se modificando e após a derrota de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, há um objetivo de modificar o seu nome e iniciar a sua institucionalização. Segundo Ludimilla, o grupo passará a se denominar “Mulheres Unidas com o Brasil”, para refletir a intenção de não se limitarem a uma postura de oposição ao bolsonarismo. E, demarca que há uma busca de construir uma abordagem que englobe a cidadania, a conscientização popular, a ideologia feminista, a luta contra a discriminação de gênero e a preservação do meio ambiente. Assim como afirmar a identidade nacional e resgatar o orgulho em utilizar as cores da bandeira do Brasil, que não pertencem apenas a um determinado candidato político, mas sim à própria nação.

Porque a gente acredita que a gente está construindo também, né? A gente está construindo é cidadania, a gente está construindo conscientização Popular a gente está construindo uma ideologia feminista uma ideologia antirracista. A gente está construindo um discurso anti-LGBT fóbico, então assim o discurso pelo meio ambiente. Então a gente não quer ser sua conta e também não quer ficar só na defesa que às vezes você compra é posições de defesa, né negar a gente quer afirmar que agora e outra a gente quer se apropriar do nosso país Brasil é nosso. (TEIXEIRA, 2023)

E acrescenta que:

Porque se deixar os homens brancos domina seja nos partidos de direito ou de esquerda e é isso. É estamos nessa luta. Eu é, tô na busca de editais. Estamos hoje para o sinal, estamos fechando aqui um edital de mulheres em movimento estão tentando aí ver se a gente consegue algum apoio para ver se a gente consegue o CNPJ se a gente consegue é articular mais algumas ações. (TEIXEIRA, 2023)

Ainda, foi possível perceber que apesar de haver uma tentativa de expansão para outras plataformas, os recursos financeiros e a disponibilidade de energia são fatores limitantes para a expansão, como YouTube e Instagram, além da criação de um site próprio. É destacado o esforço conjunto por meio de vaquinhas, doações e parcerias para viabilizar as atividades.

Sobre movimentos de mulheres e movimentos feministas temos que:

A pluralidade dos feminismos brasileiros acentuou-se ao longo do tempo, aliada a formas de atuação política cada vez menos centralizadas. Por isso, Sonia Alvarez propôs que se passasse a falar em “campo(s) discursivo(s) de ação”, em vez de movimentos feministas [63]. Na fase atual do feminismo, “o racismo e a desigualdade em geral” seriam articuladores discursivos, em vez da noção enfraquecida de diversidade legada pelos anos 1990[64]. (BIROLI, 2018, p. 110)

Ainda, é mencionado que, apesar de o grupo se configurar como um movimento de mulheres contra Bolsonaro, algumas participantes manifestam resistência em se declarar feministas ou têm receio da própria palavra. Isso ocorre devido a equívocos e falta de compreensão sobre o feminismo, sendo associado, erroneamente, à aversão aos homens ou a não depilação. No entanto, é ressaltado que o grupo busca atrair mulheres que, embora não se autodenominem feministas, compartilham de objetivos relacionados à igualdade salarial, ao respeito e aos direitos sobre seus corpos. Ao ser questionada sobre o grupo não se declarar feminista, Ludimilla explica que essa escolha é estratégica, visando atrair mulheres que, por ignorância ou desinformação, não se identificam como feministas. O objetivo é apresentar conceitos de feminismo de forma gradual e sensível, de modo a desconstruir estereótipos e promover uma compreensão mais ampla e positiva do movimento. Ela destaca que o patriarcado contribui para disseminar desinformação sobre o feminismo, e a estratégia de comunicação do grupo busca enfrentar essa barreira.

Ela também menciona que ficar apenas dentro de grupos feministas pode criar uma “bolha”, onde as discussões e reflexões ocorrem apenas entre pessoas que já compartilham das mesmas ideias. Portanto, ao adotar uma abordagem mais aberta e inclusiva, o grupo tem como objetivo alcançar mulheres que estão fora dessa bolha, promovendo diálogos e despertando uma compreensão mais ampla sobre o feminismo e suas lutas. Assim, ao adotar a denominação de “Grupo Feminino” em vez de “feminista”, o objetivo é criar um espaço mais acolhedor e acessível para mulheres que ainda não se identificam com o termo, mas compartilham de objetivos e pautas relacionadas à igualdade de gênero e aos direitos das mulheres.

6 PERCURSO METODOLÓGICO E DINÂMICAS INTERACIONAIS NO MUCB

Neste capítulo, apresentamos as escolhas realizadas no percurso metodológico e como estes funcionam com o objetivo de compreender como os laços sociais constituem dentro da plataforma um espaço de representação e reconhecimento, assim como temos um espaço que constrói a mobilização a partir dessas práticas sociais no grupo Mulheres Unidas contra Bolsonaro no *Facebook*

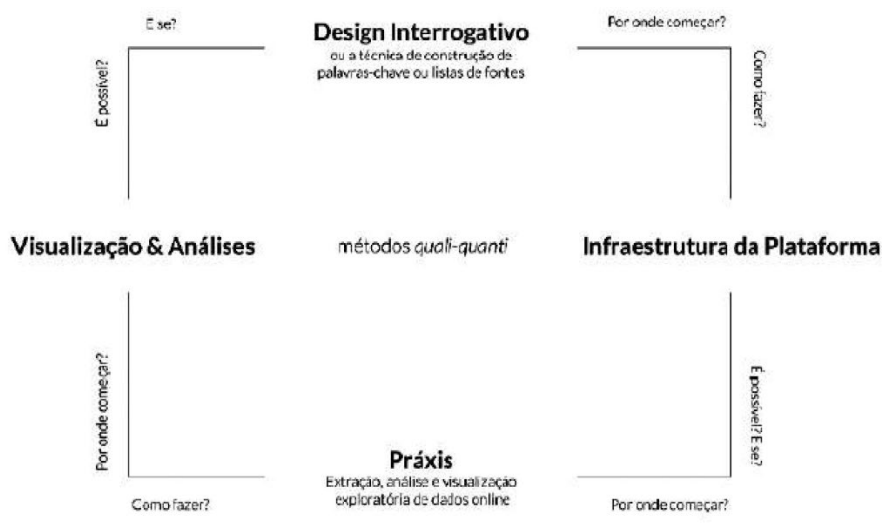
6.1 METODOLOGIA

A metodologia aqui proposta envolve os métodos digitais, conforme citado por autores como D’Andrea (2020a, 2020b), Venturini e Latour (2019) e Omena (2019). Ela faz uso dos dados coletados nas plataformas para a pesquisa e estudo das plataformas, tendo como base o meio das mídias sociais. Nesse contexto, é importante observar o tensionamento das lógicas presentes pela hegemonia dos algoritmos das empresas e como seus usos modificam as práticas sociais. Para D’Andrea (2020a), é necessário considerar três aspectos centrais sobre o uso dos dados nas pesquisas, que incluem a gramatização das ações, as políticas de acesso (o que inclui as modificações das *APIs*) e as mediações algorítmicas. Ao falarmos sobre gramatização da ação, tratamos das funcionalidades que as plataformas trazem de caminhos das interações como os botões de reações da plataforma *Facebook*, há uma normatização das possibilidades das interações, que também vai refletir na forma como os dados são minerados e analisados. Por isso, ao fazermos usos de métodos digitais precisamos considerar a não-neutralidade da arquitetura da plataforma nos resultados obtidos.

Para Venturini e Latour (2019), “Se interessar pela construção de fenômenos sociais requer rastrear cada um dos atores envolvidos e cada uma das interações entre eles.” (p.43). Não devemos pensar em uma justaposição de metodologias de diferentes tipos, importa refletir sobre a formação de um processo se pesquisa que consiga responder as questões sem deixar de envolver os diferentes tipos de rastros digitais e sociais. Apresentam um conjunto de cinco fundamentos para esse tipo de pesquisa: (1) a identificação dos dados, em que privilegia os arquivos digitais, (2) a extração desses dados baseadas em coletas com técnicas, (3) os dados devem ser integrados em uma base comum, (4) a modelagem dos dados e sua análise devem se basear (se possível) em ferramentas de código aberto e (5) os resultados dessa pesquisa devem ser publicados na web para que possam ser reutilizados.

Pesquisar por meio de métodos digitais, para Omena (2019), significa realizar uma prática quali-quantitativa responsável por compreender desde a natureza, os mecanismos e os dados minerados de plataformas. Nessa perspectiva, a teoria é construída em conjunto com a investigação aplicada. A autora aborda que (1) “os métodos digitais assumem uma posição de interdependência no processo investigativo e, assim, serem presentes desde a concepção da investigação até ao seu processo analítico” (OMENA, 2019, p. 8); (2) devemos considerar a infraestrutura da plataforma que pelo sistema de coleta e organização de dados interferem e moldam como vemos as questões sociais; (3) é preciso ter um conhecimento técnico-prático sobre como conectar as técnicas de extração e visualização dos dados em relação ao contexto e objetivos do estudo e (4) é uma proposta lógica interpretativa-quantificativa e um processo reflexivo. A autora considera que para estudar os usos e apropriações das plataformas não se deve de deixar de conhecer a plataforma e como sua arquitetura influencia nos processos de práticas sociais. De acordo com a Figura 14

Figura 14- A lógica dos métodos digitais, segundo Omena



Fonte: OMENA, 2019, p. 9.

Como nos falam Venturini e Latour (2019), “Os dados digitais são representativos e interessantes apenas se toda a sequência de processamento deles (identificação, extração, integração, análise e publicação) permanecer próxima ao trabalho dos atores sociais.” (p.45). A combinação de metodologias em métodos digitais possibilita perceber as complexidades e serem flexíveis para seguir determinado fenômeno social ao longo de cada um dos seus desdobramentos. Como em nossa pesquisa, buscamos apresentar no decorrer dos diferentes recortes de tempo os desdobramentos das interações e tecer aproximações nas práticas sociais presentes nos

usos das plataformas na construção da ação do *#elenão*.

Nesta pesquisa, adotamos uma abordagem metodológica combinada, que envolve a análise dos rastros digitais obtidos manualmente a partir da plataforma do *Facebook*. Partindo das publicações já captadas em intervalos de tempo definidos, buscamos os comentários das publicações para a compreensão das práticas sociais no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro. Ao abordar a rastreabilidade digital, nosso objetivo é explorar as ações das membras (atores sociais) nas mídias sociais, em particular na construção do movimento *#elenão*. Os rastros são entendidos como “fruto de ações, interações e declarações de toda sorte, além de vastos e diversificados, podem ter sua trajetória retrçada de forma relativamente simples” (BRUNO, 2015, p. 697). Essas inscrições de ações são questionadas em relação ao seu reflexo na produção de coletivos e mobilização social. Delinear esse contexto e compreender a sua estrutura nos aproxima do conhecimento sobre como a plataforma do *Facebook* atua na construção da mobilização, bem como como as conexões e interações estabelecidas no grupo modificam o uso das suas *affordances*, traduzindo-o em um espaço de participação social e ação política.

De acordo com Jana Omena (2019), iniciamos pelo design interrogatório que se interliga com entender a problemática desta pesquisa e buscas no uso da metodologia as respostas, assim é preciso questionarmos com uma lista de palavras-chave e fontes. Nessa etapa, buscamos pesquisar sobre a ação do *#elenão* e percebemos que a plataforma de mídia social *Facebook* e, principalmente, a existência de um grupo chamado Mulheres Unidas contra Bolsonaro são um fator decisivo para a construção de uma mobilização que chegou nas ruas no dia 29 de setembro de 2018.

É importante ressaltar, de acordo com as colocações de Donatella Della Porta (2014), a necessidade de reconhecer a complementaridade entre diferentes métodos e a importância de que as ciências sociais pesquisem a sociedade e as práticas relacionais por meio da integração de abordagens metodológicas estabelecidas dentro de um propósito científico. Nesse sentido, os dados quantitativos coletados no grupo, referentes às postagens e comentários (dentro do recorte temporal definido nesta pesquisa), são complementados pelas informações qualitativas obtidas por meio de uma entrevista com a fundadora do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro no *Facebook*.

Desta forma, buscamos adequar o uso de métodos de coleta e tratamento de dados para visualização, por meio de gráficos, grafos e dendrogramas, de modo a atender aos objetivos específicos da pesquisa e avançar em nosso entendimento sobre as dinâmicas e práticas sociais presentes no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro na plataforma do *Facebook*. Conforme Venturini e Latour (2019)

Os dados digitais são representativos e interessantes apenas se toda a sequência de processamento deles (identificação, extração, integração, análise e publicação) permanecer próxima ao trabalho dos atores sociais. De fato, não dizemos que os métodos qualiquantitativo irão nos possibilitar suavizar toda a complexidade da vida coletiva. Pelo contrário, a vantagem desses métodos é ser flexíveis o bastante para seguir algum fenômeno social ao longo de cada um de seus desdobramentos. (VENTURINI E LATOUR, 2019, p.45)

Para esse contexto, a rede se dá como metáfora estrutural onde temos a inserção do individual em um grupo, ou em parte deste, em uma relação formada entre normas e oportunidades dentro da complexidade estrutural presente (Fragoso, Recuero e Amaral, 2011). Segundo as autoras,

Quando focamos um determinado grupo como uma “rede” estamos analisando sua estrutura. De um lado, estão os nós (ou nodos). De outro, as arestas ou conexões. Enquanto os nós são geralmente representados pelos atores envolvidos e suas representações na internet (por exemplo, um blog pode representar um ator), as conexões são mais plurais em seu entendimento. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 155)

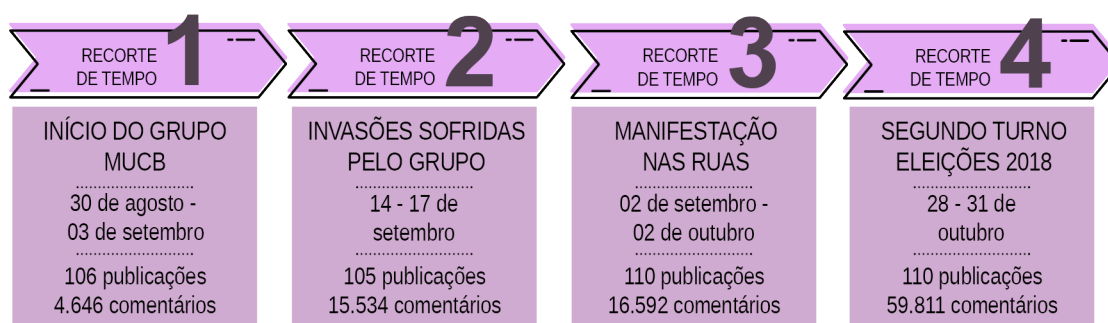
Destaca-se, de maneira significativa, a configuração dos nós dentro de uma teia relacional e interconectada, que pode compreender atores individuais ou coletivos, bem como representações simbólicas, como as publicações. Esses nós, por sua vez, estabelecem conexões que se manifestam como os rastros e caminhos deixados pelas interações e são mantidos pela própria arquitetura da rede. Enquanto temos nas plataformas as ferramentas que possibilitam aumentar o alcance dos atores sociais em suas interações e práticas relacionais.

Em relação ao recorte temporal relacionado aos acontecimentos vinculados à ação #eleição, é relevante salientar os marcos temporais que delimitam o objeto de análise. O surgimento do grupo Mulheres Unidas contra Bolsonaro em 30 de agosto de 2018 representa o ponto inicial de observação, o que justifica a mineração dos dados abrangendo o período compreendido entre os dias 30 de agosto e 3 de setembro de 2018. Essa escolha visa investigar a dinâmica inicial de utilização do grupo na plataforma e compreender os primeiros desdobramentos em termos de interações e engajamento.

Outro momento de relevância é o ataque sofrido pelo grupo, durante a invasão com posicionamentos contrários, ocorrido entre os dias 14 e 17 de setembro de 2018. Esse evento desencadeou uma série de repercussões no grupo. Também, temos o recorte que está intimamente relacionado à mobilização nas ruas, que ocorreu em 29 de setembro de 2018. Nesse sentido, a análise considera o período entre os dias 26 e 30 de setembro de 2018, buscando compreender as interações estabelecidas durante essa fase intensa de mobilização e suas implicações no contexto digital. Incluímos também o recorte de tempo de 28 até 30 de outubro de 2018, com o intuito de abordar como o resultado das eleições impactou nas interações entre as membras do

grupo.

Figura 15- Recortes de tempos propostos



Por meio dessa abordagem temporalmente delimitada, exploramos e buscamos compreender as práticas sociais, os discursos e as interações no âmbito do grupo Mulheres Unidas contra Bolsonaro, assim como compreender a forma como a plataforma digital atua na construção e no desenvolvimento da mobilização social. Além disso, buscou-se perceber como as conexões e interações estabelecidas nesse contexto influenciam e moldam o uso das ferramentas disponibilizadas pela plataforma, convertendo-a em um espaço de participação social e política para os atores envolvidos.

A combinação de métodos digitais proposta tem uma abordagem sistemática e abrangentes para analisar as redes sociais e suas características por meio de técnicas e métricas específicas. Essa abordagem tem como objetivo compreender de forma aprofundada as dinâmicas presentes nas redes sociais, por meio da rastreabilidade dos dados, permitindo explorar os vestígios deixados pelos participantes na plataforma de mídia social.

Segundo Recuero (2017), pressupõe-se entender o grupo social enquanto uma rede e seguir passos metodológicos que envolvem: a mineração das informações na plataforma com o objetivo de responder perguntas que envolvem padrões, alcance das interações, demarcar pelos vestígios como são os laços sociais. Para isso, são utilizadas métricas específicas de tratamento de dados, que abrangem a estrutura da rede e o papel desempenhado pelos atores envolvidos, incluindo métricas de rede e métricas de nós. “Desse modo, essa abordagem é interessante, por exemplo, para analisar comportamentos de uma grande quantidade de atores sobre um evento ou tópico, bem como a influência desses atores nos processos de comunicação sobre esse tópico” (RECUERO, 2017).

A mineração de dados é um aspecto crucial nessa abordagem, pois permite a coleta e o processamento das informações relevantes das redes sociais estudadas. Após a mineração, os dados são organizados em tabelas, facilitando a identificação das relações e padrões a serem

analisados. A partir dessas relações estabelecidas, são construídos os grafos utilizando softwares adequados, nos quais os nós representam os atores e as interações entre eles são representadas por arcos ou conexões. Dessa forma, os grafos fornecem uma representação visual da estrutura da rede, permitindo uma compreensão mais intuitiva das práticas sociais no grupo MUCB. A análise dos grafos revela informações valiosas sobre como os indivíduos interagem dentro da rede. As conexões representadas pelos arcos mostram a presença de relações sociais e a intensidade dessas interações, fornecendo informações sobre a dinâmica e a coesão do grupo. Além disso, a representação gráfica dos grafos facilita a identificação de atores-chave, grupos ou comunidades dentro da rede, bem como a análise de medidas de centralidade, como o grau de centralidade, a centralidade de intermediação e a centralidade de proximidade.

Para compreender a estrutura da rede e o tratamento dos dados, é necessário classificá-la como conexões direcionadas ou não direcionadas. No caso deste estudo, as conexões serão direcionadas, pois os participantes se relacionam diretamente com as publicações. Além disso, é importante selecionar as métricas de rede mais adequadas aos objetivos da pesquisa, que podem incluir densidade, modularidade, diâmetro da rede e fechamento. A métrica de densidade refere-se ao número de conexões entre os nós em relação ao número total de conexões possíveis. Ela demonstra uma medida da proporção das interações e seu impacto na rede. De acordo com Recuero (2017), “em um grafo mais denso, por exemplo, há mais chances de uma determinada informação circular, enquanto em um grafo menos denso, essa chance é menor”. A métrica de modularidade está relacionada à capacidade dos nós se conectarem entre si e é usada para identificar subgrupos dentro do grupo maior. O diâmetro representa a medida da conexão entre os nós dentro do grafo, medido pelo número de interações necessárias para chegar de um nó a outro. Já o fechamento (*closure*) aborda a redundância das conexões, que servem como pontes para conectar subgrupos.

No que diz respeito às métricas dos nós, Recuero (2017) menciona várias representações dos atores na rede, incluindo grau de entrada, grau de saída, grau de intermediação, centralidade, coeficiente de clusterização e proximidade. O grau de entrada refere-se às conexões recebidas por um determinado nó e indica sua importância na rede, enquanto o grau de saída representa o número de conexões feitas pelo nó, mostrando seu desejo de estabelecer relações. O grau de intermediação indica o papel de ponte que um nó desempenha na rede, sua capacidade de conectar diferentes subgrupos e manter a estrutura da rede. Já a centralidade aborda a importância do nó com base na qualidade de suas conexões e na relevância de suas interações. O coeficiente de clusterização busca compreender a conexão dos nós com sua vizinhança e em que medida eles se aproximam de determinados subgrupos. Por sua vez, a métrica de proximidade,

assim como o coeficiente de clusterização, mede a proximidade dos nós, mas com base na distância entre eles.

Essas métricas de rede e nós são essenciais para compreender a estrutura, as interações e as características dos atores dentro da rede social analisada. Ao aplicar essas métricas e considerar suas interpretações, é possível obter uma visão mais abrangente e detalhada das dinâmicas presentes na rede, contribuindo para a compreensão dos fenômenos sociais que ocorrem nesse contexto específico.

Parte desta pesquisa com enfoque do quantitativo no grupo MUCB, trabalhamos com a rede como *mundo pequeno* e suas conexões dentro do grupo, direciona seu foco ao grupo MUCB, explorando a dinâmica da rede como um todo e examinando as conexões internas existentes dentro desse grupo específico como parte de uma estrutura de rede mais ampla. O objetivo central é compreender a natureza das interações dentro desse grupo, analisando as categorias de análise que emergem a partir da observação dos dados e referencial teórico, e, dessa forma, entender como é construído o sentimento de comunidade pela diferença (nós x eles).

Para alcançar esse objetivo, será aplicada uma métrica de rede específica: a modularidade. A escolha dessa métrica justifica-se pela sua capacidade de identificar e analisar os agrupamentos de nós na rede. Ao examinar as conexões existentes, é possível identificar grupos ou comunidades dentro do grupo MUCB, onde essas conexões são mais densas e significativas em comparação com as demais conexões na rede. Essa análise permitirá compreender as características distintivas desses subgrupos e sua relação com a estrutura geral da rede.

Além da métrica de rede, é fundamental realizar a seleção adequada das métricas de nós para capturar a complexidade das interações no contexto do uso da hashtag e das plataformas de mídia social. As métricas de nós a serem escolhidas serão selecionadas levando em consideração o contexto específico do uso da hashtag, bem como as abordagens de observação adotadas no estudo do grupo MUCB. Essas métricas fornecerão elementos essenciais para compreender os laços sociais e os tipos de interação presentes, estabelecendo uma relação direta com as categorias de análise definidas no referencial teórico.

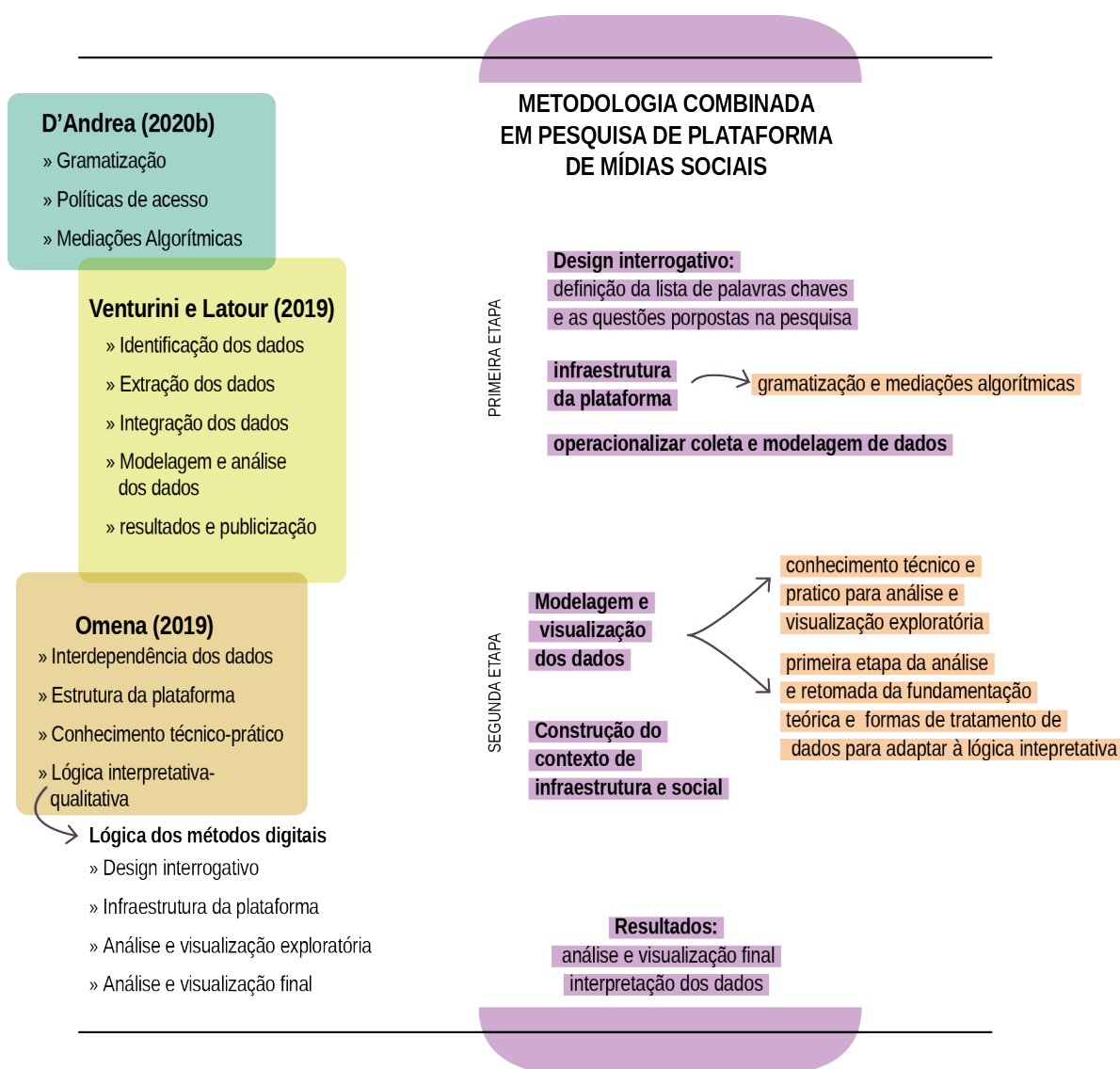
Complementando a abordagem quantitativa, serão realizadas aproximações qualitativas por meio do tratamento dos comentários e publicações, buscando compreender a forma como as ferramentas disponibilizadas pela plataforma são utilizadas e o tipo de engajamento gerado. Essa análise qualitativa permitirá uma compreensão mais aprofundada das práticas e dinâmicas sociais dentro do grupo MUCB.

Após a mineração e tratamento de dados, temos a próxima fase que é a construção da visualização desses dados pelos grafos, que serão gerados pelos softwares de uso aberto Gephi

e Iramuteq que com as escolhas de algoritmos para visualização constroem a base para analisar a rede pesquisada. A escolha do algoritmo vai resultar na posição e valor do nó na estrutura da rede, utiliza um conjunto de forças de repulsão ou de atração (Recuero, 2017), entre as opções temos o Force-Atlas, Force Atlas 2, OpenOrd, Harel-Koren e Fruchterman-Reingold. Entre as opções de formar a distribuição dos grafos temos em destaque para trabalhar com plataformas de redes sociais o Force Atlas 2, desenvolvido por parâmetros de escalabilidade e demonstra a proximidade dos nós de acordo com sua conexão, com tendência de mostrar no centro os nós mais conectados e, nas bordas, os menos conectados. Nos grafos apresentados nesta etapa, as cores dos nós (páginas/atores sociais) são relativas à modularidade da rede e o tamanho de cada nó está em referência à sua centralidade como influenciador e o Fruchterman-Reingold, por utilizar o conceito de temperatura global, sua tendência é colocar os nós que têm menos conexões na periferia do grafo e centralizar os *clusters*. A escolha do algoritmo entre os dois se dará após a construção de categorias de análise das interações, visto que depende dos dados minerados na rede.

Com base no que Omena (2019) nos diz, para realizar pesquisas em mídias sociais, é necessário construir um design interrogativo de pesquisa e tratar da infraestrutura da plataforma. Em seguida, deve-se realizar uma análise e visualização exploratória dos dados coletados, seguida por uma análise e visualização final. Estudar os dados por aspectos relacionais deve considerar o contexto e as subjetividades envolvidas. Desta maneira propomos uma adaptação da metodologia em que aplicamos as percepções de D'Andrea como passos para estudo de plataformas e como Venturini e Latour propõem como devem se dar os métodos digitais na pesquisa. Assim temos:

Figura 16- Metodologia Combinada Em Pesquisa De Plataforma De Mídias Sociais



Fonte: Elaborado baseado nos autores (2022)

Neste trabalho, ao passarmos a etapa da primeira fase que inclui a mineração dos dados. Para isso, a partir das questões de pesquisa, e fazendo uso das *affordances* disponíveis na plataforma *Facebook*, utilizamos na parte dos grupos, quando ainda havia a opção de fazer pesquisa por ano e mês, a fermenta de busca de palavras-chaves (Apêndice A). Também na operacionalização do *Facebook* pelas membras, dedicamos em compreender por meio das apropriações das gramáticas da plataforma e os caminhos possíveis, como as reações e o funcionamento dos algoritmos específicos da operacionalização do *Facebook*, especialmente no que diz respeito ao grupo em análise. A coleta e modelagem dos dados foram realizadas por meio da mineração de informações dentro dos períodos específicos definidos para esta pesquisa, abrangendo as publicações, comentários e perfis das participantes.

Na segunda etapa, empreendemos uma análise e visualização exploratória, o que nos levou a revisar as bases teóricas a fim de aprofundar a construção de reconhecimento e cidadania no contexto do MUCB, com foco nos diferentes tipos de laços sociais. Também nos dedicamos a refletir sobre os usos e apropriações de softwares que poderiam manipular de maneira adequada o conjunto de dados. A partir dessa reflexão, retomamos os dados e procedemos com sua modelagem. Em nosso caso, percebemos que a abordagem mais apropriada consistiria em empregar a compreensão dos comentários por meio das opções de compilação e tratamento de dados disponibilizadas pelo Iramuteq. Isso se deve à necessidade de considerar as complexidades ligadas aos posicionamentos das participantes dos grupos, a partir de uma perspectiva de agrupamento baseada em semelhanças e compreensão lexical dos dados.

Ainda, de acordo com Omena (2019) ao buscarmos os aspectos relacionais dos dados na pesquisa, percebemos a importância de acrescentar o cenário das pesquisas realizadas no Google durante as datas utilizadas com o recorte de tempo, para perceber a influência das ações em relação ao grupo e como o contexto também reflete no que acontece nas trocas de postagens e comentários.

Com relação à utilização dos dados das participantes do grupo, é importante ressaltar que adotamos medidas de anonimização, garantindo que a identificação das membros do grupo não seja possível. Essa abordagem visa preservar a proteção da identidade das participantes, seguindo as diretrizes éticas estabelecidas pelo guia com as normas pesquisas na Internet da *Association of Internet Researchers*²³. Ao aplicar a técnica de anonimização, todos os dados pessoais e informações identificáveis foram cuidadosamente removidos, substituídos por identificadores genéricos ou codificados. Dessa forma, asseguramos a confidencialidade e a privacidade das participantes envolvidas no estudo. Essa prática é essencial para garantir a conformidade com as normas éticas de pesquisa e o respeito aos direitos e à privacidade das pessoas envolvidas. Além disso, a anonimização dos dados contribui para a confiabilidade e a imparcialidade dos resultados obtidos, evitando qualquer potencial impacto negativo na vida pessoal ou profissional das participantes.

Assim, buscamos investigar como se dá a emergência do *#elenão* enquanto forma de ação em rede, a partir das apropriações pelo ativismo de mulheres e como as práticas presentes nas interações dentro do grupo participam da construção de espaços de cidadania e a formação do sentimento de comunidade nas plataformas, como no caso do grupo MUCB e o uso da *hashtag*. Portanto, torna-se necessário coletar dados e mapeá-los sobre o uso do *#elenão* no

²³ Disponível em: <https://aoir.org/ethics/>

Facebook para compreender o surgimento da ação na rede, com o mapeamento das dinâmicas interacionais no grupo MUCB (*Facebook*) como principal propulsor da ação.

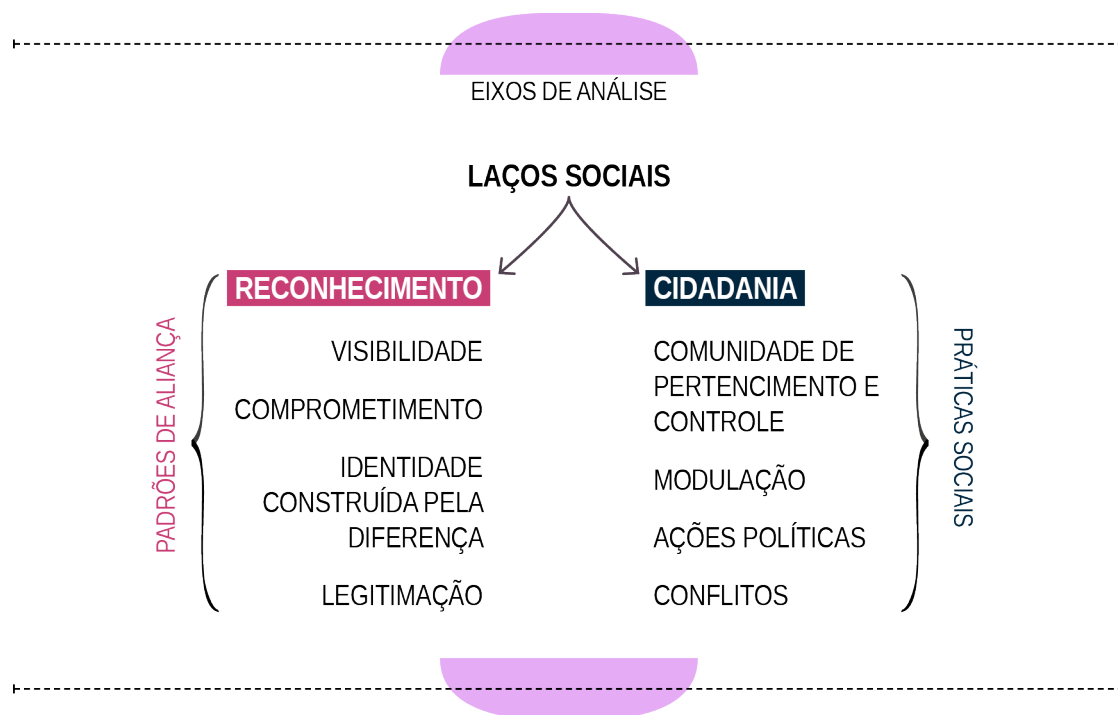
Dessa forma, mapeamos as dinâmicas interacionais no grupo e na plataforma, nos vestígios disponíveis, por meio dos laços sociais analisados pelos grafos e análise das ações com narrativas pessoais e ações políticas nos comentários das postagens. E, devido ao volume de dados, será importante trabalhar com outro software para interpretação dos dados de texto que é o Iramuteq que pode viabilizar, por meio de um conjunto de textos, no caso dos comentários de publicações, que também se baseia na teoria dos grafos e na visualização dos dados graficamente em nuvens, clusters de texto e separação por alinhamentos de contexto do conteúdo, pois por meio dessa aplicação será possível, ainda, mapear os tipos de agrupamentos criados além do número de curtidas ou compartilhamentos, percebendo por meio do grafo com as palavras como os subgrupos se formam dentro do grupo maior e como essas interações constituem laços fortes ou fracos, criando ou não os valores de pertencimento ao *#elenão*.

E também temos a entrevista realizada com a criadora do grupo Ludimilla Teixeira foi baseada em questões semiestruturadas, caracterizando-se como semiaberta devido à utilização de um roteiro como ponto de partida. Essa interação ocorreu por meio do Google Meet em 06 de julho de 2023, com início às 20:10, e teve a duração de uma hora e trinta minutos. A obtenção da entrevista foi precedida por um contato inicial no Instagram, no qual foram apresentados os objetivos da pesquisa. Ludimilla Teixeira prontamente se dispôs a participar, fornecendo seu número de celular para comunicação via WhatsApp, pelo qual acordamos a melhor data para a condução da entrevista online.

6.2 CATEGORIAS PARA ANÁLISE DE DADOS

A partir da primeira fase e o retorno para readequarmos a fundamentação teórica, marca o início da segunda parte da metodologia, em que por meio da percepção de movimentos sociais, ação em rede digital, identificação e cidadania com os autores Bison, Canclini, Lawler e Bennet e Segerberg, como eixos para análise da visualização final dos dados legitimação e cidadania e reconhecimento e representação, conforme a

Figura 17- Eixos propostos para análise dos dados



Fonte: elaborador a partir dos autores citados nesta pesquisa

Os autores apresentam características e como podemos identificar como um movimento social, mobilização e ação em rede digital. Para Tilly e Tarrow (2007), temos que para entender um protesto social são necessários os passos de descrever, decompor em quais são as causas e reunir para explicar como o processo ocorre e em Tilly (2005), o uso do WUNC como perspectiva para analisar um confronto de processo político envolve abranger o valor, a unidade, os números e comprometimento que acontecem na mobilização. E para Diani e Bison, perceber a identidade compartilhada, o reconhecimento mútuo, a natureza das interações e o comprometimento foram um caminho para pesquisar os movimentos. Para Bennet e Segerberg, temos na ação em rede digital, tanto conectiva como coletiva entender o grau de comunicação personalizada, o quanto há o envolvimento do papel das plataformas na organização da ação e não exige a existência de uma identidade coletiva.

Assim, no eixo de Reconhecimento e Laços Sociais temos a visibilidade que envolve a participação direta citada por Bennet e Segerberg, o engajamento que inclui os números em referência a Tilly, o comprometimento que fala da colaboração ao longo do tempo de Diani e Bison e a identidade pela diferença de Lawler e a questão do conflito presente em Tilly, Diani e Bison e Bennet e Segerberg.

Enquanto no eixo que abarca a legitimação e cidadania, devemos levar em conta desde

as modulações que a plataforma traz na interação e em como o algoritmo desempenha papel nas interações entre as membras, a partir disso, perceber como e se há uma comunidade desde o pertencimento e o seu controle. Ainda, nesse eixo, será identificado, nas vivências e práticas sociais, assim como ações políticas de uma possível cidadania entre as membras do grupo.

7 IDENTIFICAÇÃO, EXTRAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS DADOS

Na busca por compreender o funcionamento do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro e o movimento *#elenão* e segundo Omena (2019), é importante refletir que os dados coletados e modelados aqui fazem parte da infraestrutura da plataforma *Facebook*. Com isso queremos dizer que, apesar de buscarmos encontrar as publicações nos recortes de tempo, as possibilidades de conseguir uma captura completa dos dados são remotas, o que temos aqui colocado é uma amostra dos dados que foram disponibilizadas para acesso por eu, como membra e pesquisadora, fazer parte do grupo MUCB e ao usar as ferramentas ali disponíveis, para conseguir coletar postagens, comentários e reações. Assim, de acordo com a proposta de Venturini e Latour, quando fazemos a identificação e extração dos dados para na etapa seguinte integrar e fazer a sua modelagem, fizemos uso de um recorte de tempo e da ferramenta de busca dentro do grupo com uma extensa lista de palavras-chaves. A etapa seguinte é a análise e visualização exploratória dos dados.

Inicia-se pela captação dos dados no grupo MUCB na plataforma *Facebook*. Para isso, foram buscados e testados softwares e aplicativos que conseguissem ainda fazer a mineração dos dados no grupo, no entanto não tivemos sucesso. Desde as últimas modificações na sua política de uso e privacidade, a API do *Facebook* não tem mais acesso liberado para minerar os dados livremente, não foi possível obter acesso aberto aos dados, desta forma encontramos alguns softwares e aplicativos que ainda conseguem coletar dados, temos o *FacePager* que está operando na mineração de dados apenas de páginas públicas, o *Sociograph* e o *Grytics* que funcionam para páginas e grupos quando se é administradora, no *Grytics* também em grupos abertos, mas que precisam da autorização dos usuários para uso. Frente a isso foi necessário realizar a coleta de dados manual na plataforma, para isso buscamos pelas primeiras publicações e as interações e coletando os dados em uma tabela .csv (*excel* ou *calc*) para o formato ser lido no software Gephi para tratar os dados relativos aos nós da rede.

Na sequência apresentamos como foi realizado o tratamento inicial dos dados. A tabela obtida a partir da coleta dos dados inclui os *posts*, identificações dos usuários dos comentários, os comentários e as reações. Após o tratamento dos dados, levamos os comentários e postagens para análise léxica no Iramuteq, de onde geramos gráficos como os dendrogramas e a base para os grafos que são tratados no Gephi.

Devido à impossibilidade de acessar uma API para mineração de dados, a coleta de informações foi realizada manualmente, sem o auxílio de softwares especializados. Diante dessa limitação, adotamos uma abordagem focada nos comentários e nas postagens, seguindo o seguinte procedimento: realizamos buscas utilizando palavras-chave, classificamos as publicações

pelas mais recentes (selecionando cerca de 150 por recorte de tempo) e, em relação a cada postagem, utilizamos como base mil comentários para análise. É importante mencionar que esse número pode variar, pois há casos em que existem respostas a comentários e outros em que a interação é menor, não atingindo esse volume.

Apesar das limitações técnicas, buscamos aplicar uma abordagem criteriosa para garantir a qualidade e a representatividade dos dados coletados. A metodologia manual adotada, embora mais trabalhosa, permite uma análise detalhada dos comentários e postagens, proporcionando insights relevantes para a pesquisa.

É importante ressaltar que, devido à ausência de um software automatizado, é possível que essa abordagem manual tenha suas próprias limitações e impacte a escala e a eficiência da coleta de dados. No entanto, empenhamo-nos em compensar essa falta de automação com rigor e atenção aos detalhes, a fim de obter resultados confiáveis e relevantes para a pesquisa.

7.1 MODELAGEM E VISUALIZAÇÃO DOS DADOS

Para iniciar o processamento dos dados coletados, procedemos à sua sistematização em tabelas de publicações e tabelas contendo os comentários associados a essas publicações. Nessa etapa, realizamos formatação, limpeza e organização dos dados, além de estruturar as informações e os fluxos de interação. Em seguida, passamos à modelagem desses dados, adotando medidas de anonimização para preservar a privacidade das participantes. Devido à grande quantidade de dados, utilizamos programação em Python para essa tarefa.

Uma vez que os dados foram devidamente sistematizados, prosseguimos com a análise textual do volume de informações utilizando a ferramenta Iramuteq. Essa etapa permite extrair informações relevantes e realizar uma análise léxica dos textos coletados. Além disso, importamos os dados para o software Gephi, que nos auxilia na leitura e visualização dos dados.

O processo de tratamento, modelagem e análise dos dados funcionou para obter dados significativos e responder às questões de pesquisa. Ao adotar estas etapas na abordagem metodológica e utilizar ferramentas específicas, buscamos maximizar a compreensão dos dados coletados e obter resultados coerentes com os objetivos do estudo.

7.1.1 Como foi feito o tratamento dos dados

Os dados utilizados neste estudo foram coletados de fontes disponíveis na internet, es-

pecificamente no grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro. Para obter esses dados, foram realizados acessos aos tópicos previamente selecionados dentro do grupo. Para cada tópico, foram extraídos os 1000 comentários mais recentes, incluindo também as respostas aos comentários existentes, caso houvesse. Essa abordagem permitiu a obtenção de uma amostra significativa de interações e opiniões dentro do grupo.

Após a coleta dos dados, foram gerados arquivos em formato PDF para cada uma das 410 postagens selecionadas. Esses arquivos foram organizados e agrupados com base no período ao qual pertenciam. Em seguida, os arquivos PDF foram convertidos para o formato de texto (.txt) para facilitar o processamento e a análise posterior.

Para tratar e manipular os dados coletados, foi utilizada uma programação em Python, aproveitando a funcionalidade da biblioteca `Re` (expressões regulares). Essa biblioteca, integrada à linguagem Python, oferece uma ampla gama de recursos para trabalhar com padrões de texto. As expressões regulares são padrões utilizados para buscar, corresponder e manipular informações em strings de texto. Com o uso dessa programação, foi possível extrair e estruturar os dados relevantes, separando o nome de cada usuária e seu respectivo comentário em uma tabela com duas colunas.

Com o objetivo de preservar a privacidade das participantes do grupo, optou-se por substituir os nomes reais por identificadores de comentários únicos. Por exemplo, cada comentário foi identificado como “003_001”, onde “003” representa o recorte específico e “001” indica a sequência do comentário dentro desse recorte. Essa abordagem garantiu o anonimato das membras, enquanto permitiu a identificação individual de cada comentário para fins de análise. Em seguida, os dados foram preparados para serem utilizados no software IRamuteq, uma ferramenta especializada em análise textual. Os arquivos foram importados de volta para o Excel, onde foram numerados e codificados de acordo com o padrão estabelecido, por exemplo, “**** *003_001”. Além disso, foi realizada uma padronização na formatação do texto, incluindo a uniformização de fonte e tamanho, bem como a eliminação de elementos indesejados, como negritos, itálicos e parágrafos. Também foram removidos sinais especiais não recomendados, como hífen, aspas simples e duplas, para garantir uma consistência na representação dos comentários. Sobrenomes como Neves, Coelho, Cordeiro, Santos, Cruz, Luz, Santanna e outros nesse mesmo sentido, tiveram que ser retirados manualmente pois precisava do contexto, poderia ser relativo a outras questões e não apenas o sobrenome.

Por fim, os dados processados foram submetidos a análises estatísticas e léxicas utilizando o software IRamuteq, uma ferramenta poderosa para explorar e compreender os padrões e tendências presentes nos textos analisados. Essas análises forneceram percepções sobre as

opiniões, temas discutidos e o contexto geral das interações dentro do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro.

7.1.1.1 *Tratamento dos Dados no Iramuteq*

O dendrograma gerado parte de utilizar o método CHD (*Correspondence-Hierarchical-Document*) do IRAMUTEQ. É um processo de análise textual que combina diferentes técnicas para explorar a estrutura e os padrões de um conjunto de documentos. Uma das contribuições do CHD é a geração de dendrogramas, que são representações gráficas dos agrupamentos hierárquicos encontrados nos dados textuais.

A primeira etapa desse método é a correspondência, na qual busca-se identificar a ocorrência de palavras e termos específicos nos documentos. Isso permite a criação de uma matriz de correspondência, que registra a presença ou ausência desses termos em cada documento. Em seguida, temos a etapa hierárquica, que busca identificar as relações de proximidade entre os termos identificados na etapa anterior. Essa etapa utiliza técnicas de análise estatística para criar uma matriz de distâncias entre os termos, refletindo as relações de similaridade ou dissimilaridade entre eles. Por fim, temos a etapa de documento, na qual é realizada uma análise da distribuição dos termos encontrados em cada documento individualmente. O IRAMUTEQ calcula a frequência de cada termo e sua representatividade em relação ao conjunto de documentos.

A combinação dessas três etapas permite uma análise mais abrangente dos documentos, revelando padrões e estruturas subjacentes. Com o CHD do IRAMUTEQ, é possível identificar termos-chave, agrupar documentos similares e explorar a estrutura temática presente nos dados textuais.

Enquanto o grafo, que depois passa por tratamento no Gephi, utiliza o Método de Reinert, também conhecido como Análise Comparativa de Textos (ACT), é uma abordagem de análise textual desenvolvida por Reinert. Esse método é utilizado para comparar e analisar textos de diferentes autores, períodos históricos ou contextos sociais, com o objetivo de identificar padrões, relações e diferenças significativas entre eles.

A análise comparativa de textos pelo Método de Reinert envolve três etapas principais:

- a) Construção da matriz de termos: Nessa etapa, são selecionados os termos relevantes que serão comparados nos textos analisados. Esses termos podem ser palavras individuais, expressões ou conceitos mais abrangentes. Cada termo é representado em uma matriz, em que as linhas correspondem aos textos e as colunas indicam a presença ou ausência do termo em cada texto.
- b) Análise de similaridade: A matriz de termos é utilizada para calcular a similaridade entre os

textos. Isso é feito por meio de técnicas estatísticas, como cálculo de distância ou correlação entre as linhas da matriz. A similaridade revela quais textos compartilham características semelhantes com base nos termos selecionados. c) Interpretação e análise dos resultados: Com base nos resultados da análise de similaridade, é possível identificar grupos de textos que possuem características comuns ou que se destacam por suas diferenças. Essa análise proporciona insights sobre as similaridades e diferenças entre os textos, permitindo a compreensão de padrões, contextos históricos, ideológicos e até mesmo a identificação de influências mútuas entre os autores.

Essas etapas proporcionam uma abordagem sistemática e estruturada para comparar e analisar textos, revelando conexões, relações e distinções relevantes.

Por fim, após a análise utilizar o Iramuteq para abordar as estatísticas de texto, passamos a tratar os grafos no Gephi, utilizando as métricas de centralidade de autovetor (*eigenvector centrality*) em relação às cores dos nós e mostra a importância do nó na rede pela qualidade de suas conexões, vão mostrar os perfis mais influenciadores e a métrica de modularidade quanto ao tamanho dos nós, relativo ao agrupamento e clusterização dos dados.

Enquanto distribuição do grafo se dá pela escolha do algoritmo entre as opções temos o Force-Atlas, Force Atlas 2, OpenOrd, Harel-Koren e Fruchterman-Reingold. No entanto, entre as opções de formar a distribuição dos grafos temos em destaque para trabalhar com plataformas de redes sociais o Force Atlas 2, desenvolvido por parâmetros de escalabilidade e demonstra a proximidade dos nós de acordo com sua conexão, com tendência de mostrar no centro os nós mais conectados e, nas bordas, os menos conectados.

Uma leitura mais técnica explica-nos que os algoritmos de *layout* direcionados por força i) minimizam o cruzamento de arestas (tornando a representação gráfica esteticamente agradável) e ii) funcionam numa lógica de forças de atração e repulsão — a posição de cada nó irá depender da posição dos outros nós e da densidade das suas conexões (ver Fruchterman & Reingold, 1991; Kobourov, 2013; Jacomy *et al.*, 2014). No caso do ForceAtlas2, um algoritmo largamente utilizado nos estudos de Internet, “os nós repulsam-se como partículas carregadas, ao passo que as pontas atraem os nós como elásticos. Estas forças criam um movimento que conduz a uma condição de equilíbrio. Em princípio, esta configuração final ajuda na interpretação dos dados” (Jacomy *et al.*, 2014, p. 2). (OMENA, 2019, p. 131)

Assim, ao utilizarmos ForceAtlas2, temos a característica relacional dos dados e como as interações se dão na rede e segundo autora, essa escolha reflete em termos camadas fixas de interpretação que são o centro, o ponto intermediário, a periferia e os elementos isolados, que auxiliam na leitura da infraestrutura da rede. Enquanto o Fruchterman-Reingold utiliza o conceito de temperatura global, sua tendência é colocar os nós que têm menos conexões na periferia do grafo e centralizar os clusters. A escolha do algoritmo entre os dois se dará após a construção de categorias de análise das interações, visto que depende dos dados minerados na rede.

7.2 COMO FOI O INÍCIO DO GRUPO

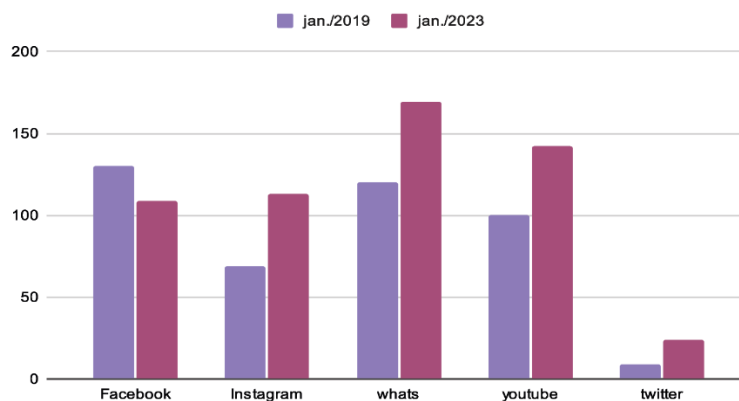
O recorte de tempo proposto para análise abrange os dias de 30 de agosto a 06 de setembro de 2018, período marcado pela criação do grupo e suas primeiras interações. Nesse contexto, temos o início do grupo em 30 de agosto de 2018, criado por Ludmilla Teixeira na plataforma *Facebook*. Durante nossa entrevista, a fundadora descreveu o processo e as motivações por trás da criação do grupo.

Ao trazer a narrativa de Ludimilla Teixeira que diz que o grupo surgiu em resposta ao crescimento da esquerda e das mulheres diante da conferência do PSL em julho de 2018, na qual Bolsonaro foi confirmado como candidato à presidência. Sua reputação de ser misógino, machista, racista e LGBTfóbico chocou as pessoas, gerando incredulidade sobre a possibilidade de alguém com tais características concorrer à presidência, descrito no capítulo anterior.

Pelo amor de Deus, pelo amor da deusa, dos orixás, sei lá o quê. E aí eu comecei a conversar com algumas amigas feministas. E aí meio que a gente ficava, como é que a gente faz para alertar a população de que essa candidatura aí é fascista? E assim, a gente já falava que era fascista. Desde 2018, as mulheres já se comunicavam falando, é fascista, a gente usava o fascismo. Diziam que a gente era maluca (TEIXEIRA, 2023)

Assim, Ludmilla começou a conversar com algumas amigas feministas e juntas debatiam como poderiam alertar a população sobre a natureza fascista dessa candidatura. No ano do surgimento do grupo, o *Facebook* era a rede social mais utilizada (Figura 17), e Ludmilla observou como as redes sociais, em especial o *Facebook*, haviam sido utilizadas por Trump durante as eleições de 2016. Esse fato despertou seu interesse em explorar o potencial dessa plataforma.

Figura 18 - Gráfico comparativo entre 2019 e 2023 de usuários nas plataformas de mídias sociais



Observação: números em milhões

Fonte: <https://datareportal.com/reports/>

Durante uma conversa com sua amiga, surgiu a ideia de realizar uma manifestação. Ludmilla sugeriu o uso do Facebook para criar um evento e, a partir dele, iniciar conversas com mulheres interessadas. No entanto, declara que ao acordar no dia 30 de agosto, Ludmilla começou a pesquisar, analisando cenários e considerando a criação de um grupo no Facebook para debater política com mulheres. Inicialmente, ela tinha em mente as mulheres de Salvador, pensando em um alcance restrito. No entanto, ao buscar grupos femininos, ela não encontrou nenhum voltado para política. Essa lacuna identificada proporcionou a oportunidade de criar um grupo chamado Mulheres Unidas Contra Bolsonaro.

No primeiro momento, Ludmilla adicionou suas amigas ao grupo sem solicitar autorização, buscando engajá-las.

Peguei minhas mil amigas, que mais ou menos metade era de mulheres, e joguei dentro do grupo. Todas as minhas amigas, joguei no grupo, joguei, não pedi autorização, não mandei convite, simplesmente joguei na caixa do peito delas. Peguei seis amigas minhas mais íntimas, botei como administradora do grupo. Fui no privado delas e falei, olha, estou criando esse grupo, vamos juntar mulherada com esse homem, se você não quiser, me fale que eu tiro, tá? Me vá desculpendo, eu botei você sem nem avisar. Para minha surpresa, as seis toparam, as mil amaram, que chamaram mais mil, que chamaram mais mil, em dois dias era seis mil, e eu fiquei enlouquecida. porque eu não conseguia aprovar a todo mundo na velocidade que as amigas começaram a me ligar e disseram que aceitassem minha avó, minha tia, minha prima, minha vizinha. (TEIXEIRA, 2023)

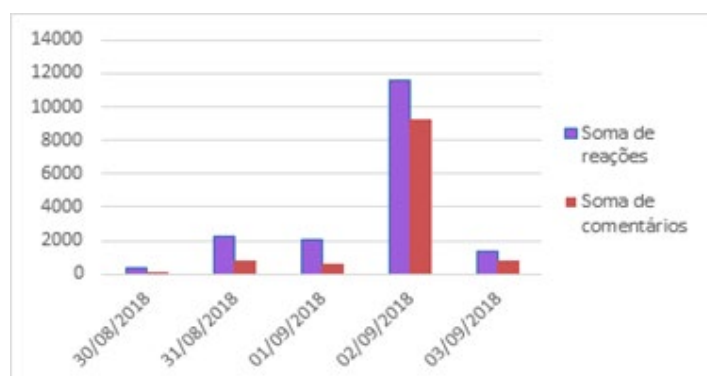
O número de membros aumentou exponencialmente, alcançando 6 mil em dois dias, 20 mil em três dias, 200 mil em quatro dias e 700 mil em cinco dias. Com apenas uma semana, o grupo atingiu a marca de 1 milhão de membros. A repercussão chamou a atenção da imprensa,

com matérias em veículos como Le Monde²⁴, Estadão²⁵, Folha de S.Paulo²⁶, entre outros²⁷. No entanto, após um mês, o grupo sofreu um ataque hacker.

7.2.1 Participação das membras por dia nos primeiros dias de grupo.

Na Figura 19, apresenta-se um gráfico resultante da soma das interações divididas entre reações e comentários das membras nas postagens. Esses rastros digitais originam-se de quantidades geradas a partir da participação das membras nas postagens. A coleta desses dados ocorreu nos dias 30 e 31 de agosto, bem como nos dias 01, 02 e 03 de setembro, correspondendo aos primeiros dias de funcionamento do grupo. Ao todo, foram coletadas 106 postagens que totalizaram 4.646 comentários. A proposta inicial era a obtenção de mil comentários por postagem. Entretanto, nesta análise específica, essa meta não foi atingida devido à baixa participação, uma vez que o grupo ainda estava começando e de tamanho reduzido no início de sua formação.

Figura 19- Gráfico com engajamento por dia



Fonte: gerado a partir dos dados coletados no primeiro recorte tempo

Podemos perceber por meio deste gráfico sobre o engajamento nas publicações por dia, o engajamento das participantes no Mulheres Unidas Contra Bolsonaro acompanha o crescimento do grupo, com uma diferença em relação aos dias 02 e 03 de setembro. Destacamos que

²⁴ https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2018/10/22/ludmilla-teixeira-l-emmerdeuse-des-pro-bolsonaro_5372689_3222.html; https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2018/10/02/au-bresil-le-rempart-des-femmes-contre-bolsonaro_5363180_3222.html

²⁵ <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/mulheres-se-unem-nas-redes-contra-bolsonaro/>

²⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/apos-ataque-de-hackers-grupo-de-mulheres-contra-bolsonaro-e-reativado.shtml>

²⁷ <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/09/grupo-mulheres-unidas-contra-bolsonaro-chega-1-milhao-de-integrantes.html>; <https://exame.com/brasil/mulheres-unidas-contra-bolsonaro-tem-1-milhao-de-membros-no-facebook>; https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/actualidad/1536768048_321164.html; <https://diplomatique.org.br/mulheres-unidas-contra-bolsonaro-muito-alem-do-ataque-cibernetico/>

no dia 02, o grupo alcançou marcas importantes em relação a quantidade de membras, o que fez ampliar a participação especialmente neste dia. E em relação como deve ser o funcionamento do grupo, o que gerou um espaço de diálogo e debate. Como nos exemplos abaixo:

Figura 20 - Publicação da fundadora do grupo no Facebook

Fonte: captura de tela

Com os seguintes comentários de exemplo:

Me orgulho de poder fazer parte disso!

Devemos esquecer esse nome, para sempre! Não daremos esse gostinho a “ele”! “MULHERES UNIDAS, JAMAIS SERÃO VENCIDAS”

Essa postagem e comentários refletem que expressões de identificação, reconhecimento e comunidade de pertencimento entre as membras do grupo. Eles demonstram a importância desse espaço de ação política na plataforma, onde as mulheres se unem para manifestar suas vozes.

“Me orgulho de poder fazer parte disso!” - Esse comentário reflete o sentimento de comunidade pertencimento pela integrante do grupo. Participar de uma comunidade que compartilha dos mesmos objetivos traz o sentimento de pertencimento ao grupo e amplia o senso de identificação.

“Devemos esquecer esse nome, para sempre! Não daremos esse gostinho a ‘ele’! ‘MULHERES UNIDAS, JAMAIS SERÃO VENCIDAS’” e *“JUNTAS SOMOS MAIS FORTES, VAMOS LÁ MENINAS MOSTRAR NOSSA FORÇA”* - Aqui, a mensagem reforça a intenção de não mencionar o nome de Bolsonaro, como uma forma de negar-lhe poder e relevância. A frase *“MULHERES UNIDAS, JAMAIS SERÃO VENCIDAS”* destaca o comprometimento e as práticas sociais enquanto uma ação política. E a importância da união entre as mulheres é enfatizada, traz o comprometimento que, ao se unirem, podem fortalecer sua voz e capacidade de impacto.

“Meu Deus! Tudo isso? #UnidasSomosMaisfortes” e *“Isso em dois dias”* - Esses comentários expressam surpresa e entusiasmo pelo rápido crescimento do grupo, com a dimensão de 15 mil membros em apenas dois dias. A hashtag *“#UnidasSomosMaisfortes”*, aborda a visibilidade e reforça a ideia de que a comprometimento das mulheres é uma fonte de poder e impacto significativo.

“Quando a gente quer, as coisas acontecem.” - Essa frase enfatiza a determinação das membras. É uma afirmação do protagonismo feminino na busca por transformações políticas e sociais. (Práticas Sociais e Ação Política)

“Bolsonaro jamais ele não pode ser eleito” - Nesse comentário, a posição é de oposição ao então presidente Bolsonaro, e a mensagem enfatiza o desejo de que ele não seja eleito. Gerando uma identificação pela diferença

“Parabéns para todas e obrigada Membra ‘Ti’ pelo convite. bjs” - Esse comentário mostra apreço e reconhecimento a uma das membras que convidou outras mulheres para o grupo. Isso reforça a importância do comprometimento e da mobilização dentro da comunidade.

“Enfim terminei de convidar todas as mulheres e a maioria entrou!!! Agora precisamos ir pras ruas!” - Nesse comentário, a ação de convidar outras mulheres para o grupo é valorizada, e a ênfase em *“ir pras ruas”* sugere a importância da mobilização fora da plataforma de

mídia social para legitimar a ação.

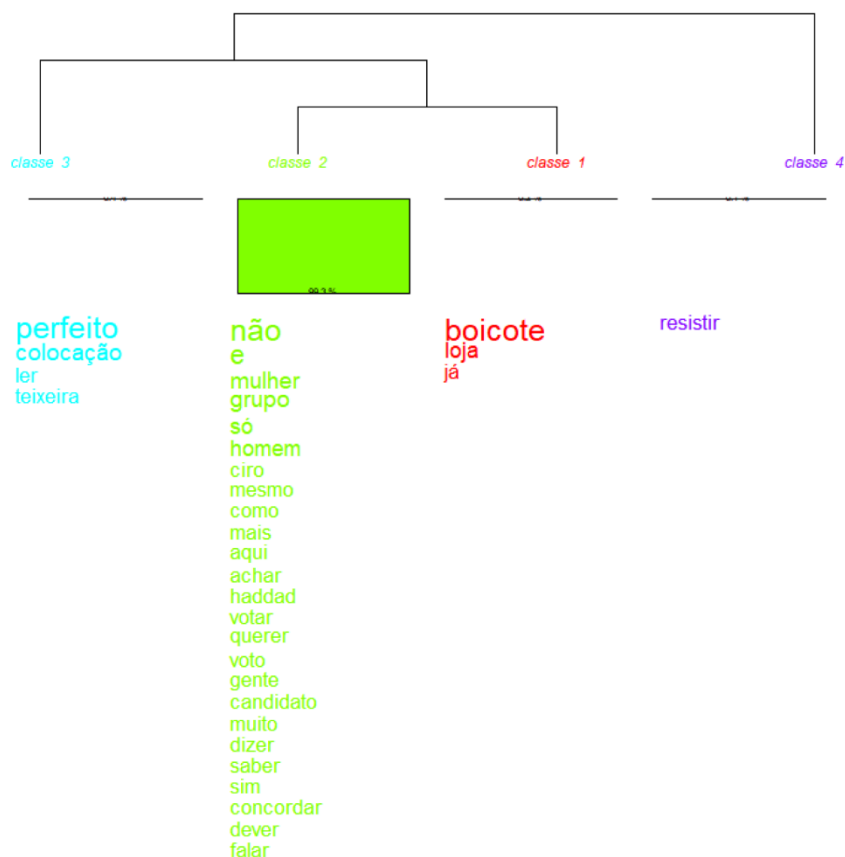
Em conjunto, esses comentários revelam um espaço de ação política no *Facebook* onde as mulheres encontram um ambiente para expressar suas opiniões, assim como mostram a importância de buscar um comprometimento entre as membras para o crescimento do grupo, além de demonstrar do sentimento de ser parte do MUCB. A dimensão do grupo, atingindo 15 mil membros em apenas dois dias, é vista como motivo de orgulho e uma busca contínua por visibilidade, fortalecendo ainda mais a identificação e reconhecimento das participantes com a causa.

7.2.2 Dendrograma dos comentários relativos ao início do grupo

Na Figura 21, é exibido o dendrograma resultante do processamento de 4.646 comentários obtidos e analisados por meio do Iramuteq, utilizando a abordagem de similaridade. A similaridade, por meio do método de Reinert no IRAMUTEQ, funciona essencialmente ao medir a proximidade semântica entre os comentários. Isso é alcançado mediante a análise das palavras presentes em cada comentário e como elas se relacionam entre si. O método de Reinert, em particular, baseia-se na matriz de contingência das palavras nos textos, calculando a razão entre as frequências observadas e esperadas das palavras para determinar sua relevância e contribuição para a similaridade geral.

O dendrograma gerado a partir desse método exhibe visualmente como os comentários estão agrupados com base em suas semelhanças. Comentários mais próximos em termos de conteúdo linguístico são agrupados em ramos próximos no dendrograma, enquanto aqueles com diferenças significativas são agrupados mais distantes. Isso permite identificar padrões de associação e tópicos subjacentes nos comentários, auxiliando na compreensão das relações semânticas entre eles.

Figura 21- Dendrograma gerado a partir dos comentários nas postagens entre os dias 30 de agosto de 2018 e 03 de setembro de 2018



A visualização de dendrograma é uma ferramenta que proporciona uma representação gráfica da estrutura de agrupamento e similaridade entre os elementos analisados, como nos comentários avaliados. Ela oferece uma maneira de observar como os comentários são categorizados em grupos e classes com base em suas semelhanças temáticas e linguísticas. Essa técnica auxilia na identificação de padrões, relações e tendências presentes nas interações das membras.

Dentro desse contexto, o dendrograma em questão mostra uma categorização dos comentários em dois grupos distintos, cada um subdividido em quatro classes. O primeiro subgrupo, por sua vez, divide-se em dois. Um desses grupos pertence à classe 03, representada em azul. Essa classe reflete o apoio à fundadora do grupo devido à proposta de criação e operação. Palavras como “perfeito”, “colocação” e “Teixeira” estão associadas a esse segmento. Além disso, a palavra “ler” também é relevante, estando relacionada à abordagem da identificação construída por meio do compartilhamento de informações externas sobre o candidato Jair Bolsonaro.

O primeiro grupo mencionado acima se desdobra novamente em duas classes. A classe

02, a mais extensa, é destacada em verde e engloba palavras como “não”, “mulher”, “grupo”, “homem”, “voto”, “como”, “concordar”, além de “Haddad” e “Ciro”. Nesse segmento, emergem as inter-relações sobre o propósito do grupo e a comunicação entre as membras por meio dos comentários. Essa interação é personalizada conforme o objetivo do grupo, refletindo a busca por construir uma identificação entre as participantes. Essa parte do dendrograma explora discussões em relação ao objetivo do grupo e seu posicionamento em relação aos votos no primeiro turno. No que diz respeito às escolhas de voto, neste recorte, não há uma escolha uniforme. Pelo contrário, nota-se um espaço para o diálogo entre as membras sobre em quem votar. Além disso, chama a atenção a presença da palavra “NÃO”, que indica que a coesão do grupo se baseia na identificação de diferenças, formando um senso de coletividade contra Jair Bolsonaro.

A outra classe abrange uma prática social: o boicote às lojas que apoiam o candidato Jair Bolsonaro. Essa atitude é adotada como forma de demonstrar o comprometimento das membras com suas crenças e posicionamentos políticos.

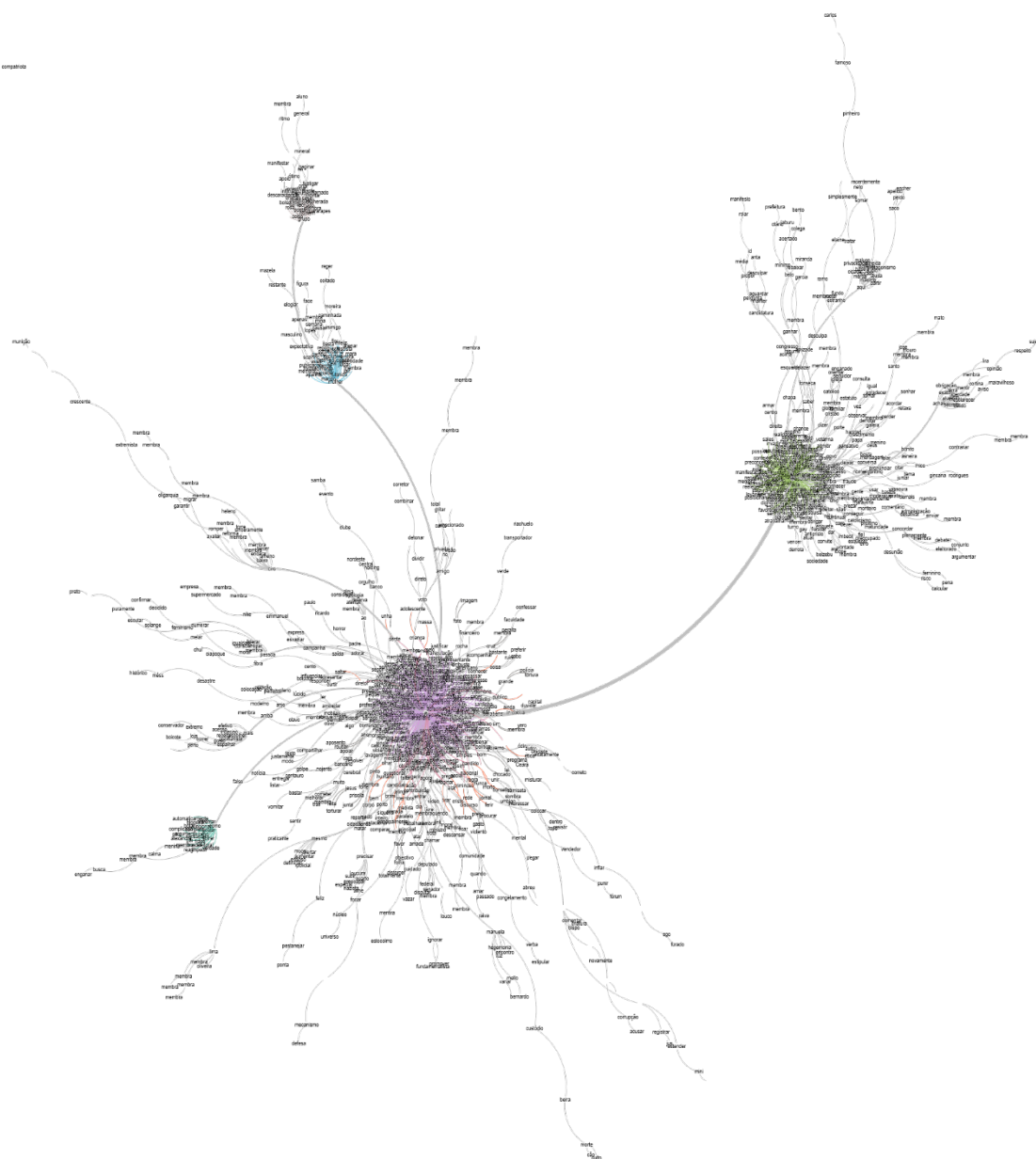
7.2.3 Grafo gerado no Gephi com os comentários relativos ao início do grupo

O Grafo apresentado na Figura 21 foi criado utilizando o software Gephi, seguindo as métricas propostas por esta metodologia. Essas métricas abrangem a centralidade de autovetor (*eigenvector centrality*) em relação às cores dos nós, revelando a relevância de cada nó na rede com base na qualidade de suas conexões. Além disso, a métrica de modularidade é empregada para determinar o tamanho dos nós, o que está relacionado à segmentação e agrupamento dos dados.

Utilizar o Force Atlas 2, é relevante em nosso cenário já que o *Facebook* é uma plataforma, onde os grupos podem englobar uma ampla gama de tópicos e interações. Essa visualização ajuda a destacar os comentários que exercem influência significativa na rede, identificando aqueles com maior centralidade de autovetor.

A métrica de modularidade, por sua vez, permite identificar grupos a partir dos comentários que interagem mais intensamente. Isso pode revelar subcomunidades dentro do grupo principal. A análise desses agrupamentos pode ser usada para melhor compreender a dinâmica social e os padrões de comunicação dentro do grupo. A visualização de comentários de um do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro por meio do algoritmo Force Atlas 2 oferece uma perspectiva sobre a dinâmica da rede, destacando temas influentes e padrões de agrupamento.

Figura 22- Grafo gerado no Gephi a partir de dados do Iramuteq



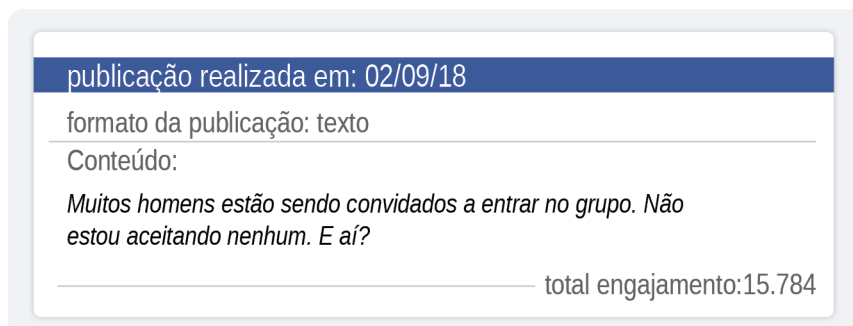
Ao analisarmos este grafo, podemos identificar nós isolados nos quais os comentários não se interrelacionam, indicando interações unilaterais ou laços fracos, ou mesmo ausentes. Por outro lado, nas zonas periférica e intermediária, encontramos postagens com maior número de interações, o que denota a presença de um agrupamento circundante e à construção de conexões de mobilização. Nesse estrato, identificam-se postagens mais influentes. No centro da rede, estão os nós mais conectados, que estabelecem pontes entre uma diversidade de conexões, muitas vezes relacionadas a temas específicos.

Dessa forma, um cluster de maior tamanho se destacou também no dendrograma, evi-

denciando a construção de identificação entre as participantes. Outros subgrupos estão conectados às classes mencionadas. Além disso, surgem relações de conexão entre grupos via palavras-chave como “Ciro”, “Mulher” e “Não”. Essas conexões apontam para a tentativa de compreender tanto os padrões de voto quanto o propósito subjacente do grupo. Elas também mostram a habilidade de entrelaçar as interações entre os comentários. Adicionalmente, observa-se uma busca pela visibilidade e crescimento do grupo, representando características evidentes nesse grafo.

Nos subgrupos podemos perceber que algumas postagens formam agrupamentos densos, evidenciando a existência de laços fortes nas interações. Tais postagens promovem um diálogo mais aprofundado, muitas vezes sob a forma de debates sobre temas. As membras percebem nesses espaços uma oportunidade para interagir e construir conhecimento, seja concordando ou discordando de opiniões. As escolhas de comentários e curtidas em publicações específicas revelam quais temas possuem maior visibilidade no grupo em expansão

Figura 23- Publicação em MUCB em agosto de 2018



Fonte: Captura de tela (recorte01)

Com os seguintes comentários:

Não sou contra homens, sou contra BOZO...não vejo problema nos apoiarem. Não entrei como se fosse para um clube de Luluzinhas, acho que não é! Todos homens de minha família são ANTIBOZOS.

MULHERES contra Bolsonaro. Homens podem ser contra, mas não aqui dentro. Se quisermos mudar algo neste mundo, temos de romper barreiras e não impor as diferenças, só as de pensamento, não de gênero. Não fazendo como fizeram com a gente.

Só mulheres!

Não!!

Homens não. Eles que criem um grupo para eles

Aqui só as gurias!

Nao!

Homem não. Até Pq a grande maioria de eleitores do coiso são homens.

Nenhum!!

O nome do grupo já diz tudo! Se quiserem montem um grupo: homens contra o coiso

Não aceite, pois muitos podem ser fakes...

O grupo é de Luluzinhas, não sei ,. Kkkkkkk

Não! O grupo é de manas mulheres e diversidade feminina!

Os comentários e a postagem acima demonstram que os comentários refletem uma discussão dentro do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro no *Facebook* sobre a presença de homens. Essa discussão gera conflitos e também é relevante para entender a importância do grupo como um espaço de ação política exclusivamente feminino, em que as mulheres encontram ali uma forma de expressar suas opiniões e compartilhar experiências sem a interferência ou a possibilidade de serem silenciadas por homens, também percebemos características de comunidade de controle já que há a inscrição de regras de quem pode participar.

“Não sou contra homens, sou contra BOZO... não vejo problema nos apoiarem. Não entrei como se fosse para um clube de Luluzinhas, acho que não é! Todos os homens de minha família são ANTIBOZOS.” - Esse comentário destaca que a oposição ao grupo não está relacionada à presença de homens, mas sim ao presidente Bolsonaro. A pessoa acredita que homens podem apoiar a causa e faz referência a sua família como exemplo. No entanto, também menciona que não vê o grupo como um “clube de Luluzinhas,” indicando que a presença exclusiva de mulheres pode ser importante para algumas participantes, um ponto de exemplo de conflitos e ao mesmo tempo de identificação pela diferença.

“MULHERES contra bolsonaro. Homens podem ser contra, mas não aqui dentro.” - Esse comentário reforça a ideia de que o grupo é especificamente para mulheres que são contra Bolsonaro. Embora homens possam ser contra o presidente, não são bem-vindos dentro do espaço do grupo por algumas membras.

“Se quisermos mudar algo neste mundo, temos de romper barreiras e não impor as diferenças, só as de pensamento, não de gênero. Não fazendo como fizeram com a gente.” - Esse comentário enfatiza a importância de romper barreiras e unir-se com base no pensamento, não no gênero, de acordo com esta membra. O que gera conflito com outras participantes no grupo, já que ressalta a necessidade de não impor as mesmas limitações.

“Só mulheres!” / “Aqui só as gurias!” / “O grupo é de Luluzinhas, não sei ,. Kkkkkkk”
/ “Não! O grupo é de manas mulheres e diversidade feminina!” - Esses comentários são assertivos ao afirmar que o grupo é exclusivamente para mulheres. Eles reforçam a necessidade de manter o espaço como um ambiente controlado por mulheres e destacam que a presença de homens não é permitida.

“Homens não. Eles que criem um grupo para eles.” - Esse comentário defende que os homens criem seu próprio grupo, no qual possam debater e se manifestar sobre suas perspectivas políticas.

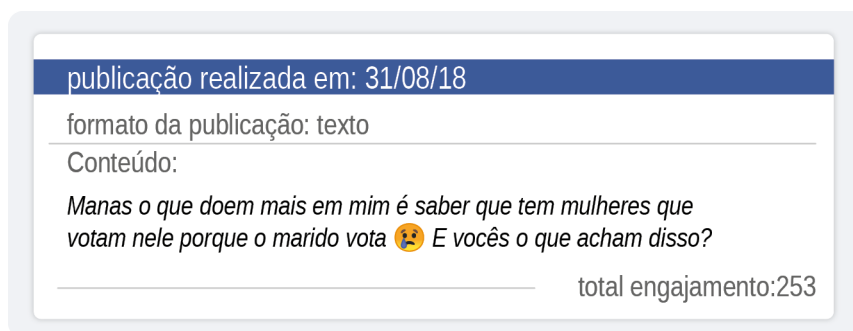
“Não aceite, pois muitos podem ser fakes...” - destaca a preocupação com a possibilidade de homens criarem perfis falsos para ingressar no grupo e os ataques de discurso de violência, dos *bots* criados e gerenciados por campanhas.

Essa discussão reflete o objetivo central do grupo, que foi claramente demarcado por Ludmilla durante a entrevista. O propósito fundamental é proporcionar um ambiente seguro e controlado, estritamente destinado a mulheres, no qual elas possam se expressar e fortalecer politicamente sem a interferência ou o silenciamento por parte dos homens. A restrição da participação masculina é uma medida deliberada para assegurar que as mulheres tenham a liberdade de compartilhar suas experiências, discutir ideias e promover ações políticas sem receios quanto à sua participação ou ao risco de serem corrigidas ou ignoradas por homens.

Nesse espaço exclusivo, as mulheres criam uma identificação com as outras participantes por haver um objetivo comum e um espaço para se manifestar sem medo de repreensões, julgamentos ou desvalorização de suas perspectivas e opiniões. Ao criar um grupo de mulheres, na plataforma passamos a ter uma ferramenta para que expressem suas vozes coletivas e individuais, articulando seus pensamentos e demandas de forma mais assertiva e efetiva. O grupo atua como um refúgio em meio ao contexto social, em que as mulheres muitas vezes enfrentam dificuldades para serem ouvidas. Essa exclusividade permite que elas se sintam encorajadas a compartilhar suas experiências únicas, estabelecer conexões significativas com outras mulheres e encontrar apoio mútuo em suas lutas comuns. Demarcando o quanto é importante a identificação pela diferença com um objetivo comum e que temos uma comunidade de pertencimento, apesar de ser preciso buscar a visibilidade dentro da modulação da plataforma.

O espaço controlado oferece um ambiente de discussão, visto que as mulheres podem se concentrar nos temas, sem serem distraídas por debates infrutíferos ou por questões que possam surgir com a presença masculina. O grupo promove a conscientização sobre as questões específicas que afetam a vida das mulheres, estimulando o engajamento político e a busca por mudanças concretas. Essa abordagem estratégica de proporcionar um espaço exclusivo e protegido para as mulheres é crucial para fortalecer a mobilização e o crescimento do *#Elenão*.

Figura 24- Publicação em MUCB em agosto de 2018



Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*. (2020)

Com os seguintes comentários:

Pessoal sinceramente não concordo muito não ... acho que tem mulher que eh “abobada” sozinha mesmo as que eu vejo fazendo campanha é só pra chocar, para aparecer mesmo... não é possível todas as mulheres que votam nele eh por conta de submissão ... acho que é burrice mesmo!!! Gente egoísta que não tá nem aí pro todo... maria vai com as outras !!! Gente fraca e sem opinião... ou ignorante mesmo já vi um monte postando foto com camiseta de inútil e com uma arma na mão mas o bom que só vejo essas “abobadas “ patricinhas..não vejo uma mulher Que luta pesado e sozinha pra conseguir manter uma família, nenhuma guerreira nenhuma mulher que faz a diferença na sociedade, uma empoderada e engajada defendendo esse néscio ... só vejo as mulheres que estão “ as beiras” surfando na onda da polêmica igual a esse candidato

Carência ao extremo, falta de leitura política,muitas são mulheres de militares e acham que o marido vai se dar bem eu ouvi isso

🐱🐱🐱 tb já ouvi! Conheço várias! Boas almas mas alienadas políticas ao extremo!!

Membra sou mulher de militar e nem eu nem meu marido votamos em Bolsonaro. As tem muito militar que acha isso mesmo...pura ilusão

Acho lamentável e conheço uma que se encaixa nesse perfil.

Observei isso mesmo.. A maioria das esposas de policiais votam nele. É ser muito cabeça fraca

Se os namorados bolsominions comerem 🍷 elas tb comem. Não sabem argumentar, parece q tudo q elas ouvem do bozo sobre as mulheres acham bonito.

Falta de amor próprio por se deixar levar pelos pensamentos dos outros...

Isso é produto do machismo. Precisamos empoderar as mulheres.

Em pleno séc XXI, onde nós conquistamos tanto. Uma mulher agir para agradar o marido, acho no mínimo surreal, triste alguém se anular para agradar qualquer um!

Essas não têm jeito.

Mulheres que infelizmente não tem opiniões formadas para saber o que é melhor para o seu país

É mulher oprimida, como foi ao longo da humanidade. Graças ao movimento feminista, hoje muitas de nós seguem sua própria cabeça e não obedecem a seus maridos. Hoje, depois de muita opressão praticada por pai, irmãos, marido e filhos, tenho uma feliz vida liberta de homens.

Triste

Não tem explicação

Olha,esse seu post foi uma oportunidade pra eu tentar falar da minha indignação

em relação a esse comportamento das mulheres. Gente, é falta de amor próprio. É uma tentativa 'louca' de ser aceita por alguém que não as respeita, nem as amam. Tem como ajudar a essas mulheres? Eu sou um pouco imbecil, nesse 'departamento'... sofro por elas. Por favor, não me venham com ofensas...eu gostaria muito de poder ajudar..

Figura 25- Publicação em MUCB em agosto de 2018

Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.(2020)

Como exemplos de comentários (que fazem dar o destaque a esta publicação)

eu tb não entendo como pode tanta gente apoiar o discurso do opositor! Vou morrer sem entender

Deve ser questão de QI abaixo da média, só pode...

dos comentários apresentados destacando pela união de mulheres e práticas sociais como opinião, oprimida/opressão, observamos a abertura para o diálogo em torno do questionamento sobre mulheres que votam em Bolsonaro devido à influência dos maridos. A autora buscava apoio e visibilidade de outras usuárias. Percebemos que, mesmo neste estágio inicial, já existiam diferentes posições e objetivos entre as participantes, mas ainda assim havia uma busca por constituir laços e interações em torno do objetivo comum de combater o candidato. Alguns comentários refletem a preocupação com mulheres que se submetem à opressão dos maridos e não percebem seu próprio valor. Outros mencionam a importância de empoderar as mulheres e romper com as barreiras impostas pelo machismo. Ainda, há quem aponte a falta de consciência política de algumas mulheres e a influência negativa de seus parceiros. Os comentários refletem diferentes perspectivas sobre a temática proposta, revelando uma diversidade de opiniões entre as participantes. Esse ambiente de debate e troca de ideias é característico de uma ação conectiva, em que as mulheres buscam se unir e construir uma coesão mesmo com suas diferenças individuais. Os comentários também apontam para a importância de conscientização política das mulheres, a fim de romper com estereótipos e padrões impostos.

O momento retratado no grupo MUCB no *Facebook*, com a postagem “*alguém sabe pq tantos gays e lésbicas vão votar em Bolsonaro*” e os comentários associados, reflete a dinâmica complexa e multifacetada desse espaço virtual. O grupo, caracterizado como um ambiente de diálogo e resistência, mostra-se permeado por conflitos e divergências de opiniões, evidenciando a heterogeneidade de seus participantes.

A postagem inicial levanta uma questão polêmica sobre o apoio de gays e lésbicas ao candidato Bolsonaro, provocando reações diversas entre as membras. Os comentários abrangem uma diversa gama de perspectivas, refletindo tanto a incompreensão e perplexidade quanto a crítica ácida e a discordância. A partir disso, percebe-se que o grupo não é homogêneo em seus posicionamentos políticos, o que é evidenciado pelas diferentes reações manifestadas pelas membras. Alguns comentários revelam a dificuldade de compreender como pessoas da comunidade LGBTQ+ poderiam apoiar um candidato com discursos e histórico considerados como homofóbicos. Essas expressões de incredulidade podem indicar uma busca por respostas diante de uma aparente contradição, levando ao questionamento da coerência dos eleitores em suas escolhas políticas.

No entanto, essa tentativa de compreensão é frequentemente acompanhada por comentários que carregam julgamentos e preconceitos. Observam-se afirmações que associam o apoio a Bolsonaro a uma suposta baixa inteligência (QI abaixo da média), falta de amor próprio e “Síndrome de Estocolmo”. Essas declarações evidenciam a presença de conflitos internos e

tensões entre os membros do grupo, manifestando-se por meio de comentários sarcásticos e críticos. No contexto desses conflitos, alguns membros buscam explicar o apoio de gays e lésbicas a Bolsonaro a partir de fatores psicológicos, como um complexo de inferioridade ou uma busca por aceitação. Essas tentativas de justificar a posição dos eleitores por meio de análises comportamentais demonstram a existência de debates internos no grupo sobre as motivações e razões por trás das escolhas políticas.

O ambiente de diálogo e resistência é caracterizado, ainda, por comentários que defendem a diversidade de opiniões, sugerindo que o grupo poderia considerar adicionar mais membras LGBTQ+ para ampliar o espectro de visões políticas. Contudo, ~~ao mesmo tempo~~, não faltam expressões de indignação e repúdio ao apoio a Bolsonaro, associando tal postura a uma falta de caráter e até mesmo à burrice. Em suma, esse momento no grupo MUCB retrata um cenário em que diálogo e resistência coexistem com conflitos e divergências de ideias. A pluralidade de vozes reflete a complexidade da comunidade LGBTQ+ e sua interação em um contexto político polarizado. Esses conflitos podem representar um desafio para a manutenção da coesão interna, mas também oferecem oportunidades para aprofundar a compreensão dos diferentes pontos de vista e buscar uma maior tolerância e respeito mútuo.

É importante ressaltar que pela coleta ter sido realizada dessa maneira foi possível perceber detalhes importantes sobre as informações. Como, por exemplo, nos primeiros dias encontramos apenas uma vez o uso da *#elenão*, sendo que, no início, a proposta pela própria fundadora e de outras participantes era o *#bolsonaronão* o que pode demonstrar algumas modificações no decorrer dos dias e interações até chegar ao aumento, troca e escolha por uma única *hashtag*. Dados também importantes apresentam como muitas ex-membras já foram atuantes no grupo, como a fundadora do grupo enquanto ele ainda não tinha tanta dimensão percebia como seguro fazer a sua declaração de voto e depois prefere não falar mais sobre.

Com base nos resultados obtidos por meio da análise do grafo (Figura 22) utilizando o algoritmo de distribuição da rede Force Atlas, é possível aprofundar nossa compreensão sobre a estrutura e dinâmica da comunidade MUCB (Mulheres Unidas Contra Bolsonaro). A aplicação desse algoritmo nos comentários e nas interações revelou uma visão mais clara sobre a formação de subgrupos dentro dessa comunidade, permitindo identificar os temas e palavras-chave que estão no centro das discussões e conexões entre seus membros. Notadamente, o fenômeno dos subgrupos emergindo dentro da comunidade MUCB é resultado de padrões intrincados de interações e interesses compartilhados. A densificação desses subgrupos em suas redes de conexões ocorre especialmente a partir de discussões e apontamentos relacionados às intenções

de voto, refletindo o engajamento político das participantes. Além disso, percebe-se uma relevante interligação entre as palavras-chave “mulher” e “questões de gênero”, o que destaca a importância dessas pautas na construção da identidade e dos objetivos coletivos do grupo. Outro aspecto relevante identificado pelo algoritmo é a existência de um cluster distinto que envolve a palavra “grupo”. Nesse cluster, destaca-se a menção à administradora e fundadora do grupo, o que evidencia o papel-chave dessa figura na condução e orientação do funcionamento do MUCB. A presença dessa líder é fundamental para unificar os esforços e direcionar as ações do grupo em torno de suas causas principais.

Ao analisar o primeiro recorte temporal, percebe-se uma evolução na maneira como a ação do grupo #elenão é construída na plataforma. Nesse período, a administradora assume um papel central como uma ponte de relacionamento entre as membras, desempenhando uma gestão ativa para conciliar os diversos posicionamentos e objetivos individuais em busca de um objetivo comum mais forte e unificado. Essa abordagem reforça a importância de uma liderança efetiva para a coesão e engajamento do grupo. É interessante notar que, inicialmente, a hashtag mais utilizada era o próprio nome do grupo, #Mulheresunidascontrabolsonaro. Essa escolha reflete a centralização das discussões em torno de questões de gênero e do movimento de oposição ao presidente Bolsonaro, representando uma tentativa de criar uma relação de identidade entre as mulheres e a luta contra esse político específico.

Essa estratégia de unificação em torno de uma causa comum é um elemento-chave no fortalecimento do grupo e na criação de uma rede mais coesa e engajada. A mudança para a utilização da hashtag #elenão, posteriormente, sugere uma progressiva consolidação do grupo em torno da oposição política a Bolsonaro, estabelecendo uma conexão direta entre o movimento das mulheres e a sua posição contrária ao presidente. Além disso, o gráfico da Figura 22 também destaca a centralização dos temas relacionados a gênero e à negação ao governo Bolsonaro, o que sugere que esses são os tópicos dominantes nas discussões e interações da comunidade MUCB. Essa concentração temática pode ter contribuído para a coesão interna do grupo e para a amplificação de suas mensagens e objetivos.

7.3 AS INVASÕES NO GRUPO MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO

Durante o segundo período analisado, que ocorreu entre os dias 14 e 17 de setembro de 2018, foram observados os eventos relacionados às invasões ao grupo em questão. O principal objetivo dessa análise consistiu em compreender a resistência e a persistência do grupo, mesmo após ter enfrentado múltiplas invasões em um curto intervalo de tempo.

Nesse período específico, o grupo foi alvo de ataques direcionados. Um relato significativo foi fornecido pela própria fundadora, que chegou a perder o acesso ao seu perfil pessoal, sofrendo violência virtual. Em sua descrição, ela compartilhou detalhes sobre os diferentes tipos de violência que experienciou e destacou o impacto dessas experiências em sua percepção da plataforma. Dessa forma, a análise concentrou-se em investigar como o grupo enfrentou a invasão e as mudanças de nome, examinando suas táticas e ações de defesa. A consideração dessas estratégias tornou-se importante por compor um panorama mais abrangente sobre o que determinou para o grupo em manter suas atividades.

A fundadora do grupo, relata que antes mesmo da invasão ocorrer no grupo, as administradoras do grupo vinham sofrendo ataques:

E com um mês, sofremos o ataque em hacker. E o ataque hacker, se eles acharam que iam derrubar, e fazia a gente desistir as ameaças de morte, que aí começaram, né? Se não tirar o grupo do ar, né? Vou expor os seus dados, vou pegar a sua família, vou... Isso não só eu, várias mulheres começaram a receber. (...) Primeiro invadiram o perfil de duas moderadoras e a gente conseguiu contornar, tirar elas do grupo antes deles fazerem estrago, só que por último eles foram no meu perfil. E o meu perfil era capaz de deletar o grupo, porque como eu que tinha criado, e aí foram o que eles fizeram. Primeiro eles fizeram tocar um terror lá dentro, xingaram as mulheres, ameaçaram, agrediram, fizeram terror na minha página, mudou meu avatar, colocou Bolsonaro 17, botou Bolsonaro fazendo coraçãozinho na capa do meu Facebook (TEIXEIRA, 2023)

Durante este período de ataque, Ludimilla sentiu-se pressionada a deixar o grupo e o seu funcionamento de acordo com as regras da plataforma, quando relata que:

[...] e assim, eles não colaboraram, me deixaram fora do grupo por um tempo. Eu não me conformei, muita gente tentou me ajudar, hackers do bem, a galera do Media Ninja, outros jornalistas livres, outros ativistas. E aí eu não me conformei em ficar fora, fui e fiz um perfil novo. E é com esse perfil que eu tô lá no Facebook até hoje, porque o meu perfil antigo nunca foi recuperado. Eu recuperei ele por algumas horas e eles tomaram de novo, e o Facebook não me ajudou mais. Eu já mandei e-mail, já fiz o que você puder imaginar, já mandei passaporte, seguro de vida, tudo que você imaginar, e o Facebook não me devolve o meu perfil. É um perfil que eu tenho desde 2013, eu acho, 2014, tem fotos da minha família, do meu pai que já é falecido. Eu não consigo ter acesso porque eu não sou minha amiga, e na época dos ataques eu fechei o perfil todo, tentei fechar as fotos e tal. (TEIXEIRA, 2023)

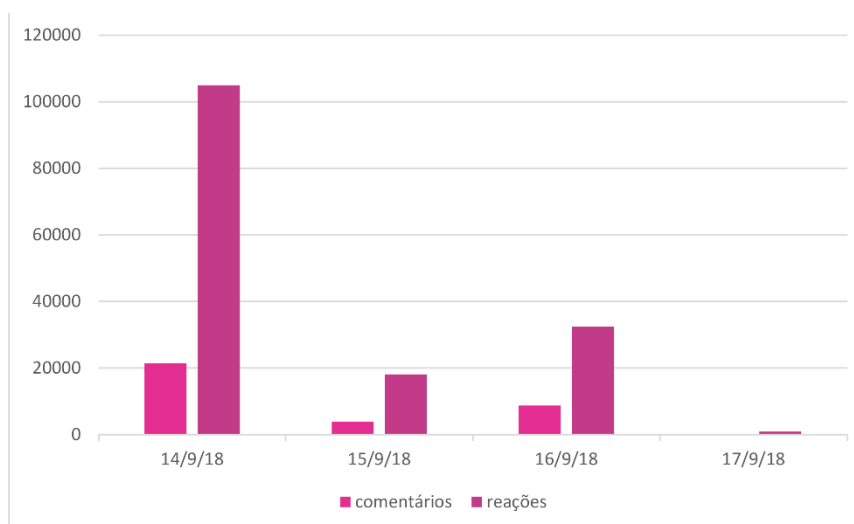
E aborda sobre essa questão de perder o acesso ao perfil como uma violência pessoal, pois isso compromete não apenas a privacidade e a segurança da fundadora, mas também impacta diretamente sua participação ativa no grupo. É importante destacar que o Meta (*Facebook* passou a nomear-se assim em 2012) é um grupo de negócios com diversas *affordances* específicas que contribuem para seu funcionamento. Perder o acesso ao perfil pessoal representa uma violência que vai além do âmbito individual e também coletivo devido à sua gestão e significado para o grupo MUCB. Essa ocorrência afeta diretamente a fundadora, que não apenas sofre com

a invasão e perda de controle sobre sua identidade digital, mas também enfrenta desafios em relação à sua participação nos processos e ações do grupo. Pois a plataforma Meta oferece diversas *affordances* que permitem a interação, compartilhamento, *networking* e colaboração entre os membros do grupo. Além disso, a violência virtual vivenciada pela fundadora traz consigo implicações psicológicas e emocionais, afetando sua percepção da plataforma e, potencialmente, desencadeando sentimentos de vulnerabilidade, desconfiança e insegurança. Diante dessa situação, torna-se ainda mais relevante analisar as estratégias adotadas pela fundadora e pelo grupo como um todo para enfrentar esses desafios e se adaptar às adversidades.

7.3.1 Participação das membras por dia durante a invasão do grupo

Na Figura 25, apresenta-se um gráfico resultante da soma das interações divididas entre reações e comentários das membras nas postagens. Esses registros digitais são resultantes de quantidades geradas via participação ativa das integrantes nas referidas publicações. A coleta desses dados foi conduzida durante os dias 14, 15, 16 e 17 de setembro de 2018, abarcando o período inicial de funcionamento do grupo em questão. No total, foram elicitadas 105 postagens, as quais aglutinaram um volume de 15.534 comentários.

Figura 26-Gráfico com engajamento por dia



Fonte: gerado a partir dos dados coletados no segundo recorte tempo

Ao analisarmos o gráfico, torna-se evidente que as interações e os comentários atingiram picos no dia que precedeu o ataque ao grupo, seguido por uma queda nos dias subsequentes.

Esta tendência sugere uma redução na participação das membras em decorrência da invasão ocorrida. Essa diminuição indica a existência de um clima de apreensão entre as participantes, influenciando negativamente o engajamento. Nesse contexto, é crucial considerar o eixo de análise referente aos padrões de aliança. Mesmo que a visibilidade seja um aspecto importante, ela parece ter perdido sua influência neste intervalo de tempo específico.

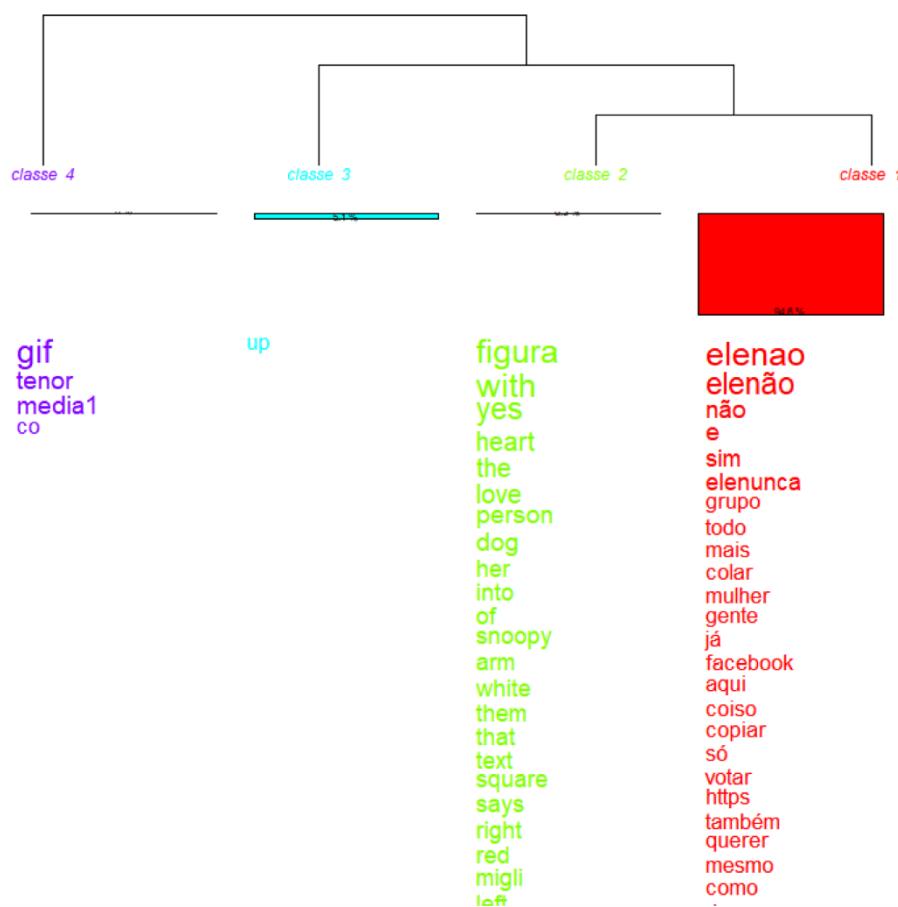
A invasão do grupo MUCB no *Facebook*, que impactou o padrão de participação das membras, envolveu a entrada de indivíduos não autorizados na plataforma do grupo. Este acontecimento acarretou não apenas uma diminuição das interações, mas também criou um ambiente de incerteza e desconfiança entre as participantes. A presença não autorizada gerou insegurança sobre a confidencialidade das interações, inibindo, conseqüentemente, a participação ativa. As membras, possivelmente preocupadas com a preservação de suas informações pessoais e interações privadas, demonstraram uma resposta compreensível ao se distanciarem temporariamente do grupo.

Nesse contexto, é interessante observar como a prática social, interpretada aqui como uma forma de resistência à invasão, e o sentimento de comunidade desempenharam papéis fundamentais. Esses fatores influenciaram as relações no grupo MUCB, conforme detalhado no próximo item. Portanto, mesmo em face da perturbação causada pela invasão, as membras buscam manter a coesão e a segurança dentro do grupo, revelando uma reação coletiva contra a interferência externa.

7.3.2 Dendrograma dos comentários durante a invasão do grupo

O dendrograma na Figura 27 apresenta uma representação visual que revela a estrutura e a classificação das interações dentro de um contexto específico. Por meio desse gráfico hierárquico, é possível observar uma divisão inicial em duas classes principais, cada uma se desdobrando em subgrupos distintos.

Figura 27- Dendrograma gerado a partir dos comentários nas postagens entre os dias 14,15,16 e 17 de setembro de 2018



No dendrograma apresentado, podemos identificar uma divisão em duas classes principais, as quais por sua vez se subdividem em 4 subgrupos.

Um desses subgrupos se destaca pelo uso exclusivo de gifs, representando a classe 4 (indicada em roxo), utilizados como uma maneira de expressar posições nos comentários. Os GIFs, abreviação para Graphics Interchange Format (Formato de Intercâmbio de Gráficos), são imagens animadas que podem transmitir sequências de movimentos ou ações de forma repetitiva. Muitos GIFs são originados de filmes, programas de TV, memes populares e outras referências culturais. Isso permite estabelecer conexões com pessoas que compreendem a origem do GIF. No contexto em questão, a maioria dos usos dessas imagens está relacionada a candidatos políticos ou à expressão de reações por meio de memes, que são elementos culturais compartilhados pela internet, como imagens, vídeos, frases ou ideias, que são compartilhados e modificados por usuários de forma viral. Geralmente, eles carregam humor, ironia, crítica social ou referências específicas que são facilmente reconhecíveis por um grupo de pessoas. Memes

podem ser imagens acompanhadas por legendas engraçadas, montagens, vídeos curtos ou até mesmo gestos específicos. Eles se tornaram uma maneira popular de comunicação na era digital, permitindo que as pessoas expressem ideias e emoções de forma concisa e envolvente.

No segundo agrupamento, ocorre uma subdivisão em dois subgrupos: um marcado em azul, contendo o termo “Up”, que denota um tipo específico de comentário empregado para destacar postagens na linha do tempo dos usuários. Nesse cenário, busca-se alcançar visibilidade. O termo “Up” é frequentemente empregado nos comentários das redes sociais, incluindo o *Facebook*, com o intuito de aumentar a exposição de uma publicação. A meta é fazer com que a postagem retorne ao topo do feed de notícias ou da seção de comentários, atraindo mais atenção de outros usuários. Quando alguém comenta “Up” em uma postagem, essa ação notifica tanto o autor da postagem quanto outros envolvidos na discussão, o que potencialmente conduz a um maior engajamento e interações. Contudo, o uso excessivo dessa estratégia pode ser considerado spam ou manipulação, resultando em penalizações, como a redução do alcance das postagens ou até a suspensão de contas.

O terceiro subgrupo, igualmente dividido em dois segmentos, é classificado como pertencente à classe 2 e é identificado pela cor verde. Esse subgrupo consiste em comentários que incorporam figurinhas. O uso da linguagem de programação Python possibilitou a leitura da descrição original da imagem, que estava em inglês. Figurinhas são elementos visuais que desempenham o papel de expressar emoções, sentimentos ou reações.

Por fim, o subgrupo preponderante, indicado em vermelho, concentra-se na discussão em torno de termos como “elenão”, “elenunca” e questões relacionadas ao *Facebook* enquanto práticas sociais. Tais práticas envolvem desde a sinalização de pertencimento dos membros nas interações até o controle das formas de uso do grupo. Adicionalmente, palavras como “copiar” e “colar” foram utilizadas em comentários para explicar os eventos ocorridos durante um ataque, estimulando outros comentários em massa (*flood*²⁸) que faziam uso da hashtag #elenão. Também, termos como “mulher”, “gente”, “também” e “querer” estão presentes, trazendo consigo marcas que apontam para padrões de aliança, evidenciando uma identificação construída e

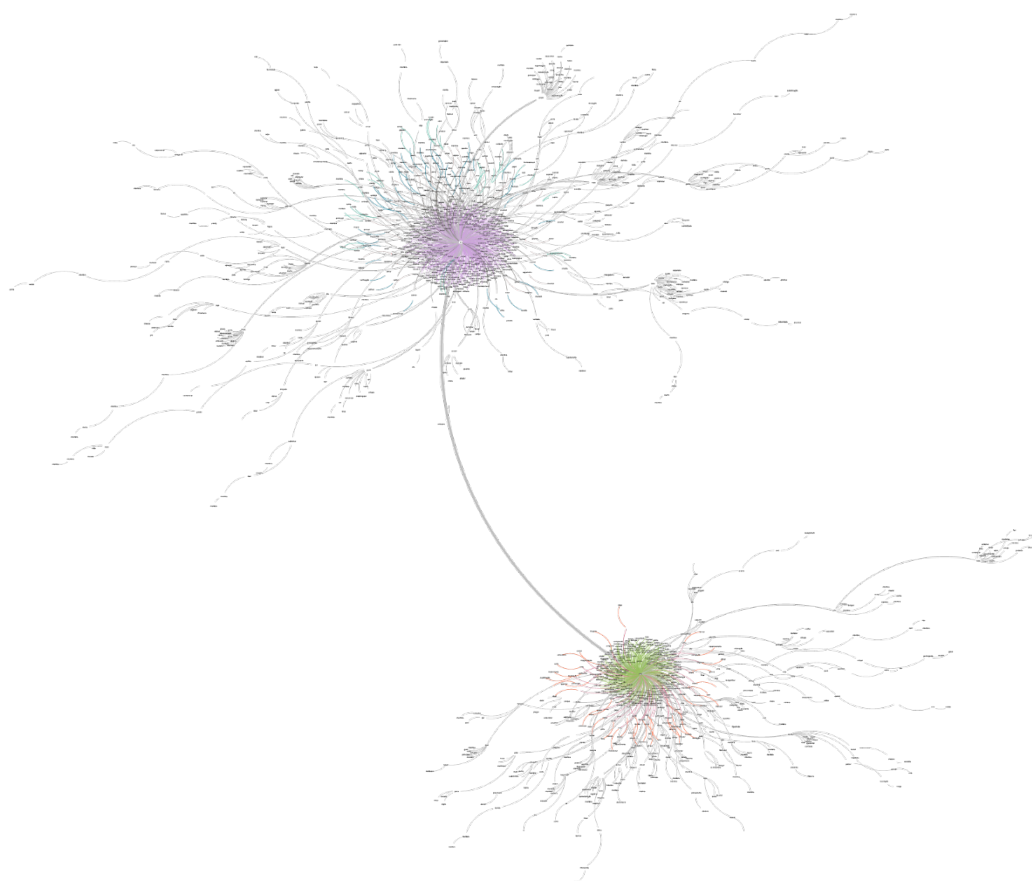
²⁸ Comentários em “flood” se referem a uma prática em que um grande número de mensagens é postado em um curto período de tempo, muitas vezes de forma repetitiva ou contendo conteúdo similar. Essa ação pode sobrecarregar uma discussão, seção de comentários ou uma plataforma de mídia social com uma grande quantidade de contribuições, o que pode dificultar a leitura e interação normal por parte dos outros usuários. O termo “flood” é derivado do inglês e significa “inundar”. Comentários em “flood” podem ser usados para chamar a atenção para um tópico específico, amplificar uma mensagem ou simplesmente atrapalhar a comunicação normal, dependendo da intenção por trás da ação. Plataformas frequentemente implementam medidas para evitar ou mitigar o efeito do “flood”, como limitar a frequência de postagens ou a quantidade de mensagens idênticas que um usuário pode publicar em um curto período de tempo.

um comprometimento subjacentes.

7.3.3 Grafo gerado no Gephi com os comentários realizados durante o período de invasão no grupo

Este gráfico (Figura 28) foi criado utilizando o software Gephi a partir dos dados exportados do Iramuteq. Ao optarmos por medidas de autocentralidade de vetor e Force Atlas 2 como métricas, nosso objetivo era ilustrar a formação dos agrupamentos das interações, demonstrando

Figura 28- Grafo gerado a partir dos comentários coletados no recorte de tempo 2



O grafo apresentado revela a estrutura da comunidade MUCB (Mulheres Unidas Contra Bolsonaro) e seus diferentes clusters, cada um com suas temáticas e interações específicas. A análise das palavras-chave presentes em cada cluster permite inferir aspectos relevantes sobre o grupo e suas dinâmicas internas.

O maior cluster, destacando as palavras “colar”, “hacker”, “continuar”, “postagem” e “atacar”, parece representar um subgrupo que centraliza sua atuação em questões técnicas e estratégicas relacionadas ao ambiente digital. Aqui, os membros discutem e planejam formas de continuar suas ações, incluindo postagens e ataques, utilizando habilidades de *hacking* ou outros métodos para alcançar seus objetivos. Essa concentração de termos relacionados à ação digital sugere que esse subgrupo é essencial para a coordenação das atividades online do MUCB. Outro cluster é centrado na palavra “mais” e conecta palavras como “resposta”, “exemplo”, “derrota”, “informar” e “membra”. Esse grupo parece atuar como uma ponte, conectando-se aos demais subgrupos, e concentra-se na interação com outras comunidades, fornecendo informações e respostas em diferentes contextos. Evidencia-se aqui um papel fundamental de comunicação, que contribui para a articulação e propagação das mensagens do MUCB e para estabelecer alianças. Outro subgrupo, com destaque para a palavra “gente” e palavras como “reconhecer”, “burro” e “maluco”, sugere que há discussões e interações específicas relacionadas aos eleitores que votam em Bolsonaro. Esse cluster pode representar o espaço onde ocorrem debates e críticas sobre os posicionamentos políticos e comportamentais de determinados grupos ou indivíduos, incluindo eleitores dele como presidente.

O cluster com destaque para “todo” e palavras como “permanece”, “identificar” e “opressão” parece estar relacionado ao ataque sofrido pelo grupo MUCB. Aqui, é possível que as participantes discutam e enfrentem estratégias de resistência às tentativas de desestabilização e descredibilização de suas ações e objetivos. A ênfase em “permanece” indica uma postura de resistência e determinada diante das adversidades enfrentadas.

Há também um subgrupo menor centrado na palavra “diferenciação”, com destaque na palavra “não”, e outras palavras como “risco”, “bolso”, “focar”, “briga”, “rejeição”, “convenecer”, “movimento”, “projeto” e “eleger”. Esse cluster pode representar um espaço onde as participantes debatem e negociam suas diferenças, incluindo questões de posicionamento político e estratégias de ação. A presença das palavras “risco”, “briga” e “rejeição” sugere que há conflitos internos no grupo, mas também que existe uma busca por consenso e união em torno de objetivos comuns. A proximidade de subgrupos menores, como “até”, “amizade” e “privacidade”, sugere que essas temáticas estão intrinsecamente relacionadas ao funcionamento e coesão do grupo MUCB, possivelmente influenciando as relações interpessoais e a confiança entre as participantes.

Em conjunto, esses diferentes clusters e subgrupos refletem os temas e discussões presentes na comunidade MUCB. Apesar do objetivo comum de se opor ao governo Bolsonaro e

questões relacionadas a gênero e opressão, o grupo enfrenta controvérsias internas, debates sobre ações políticas e ações estratégicas. A identificação dos diferentes clusters e suas relações sugere que o diálogo em torno de temas específicos pode ser um fator crucial para fortalecer os laços e a coesão interna do grupo.

O grafo sugere que o MUCB é uma comunidade determinada em seus objetivos, mas que também enfrente conflitos internos em relação à temas específicos e tomadas de decisão, principalmente, referente às ações políticas. A capacidade de manter a união, mesmo diante de diferentes perspectivas e adversidades, evidencia o comprometimento de suas participantes. A comunidade se caracteriza não apenas como um espaço de pertencimento, mas também como um local de controle e resistência.

Com base nas palavras-chave destacadas no grafo e nos comentários, foram identificadas postagens que exemplificam as temáticas e interações presentes na comunidade MUCB (Mulheres Unidas Contra Bolsonaro).

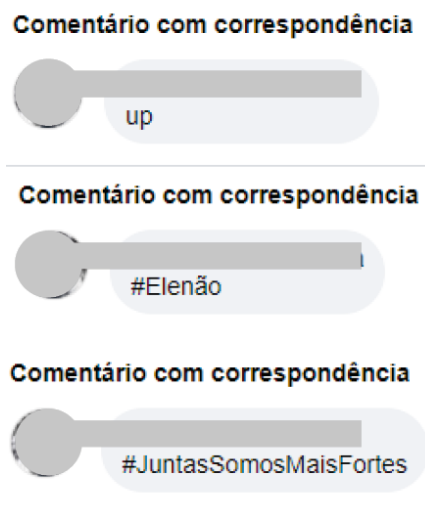
Figura 29 - Publicação em MUCB em setembro de 2018



Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.(2020)

Comentários realizados pela membra responsável pela publicação da Figura 29 em diferentes publicações

Figura 30 - Captura de telas comentários



Fonte: captura de tela *Facebook*

Acredita-se que este é um caso de participante que se tornou ex-membra em um dos ataques sofridos, já que ao visitarmos o perfil pessoal desta participante temos a sua presença em outros grupos como “Todos unidos contra Bolsonaro” e “Mulheres Unidas contra Bolsonaro RS”, que demonstram o mesmo posicionamento que apresentado pelo MUCB. Dessa forma, podemos perceber um exemplo de caso em que os ataques de forma repetida ao grupo, resulta na saída da membra, mesmo com a participante tentando manter uma resistência.

Essa situação ilustra um exemplo em que os ataques repetidos direcionados ao grupo MUCB resultaram na saída da participante, apesar de seus esforços para resistir e manter-se engajada. Os ataques podem ter sido tão intensos que ela decidiu deixar o grupo, buscando apoio e solidariedade em outros espaços. Essa análise ressalta a complexidade das dinâmicas grupais online e como os ataques frequentes podem levar à saída de participantes, mesmo quando eles tentam resistir. Também destaca a importância de examinar não apenas as postagens individualmente, mas também o contexto e as conexões entre as participantes para uma compreensão das interações dentro do grupo MUCB.

Figura 31- Publicação em MUCB em setembro de 2018

Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.(2020)

E os comentários:

Poxa! Custa prestar atenção na hora de add? Na boa, mulherada! Se nós não formos cuidadosa com o nosso espaço, todo trabalho será em vão. eu DEFENDO QUE MULHER QUE ADD HOMEM DEVE SER BANIDA!

to dando uma pesquisada e achei alguns homens que estão no grupo e não foram add por ninguém, só aparece “entrou no grupo”. Ontem deve ter ficado aberto qdo hackearam

o que sugere que possíveis invasores podem ter se infiltrado quando o grupo ficou aberto durante um ataque anterior. Há também a denúncia da presença de homens no grupo, inclusive uma mulher cuja foto de perfil mostra apoio ao Bolsonaro, gerando revolta entre as participantes e outro que lembra que a política do grupo já estabelece regras para a adição de membros, sugerindo que as políticas existentes devem ser revisadas para garantir a segurança. Essa forma de organização do grupo, uma forma de gestão de autogovernança, na qual as moderadoras, somadas com as reações das participante, optam por buscar soluções de funcionamento e regras. Ainda, tem comentário que oferece sugestões de segurança, como a modificação de senhas e a ativação da autenticação de dois fatores, buscando fortalecer a proteção contra novas invasões. E outro que destaca a dificuldade de denunciar infiltrados no grupo devido às restrições de publicação, indicando que pode ser necessário buscar alternativas para garantir a segurança do grupo.

Esses resultados indicam que as membras estão engajadas em proteger a comunidade contra possíveis invasões e infiltrados. A discussão em torno da segurança e a busca por medidas efetivas refletem o comprometimento do grupo em manter um espaço seguro para a troca de ideias e ações políticas. As sugestões apresentadas nos comentários demonstram o envolvimento ativo das participantes em contribuir para a proteção do grupo, sugerindo que elas assumem um papel ativo na tomada de decisões relacionadas à segurança. Além disso, a denúncia de invasores e homens no grupo mostra o cuidado das membras em garantir que o espaço seja exclusivo para mulheres com os mesmos objetivos e perspectivas políticas. A busca por melhorias nas regras de uso e a revisão das políticas de adição de membros também evidenciam a preocupação em aprimorar a segurança da comunidade. Esses elementos revelam que o grupo se destaca como uma comunidade de pertencimento e controle, onde suas participantes estão unidas em torno de um objetivo comum e assumem responsabilidade compartilhada para garantir a segurança e a integridade da comunidade.

Ao analisarmos, partindo dos autores que abordam sobre movimentos sociais, temos a questão do sentimento de pertencimento pelos seus participantes, a partir dos laços sociais há essa identificação de fazer parte de um grupo e como Diani e Bison (2012) falam em buscar identificar padrões de aliança que mostra um indicador de identidade coletivo. E essa demonstração encontrada no comentário destacado auxilia na compreensão de como temos a manutenção do grupo mesmo após a mobilização na rua e o fim das eleições de 2018 e 2022. Os laços sociais construídos a partir de laços fracos, nos quais as mulheres participantes mesmo sem ter a convivência cotidiana fora das plataformas, foram responsáveis por criar uma construção de sentido compartilhada, os vestígios deixados por essas publicações apresentam dados sobre a

extensão da colaboração ao longo do tempo e reconhecimento mútuo de pertencimento entre as membras nessas interações na rede

A postagem que está no centro do grupo é referente a uma mobilização online, disponível na Figura 32


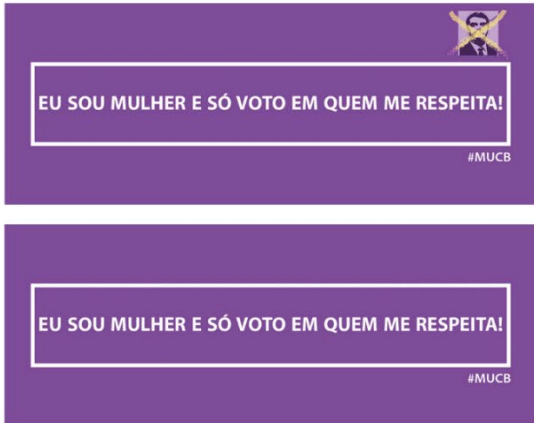
Figura 32- Publicação em MUCB em setembro de 2018

publicação realizada em: 14/09/18

formato da publicação: texto + imagens

Conteúdo:

PRIMEIRA MOBILIZAÇÃO ONLINE
TROCA DE FOTOS DE CAPA E PERFIL HOJE 19H - temos 2 opções de capa, 1 com foto e outra sem. Fiquem à vontade para escolher.
AS FOTOS DEVERÃO FICAR NO PERFIL DA MEMBRA POR 24H, podendo estender quem preferir.
MOVIMENTO SILENCIOSO - sem brigas! Se alguém comentar algo em favor do cara, vamos ignorar e mostrar que somos mais!
HASHTAGS SUGERIDAS: #mucb #elenão #OndaRoxa
IMPORTANTE: ESPALHEM! ENVIEM PARA AS AMIGAS TB Q NAO ESTAO NO GRUPO, QUE GOSTARIAM DE PARTICIPAR! DEEM UP! #TODASJUNTAS

total engajamento:10.475

Fonte: Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma Facebook.(2020)

As interações destacadas neste contexto ocorrem por meio de um fenômeno conhecido como *swarming*, que consiste na multiplicação da utilização de uma hashtag. No entanto, é importante ressaltar que essas interações não têm como objetivo gerar visibilidade externa. Em

vez disso, funcionam como uma forma de ocupar espaços e reafirmar a identidade do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro nas postagens e comentários. Essa estratégia se tornou uma forma de resistir aos ataques sofridos pelo grupo. A utilização da hashtag internamente serviu como um mecanismo de alerta para as demais usuárias, indicando que elas não deveriam deixar o grupo durante o período de invasão. Essa ação teve como objetivo fortalecer o senso de comunidade, encorajando as participantes a permanecerem unidas e enfrentarem os ataques juntas. Ao optarem por manter a utilização da hashtag dentro do grupo, as participantes demonstraram resistência em não permitir que os invasores silenciassem suas vozes. Essa estratégia pode ser vista como uma forma de preservar a identidade coletiva do grupo e reafirmar seu propósito original de se opor ao governo de Bolsonaro. Essa prática serviu como um lembrete constante de que o grupo ainda estava ativo e unido, mesmo diante dos ataques e invasões.

Uma forma adicional de participação dentro do grupo foi por meio de comentários escritos, mas a principal forma de engajamento ocorreu por meio da multiplicação interna do uso da hashtag *#elenão* e do uso do “Up” nas publicações, visando aumentar o alcance e o envolvimento das publicações. Muitas vezes, os participantes atendiam ao pedido de “espalhem”, marcando outras amigas na postagem para ampliar sua visibilidade.

No entanto, quando se tratava de propostas específicas, como a troca de foto de perfil e de capa em um determinado horário, apesar de vermos adesão nos comentários, ao visitar os perfis pessoais das participantes, constatou-se que apenas uma minoria efetivamente realizou essa mudança. Isso indica que, para as membras do grupo, o valor da participação está mais relacionado às interações internas no próprio grupo do que às ações realizadas publicamente, o que pode ser interpretado como um receio de sofrer ataques externos ao compartilharem suas ações. Essa relutância em realizar ações visíveis publicamente pode estar relacionada à preocupação com a exposição e a possibilidade de sofrerem represálias ou ataques por parte de opositores políticos. Portanto, as participantes optam por se engajar e interagir principalmente dentro do ambiente seguro do grupo, onde encontram apoio e solidariedade entre si. Essas interações internas, embora não sejam tão visíveis publicamente, ainda desempenham um papel significativo na construção do sentimento de pertencer ao grupo.

É importante observar que no grupo muitas participantes realizam sua participação de forma ativa nos comentários, curtidas e reações, mas não se engajam na criação de publicações. A exceção ocorre durante a semana do ataque, na qual percebemos um aumento da participação das membras, porém, quando havia as publicações individuais incluía poucos comentários e reações a estas postagens, o que pode ser justificado pela forma que o algoritmo vai compreender a relevância da usuária no grupo e do quanto “entrega” esta postagem com menor alcance.

Em contrapartida, durante o período de ataque, as estratégias propostas pelas membras para aumentar a visibilidade e as conexões não tiveram o mesmo alcance que durante o uso cotidiano do grupo. O que pode ser devido à possibilidade de que o algoritmo percebe as novas usuárias que entram no grupo com o objetivo de ataque e houvesse um ajuste de alcance das publicações como uma forma de mitigar os ataques. Isso significa que, durante o período de ataque, as publicações individuais podem ter um alcance limitado, o que leva a menos comentários e reações.

Também, é importante destacar o incentivo presente nos comentários para que as participantes fizessem publicações utilizando a frase “copie e cole #elenão”. Funcionou como uma forma de silenciar os invasores e ocupar a linha do tempo do grupo com publicações que utilizassem a hashtag #elenão. Dessa forma, as participantes buscaram ocupar o *feed* de publicações do grupo e interagir nos comentários de todas as postagens feitas por membros nativos, independentemente do conteúdo. Essa tática de resistência teve como objetivo fortalecer a continuação das membras e ainda criou a sensação de unidade e reafirmar seu posicionamento político mesmo diante das dificuldades.

Essas ações demonstram resistência e uma certa forma de organização das participantes para enfrentar os ataques e manter sua voz e presença no grupo. Ao ocupar o *feed* de publicações e interagir nos comentários, elas fortaleceram os laços entre as membras e criaram um senso de coletividade. É importante ressaltar que, embora essas estratégias possam não ter tido um impacto tão significativo durante o uso diário do grupo, elas desempenharam um papel crucial durante o período de ataque, permitindo que as participantes se apoiassem mutuamente e reafirmassem sua identidade política e social. Ainda, ao se concentrarem nas interações internas e adotarem táticas de resistência, elas buscam preservar a integridade do grupo e proteger-se de possíveis represálias externas. Essas estratégias também evidenciam a importância da solidariedade e da comunicação interna como formas de resistência coletiva.

Destaca-se que durante a coleta de dados, foram identificadas publicações que utilizavam figuras públicas externas ao grupo como forma de legitimar suas escolhas e obter apoio entre as participantes. Essa estratégia demonstra a busca por validação e o desejo de se conectar com opiniões e perspectivas compartilhadas por figuras influentes ou reconhecidas publicamente. Ao identificarem-se com essas personalidades, as participantes buscaram fortalecer sua própria identidade política e social, além de ganhar respaldo para suas escolhas. No entanto, é fundamental considerar que o impacto dessas publicações pode variar. Nem todas as participantes necessariamente se sentem legitimadas por meio dessa estratégia, e a percepção da influência das figuras públicas pode ser subjetiva. Além disso, é importante questionar a veracidade e a objetividade das opiniões e informações compartilhadas pelas personalidades mencionadas. O

uso de figuras públicas nas publicações do grupo busca fortalecer a argumentação, validar as escolhas individuais e criar um senso de apoio e coesão para as membras. No entanto, é necessário avaliar criticamente a influência e a credibilidade dessas referências externas. Um exemplo muito constante é o uso de foto e frase de Fernanda Montenegro, como na Figura 33.

Figura 33- Capturas de tela de imagens em publicações



Fonte: Captura de tela na plataforma *Facebook* (2022)

É importante ressaltar que, embora o uso de figuras públicas nas publicações do grupo tenha como objetivo buscar legitimidade, é necessário destacar que nem sempre essas referências são verídicas ou representam as opiniões reais das personalidades mencionadas. No caso específico mencionado, a informação de que a atriz Fernanda Montenegro teria feito uma determinada declaração foi verificada por plataformas de checagem de dados, como Aos Fatos e Agência Lupa a, e foi considerada falsa. Tais agências especializadas em investigação de campanhas de desinformação apontaram que essa publicação não reflete uma fala autêntica da atriz

foi pro Instagram, bombou. Quando... Eu vi, de repente, meu telefone liga, a assessora de comunicação, olha, o Estadão quer fazer uma entrevista com você, porque Madonna tweetou ele não. Eu, como assim? Madonna? Oi? Então, assim, um spam? Uma hashtag que era só para usar no Twitter, a gente pedia isso, gente só pode usá-lo no Twitter, não pode usar no Facebook. Não adiantou. (TEIXEIRA, 2023)

É importante refletir sobre o impacto dessas estratégias e o equilíbrio entre a liberdade de expressão e as políticas da plataforma. A tensão entre o uso da hashtag e as limitações impostas pelo *Facebook* revela a complexidade das interações e a necessidade de compreender as regras e restrições de cada plataforma em que as participantes estão inseridas.

Assim, nesta observação temos as ações empreendidas pelas participantes do grupo MUCB durante os ataques podem ser interpretadas como uma forma de resistência e busca por visibilidade dentro do próprio grupo. Essas estratégias se concentraram nas interações internas, utilizando os recursos disponibilizados pela plataforma para ocupar espaços e compartilhar informações. Para evitar uma desmobilização das membras, foi realizada uma utilização dentro das possibilidades das *affordances* da plataforma, utilizando o espaço dos comentários e publicações como um meio de resistir ao ataque, funcionou tanto para avisar o que estava acontecendo quanto para o engajamento, percebemos uma maneira de interpor ao ataque numa forma coletiva mesmo que utilizando o modo de *enxame*. É interessante ressaltar que esses ataques ocorreram em um momento em que já haviam programações de mobilização nas ruas. Reflexo de que o grupo estava ganhando destaque e gerava preocupação naqueles que se opunham a suas ideias. A resistência dentro da plataforma, portanto, não apenas fortaleceu a comunidade na mídia social, mas também se conectou com as ações de manifestação nas ruas, mostrando a força e determinação das participantes em promover mudanças e lutar por suas causas. No entanto, também levantam questões sobre os limites impostos pelas próprias plataformas e a necessidade de compreender suas políticas e restrições. Em um contexto de polarização política e desinformação, as participantes do MUCB mostraram a importância de se unir, ocupar espaços e utilizar as ferramentas disponíveis para promover mudanças e defender suas causas.

No primeiro recorte analisado, foi possível observar que as interações entre as usuárias envolviam apoio mútuo, trocas de informações e diálogos sobre os temas abordados no grupo. No entanto, no segundo recorte, houve uma mudança interessante nesse padrão de interação.

Nesse segundo recorte, notou-se uma apropriação dos comentários como uma forma de reafirmar posições e utilizar a hashtag *#elenão* como uma concordância e afirmação. Essa mudança de comportamento ocorreu principalmente durante o período de ataque, quando as usuárias sentiram a necessidade de demarcar sua identidade como membros do grupo e participar ativamente apenas concordando ou sinalizando sua presença. Quando é na opção em *flood*,

muito CTR+C, CTR+V, já é quando acontece o ataque. Além disso, os pedidos de uso do botão “Up” nos comentários, tanto por outras usuárias quanto pelas próprias autoras das publicações, tinham como objetivo trazer mais visibilidade às postagens. Essa prática modificava a proposta de uso do *Facebook*, uma vez que o engajamento por meio do botão “Up” impulsionava a postagem, fazendo com que ela aparecesse na linha do tempo de mais participantes do grupo. Essas estratégias de interação e engajamento tinham o propósito de fortalecer a presença e a visibilidade das participantes no grupo. Ao utilizar os comentários de forma específica e buscar maneiras de aumentar a exposição das postagens, as usuárias ampliavam o alcance das mensagens e contribuíam para uma maior mobilização dentro do grupo. Esses padrões de interação demonstram a adaptabilidade das usuárias diante das circunstâncias e a capacidade de utilizar as ferramentas disponíveis na plataforma para alcançar seus objetivos. Ao aproveitar as *affordances* do *Facebook*, as participantes conseguiram criar estratégias de visibilidade e engajamento, reforçando sua presença e sua mensagem no grupo MUCB.

Outro tipo de publicação que passou a acontecer, foi a existência de novas regras e formas de uso para participar e ter a postagem proposta como membra aceita pelas moderadoras e administradoras no grupo. Como exemplo, trazemos a publicação que fala sobre a 5ª da faxina.

Figura 35- - Imagem parte da publicação no grupo MUCB



Fonte: Captura de tela na plataforma *Facebook* (2022)]

Devido à dúvida sobre aprovações e demora, gostaria de esclarecer as diretrizes, porque nós estamos constantemente, tentando nos ajustar e melhorar, mas é necessário, sinalizar tais pontos. Somos um coletivo, todas juntas, aqui e aí, trabalhando para que funcione.

Caso saia uma matéria urgente do governo não há necessidade correr para publicar. Você e mais 300 membras vão fazer isso, então, só uma (e caso haja erro, porque somos pessoas, mais 2 ou 3) será aceita, e é por isso que a sua não foi.

O mesmo ocorre com vídeos relevantes do YouTube, replicação de páginas de políticos e imagens. Vocês são 2,4 milhões, é necessário lembrar isso.

Todas essas repetições ficam lá no caminho, e para ver as outras publicações,

precisamos passar por elas.

Não mande 15 publicações de uma vez, principalmente as repetidas. Não vamos colocar as suas 15 e tirar a vez de outra pessoa, por conta do tópico 4, então facilite, por gentileza. Existem outras formas de interagir, como nos comentários. Essa, na verdade, é a forma principal, que leva a discussão, debate, diálogo. MUITAS MEMBRAS FAZEM ISSO E SÓ ATRAPALHA O FLUXO.

As membras que insistirem em mandar publicidade, lives de maquiagem, culto, etc, serão advertidas. São INÚMERAS publicações assim, e vocês estão impedindo o nosso fluxo de trabalho e que as demais consigam ter suas publicações vistas mais rapidamente.

Se a gente errar, nos ajude denunciando a publicação. Ela será excluída e verificaremos novamente as diretrizes de aprovação.

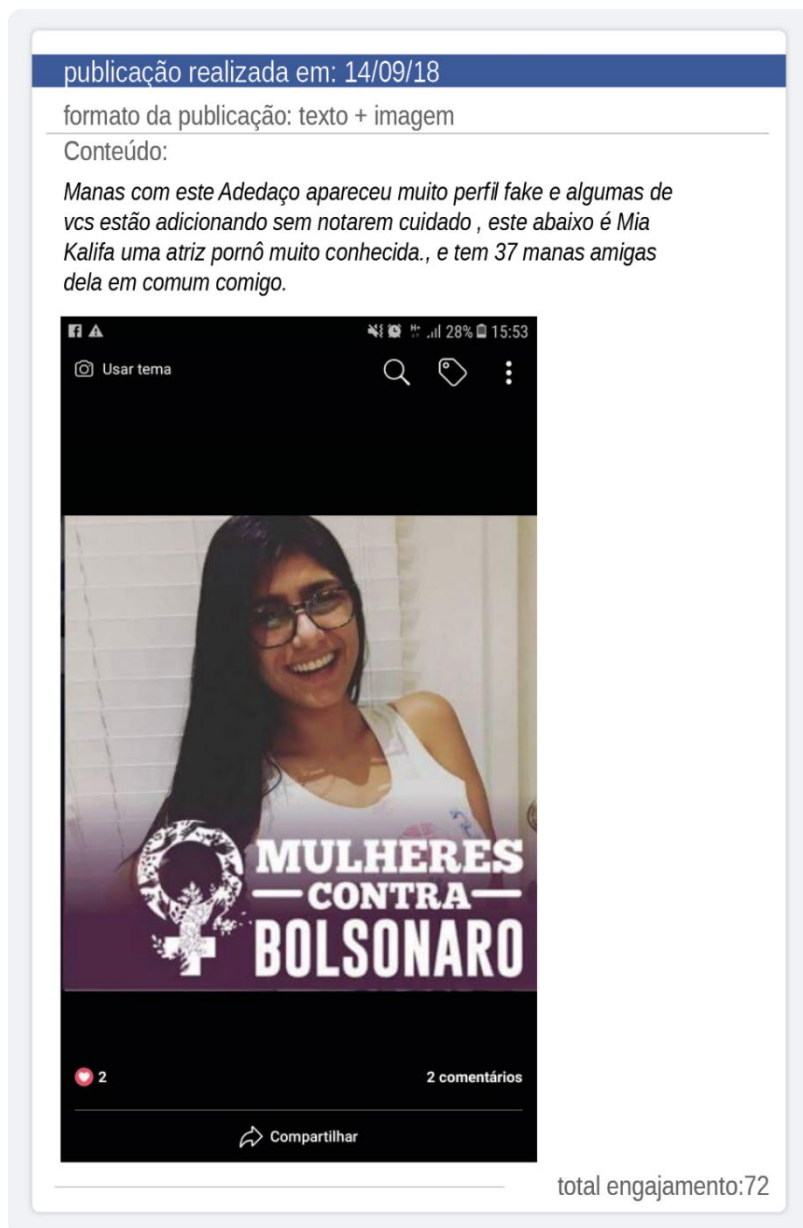
Esse tipo de publicação aborda as regras de convivência dentro do grupo, mesmo que essas regras não estejam explicitamente disponíveis na seção designada pela plataforma para as normas do grupo. Isso cria um outro espaço de uso, especialmente após os ataques, no qual são fornecidas explicações sobre o funcionamento do grupo e ocorre uma filtragem das publicações permitidas e das formas adequadas de realizá-las. Além da modulação algorítmica da plataforma, também há uma moderação interna que regula as interações dentro do MUCB. Nos itens 4 e 5 mencionados anteriormente, podemos observar a presença de um perfil de membras que enviam repetidas publicações em busca de aprovação e de participação no grupo. As próprias moderadoras incentivam outras formas de interação, apontando que os comentários são uma forma principal de levar à discussão, ao debate e ao diálogo. Isso indica uma postura oficial das moderadoras e administradoras do grupo MUCB em relação à apropriação das ferramentas da plataforma e ao aumento do engajamento e das interações. “Existem outras formas de interagir, como nos comentários. Essa, na verdade, é a forma principal, que leva a discussão, debate, diálogo”

Por meio da análise dos dados no segundo recorte de tempo, é possível perceber que os laços mais densos nos subgrupos estão relacionados aos comentários, tanto visualmente quanto conforme a percepção das membras responsáveis pela gestão do grupo. No entanto, no item 5, observamos que algumas participantes do grupo tentam utilizar a visibilidade e o alcance oferecidos pelo grupo com objetivos diferentes da proposta comum entre todas as mulheres. Isso está relacionado às mudanças nas regras do grupo entre 2018 e 2022, quando foi estabelecida uma norma contra a publicação e a divulgação de vaquinhas online ou práticas semelhantes. Isso exemplifica como há tentativas de golpes, pedidos de divulgação com fins comerciais e práticas que desvirtuam a proposta inicial do grupo. Essas observações evidenciam a existência de uma dinâmica complexa de interações e regras dentro do grupo MUCB, onde as participantes se adaptam às condições impostas pela plataforma e buscam utilizar as ferramentas disponíveis para fortalecer seu engajamento e alcançar seus objetivos. Ao mesmo tempo, há um controle

para manter o objetivo em comum da proposta inicial do grupo e evitar práticas que possam comprometer sua integridade e finalidade.

Além disso, é importante mencionar o que algumas membras chamaram de “*adedação*”, que consistia em publicações e comentários entre as participantes com o objetivo de incentivar a adição dessas membras como amigas no *Facebook*. Essa prática se tornou mais comum à medida que o número de participantes aumentava. As membras buscavam apoio em suas publicações nos perfis pessoais e adicionavam outras participantes do grupo para expandir suas redes de amizade e ter mais apoiadoras também em seus perfis. Essa estratégia de criação de conexões e fortalecimento dos laços sociais contribuiu para a solidificação do grupo MUCB e proporcionou um ambiente de apoio mútuo entre as participantes.

Figura 36- Captura de tela adedação no MUCB em setembro de 2018



Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.(2020)

No entanto, essa prática também abriu espaço para a adição de perfis falsos entre as participantes e suas redes pessoais de amizade. Essa vulnerabilidade pode ter sido um possível caminho para explicar a invasão e a tentativa de hackear as administradoras e moderadoras do grupo. Essa situação pode ter influenciado a criação da nova regra do grupo em 2022, que proíbe a publicação de pedidos de curtidas pessoais.

Com um número muito maior de usuárias em comparação ao primeiro recorte, foi possível perceber que os laços sociais eram construídos de maneira mais forte por meio de interações baseadas em diálogo e relacionamento quando o grupo era menor. No entanto, houve uma

diminuição significativa desse tipo de participação e observamos uma prevalência de publicações como uma imitação de *bots*, gerando laços fracos e não contínuos. Esse fenômeno pode ser reflexo do ataque sofrido pelo grupo e do medo de participação, considerando o aumento no número de participantes.

7.4 MOBILIZAÇÃO NAS RUAS

A terceira etapa do processo consistiu na coleta, tratamento e visualização de dados relacionados aos dias que antecederam e sucederam a mobilização nas ruas, ocorrida em 29 de setembro de 2018. Para essa finalidade, foram coletados dados no período de 26 a 30 de setembro, com o objetivo de compreender a organização do evento e o sentimento dos participantes após a mobilização.

A coleta de dados foi realizada utilizando palavras-chave para identificar as postagens mais relevantes, das quais foram selecionadas as 150 com maior engajamento em termos de reações e comentários. A partir dessas postagens, foram classificados os mil comentários mais recentes. Optou-se por classificar os comentários em ordem de data de publicação, visando evitar a influência da plataforma em relação à entrega dos dados. É válido ressaltar que o número de comentários pode variar de acordo com a presença de respostas a comentários e outras formas de interação entre os participantes.

Durante a entrevista com Ludmilla, ela compartilhou que a manifestação não foi uma ideia ou responsabilidade exclusiva do grupo, mas que o grupo se engajou de maneira significativa. Ela recebeu vídeos e fotos de manifestações em diferentes regiões do Brasil, destacando a presença expressiva de mulheres nas ruas. Em Salvador, por exemplo, fala de uma multidão de aproximadamente um milhão de pessoas. Ela ressaltou que a manifestação se destacou pela diversidade, onde as bandeiras partidárias não eram visíveis, mas sim uma mistura de pessoas de diferentes origens e idades unidas em prol do movimento.

Foi um milhão de pessoa na rua foi o jornal mentiu é dizem mentira, nem no carnaval, eu vi um negócio daquele era muita gente muita e mulher homem idoso criança era colorido era.lindo era um negócio de com energia, você não via a bandeira de partido, você não via a bandeira era gente era povo era movimento social era a arte era a cultura é eu a coisa que eu mais ouvi que eu ouço.

As pessoas quando eu digo que ah que eu sou eu vim do movimento dele não ele não a primeira manifestação que eu fui na minha vida foi a coisa que eu mais ouvi de Principalmente as mulheres então assim os homens deveriam nos agradecer porque nós mostramos como se mobiliza e depois do ele não conseguiu mais repetir nenhuma outra manifestação foi tão potente quanto ele não eu fui porque tsunami da educação que foi assim. Ah depois do ele, não foi? (TEIXEIRA, 2023)

Durante o processo de mineração de dados e sua subsequente análise, foi observada uma

variedade de publicações que envolviam as participantes do *#elenão*, tanto durante a preparação para os atos nas ruas quanto após sua realização. Um aspecto relevante consistiu no frequente compartilhamento de fotos das participantes durante as manifestações, nas quais elas exibiam cartazes, frases e outros elementos visuais que evidenciavam seu engajamento e orgulho de fazer parte do movimento. Essas imagens transmitiam uma mensagem simbólica de identificação com as causas defendidas e demonstração de presença física nas ruas. Nesse contexto da preparação para as manifestações, as postagens abrangiam uma variedade de tópicos, incluindo a divulgação de camisetas, a confecção de cartazes personalizados, qual a cor de roupa utilizar, a organização do evento em diferentes cidades e discussões sobre a forma como a manifestação deveria ser conduzida. Essas interações revelam o aspecto coletivo do movimento, no qual as participantes se mobilizavam e trocavam informações e ideias sobre como expressar sua indignação e resistência de maneira efetiva e coletiva.

Além disso, foi identificado um conjunto de publicações que envolviam o compartilhamento de fotos realizadas durante as manifestações, assim como o compartilhamento de postagens de personalidades públicas. Essas ações parecem indicar uma busca por legitimidade e reconhecimento das participantes em relação ao seu pertencimento ao grupo e ao movimento como um todo. Ao compartilhar essas imagens e referências, as participantes buscavam reafirmar sua identidade coletiva e fortalecer a visibilidade e a relevância do movimento.

Outro aspecto interessante diz respeito às publicações que incluíam relatos pessoais, nos quais as participantes compartilhavam experiências relacionadas à mobilização política, como discussões em família, reflexões sobre como seria o voto e posicionamento político. Essas narrativas individuais contribuíam para a construção de um discurso coletivo, reforçando a importância do engajamento político e da participação ativa na luta contra as ideias e práticas associadas ao governo de Jair Bolsonaro.

É importante destacar que a inclusão da discussão sobre a importância da publicação da Madonna no banco de dados de análise se deve ao seu significativo impacto nas interações e percepções em relação ao movimento. A imagem apresentada na figura abaixo ilustra essa publicação, a qual desencadeou reflexões e debates em torno do envolvimento de figuras públicas no movimento *#elenão*.

Durante o período do recorte de tempo proposto para compreender a mobilização, destacamos que também houve uma mobilização na rua em apoio ao candidato Bolsonaro. De forma complementar, observamos que nas mídias sociais, Flávio e Carlos Bolsonaro, filhos do candidato, postaram vídeos com imagens de manifestações favoráveis ao pai. O próprio candi-

dato também publicou vídeos mostrando o apoio recebido nas ruas. No Twitter de Jair Bolsonaro, foi publicado o vídeo de uma caminhada de apoio em Joinville, Santa Catarina. A equipe de Bolsonaro também postou um vídeo de uma carreata em Jiparaná, em Rondônia.. No Twitter de Carlos Bolsonaro, ele postou um vídeo do Teatro Amazonas, em Manaus, em que manifestantes ocuparam a frente do local e gritaram palavras de ordem favoráveis à candidatura. São ações nas mídias sociais que contribuem no engajamento em torno das manifestações favoráveis ao candidato, influenciando as buscas relacionadas ao tema.

No grupo de MUCB, teve uma publicação sobre o assunto, mas na forma de ironia e fonte de piadas sobre.

Figura 37 - Publicação em MUCB em setembro de 2018



Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.(2020)

E com os comentários

deve ta no chão andando a pé kkk sendo submissas a vossos donos essa vergonha eu não passo afsss

Faltou as mulheres kkkk

HAHAHAHA

Estão submissas e eles decidindo por elas

invisíveis, do jeitinho que eles gostam q estejam.

Não tem uma mulher, e a placa diz mulheres com o coiso capeta

Eles mataram

Só homem machista e homofóbico!!!

Vergonha q eles passa q só Deus viu

Só faltou o Alexandre Frota e seu buquê de noiva.

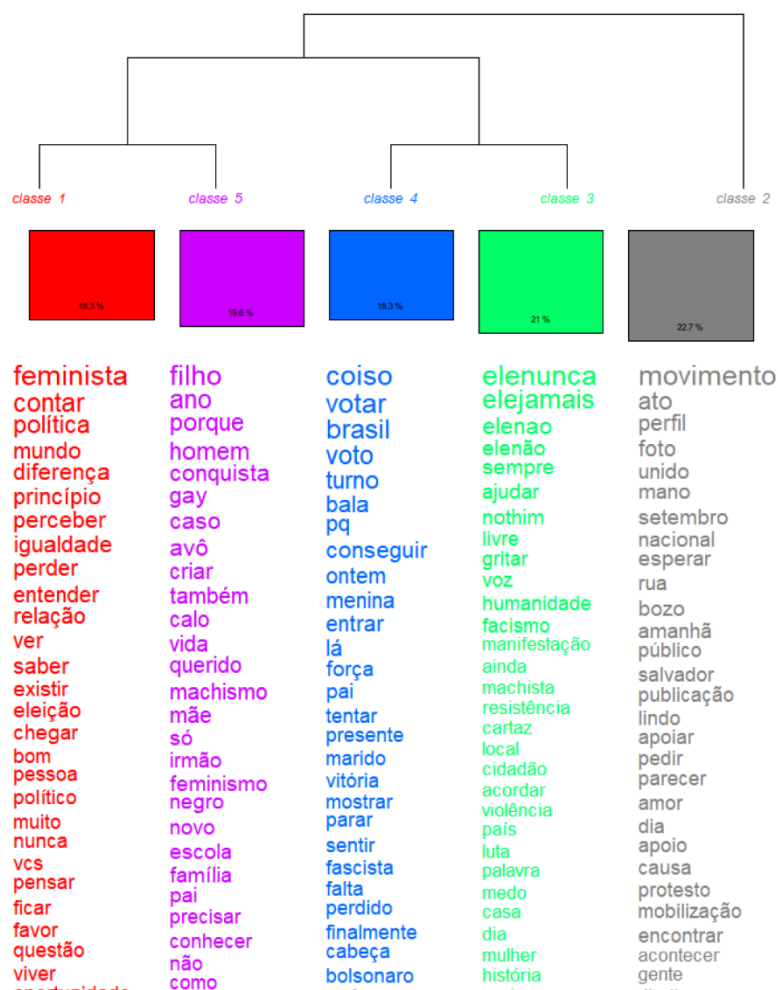
Na análise dos dados, foi perceptível a importância de destacar o aumento das interações após a manifestação realizada no dia 29 de setembro de 2018, como evidenciado no gráfico abaixo. Esse aumento reflete a postura das participantes, que incluiu desde a confirmação de presença nos atos mediante a publicação de fotos, o compartilhamento de notícias sobre o evento, relatos pessoais de participação até o sentimento de pertencimento e orgulho por terem feito parte da manifestação. Além disso, houve comentários expressando a esperança de uma mudança real no resultado da campanha presidencial de 2018. Essas interações demonstram a mobilização e o engajamento das participantes, bem como a importância atribuída à participação no movimento.

Partindo de uma análise dos dados das postagens em uma observação pelo conteúdo descritos ali, chegamos a uma lista de categorias que podem ser base de acordo com os eixos de análise.

7.4.2 Dendrograma dos comentários sobre a mobilização na rua

O dendrograma apresentado neste contexto foi construído utilizando o software Iramutepq e adotou o método de Reinert. Este dendrograma é particularmente focado em analisar um recorte temporal específico, no qual se concentram manifestações nas ruas relacionadas ao #elenão. Ao empregar o método de Reinert, a visualização hierárquica busca identificar e mapear padrões de associação entre as unidades de análise, permitindo assim uma análise detalhada das relações entre os elementos presentes nas manifestações.

Figura 39 - Dendrograma gerado no Iramuteq com os dados coletados nas publicações



O dendrograma da Figura 39 foi gerado a partir do conteúdo dos comentários e como resultado, temos cinco classes, que são divididas em dois grupos maiores: um grupo com as classes 1, 5, 4 e 3, e do outro lado temos apenas a classe 2.

E, relacionando com o gráfico de dados relativos ao tratamento e classificação pelo conteúdo das mensagens, temos a divisão das classes e das categorias das publicações demonstram que o movimento *#elenão*, nesse recorte de tempo, passa por uma fase em que o enfoque se dá por meio de relatos pessoais, em questões como virar votos, relações com os familiares na busca de apoio de outras membras e de visibilidade quando relativo a pedido de apoio e opiniões em seus relatos pessoais. Isso pode ser observado nas classes 1, 4 e 5.

A classe 1 (em vermelho) está alinhada às questões de cidadania e as suas práticas sociais, com destaque para a palavra “feminista” e as suas correlações apontadas em torno de valores que localizam às questões ao gênero, principalmente pelo grupo ser formado por mulheres.

É interessante observar que essa classe é a terceira maior em número de publicações, evidenciando a força e a importância da pauta feminista dentro do movimento *#elenão*. E podemos interligar ao eixo sobre Práticas sociais e ação política.

Quando, durante a conversa com Ludimilla, foi trazido o assunto de por qual motivo o grupo não se declarava feminista, temos a resposta de que:

Isso é uma estratégia nossa, viu? A gente se dizia grupo feminino. A gente não dizia feminista porque a gente queria pegar as mulheres que infelizmente, por ignorância, não se acham feministas, mas querem ter salário igual, querem ter respeito, querem ter direito ao seu corpo, mas dizem que não são feministas porque acham que feminista não se depila, odeia homem. Então o patriarcado faz essa desinformação. A estratégia de comunicação era essa, vamos dizer que é grupo feminino e vamos colocar os conceitos de feminismo de forma melindrosa, subjetiva, emotiva, indireta e aos poucos, opa, a ficha delas vão cair. E essa minha amiga foi nessa aí, a *(nome suprimido)* que eu te falei que era de direita e tal, e hoje é, é mais feminista do que eu. então assim ela tipo é uma dessas mulheres que foram surpreendidas com essa formação sem ser e outra às vezes quando você tá no grupo feminista é fica falando muito dentro da bolha, né? Às vezes, quando você está no grupo feminista, fica falando muito da bolha, né? (TEIXEIRA, 2023)

Na classe 4 (em azul), encontramos publicações relacionadas ao voto no então candidato Jair Bolsonaro e, principalmente, aos relatos de virar votos em seus grupos familiares. Essa classe é a segunda maior em número de publicações, indicando que a preocupação em torno do avanço do conservadorismo no país e a necessidade de se posicionar contra isso estiveram presentes na dinâmica do movimento. Assim como a tentativa de conseguir virar votos.

A iniciativa “Vira Voto”, difundida nas plataformas de mídia social com a hashtag *#Viravoto*, consiste em uma campanha liderada pelo perfil *@viravoto* no Instagram e *@viravotobrasil* no Facebook. Essa mobilização engajou estudantes, profissionais de diversas áreas e artistas com o objetivo de persuadir eleitores a mudarem sua escolha de voto.

Já a classe 5 (em rosa) traz palavras alinhadas aos relatos pessoais presentes nas postagens do grupo, que são relativos à busca de apoio e reconhecimento como uma forma de identificação as outras histórias e busca de compreensão e apoio no grupo. Essa classe é a quarta maior em número de publicações, mostrando que o sentimento de pertencimento e a troca de experiências foram importantes na construção da identidade do grupo.

Enquanto isso, a classe em verde, classe 3, é a segunda maior e traz o posicionamento do grupo, os usos das hashtags pela visibilidade dentro da plataforma, assim como o comprometimento das membras com a comunidade. Nessa classe, são encontradas publicações que enfatizam a importância de se posicionar politicamente e de se envolver em ações que possam contribuir para o avanço de pautas progressistas. É interessante notar que essa classe está ligada diretamente à identidade coletiva do grupo, evidenciando a força da comunidade criada em torno do movimento.

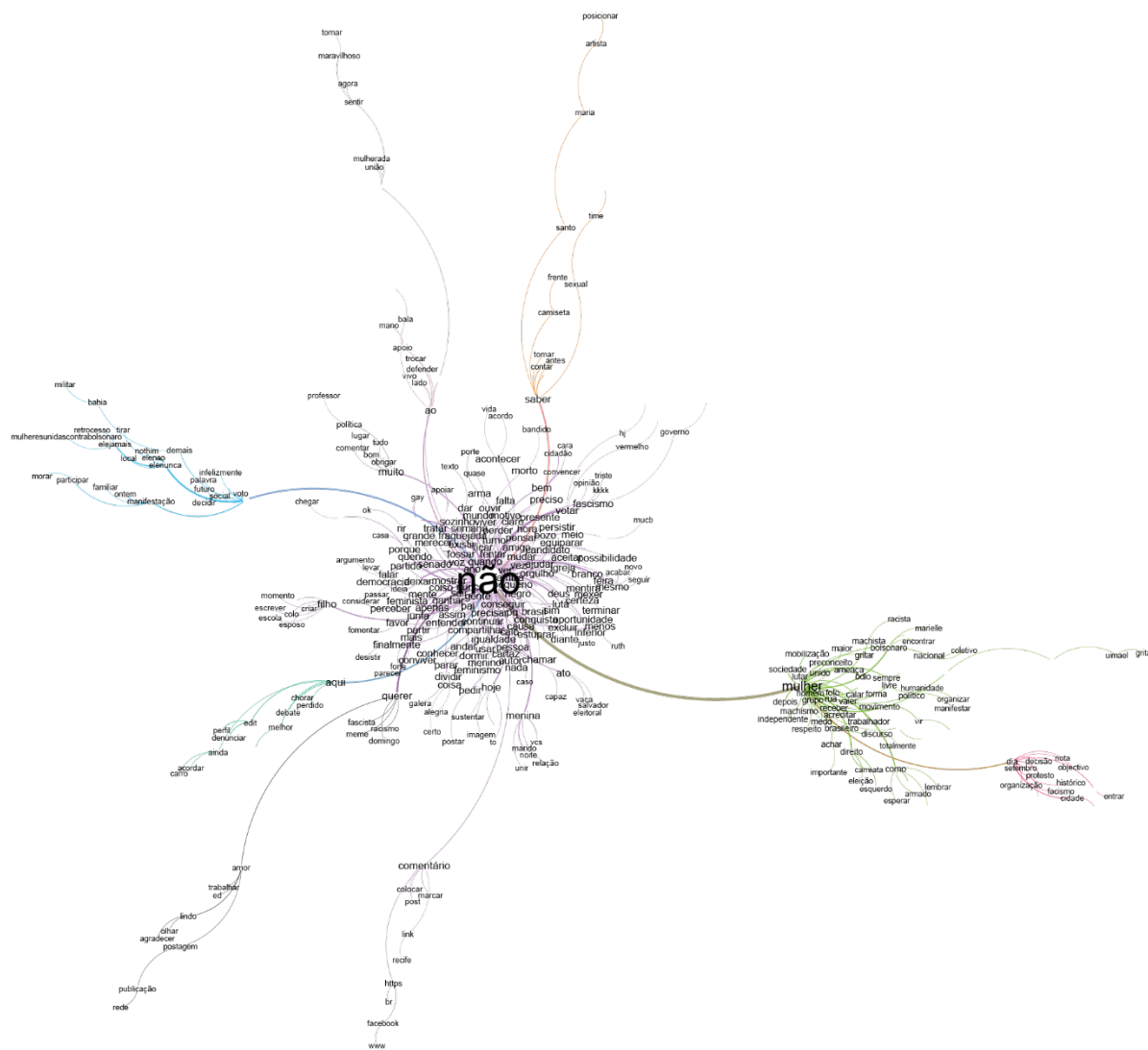
Por fim, temos a classe 2, em cinza, sendo a maior, que está relacionada aos atos da mobilização nas ruas, incluindo a preparação do ato, fotos que relacionavam a marcar presença e legitimar sua participação de cidadã e o sentimento de pertencimento e de identificação. Essa classe mostra a importância da ação concreta e da presença nas ruas como forma de lutar por suas causas.

A partir das classes e categorias das publicações no grupo *#elenão* demonstra que, durante o período analisado, houve uma ênfase em relatos pessoais relacionados a questões como virar votos, relações familiares, busca de apoio e opiniões em seus relatos pessoais. O principal mobilizador do grupo foi a participação em atos nas ruas, que geraram sentimento de pertencimento e interação entre as membras do grupo. No entanto, também houve presença de conflitos em relação a qual candidato votar e discussões partidárias. Uma continuidade ao longo do tempo foi o pedido de visibilidade e representação da comunidade em perfis pessoais e de outras personalidades e quando abordamos personalidades e publicação de notícias temos um viés de legitimação para o movimento.

7.4.3 Grafo gerado no Gephi com os comentários realizados durante o período da mobilização nas ruas

O grafo na Figura 40 que apresentamos resulta da integração entre poderosas ferramentas de análise de dados, o Iramuteq e o Gephi. Inicialmente, os dados foram coletados e processados no Iramuteq, para análise textual. Em seguida, os resultados foram exportados e importados para o Gephi, reconhecido por suas funcionalidades de visualização e análise de redes complexas.

Figura 40- Grafo no Gephi a partir de dados gerados pelo Iramuteq referente aos dias da mobilização



Fonte: dados minerados e tratados no Iramuteq

Neste contexto, optamos por duas métricas específicas para a análise do grafo: o algoritmo Force Atlas 2 e a medida de centralidade de autovetor.

Com os comentários e sua ampla quantidade de dados, optamos por utilizar a análise de similitude pelo Iramuteq. A análise de similitude também pode ajudar a identificar a proximidade ou distância entre os comentários em termos de conteúdo, o que pode ser útil para entender como os participantes do grupo se posicionam em relação aos diferentes temas discutidos. Após essa etapa, os dados e os arquivos resultados dessa primeira fase são levados para o Gephi com as métricas de nó e rede já estabelecidas nesta pesquisa, é possível identificar agrupamentos pelas

ocorrências de palavras, indicando conexões entre as palavras e posicionamentos dos comentários na estrutura da rede. No grafo, o termo “não” é novamente um ponto central nos agrupamentos de posicionamentos, principalmente devido ao objetivo do grupo de unir mulheres contra a eleição do candidato Jair Bolsonaro e o uso da hashtag #elenão em muitas publicações. Os subgrupos se formam em torno de temas como o verde, que está ligado ao ato nas ruas e destaca a palavra “mulher”, servindo como ponte para outro grupo relacionado à organização do dia do ato. Enquanto o grupo em azul é sobre o uso de hashtags nos comentários, em verde e com destaque na palavra “aqui”, temos o subgrupo de relatos pessoais, pedidos de apoio e sentimento de pertencimento. É importante destacar que, embora os conflitos em torno de escolhas de candidatos e posicionamentos políticos tenham ocorrido com frequência, eles não formaram um subgrupo, aparentemente não tendo importância nos diálogos construídos no MUCB.

Figura 41- Publicação em MUCB em setembro de 2018

Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.(2020)

E com os comentários:

Membra ideia pros cartazes! !

Ótimo

Sim fazer um grupo no ZAP também

Armaria, seria aquela notificação do Zap tocando o dia todo, seria de enlouquecer kkkk.

Vdd kkkkk

Concordo

Pra tomar um café juntas também!

maior parte das decisões que nos dizem respeito vem historicamente sendo feitas por homens. Ótima ideia!

Concordo

ou **Ciro** me fez entender o verdadeiro motivo desse grupo e talvez até do **#elenao**! Uma pena tantas outras mulheres terem caído como eu. Sou **#elenao** no mesmo nível que sou **#elesnao**, para todos os corruptos que nos roubaram os direitos mais valiosos, A VIDA! Que destruíram o nosso país! Que mataram milhões de inocentes roubando o nosso dinheiro que deveria ir pra saúde e educação! Saio desse grupo, como tantas mulheres que já saíram pq perceberam o oportunismo do PT e **Ciro** de aproveitar um movimento tão bonito! Se você também percebeu isso e discorda, não faça parte desse teatro! Não caia nas ameaças que fazem aqui! Siga os seus princípios e valores acima de tudo!!!

De acordo com a teoria da ação em rede digital proposta por Bennet e Segerberg (2012), existem diversas formas pelas quais os atores sociais são motivados a se engajar em ações conectivas na internet. Uma dessas formas é por intermédio das interações sociais que partem de conteúdos personalizados, os quais são compartilhados e podem ganhar visibilidade nas interações, criando uma rede de engajamento e reconhecimento. Essa ação se propaga de compartilhamento a compartilhamento, ponto a ponto, mediante a repetição de conteúdos e reconhecimentos.

No contexto político, é possível observar como essa dinâmica se manifesta em mídias sociais também durante campanhas eleitorais, como nas eleições presidenciais brasileiras de 2018. Nesse período, o grupo que do **#elenão** promovia como objetivo comum entre as membras a oposição ao então candidato **Jair Bolsonaro**. Nessa comunidade, uma das formas de se engajar era por meio da utilização de hashtags, para demonstrar que concorda com o que está descrito na postagem ou para apenas marcar como uma visualização e uma forma de aumentar a visibilidade. Isso ocorre porque, quanto maior o engajamento, melhor posicionada é a postagem na linha do tempo para as membras da comunidade, aumenta seu alcance e repercussão. Também temos em muitas publicações pedidos para fazer os compartilhamentos em modo público, no entanto como o grupo é fechado, é preciso que seja colocado em um perfil aberto ao público. Um exemplo disso pode ser observado nos comentários abaixo

#EleNão

#Elenao

Up

Libera pra gente compartilhar... É importante mostrar a proteção do ato

peçoais ou pedidos de apoio ou opinião, outras membras utilizam o espaço dos comentários para pedir o mesmo. Como:

Gurias, me ajudem com esse moço? Ele é da cidade vizinha e eu sou de Osório, presente na manifestação que ele se refere. Denunciem o perfil, ou comentem!!!! Eles tentam nos ridicularizar!

Quando temos as postagens de vira voto de pessoas da família, a membra que posta traz como uma maneira de mostrar orgulho e seu trabalho realizado como um comprometimento pelo objetivo em comum da comunidade. Assim como após a realização do ato, os comentários demonstraram essa relação de orgulho e de ter participado do evento, ressaltando sua grandeza e seu significado histórico do dia 29 de setembro. Percebemos como uma identidade é construída a partir da participação e encontro nas ruas pela mobilização e apoio e legitimação dentro da comunidade.

Eu também, muito feliz, orgulhosa, emocionada. Faltam palavras manas. Olha o que juntas podemos fazer.

A luta continua, sempre agora que estamos mais que nunca unidas, nós mulheres temos tanta força!!!

Meninas eu tenho um milhão de coisas pra fazer ainda hj, mas não consigo sair-daqui... vocês são divas demais!!! To aprendendo muito com vcs!!

De forma similar, observa-se um processo de polarização política, com diferentes formas de ativismo no Brasil.

Neste espaço de interação, destacamos a presença de abordagens que se repetem em muitas outras trocas de comentários nesta pesquisa. Em primeiro lugar, notamos uma preocupação com a verificação da veracidade dos fatos. Essa apreensão pode ser explicada pelo contexto da campanha eleitoral de 2018, que foi marcada por uma enxurrada de notícias falsas por parte da campanha e dos eleitores de Jair Bolsonaro. Nesse sentido, a busca por verificar os dados parece representar uma forma de diferenciar-se dos eleitores pró-Bolsonaro e haver discernimento e vigilância sobre informações confiáveis e aquelas que são enganosas.

Outra forma recorrente de comentário diz respeito a visitar outras mídias sociais ou publicações de personalidades ou outras membras que se uniram em defesa e contra o ataque ao #elenão. Isso se aproxima da categoria de comprometimento entre as membras do grupo, que indica, mesmo que em alguns casos com orientações subjetivas, o funcionamento de uma comunidade de pertencimento e controle, por meio de fortalecer os laços e construir uma identidade coletiva. Além disso, é comum o uso do termo “Up” nos comentários, indicando o desejo de aumentar o engajamento e a visibilidade das publicações. Dessa forma, a categoria de visibilidade ganha destaque, mostrando a importância atribuída à divulgação e disseminação do conteúdo do movimento.

Por fim, o uso de hashtags nos comentários parece ser uma forma de demarcar a presença e concordância com a publicação, buscando identificação e reconhecimento. Esse comportamento reflete a busca por ampliar o alcance da mensagem e atrair mais interações por parte de outras usuárias. Por fim, o uso de hashtags e “up” nos comentários é uma estratégia utilizada para marcar presença e expressar concordância com a publicação em questão. Essa prática visa estabelecer identificação e reconhecimento dentro do grupo, fortalecendo os laços de pertencimento e enfatizando a adesão às ideias e valores defendidos pelo movimento. São práticas sociais que fazem uso das ferramentas da plataforma e evidenciam a busca por diferenciação, comprometimento, visibilidade e identificação entre as participantes do grupo.

7.5 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2018

O quarto período analisado ocorreu se dá entre 28 e 30 de outubro 2018 que envolve o dia da votação e o resultado das eleições presidenciais de 2018. Domingo, 28 de outubro foi o dia de votar no segundo turno para o cargo de Presidente do Brasil, no mesmo dia já tínhamos o

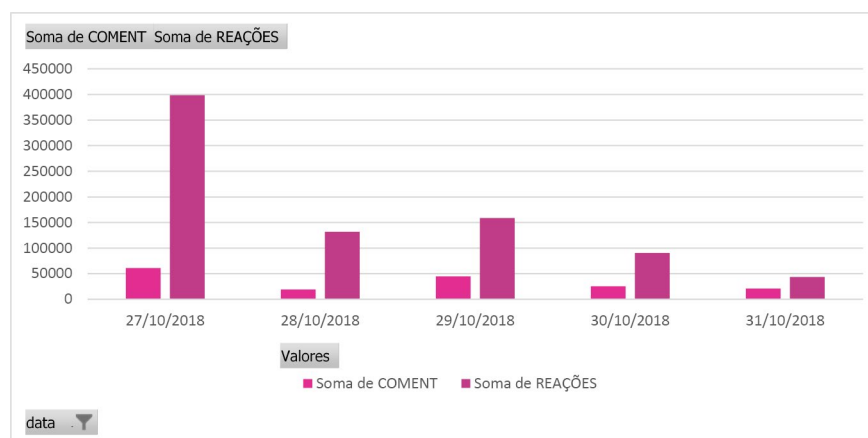
resultado (o fechamento oficial foi no dia 29²⁹). Incluímos o dia 30, para compreender como grupo estava reagindo ao resultado.

O objetivo dessa análise foi compreender como as membras passam a ver o grupo, as outras participantes, como o resultado influenciou as relações por meio dos comentários e postagens deste período.

7.5.1 Gráfico gerado a partir de dados coletados no recorte de tempo relativo ao segundo turno de 2018

Na Figura 42 apresenta-se um gráfico resultante da soma das interações divididas entre reações e comentários das participantes do grupo nas publicações. Esses rastros digitais originam-se geradas a partir da participação das membras nas postagens. A coleta desses dados ocorreu nos dias 28, 29, 30 e 31 de outubro de 2018, em relação ao segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Ao todo, foram coletadas 105 postagens que totalizaram 59.811 comentários.

Figura 42 - Gráfico gerado a partir dos dados coletados em outubro de 2018



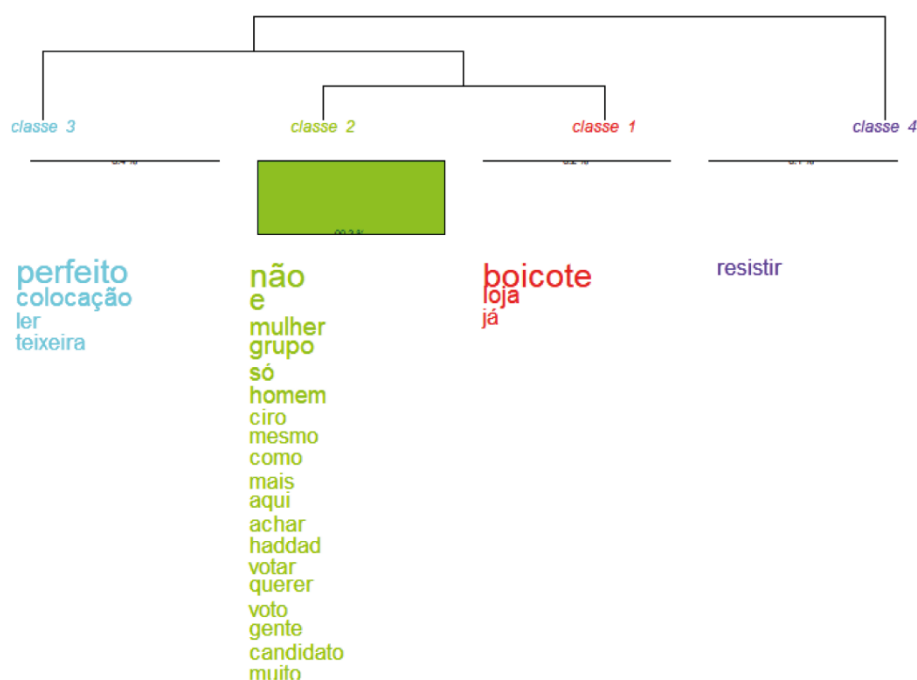
Podemos observar que as interações predominaram a partir das reações, com o pico mais significativo ocorrendo em 27 de outubro. Essa data é próxima ao segundo turno das eleições presidenciais no Brasil em 2018, que aconteceu em 28 de outubro, resultando na eleição de Jair Bolsonaro como presidente. O interessante é que, mesmo após esse desfecho, o grupo manteve sua mobilização, embora com uma quantidade menor de dados, revelando um padrão de aliança, comprometimento e uma prática social ligada à resistência.

²⁹ <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>

7.5.2 Dendrograma dos comentários relativos ao resultado do segundo turno das eleições presidenciais em 2018

Temos no dendrograma gerado a partir dos comentários deste recorte de tempo relativo ao segundo turno da campanha presidencial

Figura 43 - Dendrograma gerado no software Iramuteq a partir dos comentários do recorte 04



Ao investigarmos detalhadamente o conjunto de dados, observamos uma clara segmentação em duas classes maiores, que, por sua vez, desdobram-se em quatro subclasses distintas. Notável é o destaque que atribuímos à classe 4, a qual se relaciona diretamente com a noção de resistência, bem como à classe principal que engloba as subclasses 1, 2 e 3. Tendo em mente os eixos de análise fundamentais desta pesquisa, torna-se possível caracterizar a ideia de resistir como um mecanismo para [novas táticas em resposta ao desfecho das eleições, visando assegurar a continuidade do grupo e de suas práticas sociais.

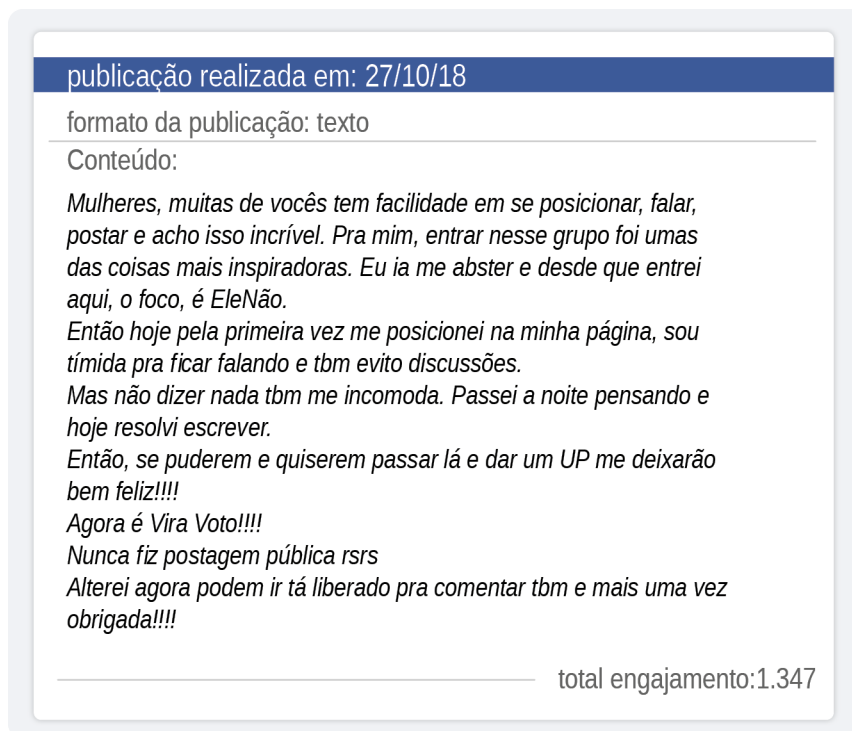
Enquanto isso, a classe 01 emerge como uma abordagem orientadora, delineando estratégias para lidar com empresas e estabelecimentos que declararam publicamente seu apoio ao candidato Jair Bolsonaro. Ao aprofundarmos nossa análise, percebemos que a classe de maior representatividade e com maior potencial de conexão entre as membras se concentra nas discussões referentes ao segundo turno das eleições, trazendo à tona conflitos relacionados às escolhas do primeiro turno, notadamente com a menção a Ciro Gomes. Além disso, essa classe também destaca o uso das palavras “não”, “grupo” e “mulher”, evidenciando o objetivo central do grupo de manter uma identificação unificada por meio da celebração de diferenças.

Por sua vez, a classe 03 surge como uma manifestação de apoio e diálogo direto com a fundadora do grupo, Ludimilla Teixeira. Este segmento específico demonstra a interação constante com a liderança, indicando um nível de conexão e engajamento notável, bem como um interesse em alinhar ações com a visão e direção traçadas pela fundadora.

A essência desse panorama é que, mesmo em meio a conflitos e divergências, o engajamento permanece um fio condutor entre todas as classes e subclasses identificadas. O grupo MUCB não apenas subsiste, mas também prospera, graças à sua capacidade de adaptar-se, resistir, debater e dialogar na plataforma de mídia social, mas também fomenta a ação e a coesão.

E, partindo do destaque de comentários sobre resistir, trouxemos a segunda postagem como exemplo. Na qual temos a resistência e o uso de hashtags e a postagem a seguir e os comentários auxiliam a compreender como foi esse posicionamento no grupo. Esse post também funcionou da mesma forma que outros para adedação já que fala para as outras membras visitarem seu perfil pessoal.

Figura 44 - Publicação em MUCB em outubro de 2018



Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.(2020)

E com os comentários:

Foi uma honra estar junto de tantas mulheres queridas, aguerridas, de brio e força! Todo o meu amor por vocês!

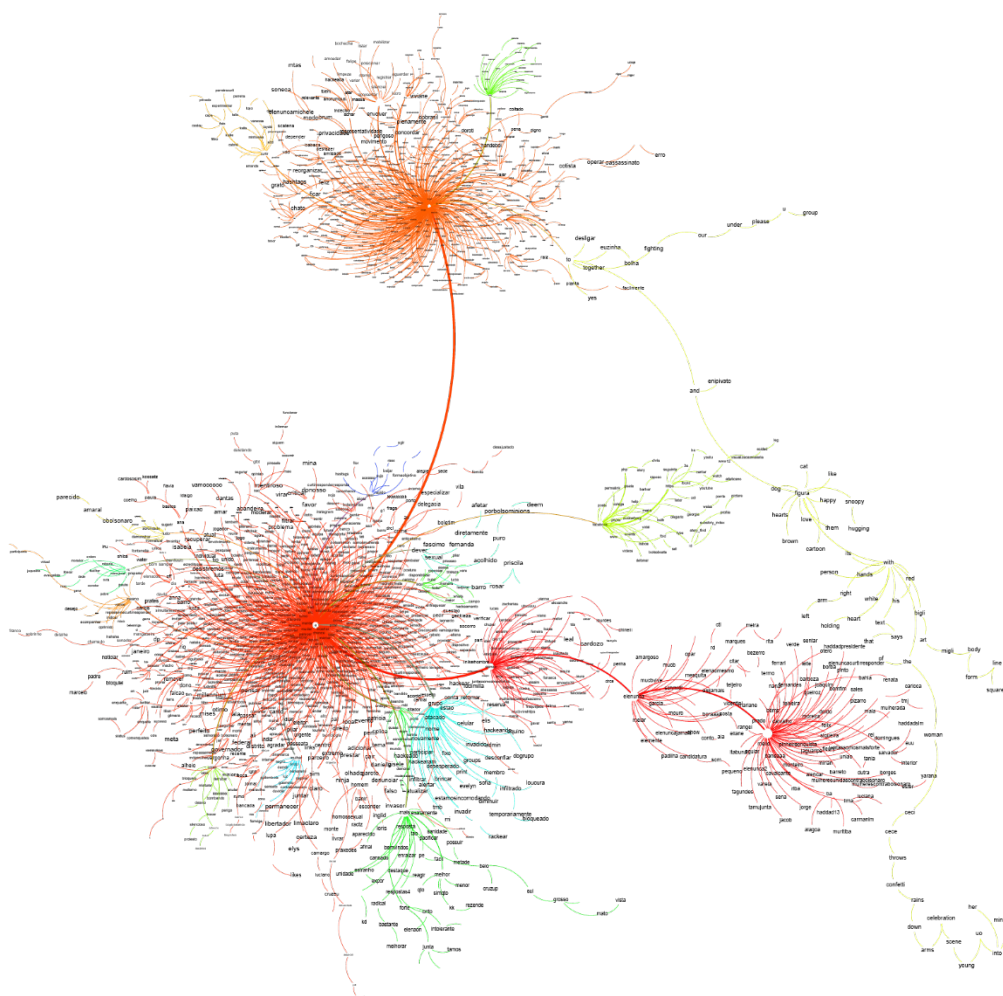
Continuaremos unidas na luta.

MulhereS somos resistência

7.5.3 Grafo gerado no Gephi com os comentários relativos ao segundo turno de 2018

O grafo (Figura 45) que apresentamos é resultado da integração entre duas ferramentas de análise de dados: o Iramuteq e o Gephi. O processo teve início com a coleta e processamento dos dados no Iramuteq, uma plataforma especializada em análise textual. Após essa etapa, os resultados foram exportados e importados para o Gephi, onde foram aplicadas as métricas de autocentralidade do vetor e Force Atlas 2

Figura 45 - Grafo dos comentários do recorte de tempo 4, a partir dos dados do Iramuteq no Gephi



Neste grafo, podemos observar a formação de três grandes clusters, bem como alguns clusters menores próximos a eles, além de alguns nós isolados. No primeiro grupo maior, destacam-se as palavras “filtrar”, “problema”, “Rio”, “remover”, “frente”, “pensar”, “eleitor”, “prestar”, “link”, “respeito”, “acordo”, “moderar”, “avô”, “nosso”, “criticar” e “resistência”. Há também uma conexão com o cluster em laranja, representado pela palavra “crime”, e dentro

desse cluster, encontramos comentários que envolvem “briga”, “caráter”, “motivo”, “Ciro”, “partido”, “Jesus” e “presidente”. Nas bordas desse cluster em laranja, a modularidade ganha destaque em termos de tamanho do nó, onde os comentários que contêm palavras como “concordar”, “plenamente”, “Brasil”, “persistência”, “valer” e “condenado” se conectam. Esse subgrupo também está ligado ao outro cluster em verde, que aborda o “Viravoto” e as “consultas públicas em conjunto”, com palavras-chave como “segundo turno”, “aceitação”, “consulta”, “cidadania” e “campanha contra”. Em amarelo e conectado ao grupo laranja, encontramos outro subgrupo que demonstra a permanência dos “adereços”, tratando de “curtidos” e “acesso a perfis”. O grupo maior em vermelho também se conecta a um subgrupo em azul-claro, ainda reflete invasão do grupo por hackers, envolvendo palavras como “alertar”, “print”, “infiltrado”, “desconfiar”, “invadido”, “grupo” e “atacado”. Adicionalmente, há um subgrupo em vermelho que corresponde às hashtags “#elenunca”, “#elenão”, “#mucbive” e “#haddadpresidente”.

No contexto apresentado no grafo, é possível perceber a formação de clusters, que são grupos de palavras ou temas que apresentam alta conectividade entre si. Esses clusters podem representar conversas ou tópicos recorrentes dentro da plataforma em questão. O primeiro grupo maior parece estar relacionado a discussões políticas e eleitorais, mencionando termos como “filtrar”, “problema”, “Rio”, “eleitor”, “pensar”, “prestar” e “criticar”. Essas palavras podem indicar de reflexão crítica sobre questões políticas, como também a importância para as membras de anunciar de onde estão falando e buscar por seus pares.

Além disso, é possível que o subgrupo destacado em laranja, relacionado à modularidade, aborde a maneira como as opiniões e comentários podem se agrupar em torno de certas ideias ou temas comuns. Neste caso, ocorrem sobre os conflitos gerados no grupo MUCB. E o cluster em verde, relaciona-se ao Viravoto e consultas públicas em conjunto, indica que temas relacionados a iniciativas de participação cidadã e engajamento político coletivo também estão presentes nas discussões da rede social em questão. Isso pode refletir que no grupo sempre teve um tipo de publicação que buscava engajar as membras para participar de forma ativa em suas ações políticas, como na participação de consultas públicas propostas ou assinar abaixo-assinado, há um incentivo de buscar caminhos para participar de tomadas de decisões. O subgrupo em amarelo parece focar na permanência do funcionamento de adedaços possivelmente referindo-se a curtidas e acesso a perfis, que podem desempenhar um papel significativo na forma como as informações e opiniões são compartilhadas e disseminadas na plataforma, assim como o sentimento de ser reconhecida e fazer parte da rede de amigos de outras membras.

O grupo maior em vermelho são mencionadas hashtags populares, como “#elenunca”, “#elenão”, “#mucbive” e “#haddadpresidente”, que estão relacionadas ao movimento e ao seu

objetivo em comum. Em suma, a análise do grafo oferece informações sobre os principais tópicos e discussões que ocorreram no grupo. Essa abordagem de análise de redes pode ajudar a compreender como ideias e informações circulam e como as usuárias interagem em torno de temas específicos.

A partir dos destaques das palavras em cada grupo, abordamos aqui a análise realizada por meio do Iramuteq e os comentários encontrados em suas respectivas postagens de origem. Nesse sentido, torna-se relevante apresentar algumas aproximações que foram identificadas durante o estudo.

Em relação ao tema do “viravoto” e questões envolvendo a forma como as pessoas votariam, nota-se uma ênfase nas publicações que abordam o apoio de familiares à escolha eleitoral. Em geral, são mencionados maridos, namorados, mães, avós e avôs como influenciadores significativos nesse contexto. Chama a atenção o fato de que as publicações com o envolvimento de pessoas do sexo masculino parecem gerar maior engajamento e destaque nas interações.

Figura 46 - Publicação em MUCB em outubro de 2018

Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.

E com os comentários:

Q fofo jesus

Show!!! Parabéns!!!

Que amado usando esta camiseta, muita felicidade pra vocês,

a manifestação do posicionamento pessoal da participante e sua habilidade de envolver sua família para acompanhá-la. Os comentários que a sucedem abrangem uma ampla gama de perspectivas, refletindo tanto o apoio e os elogios à postagem quanto a expressão de pontos de vista distintos. Comentários de apoio, como “Q fofo Jesus”, “Show!!! Parabéns!!!”, “Que amado usando esta camiseta, muita felicidade pra vocês, 🍷” e “Parabéns p vc e seu marido!”, legitimam o ato do casal, conferindo reconhecimento ao orgulho manifestado pela mulher em relação ao seu companheiro. Além disso, emojis como “👍👍👍👍👍” também enfatizam a aprovação, reforçando a sensação de reconhecimento e pertencimento no grupo.

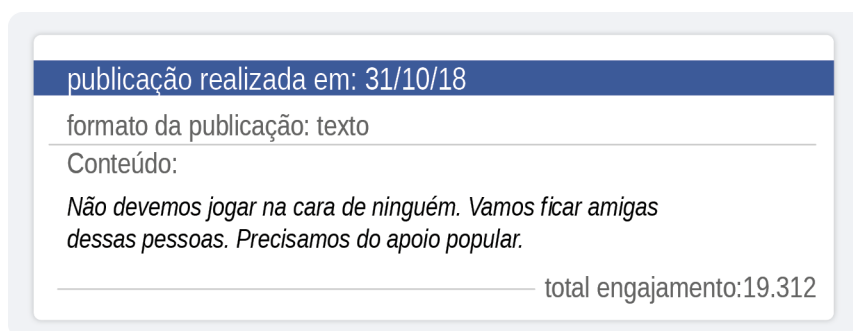
Contudo, um comentário menciona que “infelizmente a maioria do povo brasileiro optou pelo Coiso”, fazendo referência ao candidato Bolsonaro. A autora desse comentário reconhece a derrota política do candidato Haddad e sua própria posição democrática, ao afirmar que lhe resta apenas aceitar e orar pelo país. Uma observação importante é que, nesse recorte de tempo, foi percebida uma maior quantidade de comentários que envolviam religião.

Outros comentários se apresentam como uma resposta direta à postagem original, mas de forma mais ambígua, refletindo possíveis discordâncias. Expressões como “sorte a sua” e “q sorte a sua! aki nao é bem assim. problema meu. ne?” sugerem uma distância em relação à prática social da postagem da membra, ao querer demonstrar e de quem participou comentando que não poderia fazer o mesmo.

A legitimação e reconhecimento das escolhas políticas das membras são aspectos que contribuem para a construção de uma comunidade de pertencimento.

Uma postagem que gerou muito conflito e aqui está destacada pois nos comentários faz o uso de *caráter* que destacamos do grafo.

Figura 47 - Publicação em MUCB em outubro de 2018



Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.

E com os seguintes comentários:

Quero que o eleitores de bolsanaro se explodam , perdi a amizade mesmo, não

me representam !

Não tenho amizade com idolatrador de fascista.

Membra precisávamos de apoio popular era antes, né, amiga? Agora omáximo que eles podem fazer por mim é ficarem bem longe.

Membra pois é.

Olha, dependendo da pessoa, dá para tentar. Outras, não. Tem sempre os maucaráter e tem os ignorantes e iludidos. Só posso dizer que ontem mesmo, na hora do pega-para-capá no trampo, quem segurou a barra comigo foram duas colegas e uma delas é dos minions declarada. Os esquerdinhas/neutros TODOS estavam bem quentinhos em casa. NÃO VOU ESQUECER.

Não consigo 😞😞😞

Eu já disse, “ anotei no caderninho “. Não tô afim de amiguinho novo.

Vou fazer a linha Anitta e ficar amiguinha só daqui 3 meses, por enquanto vou rir e jogar na cara sim

Eu jogo é com gosto 😊😊😊😊😊 bem feito

Ata. É pokas parcera vão ter quer ouvir

Oxiii. Pedindo demais não? Tô aqui a postos p dizer EU AVISEIIIIIII

Estava lendo algo sobre os bots pagos por ele o inflarem essa situação... como ele se aproveita disso....

Esta postagem e os comentários revelam um conflito político presente no grupo MUCB no *Facebook*, com diferentes perspectivas e reações em relação aos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Há uma clara divisão entre os participantes do grupo, com alguns manifestando hostilidade em relação aos apoiadores de Bolsonaro e outros expressando desconfiança e rejeição em relação a eles. A postagem sugere que é importante buscar o apoio popular e não ofender ou antagonizar os eleitores de Bolsonaro, buscando legitimar a ideia de aproximação e diálogo. Ainda podemos acrescentar que a menção ao apoio popular pode estar relacionada ao exercício da cidadania e ao envolvimento ativo nas questões políticas da sociedade. E os comentários mostram a existência de subgrupos dentro do grupo MUCB, com diferentes posicionamentos políticos. Alguns participantes parecem buscar a conexão com pessoas com visões semelhantes, enquanto outros relatam o rompimento de amizades com apoiadores de Bolsonaro.

Assim como tiveram algumas pessoas parecem estar tentando impor um de controle, excluindo e rejeitando aqueles que possuem opiniões políticas diferentes das suas. É uma tentativa de prática social e política quando nos comentários temos diferentes estratégias políticas em relação aos apoiadores de Bolsonaro, incluindo tentativas de diálogo, afastamento, confronto, e a adoção de uma postura de rispidez. E, por fim, os comentários mostram como as pessoas se identificam com seus posicionamentos políticos e como essas identidades políticas podem influenciar suas interações sociais.

O conflito presente no grupo MUCB é evidente e reflete a polarização política e ideológica que pode ocorrer em redes sociais. As participantes estão engajadas emocionalmente em

suas opiniões políticas e, em alguns casos, há uma relutância em estabelecer qualquer forma de diálogo ou reconciliação com os apoiadores do presidente Bolsonaro. Essa polarização pode dificultar a construção de uma comunidade coesa e colaborativa dentro do grupo, no entanto, as diferenças são respeitadas e o diálogo construtivo é incentivado.

Há ainda publicações referentes a consultas públicas propostas no site do Senado, e há uma busca ativa para que outras mulheres também votem e participem, abordando temas que envolvem desde o estatuto do desarmamento até a escola sem partido. Além disso, existe o chamado para participar ativamente, utilizando abaixo-assinados, como os disponibilizados no Avaaz e as consultas públicas do Senado³⁰.

7.6 MAIS SOBRE O GRUPO

O grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro tem atualmente cerca de dois milhões de participantes, o que representa um número considerável de usuárias engajadas. No entanto, ao compararmos com o que ocorria em 2018, percebemos uma significativa diminuição na quantidade de postagens e no nível de engajamento das membras. Essa queda pode ser atribuída a evolução e mudança na dinâmica da plataforma em que o grupo está inserido. As redes sociais estão em constante mudança, e as plataformas costumam fazer atualizações e modificações para se adaptarem às necessidades e interesses dos usuários. Essas alterações podem afetar a visibilidade do grupo, a forma como as postagens são exibidas no feed dos participantes e até mesmo o alcance das publicações. Além disso, é importante mencionar que o acesso dos usuários à plataforma pode ter sido impactado por mudanças nas políticas de privacidade, ajustes nos algoritmos de recomendação de conteúdo e outros fatores que possam ter reduzido o tempo de utilização da plataforma pelos usuários.

Ainda, destacamos, o que conseguimos pesquisar sobre o grupo MUCB que não está acessível por meio dos rastros digitais. Durante a conversa com Ludimilla Teixeira, tivemos acesso à informação de um outro uso do grupo, a gramática da plataforma e as regras de uso por parte das moderadoras e administradas. Nesse campo, foi iniciado um uso diferente de pedir

³⁰ O Avaaz é uma comunidade online que busca dar voz à sociedade civil em decisões globais. Fundada em 2007, reúne pessoas de diferentes países para construir um mundo alinhado com seus desejos. Através de mobilização online, transforma ações individuais em força coletiva, atuando em 194 países com mais de 43 milhões de membros. Exemplo disso foi o fim dos votos secretos no Congresso Nacional brasileiro em 2013, onde a pressão popular contribuiu para a aprovação do projeto na Câmara dos Deputados.

A proposta das consultas públicas é promover diálogo entre administração pública e cidadãos, seguindo princípios como Legalidade, Moralidade, Transparência, entre outros. São mecanismos de participação social, consultivos e temporais, abertos a contribuições sobre temas específicos. Opiniões passam por moderação, excluindo votos suspeitos, e os resultados são públicos, influenciando a formação de opinião de senadores, embora não os vinculem.

aprovação de publicação. Durante a entrevista com Ludimilla Teixeira, pudemos obter informações sobre outros usos do grupo, a dinâmica da plataforma e as regras de moderação e administração. E, para fazer uma publicação no grupo, ela precisa ser aprovada por um membro da equipe de gestão. Que, segundo a fundadora, tornou-se um modo de pedir ajuda em diversos tipos de situações de maneira que não fique visível para todos. Como explicado por ela de que:

A pessoa não consegue publicar e automaticamente entrar passa pela moderação e isso as mulheres pedem Socorro, elas escrevem eu tô sendo abusada, eu estou passando fome e eu tô sendo espancada, por favor, não aprove essa publicação, mas se alguém puder me ajudar e nisso a gente tem conseguido ajudar algumas pessoas, né? É são situações que a gente não expõe porque envolve a questão ética e também é por proteção essas mulheres, né? Nossa intenção é ajudar e não.

Capitalizar em cima então não importa para fora é coisas que a gente eu falo só em pesquisa mesmo, mas para fora a gente não costuma divulgar e a gente costuma ajudar com cesta básica, a gente ajuda com o apoio amigo, nós temos uma equipe de monitoramento que faz umas parcerias com pessoas da área de psicologia que não é que vai dar um atendimento porque questão ética não pode mas pelo menos aquela emergência de ouvir fazer a escuta qualificada e às vezes até encaminhar. (TEIXEIRA 2023)

A partir dessa constatação, percebemos a existência de um espaço secreto de troca de informações entre as participantes e as administradoras. Nesse espaço, é realizado um uso diferente do previsto para o espaço que seria destinado apenas na aprovação de publicações. De acordo com a fundadora, esse mecanismo tornou-se uma forma de pedir ajuda em diversas situações delicadas sem que a publicação seja visível para todos. Ela explicou:

As mulheres que estão passando por situações difíceis, como abuso, fome ou violência, escrevem pedindo socorro na publicação que será submetida à moderação. Elas não conseguem postar diretamente e, automaticamente, passam pelo processo de aprovação. Nesses casos, elas pedem que a publicação não seja aprovada, mas se alguém puder ajudar, por favor, que entre em contato. Temos conseguido ajudar algumas pessoas dessa forma. Essas são situações que não expomos publicamente para preservar a ética e proteger essas mulheres. Nossa intenção é ajudar, não capitalizar em cima disso. Então, não divulgamos para o público em geral, mas nos envolvemos em pesquisas e ações de ajuda, como fornecer cestas básicas e apoio emocional. Contamos também com uma equipe de monitoramento que estabelece parcerias com profissionais da área de psicologia, não para fornecer atendimento terapêutico, pois isso envolve questões éticas, mas para prestar ouvidos e orientações qualificadas e, quando necessário, encaminhar para outras instituições. (TEIXEIRA 2023)

Ela ainda destaca que algumas mulheres enfrentam dificuldades em localizar recursos importantes em suas cidades, como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) ou um abrigo. Para auxiliá-las, o grupo atua em parceria com outros coletivos, como o ‘Tamo Juntas’, uma organização de advogadas que oferece suporte jurídico. Caso uma mulher solicite apoio jurídico, o grupo a acompanha nesse processo e busca outras instituições, como a Defensoria Pública, aproveitando o reconhecimento internacional do grupo para fortalecer essas conexões. A fundadora enfatiza que a equipe proporciona uma escuta empática, sem julgamentos,

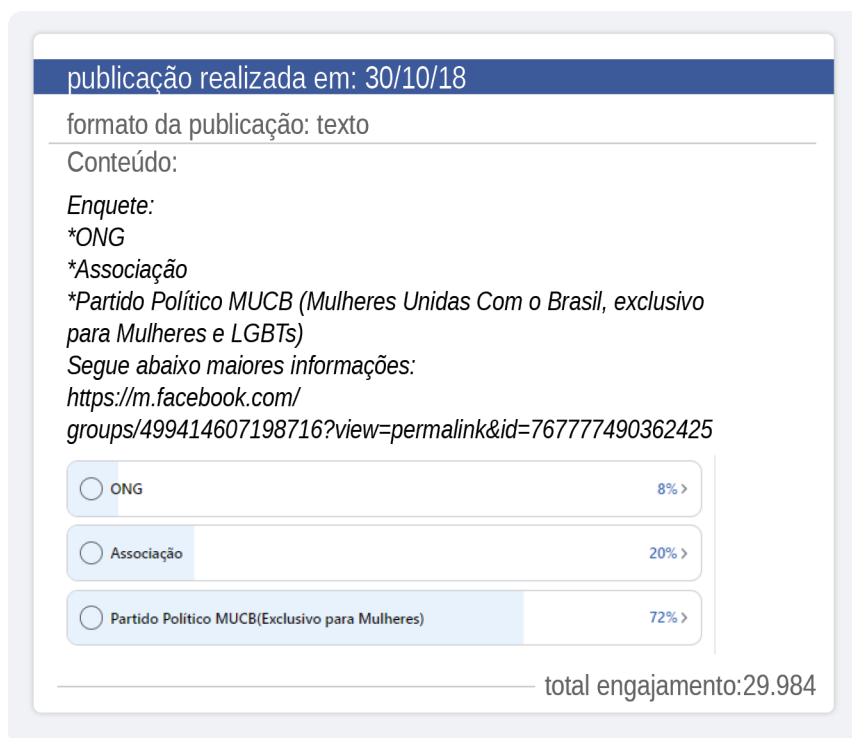
que pode fazer toda a diferença na vida da membra que solicita por auxílio. Há relatos de situações em que uma mulher ofereceu ajuda e se abriu para outra integrante do grupo, na qual ambas moravam na mesma cidade. Essa interação tem sido extremamente significativa, e ao longo dos quatro anos, as participantes receberam ajuda, inclusive em casos de tentativa de suicídio, sendo encaminhadas para acompanhamento no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de suas cidades, quando necessário.

Por meio dessas ações, o grupo tem se mostrado efetivo em fornecer suporte e auxílio a mulheres em situações de vulnerabilidade, garantindo que elas recebam a assistência necessária e não se sintam desamparadas em seus desafios. Destaca que sobre como o grupo e espaço de acolhimento ali presente geram mudanças nas práticas sociais, além de apenas auxiliar com dinheiro, encaminhamentos e afins. Ainda há uma responsabilidade de tratar sobre como a política e direitos humanos são motivadores para a continuação do grupo.

Então, a gente percebe uma mudança na postura dessas mulheres, no sentido de que elas passam a se enxergar como seres políticos, políticas, como personagens que podem, de alguma certa forma, contribuir nesses espaços. Então, estamos vendo mulher mandando o marido lavar prato, estamos vendo mulher participando da reunião, do condomínio, tendo coragem de questionar algo que não está legal na escola do seu filho. Então, eu sinto muito empoderamento, como eu sinto em mim também. Inclusive, nesse artigo do Congresso, a gente se cita também, que a gente percebe uma mudança na gente também, uma mudança que é interna. é externa e é geral. Porque meio que uma vai se espalhando na outra, né? A gente, o grupo como está sempre compartilhando conteúdo relacionado a mulheres, motivando. (TEIXEIRA 2023)

É nesse contexto, que Ludimilla, diz-nos que há a intenção de institucionalização do grupo, para poder participar de editais de fomento como buscar outras formas de apoio financeiro e finaliza apresentando que grupo irá mudar de nome se adequando ao contexto, que mesmo que haja uma continuação do bolsonarismo, o foco deve passar a pensar em um espaço para apresentar caminhas para a cidadania para as mulheres participantes. Sobre isso, podemos acompanhar eu desde 2018, há essa busca de adaptação sobre o funcionamento do grupo, como exemplo temos essa postagem de enquete.

Figura 48 - Publicação em MUCB em outubro de 2018



Fonte: informações coletadas na captura de tela na plataforma *Facebook*.(2020)

A publicação da enquete aponta para a busca de participação e engajamento das membras, de forma direta e interativa. Ao permitir que expressem suas opiniões e votem em suas preferências, demonstra que valoriza a participação ativa e a voz de sua comunidade. A publicação da enquete reflete um momento de abordagem democrática na tomada de decisões. Em vez de tomar decisões exclusivamente por líderes ou gestores, a organização está buscando envolver todos os membros na escolha do melhor caminho a seguir. Isso fortalece o senso de pertencimento e responsabilidade dos membros. A publicação da enquete é uma tática que envolve a comunidade, promove a participação ativa e ajuda a moldar o futuro da organização com base nas preferências e necessidades de seus membros.

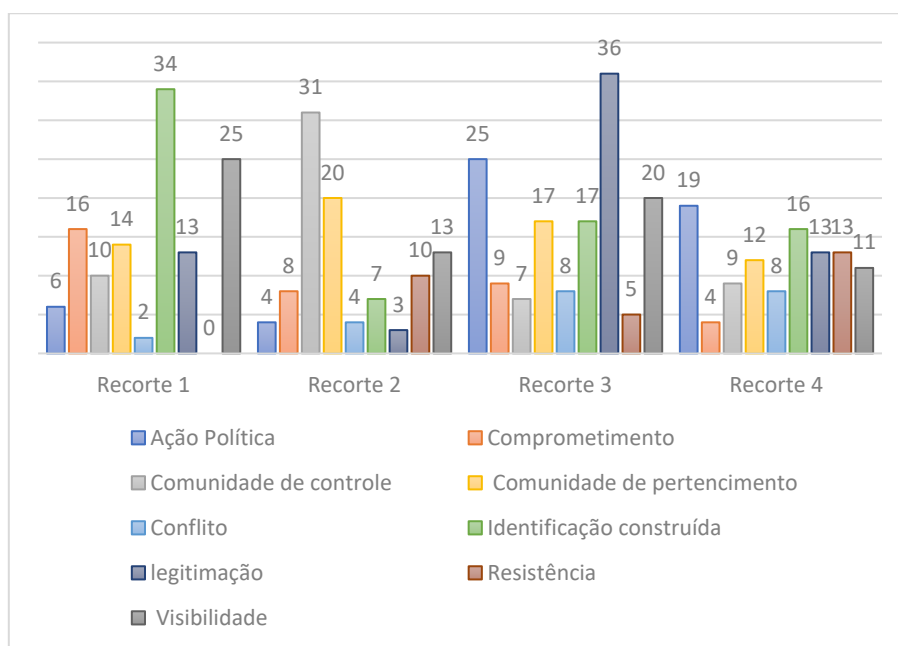
7.7 LEGITIMAÇÃO E CIDADANIA NA AÇÃO EM REDE POLÍTICA NO GRUPO MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO

Esta análise examina as dinâmicas da ação em rede no contexto do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro. Ao longo do texto, examinamos os eixos para compreender como se deu a construção dos laços sociais a partir das práticas sociais e dos padrões de aliança, as estratégias utilizadas pelo grupo na plataforma *Facebook*. Por meio de uma abordagem comparativa, destacamos momentos-chave que moldaram as interações digitais das membras. Para

ilustrar essa evolução, acompanhamos a distribuição das postagens ao longo desses recortes de tempo por meio de gráficos representativos. Esses gráficos são uma ferramenta valiosa para entender como os laços sociais se desenvolvem em resposta a diferentes fatores, bem como para identificar os pontos de convergência entre a construção de identidade, a busca por legitimação e o engajamento político. Ao final, destacamos a influência das *affordances* da plataforma na maneira como as participantes interagem e se mobilizam, ressaltando a interseção entre tecnologia e ação conectiva.

O gráfico na Figura 49 apresenta as postagens divididas entre os seus recortes de tempo e os eixos de análise. E na Figura 50, o gráfico foi gerado pelos mesmos dados, mas relacionados com os dias de publicação.

Figura 49 - Gráfico construído a partir das publicações coletadas no grupo e classificadas nos eixos de análise por recorte de tempo



Fonte: gráfico gerado a partir das somas de tipo de análise X recorte de tempo

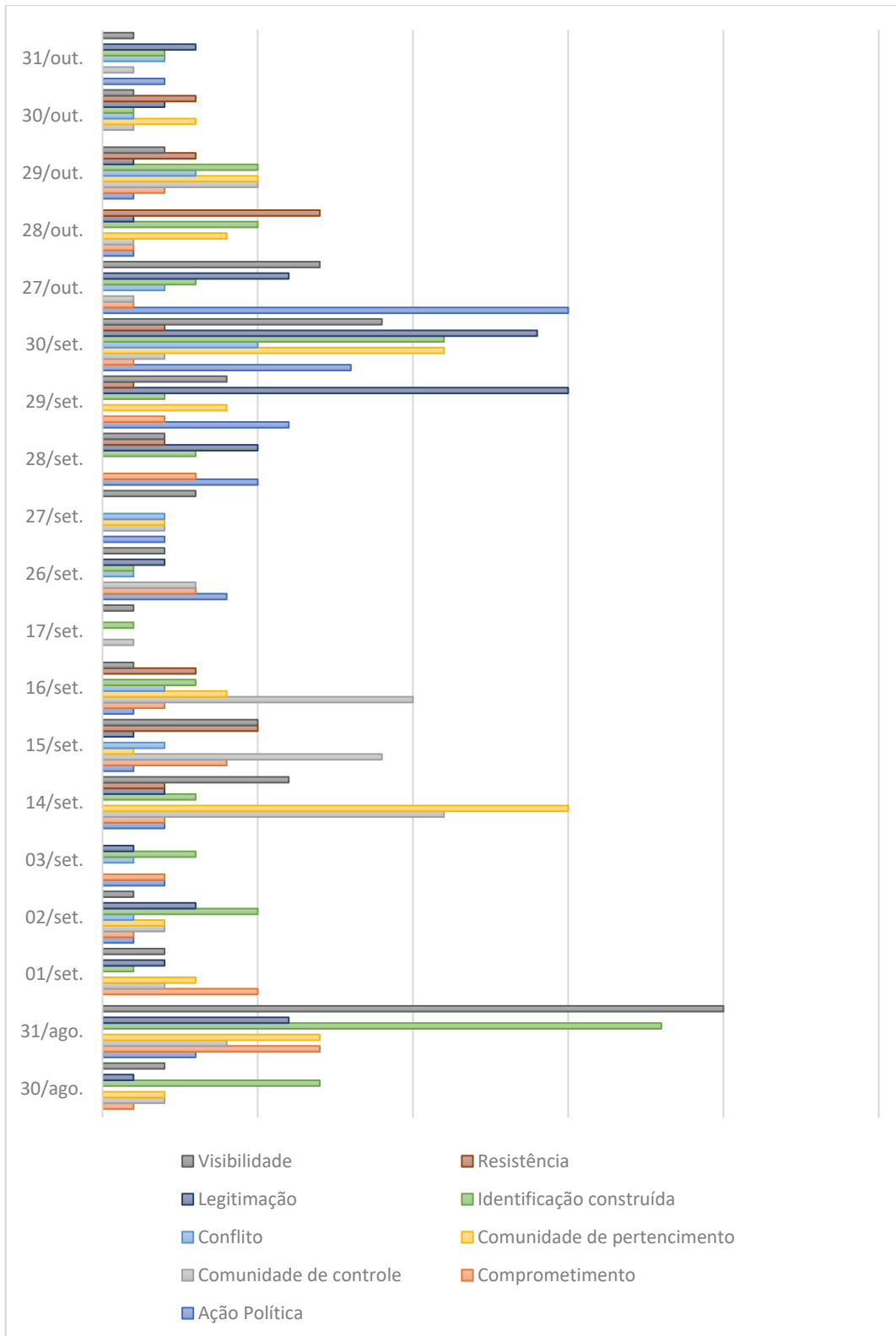
Na Figura 49, apresenta-se a distribuição dos eixos de análise de acordo com o conteúdo das publicações coletadas em cada intervalo de tempo. Isso demonstra que, enquanto a identificação construída ganha destaque no primeiro intervalo, a participação através do compromisso, pertencimento à comunidade, controle e legitimação representa a segunda forma de manifestação das membras neste período inicial do grupo. Por outro lado, o conflito é menos frequente, uma vez que estamos em um estágio de construção da ação. Isso reflete que esse primeiro momento visa buscar a união em torno de um objetivo comum.

No segundo intervalo de tempo, a comunidade de controle ganha destaque, especialmente porque foi nesse momento que ocorreram os ataques, tornando-se necessário um meio de fiscalização e estabelecimento de regras de uso. Em segundo lugar, temos a comunidade de pertencimento, que demonstra como uma forma de resistência, as membras afirmavam seu sentimento de fazer parte do grupo.

No terceiro intervalo de tempo, a ênfase recai sobre a legitimação, que é exatamente a maneira pela qual as membras comprovam sua participação nas atividades de rua através da publicação de fotos e buscam em personalidades externas e notícias maneiras de demonstrar a força que essa ação em rede política se tornou. Com menos participação das membras nesse terceiro intervalo, refletindo o resultado das eleições, há uma tensão e resistência no grupo. É evidente um processo de busca por outras formas de ações políticas além dos votos nas urnas, e isso se reafirma através da resistência, legitimação e pertencimento à comunidade.

Ainda, o conflito presente nesse intervalo de tempo se manifesta como uma cobrança relacionada aos votos, ao posicionamento do grupo e às ações que deveriam ter sido tomadas para evitar o resultado das eleições. Na Figura 50, esses dados são apresentados diariamente para auxiliar na compreensão dessa participação.

Figura 50 - Gráfico construído a partir das publicações coletadas no grupo e classificadas nos eixos de análise por dia



Fonte: gráfico gerado a partir das somas de tipo de análise X dia

Partindo dos grafos e dendrogramas, apresentados nesta análise, em comparativos com

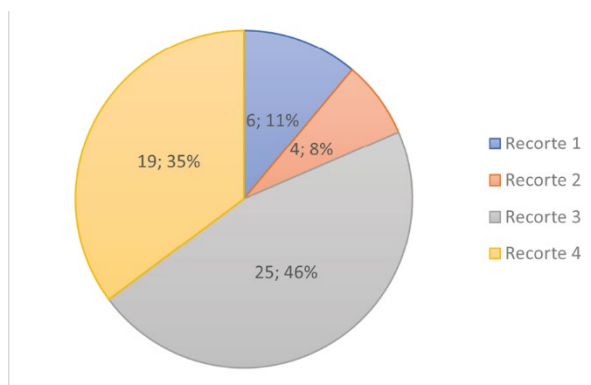
os eixos de análise e o quanto representa cada um deles em cada recorte de tempo sobre os comentários no grupo e as publicações aqui relacionadas por tipo de eixo, podemos perceber diferentes aspectos da ação em rede do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro.

Sobre a legitimação observamos que a maior quantidade de postagens está relacionada à busca por legitimação. Isso destaca a preocupação do grupo em justificar suas ações, apesar de ser um grande grupo no Facebook. O grupo busca legitimar suas ações por meio de opções externas, como trazer notícias para demonstrar o alcance da ação em rede. Um exemplo é a repercussão do apoio de celebridades como Madonna ao movimento.

A identificação construída, está em conjunto com o comprometimento quando as ações individuais são ligadas à ação em rede, como demonstrar participação em manifestações ou compartilhar relatos pessoais para reforçar posicionamentos. Isso sugere um aumento do comprometimento inicial do grupo, especialmente durante o ataque ao grupo. A soma total das análises destaca a importância da identificação construída nas interações como principal mobilizador dos laços sociais mais fortes. Os grafos gerados no Iramuteq demonstram clusters importantes relacionados a esse aspecto. Isso mostra que a identidade não precisa ser coletiva ou fixa, mas é construída mediante interações nas postagens e comentários. Isso cria um padrão de aliança que mobiliza a ação em rede.

No eixo da ação política, conforme a Figura 51, os momentos 3 e 4 ganham destaque. As membras são chamadas a participar ativamente na ação em rede, como mobilizações nas ruas e participação em consultas públicas após o resultado das eleições. A ação política mantém sua relevância ao longo do tempo, especialmente em relação aos eventos como ataques, mobilizações e resultados eleitorais.

Figura 51 - Soma das publicações com o eixo de ação política



A identificação, a busca por legitimação e a ação política são elementos-chave. A interação entre esses elementos molda a dinâmica do grupo e influencia os padrões de engajamento. As *affordances* das plataformas também desempenham um papel crucial nas ações do grupo, moldando como as participantes interagem dentro da infraestrutura disponibilizada.

Este estudo se baseia em nosso referencial teórico para destacar a importância do reconhecimento como um elemento essencial na compreensão da dinâmica de ação em rede no grupo MUCB. Isso se deve ao fato de que o reconhecimento, por meio desse eixo, permite uma atualização das percepções de Bennet e Sergerbeg sobre a ação conectiva, adaptando-as ao contexto brasileiro. Nessa abordagem está a ideia de que a identificação pela diferença deve estar ligada ao reconhecimento, já que este implica na percepção da alteridade e na promoção de uma dialética entre o eu e o outro no âmbito desta pesquisa. Isso significa reconhecer que a coesão e a operação do grupo não se limitam apenas à oposição a Jair Bolsonaro, mas se manifestam principalmente na criação de um espaço de interação entre as membras, onde as mulheres buscam posicionar-se em suas práticas sociais. Essas ações englobam desde influenciar a orientação de votos durante a campanha presidencial até a participação em consultas públicas, o envolvimento em diálogos e a busca por compreensão no contexto dos direitos humanos, especialmente no que diz respeito às mulheres.

Nesse contexto, o reconhecimento emerge como uma busca por reciprocidade, um desejo de pertencer ao grupo, manifestado por meio da partilha de narrativas pessoais e experiências. Desse modo, as integrantes do grupo compartilham histórias de dificuldades individuais, questões familiares e aspirações, em busca de apoio mútuo e, até mesmo, da formação de laços de amizade com o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Como destacado por Sarmiento, Reis e Mendonça (2017, p.94), a teoria do reconheci-

mento alimenta a “discussão acerca dos fundamentos morais das lutas políticas na transformação das estruturas sociais e a dimensão paradoxal de alguns avanços alcançados”. Além disso, a perspectiva feminista sobre o conceito de autonomia permite refletir sobre o potencial pedagógico das próprias lutas e os esforços das mulheres em se tornarem protagonistas em contextos de batalha. Esses pontos estão diretamente conectados com a declaração da fundadora do grupo, que expressa que o objetivo da comunidade vai além da mera oposição a Bolsonaro, estendendo-se à função de proporcionar um espaço para a exposição e o ensino dos direitos humanos.

No grupo MUCB, há um valor atribuído ao conhecimento vivenciado pelas mulheres. Isso se fundamenta no reconhecimento de que as experiências individuais não ocorrem isoladamente, mas sim são compartilhadas em um contexto mais abrangente. O grupo enfatiza que o desconforto sentido não é resultado de falta de adaptação pessoal, mas sim das complexas formas de violência às quais as mulheres estão sujeitas. Os comentários proporcionam um espaço para desempenhar um papel crucial nas discussões; entretanto, é importante reconhecer a influência na extensão dos comentários e publicações. Apesar disso, os comentários nas publicações ainda têm um papel significativo na redefinição das perspectivas das mulheres e na reorganização de suas posições nas redes sociais, inclusive nos espaços mais íntimos de suas vidas. Essa conexão tem como base uma compreensão coletiva das posições enquanto comunidade, na qual a pertença e o controle (tanto pela moderação da plataforma quanto pelas regras de operação) são reconhecidos. Dessa maneira, as membras do grupo MUCB, por meio de sua presença e interação nas redes sociais, promovem a capacidade de obter uma compreensão autônoma de suas posições sociais e trajetórias individuais.

A construção de laços sociais dentro das interações do grupo na plataforma emerge como um pilar essencial, apoiado em padrões de aliança e nos espaços de cidadania. Nosso foco está na compreensão visual dos dados para revelar como essas relações se estruturam e, por conseguinte, desvendar o funcionamento do grupo MUCB. A análise revela a presença de laços fracos, atuando como pontes que, embora possuam interações de menor densidade, expandem seu alcance por intermédio dos meios como visibilidade. Isso ocorre devido às características da comunidade de controle, onde regras mantêm a união entre as membras e os algoritmos modelam o tipo de interação mais frequente na linha do tempo de outras usuárias. Interações simples, como “up”, *#elenão* e os adedaços, não aprofundam os debates, mas refletem apoio e participação. Paralelamente, existe a busca por laços fortes, já que a identificação pela diferença é construída. Isso, frequentemente, conecta-se à ação política, como narrativas pessoais que envolvem persuasão de votos, relatos sobre relações familiares e busca por apoio. Além disso, interações comprometidas e o sentimento de pertencimento a uma comunidade, apesar de alguns

conflitos, unem-se em torno de um objetivo comum.

Assim como se evidencia a legitimação e a construção da cidadania por meio das interações na plataforma de mídia social, torna-se claro que os desafios enfrentados em relação à participação política das mulheres e os conflitos presentes nas lutas feministas ultrapassam as fronteiras de um grupo específico. Essas questões desempenham um papel crucial na manutenção da democracia e na formação de seu desenvolvimento.

Ao examinarmos as interações na plataforma de mídia social, notamos que o processo de legitimação é impulsionado pela troca de conhecimentos, experiências e perspectivas entre as participantes, assim como pelo reconhecimento de figuras públicas e publicações de notícias, que alcançam destaque em outras plataformas. Dessa maneira, à medida que as complexidades da legitimação e da construção da cidadania no contexto das interações, a promoção das lutas feministas está intrinsecamente ligada à evolução da democracia como um todo.

Com base nos resultados obtidos, emerge o argumento de que as estruturas e dinâmicas que caracterizam as discussões políticas no grupo MUCB no Facebook não possuem uma existência prévia na esfera pública da plataforma. Embora devamos considerar o contexto, no qual definir claramente a linha divisória entre o que é considerado esfera pública e privada torna-se desafiador, gerando complexidade na compreensão dessa delimitação. Em vez disso, essas estruturas têm origem nas ações dos usuários, sendo influenciadas por um contexto social mais amplo. Ao analisarmos o funcionamento do grupo MUCB na plataforma de mídia social Facebook e sua mobilização em prol da campanha #elenão, percebemos como a dinâmica de interação e engajamento é moldada pelas *affordances* disponíveis. Essas *affordances* são estruturais e operam com base na comunicação personalizada, característica de uma ação conectiva, conforme definido por Bennet e Segerberg.

Podemos perceber a importância do engajamento como uma forma fundamental de comprometimento e visibilidade no grupo MUCB. A participação direta e ativa das membras desempenha um papel crucial nesse processo. A abordagem que considera a tecnologia como uma construção social nos permite enxergá-la como um campo dinâmico, em constante evolução e aberto a transformações. Isso nos leva a compreender que a tecnologia não é algo dado, mas sim um resultado contingente, temporário e relativo a uma rede específica de atores. Consequentemente, observamos um processo contínuo de construção de alianças ao longo do período analisado. Ao invés de ser uma imposição puramente tecnológica e econômica, a plataforma se desenvolve de maneira mais complexa. Esse desenvolvimento está intrinsecamente ligado a alianças, parcerias, colaborações e trocas que ocorrem no contexto da plataforma.

Dentro do contexto do grupo MUCB, fica claro que o engajamento ativo das membras

desempenha um papel vital nesse processo de construção de alianças. O comprometimento demonstrado por meio da participação direta não apenas fortalece a presença do grupo, mas também amplia sua visibilidade e impacto dentro da plataforma de mídia social. Esse engajamento ativo não apenas solidifica as relações internas, mas também fortalece as interações e conexões com outros atores, assim como a participação em ações políticas.

Os processos em busca de concordância envolvem a construção de identidades sociais e coletivas e não são uma posse única e individual. Nesse sentido, os atores sociais em suas interações nas redes digitais constroem e são construídos por identificações que também podem modificar como se configurem enquanto cidadãos nesse espaço de fluxo (Lawler, 2014). E, para Diani e Bison (2012) identificar padrões de aliança traz um indicador de identidade coletiva. Os laços sociais construídos a partir de laços fracos, nos quais as mulheres participantes mesmo sem terem a convivência cotidiana fora das plataformas, foram responsáveis por criar uma construção de sentido compartilhada. Os vestígios deixados por essas publicações apresentam dados sobre a extensão da colaboração ao longo do tempo e o reconhecimento mútuo de pertencimento entre as membras nessas interações na rede.

Segundo Tilly (2005), que explora os usos de repertórios em mobilizações, existe um processo de negociação e adaptação nas escolhas de estratégias, condicionadas pelo contexto em que ocorrem. É notável que, ao estudar as ações, é essencial incluir como estas podem ser moduladas e determinadas pela incorporação específica de usos e símbolos que operem em seu espaço de atuação. Desta forma, a inovação tática surge da inclusão do uso de slogans ou da forma como os movimentos são nomeados; a barganha envolve como a performance se adapta ao ambiente; a mediação refere-se aos atores que atuam como pontes de ligação entre diferentes grupos ou indivíduos; a difusão negociada; a certificação aborda a presença de figuras que apoiam ou se posicionam a favor das bandeiras; e a adaptação local (Tilly, 2005, p. 223-224). Por exemplo, a troca de fotos de perfil, a escolha de hashtags ou o momento de participação em petições e consultas públicas.

As redes de ação conectiva são tipicamente conjuntos de processos mais individualizados e tecnologicamente organizados que resultam em ação sem a exigência de enquadramento de identidade coletiva ou os níveis de recursos organizacionais necessários para responder efetivamente às oportunidades. E a essência de um movimento social está intrinsecamente ligada às ações de seus participantes, às demandas que almejam atender e ao engajamento do público, criando uma dinâmica interativa. As atividades desses movimentos nas plataformas de mídias sociais requerem uma análise contextual, pois é esse contexto que molda a personalização de

suas operações. Os conhecimentos e experiências dos envolvidos desempenham um papel fundamental na prática política, contribuindo para a sua fundação e evolução.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve início em 2019, em um cenário completamente distinto do que nos encontramos atualmente. As plataformas de mídia social experimentaram grandes mudanças, algumas delas crescendo em número de usuários ativos, enquanto outras perderam terreno. Isso é evidente no caso de nosso objeto de pesquisa, que se concentra no *Facebook*. Este último perdeu espaço para o uso do Instagram³¹ e, nos últimos anos, testemunhou um notável crescimento do TikTok³².

Após as eleições presidenciais de 2018, o governo de Jair Bolsonaro teve início em 2019. Inicialmente afiliado ao PSL, Bolsonaro posteriormente deixou o partido, candidatando-se novamente em 2022 pelo Partido Liberal, no qual permanece filiado. O governo de Bolsonaro foi marcado por uma série de promessas não cumpridas e abordagens controversas que contribuíram para o aumento da polarização na sociedade brasileira. Ele ascendeu ao poder prometendo uma agenda econômica liberal, porém, ao longo dos anos, fez pouco progresso em termos de privatizações e redução do tamanho do Estado. Em vez disso, sua administração se envolveu em alianças políticas questionáveis, aproximando-se do Centrão e buscando uma relação mais conciliatória com a ala menos punitiva do Supremo Tribunal Federal (STF).

As promessas de reformas e de combate à crise econômica, feitas por Bolsonaro, foram deixadas de lado. Isso ocorreu em meio a um discurso repleto de declarações polêmicas e decisões que geraram incertezas no cenário político e econômico. Seu governo se destacou por uma

³¹ O Instagram é uma plataforma de mídia social que permite aos usuários compartilhar imagens e vídeos de curta duração diretamente por meio do aplicativo móvel. Além disso, os usuários podem seguir outros perfis, curtir, comentar e compartilhar publicações. O feed exibe as postagens das contas seguidas, enquanto o recurso “Explorar” sugere conteúdos de perfis relacionados aos interesses do usuário. Entre suas características, o Instagram oferece funcionalidades como Boomerang, transmissões ao vivo (Live) e Stories. A ênfase inicial da plataforma foi nos filtros de imagem, uma solução para melhorar a qualidade das fotos capturadas por dispositivos móveis na época. Em 2012, o Instagram foi adquirido pelo Facebook por 1 bilhão de dólares. O Instagram continuou a evoluir ao longo dos anos, introduzindo recursos adicionais. Um exemplo é o Stories, lançado em 2016, que permite aos usuários compartilhar publicações que duram 24 horas e podem ser personalizadas com links, adesivos, emojis e filtros. As transmissões ao vivo também se tornaram uma parte importante da plataforma, aparecendo na barra de Stories e oferecendo aos usuários a oportunidade de assistir a eventos em tempo real.

³² O *TikTok* é uma plataforma de mídia social que ganhou popularidade em 2019, focada no compartilhamento de vídeos curtos. Os vídeos têm duração de 15, 60 segundos ou 3 minutos e a plataforma oferece uma variedade de recursos para editar esses vídeos. Os usuários podem aplicar filtros, adicionar legendas, trilhas sonoras, gifs e realizar edições criativas. Assim como no Instagram e no Twitter, os usuários do TikTok podem seguir outros perfis e interagir com o conteúdo. Isso inclui dar curtidas nas publicações e fazer comentários, permitindo uma interação direta entre os criadores de conteúdo e os espectadores. O TikTok é conhecido por sua abordagem altamente visual e criativa, onde os usuários frequentemente participam de desafios virais, criam tendências e exploram diversos formatos de entretenimento em vídeo

abordagem autoritária, desrespeito às instituições democráticas e um estilo de comunicação baseado em plataformas de mídia social, frequentemente propagando desinformação.

O rompimento com o partido pelo qual foi eleito, o PSL, e a malsucedida tentativa de estabelecer um novo partido, a Aliança pelo Brasil, revelam a instabilidade política dentro de seu próprio círculo. A abordagem conservadora de Bolsonaro em questões de costumes também gerou controvérsias, como evidenciado por atos religiosos no Palácio do Planalto e políticas que pareciam retroceder em relação aos direitos conquistados.

A gestão cultural de Bolsonaro se caracterizou por decisões arbitrárias, como a extinção do Ministério da Cultura e a transferência de suas atribuições para outros ministérios. Essa medida suscitou preocupações sobre censura e direcionamento ideológico da cultura no país. Além disso, sua abordagem em relação aos direitos das mulheres e às políticas de gênero gerou frequentes questionamentos. As medidas adotadas, ao invés de fomentarem a igualdade, pareciam enfatizar uma perspectiva conservadora e limitadora dos papéis femininos na sociedade. A presença de Damares Alves como Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos durante o governo de Bolsonaro ilustra essas posturas. Ela, advogada e pastora evangélica, conduziu sua função governamental com posicionamentos controversos, pautados por suas crenças pessoais e valores religiosos. Durante seu mandato como ministra, esteve envolvida em diversas políticas e questões, expressando oposição a políticas de gênero e educação sexual nas escolas. Curiosamente, ela foi eleita senadora pelo Distrito Federal em 2022.

De forma geral, o governo Bolsonaro se caracterizou pela falta de coesão, mudanças frequentes de direcionamento e uma retórica divisiva, contribuindo para uma polarização ainda mais acentuada na sociedade brasileira. Suas ações frequentemente negligenciaram questões econômicas cruciais em prol de uma agenda ideológica polêmica, o que resultou em um ambiente de incerteza e descontentamento generalizado.

Em 2019, assistimos à aprovação da reforma da Previdência, considerada vital para enfrentar o déficit fiscal. A reforma, que estabeleceu novas diretrizes para aposentadorias e pensões, recebeu aprovação do Congresso Nacional. Em junho do mesmo ano, o site *The Intercept Brasil* começou a veicular uma série de reportagens fundamentadas em vazamentos de diálogos entre membros da força-tarefa da Lava Jato, incluindo o então juiz Sergio Moro e procuradores do Ministério Público Federal. Esses diálogos levantaram questionamentos sobre a imparcialidade da operação e a conduta dos envolvidos. Em novembro, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi libertado após 580 dias de detenção. Sua prisão estava relacionada a condenações ligadas à Lava Jato. Essa decisão se baseou em uma mudança de entendimento sobre prisão após condenação em segunda instância pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Ainda no

mesmo ano, a Floresta Amazônica enfrentou uma crise de desmatamento e incêndios que atraiu atenção internacional. As políticas ambientais do governo Bolsonaro foram alvo de críticas nesse contexto.

Em 2020, testemunhamos o início da Pandemia de COVID-19³³, cujo primeiro caso confirmado no Brasil ocorreu em fevereiro. Inicialmente, os casos estavam concentrados em pessoas que haviam viajado para o exterior. No mês seguinte, a COVID-19 passou a apresentar transmissão comunitária, levando a um aumento nos casos. Diante disso, governos estaduais e municipais começaram a implementar medidas de contenção, como o fechamento de escolas, restrições de viagens, suspensão de eventos públicos e o fechamento de estabelecimentos comerciais não essenciais. Ao longo do ano, o país registrou mais de 37 milhões de casos e mais de 700 mil mortes. No mesmo ano, o então ministro da Justiça, Sergio Moro, renunciou ao cargo, alegando interferência política na Polícia Federal. As Eleições municipais, ocorridas em novembro, foram marcadas por uma notável fragmentação política.

No ano subsequente, em 2021, o Brasil recebeu as primeiras doses da vacina contra a COVID-19. A CoronaVac, desenvolvida pela empresa chinesa Sinovac em parceria com o Instituto Butantan, e a Oxford-AstraZeneca, produzida no país pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), foram algumas das opções iniciais. Posteriormente, a vacina da Pfizer-BioNTech também se somou ao rol de opções. Durante esse período, o governo de Jair Bolsonaro enfrentou múltiplas crises, incluindo tensões políticas e desentendimentos com outros poderes do Estado, como o Congresso e o Supremo Tribunal Federal. Além disso, polêmicas relacionadas à gestão da pandemia surgiram. Manifestações³⁴ ocorreram por todo o país, abordando questões como a resposta à pandemia, a política ambiental, os direitos indígenas e diversos outros temas sociais e políticos

Em 2022, realizaram-se as eleições presidenciais no país. Os principais candidatos, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro, representaram extremos opostos do espectro político. A campanha foi permeada por ataques pessoais e acusações mútuas entre os concorrentes. Além disso, a utilização das plataformas digitais marcou o cenário eleitoral, com Lula e Bolsonaro empregando as redes para disseminar suas mensagens e criticar seus opositores. Esse cenário contribuiu para a polarização da campanha e para a disseminação de informações falsas. No desfecho das eleições, Lula saiu vitorioso com 50,9% dos votos válidos, enquanto Bolsonaro ficou em segundo lugar, com 43,2% dos votos. A eleição de Lula representou uma derrota para

³³ <https://www.paho.org/pt/covid19>

³⁴ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/02/protestos-contrabolsonaro.ghtml>

a extrema-direita.

Já em 2023, tivemos o ataque terrorista³⁵ no dia 08 de janeiro, um grupo de extremistas bolsonaristas invadiu e vandalizou as sedes dos Três Poderes da República do Brasil, localizadas em Brasília. Cerca de 4 mil manifestantes, provenientes de diversas partes do país em ônibus, participaram do ato. Os extremistas dirigiram-se primeiramente ao Congresso Nacional, danificando portas e janelas, saqueando escritórios e agredindo jornalistas. Em seguida, dirigiram-se ao Supremo Tribunal Federal (STF), no qual tentaram invadir o plenário da Corte. Ao final da tarde, alcançaram o Palácio do Planalto, vandalizando o edifício e quebrando vidraças. As investigações sobre o ataque ainda estão em curso, contudo, a Polícia Federal já identificou e deteve dezenas de suspeitos. Posteriormente, em junho do mesmo ano, Jair Bolsonaro foi considerado inelegível³⁶, o que o impede de concorrer a qualquer cargo eletivo no Brasil até 2031. Consequentemente, ele não terá a possibilidade de participar das eleições presidenciais de 2026.

A busca por compreender os eventos que moldaram o passado é uma etapa fundamental para contextualizar o presente e moldar o futuro. Esse princípio ganha ainda mais relevância no contexto acadêmico, em que a análise dos acontecimentos históricos auxilia para a compreensão de movimentos sociais. Esta tese em particular aborda um aspecto da história contemporânea brasileira: o movimento de mulheres no Brasil, tendo como foco o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) e seu papel central na iniciativa #elenão.

A importância de localizar os eventos na história reside na necessidade de entender os fatores que levaram à formação e ao crescimento do MUCB, bem como ao surgimento do movimento #elenão. E ajuda a situar as ações do grupo dentro do contexto social, político e cultural em que ocorreram.

Contar a história do grupo MUCB é, portanto, contar a história de uma parcela significativa da população feminina que se uniu para promover mudanças. É dar voz às motivações, aos desafios enfrentados e às conquistas alcançadas. Essa narrativa traz a história do grupo, mas também aborda sobre as complexidades do ativismo contemporâneo, destacando a importância de indivíduos coletivamente engajados na busca por justiça, igualdade e mudança social, que encontram o espaço de cidadania em plataformas de mídias sociais, produzidas como modelos de negócios, mas que ganham usos pelas suas participantes.

De acordo com Tilly (2012), a história serve como um guia para compreender as características cruciais dos movimentos sociais. Observamos que a organização de marchas nas ruas

³⁵ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/08/bolsonaristas-congresso-policia.htm>

³⁶ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/06/30/tse-retoma-julgamento-bolsonaro-sexta-feira.ghtml>

estabelece e diferencia esses movimentos de outras formas de expressão política. Além disso, temos a comunicação personalizada e as narrativas pessoais na construção do espaço de cidadania dentro da plataforma Facebook. A história também nos capacita a identificar mudanças significativas no funcionamento dos movimentos, como a profissionalização de seus quadros e a criação de organizações. Relatar aqui a história desempenha um papel de destacar as condições políticas em constante evolução que tornam viáveis os movimentos. O surgimento e a queda dos movimentos sociais refletem as oscilações das oportunidades democráticas, marcando a expansão e a retração do engajamento político dos cidadãos.

Assim, ao compartilharmos a história do grupo MUCB como um elemento essencial da narrativa do movimento #elenão, não apenas preservamos um capítulo significativo na luta das mulheres, mas também enriquecemos a compreensão das dinâmicas políticas em constante evolução e do impacto vital dos movimentos sociais no contexto democrático. É importante ressaltar que, considerando uma das características fundamentais da sociedade informacional - a presença de tecnologias que desempenham papéis simultâneos de comunicação e controle (SILVEIRA, 2017) - a questão do controle emerge como um tema crucial quando discutimos os processos algorítmicos empregados nas plataformas de mídia social.

Abordar a participação das mulheres em movimentos no Brasil envolve discutir o papel das mulheres na esfera política. E em nossa pesquisa, temos o contexto de reconhecimento e cidadania dentro do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro na ação política #elenão. Isso nos leva a tratar a troca política entre mulheres como uma poderosa forma de ação política e prática social, de relevante impacto. Ao estabelecer um ambiente propício ao diálogo e à interação, as mulheres têm a oportunidade de compartilhar experiências, ideias e perspectivas abrangendo uma vasta gama de tópicos, que vão desde direitos humanos até questões eleitorais. Esse espaço promove o fortalecimento mútuo das mulheres, consolidando seus laços sociais e ampliando sua influência na sociedade.

Desta forma, podemos considerar o #elenão, com as características aqui assinaladas, como uma ação em rede digital política. É imperativo enfatizar que a busca pela cidadania ultrapassa a mera isonomia legal. Essa busca demanda uma análise que instiga a reflexão sobre as estruturas hierárquicas e as instituições que perpetuam as desigualdades de gênero. Além disso, é pertinente salientar que a complexidade da composição do grupo de mulheres, em discussão com as teorias feministas e respaldada por Miguel e Biroli (2014), traz-nos um fato relevante: as decisões relativas às leis e políticas que impactam diretamente as mulheres no Brasil - o que se revela na disparidade entre influência política e presença na sociedade - continuam a ser predominantemente influenciadas por homens ao longo de nossa história. Isso se

configura como um tópico prioritário na teoria política feminista. Outro ponto de consideração é a intrínseca interconexão entre as desigualdades de gênero, classe e raça. Essas interligações constituem um sistema de injustiças que obstaculiza a construção de sociedades verdadeiramente igualitárias e democráticas.

Ao discutirmos como esses aspectos se refletem no papel das práticas sociais enquanto tática para explicar o feminismo, isso se torna particularmente evidente à luz da visibilidade do grupo MUCB. Além disso, é crucial levar em consideração os comentários que destacaram a importância do sentimento de pertencimento e representatividade no contexto do grupo.

É fundamental compreender que, mesmo dentro de uma comunidade moderada, há a possibilidade de espaços de cidadania. Essa possibilidade é moldada tanto pelo pertencimento quanto pelo controle. São formas de práticas sociais que refletem como as pessoas demonstram o sentimento de identificação no grupo de mulheres, fazendo parte dessa ação em rede, bem como quais regras são estabelecidas para permanecer no grupo, que formas de interação são possíveis ou não, e que tipo de publicação é aceito no grupo. E, principalmente, essa dinâmica é influenciada pela maneira como o algoritmo classifica as postagens, pelas relações de amizade e por que tipo de comentários têm destaque, bem como para quem eles são destacados e qual é o nível de segurança dos dados do grupo. Isso, por vezes, reflete a necessidade de diferentes táticas e repertórios de uso das próprias regras das plataformas de mídias sociais em busca de visibilidade. Por meio do engajamento e de diferentes laços sociais circunscritos nessa arquitetura, pode-se gerar a mobilização no engajamento. Os laços sociais desempenham um papel crucial nesse entendimento: os laços fortes consolidam a densidade da rede entre as membras, demonstrando os sentimentos de pertencimento e reconhecimento, o que abre o diálogo para a construção dos espaços de cidadania possíveis. Enquanto isso, os laços fracos representam pontes que geram conexões além de seus subgrupos, conseguindo alcançar mais visibilidade (não necessariamente engajamento) e servir como ligação para agregar um maior número de participantes.

A lógica das plataformas, desempenha um papel importante nas questões de cidadania e construção de laços sociais em ações conectivas. As plataformas digitais moldam a maneira como as pessoas se envolvem com o ativismo, permitindo a rápida disseminação de informações e facilitando a organização. No contexto do movimento #elenão e do grupo MUCB, as plataformas foram instrumentos cruciais para a disseminação de ideias, a coordenação de eventos e a criação de uma comunidade.

As práticas sociais que constroem uma ação em rede política a partir das mulheres desafiam as estruturas de desigualdade de gênero, as modulações das plataformas e seu controle.

E ainda, ao reconhecer as complexas interconexões entre as desigualdades de gênero, classe e raça, abre-se a possibilidade de uma compreensão mais profunda dos obstáculos que as mulheres enfrentam em sua busca por uma participação política plena e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, n.50. Jun. 26, 2017.

ALONSO, Ângela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova*, 76: 49-86, 2009.

_____. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia & Antropologia*, v.02, n. 03, 2012.

_____. A gênese de 2013: formação do campo patriota. *Journal of Democracy*, Volume 8, Número 1, Maio de 2019.

ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. *Bulletin of Latin American Research*, v. 36, n. 2, p. 144-159, 2017.

ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, p.13-56, janeiro-junho de 2014.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked (conectado): a nova ciência dos networks**. Leopardo. São Paulo, 2009.

BASTOS, Marco Toledo; ZAGO, Gabriela da Silva ; RECUERO, Raquel . Encontros e Desencontros entre TAR e ARS: O Laço Fraco entre Teoria e Método. *Contemporânea (UFBA. Online)*, v. 12, p. 1-15, 2014.

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks: How social production transforms markets and freedom**. New Haven e Londres. Yale University Press, 2006.

BENNETT, Lance; SEGERBERG, Alexandra Segerberg. The logic of connective action. *Information. Communication & Society*, 2012.

_____. **The Logic of Connective Action: Digital Media and the Personalization of Contentious Politics** (Cambridge Studies in Contentious Politics). Cambridge University Press, 2013

_____. Digital media and the personalization of collective action. *Information, Communication & Society*, 2011.

_____. **Communication in Movements**. in Donatella Della Porta and Mario Diani, eds. *The Oxford Handbook of Social Movements*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2016.

BENNETT, W. L.; SEGERBERG, A.; YANG, Y. The Strength of Peripheral Networks: Negotiating Attention and Meaning in Complex Media Ecologies. *Journal of Communication*, 2018

BIROLI, Flávia. **Autonomia e Desigualdades de Gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática**. Vinhedo: Editora Horizont, 2013.

_____. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOLSONARO, Jair. Entrevista no Programa Câmera Aberta em 24 de maio de 1999. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKIvw>> . Acesso em 31 de maio de 2023

BOYD, Danah.; ELLISON, Nicole Social Network Sites: Definition, history and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication** 13:210–230, 2007.

BOYD, Danah.; CRAWFORD, K. Critical Questions for Big Data: provocations for a cultural, technological, and scholarly phenomenon. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117–133, set. 2003.

_____. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Barcelona: Gedisa: 2008(2004).

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra. 2ed. 2017.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. [Epub – Kindle]

D'ANDRÉA, Carlos. Cartografando controvérsias com as plataformas digitais: apontamentos teórico-metodológicos. **Galáxia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, 2018.

_____. **Para além dos "dados coletados": políticas das APIs e mediações algorítmicas nas plataformas de mídia social**. In: XIX Encontro Anual da Compós, 2020a.

_____. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador; EDUFBA, 2020b.

DELLA PORTA, Donatella. **Methodological practices in social movement research**, Oxford: Oxford University Press, 2014.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de GêneroPagu/Unicamp, janeiro-junho de 2015

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FRASER, Nancy.. **Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação**. Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 2, p. 291–308, maio 2007.

FREIXO, Adriano de e PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Brasil em Transe: Bolsonaroismo, nova direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2019.

FRIGO, Diosana. **#EleNão e eleições brasileiras de 2018: a circulação de sentidos em grupos de mulheres no Facebook**. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, 1(148), 89-10, 2021.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Ciudadanos Reemplazados Por Algoritmos**. Bielefeld University Press, 2019.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010

GRANOVETTER, M. **The strength of weak ties**. American Journal of Sociology, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, p.1930-1938. 1973.

_____. **The strength of weak ties: a network theory revisited**. *Sociological Theory*. Ed. Randall Collins. San Francisco, Califórnia, série Jossey-Bass, v.1. p.2001-2233. 1983

GILESPIE, Tarleton. **A Relevância dos Algoritmos**. Parágrafo. São Paulo, Brasil, V.6 n. 1, p 95-121, jan-abr 2018a.

_____. **The politics of “platforms.”** *New Media & Society*, n. 3, p. 1–18, 2010.

_____. **Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape**, Yale University Press, 2018b.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena**. Revista Diálogo Educacional, v. 16, n. 47, p. 125-146, jul. 2016.

_____. **Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil**. *SER Social*, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 301–311, 2014.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HELMOND, Anne. **A plataformização da Web**. In OMENA, J. J. (org.). *Métodos Digitais: teoria-prática-crítica*. Lisboa: Livros ICNOVA, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. Ed. São Paulo (SP): Aleph, 2009.

KEANE, John. **Democracy and media decadence**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria Ator-Rede**. 1.ed. Salvador/Bauru: Edufba/ Edusc, 2012.

LAWLER, Steph. **Identity: Sociological Perspectives**. nd edn, Polity Press: Cambridge, 2014.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

META. Sobre o Facebook. Disponível em: <<https://about.meta.com/br/technologies/facebook-app/>>. Acesso em 01 de junho de 2023.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo E Política**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Singularidade e identidade nas manifestações de 2013**. Rev. Inst. Estud. Bras., São Paulo, n. 66, p. 130-159, abril, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, Denis de. (org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.51-79

_____. Identidad, comunicación y modernidad em América latina. Contratexto, n.4: 31 – 56, Julio, 1989.

OMENA, Janna Joceli. **Métodos digitais: teoria-prática-crítica**. Lisboa, Portugal: ICNOVA - Instituto de Comunicação da Nova, Universidade NOVA de Lisboa, 2019.

OMENA, Janna Joceli; ROSA Jorge Manuel Martins. 15 de Março: “O Brasil Foi Pra Rua” – de Novo!: Estudos Dos Protestos Nas Redes Sociais. Jan. 2017.

PASQUALE, Frank. **The Blackbox Society: the secret algorithms that control money and information**. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2015.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In HOLLANDA, Heloisa Burque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 371-387.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma**. Revista Fronteiras (Online): Vol 16, p.1, 2014.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma**. Revista Fronteiras (Online): Vol 16, p.1, 2014.

_____. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: EDUFBA, 2017.

_____. **Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa?** Medium, 9 jul. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>.

RECUERO, R.; ZAGO, G.; SOARES, F. B. . **Using Social Network Analysis and Social Cap-**

ital to Identify User Roles on Polarized Political Conversations on Twitter. SOCIAL MEDIA + SOCIETY, v. 1, p. 1-20, 2019.

REIS, Josemira Silva; NATANSOHN, Graciela. Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a “Primavera Feminista” brasileira. **Triade: Comunicação, Cultura E Mídia**, 5(10), p. 113-130, 2017

ROGERS, R. **O fim do virtual: os métodos digitais.** Luminar, [S. l.], v. 10, n. 3, 2016.

_____. **Otherwise Engaged: social media from vanity metrics to critical analytics.** *International Journal of Communication*, Los Angeles, v. 12, p.1-23, 2018a.

SARMENTO, Razza; REIS, Stephanie; MENDONCA, Ricardo Fabrino. **As Jornadas de Junho no Brasil e a questão de gênero: as idas e vindas das lutas por justiça.** *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília , n. 22, p. 93-128, Abr. 2017.

SARMENTO, Rayza. Ativismo Feminista Online: mapeando eixos de atuação. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 7, n. 1, p. 19-37, 29 jun. 2021

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado.** Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2011.

_____. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Tudo sobre todes: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais.** São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2018.

_____. **Democracias e códigos invisíveis.** São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TACTICAL TECHNOLOGY COLLECTIVE. **Zen and the art of making tech work for you.** Set. Dez. 2015. Disponível em: <https://gendersec.tacticaltech.org/wiki/index.php/Complete_manual/es>. Acesso em: 03 de junho de 2019

TEIXEIRA, Ludimilla. Entrevista I. [julho. 2023]. Entrevistadora: Bruna Martins Bulegon. Via google meet, 2023. 1 arquivo .mp4 (90 min.).

TILLY, Charles; TARROW, Sidney. **Contentious politics Boulder:** Paradigm Publishers, 2007.

TILLY, C. **Movimentos sociais como política.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, [S. l.], n. 3, p. 133–160, 2012.

TILLY, Charles. Os movimentos sociais como política, *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 3, Brasília, 2010, pp.133-160.

TILLY, Charles. *Los movimientos sociales, 1768-2008: desde sus Orígenes a Facebook*. Barcelona: Crítica, 2010.

_____. **Identities, boundaries & social ties**. 1ed. Londres: Paradigm Publishers, 2005

TOMAZ, T.; SILVA, G.C. **Repensando Big Data, Algoritmos e Comunicação: Para uma crítica da Neutralidade instrumental**. Parágrafo. São Paulo, Brasil, V.6 n. 1, p.31-42, jan-abr 2018.

UGARTE, D. **O Poder das Redes: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WALL, Martijn. **The Platform Society: public values in a connective world**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

_____. **La cultura de la conectividad: Una historia crítica de las redes sociales**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016

VENTURINI, Tomasso; LATOUR, Bruno. **O tecido social: rastros digitais e métodos qualitativos**. In OMENA, Janna Joceli (org.). Métodos digitais: teoria-prática-crítica. Lisboa, Portugal: ICNOVA - Instituto de Comunicação da Nova, Universidade NOVA de Lisboa, 2019. p. 37-46

VENTURINI, Tommaso; MUNK, Anders and JACOMY, Mathieu. **Ator-rede versus Análise de Redes versus Redes Digitais: falamos das mesmas redes?** Galáxia (São Paulo) [online]. 2018.

WAJCMAN, Judy. **TIC e inequidad: ganancias en red para las mujeres?** Revista Educación Y Pedagogía, Vol 24 (62), jan-abr 2012.

_____. **El Tecnofeminismo**. Madrid: Cátedra, 2006.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

APÊNDICE A – LISTA DE PALAVRAS-CHAVE

Lista de palavras que foram pesquisadas dentro de cada recorte de tempo nas possibilidades do Facebook em 2019. As pesquisas eram realizadas na busca com as palavras e depois selecionando o mês e o ano para refinar. Foram realizadas as pesquisas em setembro, outubro e novembro de 2018. Abaixo estão as palavras selecionadas.

29	hashtag	para
#MUCBVive	hehe	política
administradora	juntas	post fixo
apoio	juntassomosmaisfortes	pq
ato	Ludimilla	Presente
bolsonaro	mana	que
com	manas	quem
compartilhar	manifestação	queria
contra	manifestações	resistência
curtidas	Marielle	rs
desabafo	membras	sentindo
elejamais	meu bolsominion secreto	sim
elenão	meubolsominionse- creto	sou
elenunca	minha bolsominion secreta	unidas
emocionada	minhabolsominionse- creta	vai
estou	moderadora	viravoto
eu	MUCB	você
feminismo	mulher	vocês
feminista	mulheres	votar
força	não	Voto
grupo	nós	whats
hackear		zap
hacker		nota oficial
haha		post oficial